

UM CIDADÃO DO MUNDO QUE AMA A PAZ

.....

UM CIDADÃO DO MUNDO
QUE AMA A PAZ

.....

REVERENDO SUN MYUNG MOON

Traduzido e produzido no Brasil pela
Associação das Famílias para Unificação e Paz Mundial

Rua Cardeal Arcoverde, 928
CEP 05408-001
Pinheiros, São Paulo-SP
Fone: (11) 3060-3610
Fax: (11) 3060-8217
E-mail: afupmbrasil@uol.com.br

Il Rung Gráfica e Editora Ltda.
3ª Edição: 2011
Tiragem: 50.000 exemplares

Copyright © AFUPM, 2011

Todos os direitos reservados. Exceto breves citações, nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou utilizada sob nenhuma forma e por nenhum meio, mecânico ou eletrônico incluindo fotocópias, gravação ou por nenhum sistema de acumulação de informações, sem a autorização escrita da publicadora.

A publicação original foi em Língua Coreana
por Gimm-Young Publishers, Inc.
Seul, Coreia
Março, 2009

ÍNDICE

ix PREFÁCIO

.....

CAPÍTULO 1

- 1 **COMIDA É AMOR**
- 2 A paz que aprendi nas costas do meu pai
- 8 A alegria de alimentar as pessoas
- 12 Tornar-se amigo de todos
- 17 Uma bússola norteando a minha vida
- 25 Se o teimoso que chora o dia inteiro se determina, ele faz
- 31 Se amas o boi, enxergarás o boi
- 39 Conversar com os insetos da floresta sobre a história do universo
- 42 “Japoneses, voltem logo para sua terra”
-

CAPÍTULO 2

- 47 **O CORAÇÃO É UM RIO CUJAS ÁGUAS SÃO LÁGRIMAS**
- 48 Uma encruzilhada entre o temor e a euforia
- 54 Não importa a dor no coração, ame completamente
- 60 Se a espada não for afiada, ela fica cega
- 65 A chave que abre a porta para um grande segredo
- 71 Uma bola de fogo ardente
- 74 O mestre do sofrimento que se tornou amigo dos trabalhadores
- 81 Um coração calmo como o mar

- 85 “Por favor, mantenha-se vivo”
92 Um comando impossível de desobedecer
102 Um grão de arroz é maior que o planeta
108 Com a neve caindo na prisão de Heungnam
114 As portas da prisão são abertas pelos soldados das Nações Unidas
-

CAPÍTULO 3

121 A PESSOA COM A MAIOR BARRIGA DO MUNDO

- 122 “Você é o grande mestre da minha vida”
128 O belo homem louco que morava ao lado do poço
132 Uma igreja sem denominação e que não é uma igreja
138 O escândalo da expulsão e demissão das Universidades Yeon Se e Ewha
143 No galho queimado também brotam novas folhas
148 Oh dor, nos discipline!
152 O mais importante é o coração sincero
-

CAPÍTULO 4

161 A RAZÃO PELA QUAL TRABALHAMOS GLOBALMENTE

- 162 Ainda que eu morra, vou seguir o caminho
169 Dinheiro ganho preciosamente deve ser gasto da mesma maneira
173 A força e a graça da dança que impressionou o mundo
176 Anjos da Paz que abriram uma pequena trilha através da mata fechada
181 O futuro está no mar
190 O último avião para a América

- 197 Reverendo Moon, a semente da revolução espiritual na América
201 O encontro no Monumento Washington em 1976, nem em
sonho poderei esquecer
207 Não chore por mim, chore pelo mundo
210 “Por que meu pai tem que ir para a prisão?”

.....

CAPÍTULO 5

- 215 **A FAMÍLIA VERDADEIRA APERFEIÇO A O HOMEM VERDADEIRO**
216 Minha esposa Hak Ja Han
223 Uma incomparável beleza interior
230 Um compromisso que o casal não pode deixar de cumprir
235 Amar é dar e esquecer
239 A família pacífica é a base do Reino dos Céus
242 Dez anos de lágrimas derreteram o coração do sogro
246 O verdadeiro significado do casamento
250 O amor verdadeiro só existe na família verdadeira
254 Deixando para trás um legado de amor

.....

CAPÍTULO 6

- 261 **O AMOR PROMOVE A UNIÃO**
262 A força da religião desperta a bondade no ser humano
269 Um rio não rejeita a água de seus afluentes
273 “Por favor, permita a liberdade religiosa na União Soviética”
281 A unificação da península coreana é a unificação do mundo

- 286 O encontro com Kim Il Sung
293 Podem dividir a terra, mas nunca o povo
301 Abaixando as armas com amor verdadeiro

.....

CAPÍTULO 7

- 307 **FUTURO DA COREIA, FUTURO DO MUNDO**
308 A península coreana reescreverá a história da humanidade
315 Da terra do sofrimento e lágrimas para a terra da paz e do amor
320 O propósito final das religiões no século XXI
326 Fazendo história por meio das atividades culturais
333 Aquele que dominar o oceano dominará o mundo
337 Uma grande oportunidade que a Era Oceânica nos oferece
342 Um dente-de-leão vale mais que ouro
348 Uma sábia solução para o problema da pobreza e da fome
354 Não dê o pão, ensine como fazê-lo
359 Jovens! Se estabelecerem uma meta, suas vidas serão diferentes
364 Um líder global é aquele que abraça o mundo
369 Todas as coisas do mundo são emprestadas do Céu
374 A felicidade está em servir os outros
378 Sonhando com um mundo sem guerra

Prefácio



A chuva da primavera caiu a noite inteira após o fim de um seco inverno. Fiquei tão feliz! Andei pelo jardim, para lá e para cá, por toda a manhã. Da terra molhada de chuva saía um saboroso cheiro que antes não podia ser sentido, as verdes águas da primavera brotavam nos salgueiros e nas cerejeiras. Parece que ouço o som da nova vida surgindo aqui e acolá, ploc, ploc, ploc... Logo em seguida, minha esposa veio ao jardim e começou a colher os novos brotos de moxa verde que nasceram em meio a grama seca. Graças a uma noite de chuva, o mundo se tornou um perfumado jardim de primavera.

Independente do ruído do mundo, a primavera chega sem falta em março. Quanto mais a vida passa, mais aprecio a mudança das estações, a passagem do inverno para a primavera, o mundo florescendo. Sinto-me tão grato a Deus, que nos deu cada diferente estação, o florescer, o cair da neve, para que eu sinta a alegria de estar vivo. Do fundo do meu coração surge um enorme amor e, de tanta emoção, a vontade de chorar fica entalada na garganta. Ao pensar em todas as coisas que nos são dadas como uma dádiva, meus olhos se enchem de quentes lágrimas. A minha vida toda, dei tantas voltas ao mundo, ocupa-

do com a paz, mas aqui, com a chegada da primavera no jardim, sinto a verdadeira paz. Na verdade, a paz também nos foi dada por Deus como um presente e não consigo entender, que o ser humano procure pela paz, sofrendo sem saber onde a deixou.

Para construir um mundo de paz, durante a minha vida inteira passei por todos os lugares, mesmo por aquele mais humilde “fim de mundo”. Encontrei mães da África assistindo seus filhos morrer de fome, sem saber o que fazer, e pais da América do Sul que não tinham o que dar de comer a seus filhos por não saberem pescar, apesar dos muitos peixes nos rios. Não fiz nada mais que dividir alguns pratos de comida com eles, mas eles me retribuíram com amor. Envolto nessa força do amor, abri matas fechadas para plantar, cortei árvores para construir escolas, pesquei para alimentar crianças famintas. Naquele tempo, me sentia muito feliz de pescar noites inteiras com pernilongos picando todo o meu corpo, e mesmo afundando minhas pernas no barro, me sentia feliz de poder ver a sombra deixar o rosto solitário do próximo.

A fim de encontrar um atalho para alcançar o mundo de paz, também me concentrei no trabalho de transformar a política e a ideologia. Fui ao encontro do presidente Gorbachev da antiga URSS para tentar a reconciliação entre o comunismo e a democracia, e também encontrei Kim Il Sung para definir a paz na península coreana. Como um bombeiro, também fui para a América, que se encontrava na decadência moral, para alertar sobre o espírito puritano e assim, evitar o conflito mundial. Para chegar à reconciliação entre judeus e muçulmanos, nunca

temi entrar na Palestina, onde havia muito terrorismo, e consegui um campo de reconciliação unindo milhares de pessoas, entre islâmicos, judeus e cristãos, na realização de passeatas pela Paz. Porém, ainda persistem os conflitos naquela região.

Entretanto, agora vejo a esperança da abertura de um mundo de paz a partir da nossa pátria, a Coreia. Posso sentir, com todo meu corpo e alma, surgir na península coreana, que foi submetida a tanto sofrimento e à tristeza da separação, uma forte onda que pode guiar a cultura e a economia do mundo. Assim como ninguém pode impedir a chegada da nova primavera, tampouco qualquer força humana pode impedir a chegada da fortuna celeste à península coreana. Para dar um grande salto e seguir a vinda dessa fortuna celeste, nosso povo deve se preparar bem, de corpo e alma.

Sou conhecido como uma pessoa polêmica e só de ouvir o meu nome, o mundo já começa a se agitar. Até agora, levei minha vida falando somente de paz, sem desejar dinheiro nem renome algum. Apesar disso, o mundo colocou à frente do meu nome muitos apelidos e me rejeitou, e até me apedrejou, sem querer saber do que estava falando ou o que estava fazendo, simplesmente se opondo a mim.

Durante a ocupação japonesa, no regime comunista nortecoreano, no governo de Seung Man Lee e na América, transcendendo governos e fronteiras, por seis vezes na minha vida, inocentemente passei pela prisão. Mesmo nos momentos de dor, tendo minha pele arrancada e derramando sangue, dentro do meu coração não restou uma mínima ferida. Nenhum arranhão

pode permanecer perante o amor verdadeiro. Um coração de amor verdadeiro é aquele que quer dar e continua querendo dar, mesmo já o tendo feito por várias vezes. O amor verdadeiro é um amor que dá incessantemente, até se esquecendo do que já deu. Vivi toda a minha vida envolto neste amor. Não pedi outra coisa senão amor. Dediquei toda a minha vida ao trabalho de compartilhar amor com o próximo mais humilde. Muitas vezes, neste árduo caminho do amor, apesar das lágrimas derramadas e de meus joelhos terem sido dobrados, meu coração dedicado ao amor para a humanidade se sentia feliz.

Meu interior está cheio do amor, que ainda não consegui dar. Com o desejo de que esse amor chegue ao último lugar do mundo, como um rio de paz para molhar a terra seca, lanço este livro para o mundo.

Recentemente, aumentou o número de pessoas querendo saber quem sou eu. Para ajudá-los, mesmo que pouco, neste livro contei minha história francamente, refletindo sobre minha vida passada. Devido ao limite do tamanho do livro, não pude contar tudo, então ainda espero uma próxima oportunidade para poder falar.

Meu enorme amor e gratidão para aqueles que me acompanharam por suas vidas inteiras, confiando em mim e me protegendo, principalmente à minha esposa Hak Ja Han, que passou por todo o tipo de dificuldades comigo. Por fim, expresso do fundo do meu coração uma imensa gratidão à presidente Un Ju Park, que se dedicou tanto até o lançamento do livro, e também, àqueles que trabalham na editora Kim Yong Sa, que com muita

dedicação adaptaram a linguagem, para que os leitores entendam melhor o complicado conteúdo que contei oralmente.

Sun Myung Moon

Ga-Pyong, Província Gyong Ki, Coreia, 1º de março de 2009.

CAPÍTULO 1

COMIDA É AMOR

A Paz que Aprendi nas Costas do Meu Pai



Eu vivi toda a minha vida pensando somente em uma coisa: um mundo de paz. Queria fazer um mundo onde os homens compartilhassem o amor, sem briga nem guerra. Sempre que falo assim, alguém diz: “Oh, como você pode falar que desde criança viveu pensando na paz?” Mas será que sonhar com um mundo pacífico é algo tão grande?

Nasci no ano de 1920, durante a invasão do governo japonês no meu país. Mesmo depois da independência, essa terra continuou longe da paz, enfrentando dificuldades e tribulações como a Guerra Civil, a crise internacional, etc. Contudo, tal dor e confusão não se limitaram somente ao meu país. Duas guerras mundiais, a Guerra do Vietnã, conflitos no Oriente Médio e muitos outros, pessoas odiando umas às outras, atirando umas nas outras e explodindo bombas. Talvez para aqueles que passaram pela terrível situação de ter suas carnes rasgadas e seus ossos quebrados, a palavra paz pareça uma ilusão, que só pode ser imaginada em sonho. Entretanto, a realização da paz não é uma tarefa tão difícil. Na verdade, é fácil encontrarmos a paz no nosso meio ambiente, no ar e nas pessoas.

Quando criança, o campo era minha própria casa. Depois de

tomar café bem rápido, saía de casa e brincava o dia inteiro nas montanhas e nos rios. Passeava dentro da floresta, onde viviam todos os tipos de pássaros e animais, me alimentando de plantas e frutas, sem sentir fome o dia inteiro. Meu jovem coração se sentia confortável dentro da floresta.

Muitas vezes, dormia nas montanhas depois de brincar até cansar. Então meu pai ia até a floresta me buscar. “Yong Myung! Yong Myung!” Ouvindo sua voz tão longe, meio sonolento, eu abria o sorriso, muito feliz. Meu nome na infância era Yong Myung. Acordava com o chamado de meu pai, mas fingia que continuava dormindo, e era levado em suas costas. Naquele sentimento confortável, sem nenhuma preocupação, aquela era a paz. Assim, aprendi sobre a paz sendo carregado nas costas de meu pai.

Amava a floresta porque dentro dela havia toda a paz do mundo. As vidas da floresta não brigam entre si. Claro que muitas vezes um come o outro, não por ódio, mas para sobreviver, por não haver outro jeito de matar a fome. Entre os passarinhos, entre os animais, entre as árvores, não há ódio. Somente eliminando o ódio conseguiremos a paz. Apenas os seres humanos têm ódio pela mesma espécie. Ódio por ser de nacionalidade diferente, por ter religião diferente, pelo outro ter um pensamento diferente.

Até agora, visitei quase 200 países do mundo, mas foram poucos os lugares, logo que desci no aeroporto, que pude sentir: “Oh, aqui é verdadeiramente um lugar pacífico e seguro”. Muitos desses locais estavam em plena guerra civil, soldados

armados vigiavam o aeroporto, vigiavam as ruas e eu ouvia dia e noite o barulho dos disparos. Inúmeras vezes, entrei num lugar para falar de paz e quase perdi minha vida pelo gatilho de uma arma.

O mundo em que vivemos continua tendo guerras e conflitos, em maior ou menor escala. Milhões de pessoas no mundo passam fome, mas bilhões estão sendo gastos nas guerras. Se o dinheiro gasto em armas e bombas fosse economizado, certamente toda essa gente seria libertada do sofrimento da fome.

Dediquei toda a minha vida para construir a ponte da paz entre nações que se odeiam e se consideram inimigas por causa de diferenças ideológicas e religiosas. Criei um lugar de encontro para haver a reconciliação entre islâmicos e cristãos, ajustei opiniões diferentes entre os EUA e a antiga URSS sobre o problema do Iraque, e ajudei a Coreia do Norte e a Coreia do Sul a se reconciliarem, e nada do que fiz foi com o desejo de ter dinheiro ou renome. Desde que me conheço por gente até agora, o lema da minha vida é um só: ter um mundo unificado e pacífico. Não desejei outra coisa. Viver dia e noite pela paz não foi fácil, mas me senti feliz fazendo isso.

Na época da Guerra Fria, todos nós experimentamos a dor de um mundo dividido em dois por causa de ideologias opostas. Naquele tempo, parecia que se o comunismo desaparecesse, a paz chegaria logo. Mas agora, depois do fim da Guerra Fria, surgiram mais conflitos. Devido ao racismo e aos conflitos religiosos, o mundo foi repartido em inúmeros pequenos pedaços, e não bastassem as fronteiras entre países vizinhos, até dentro

do mesmo país há divisões de raça e religião, até divisões regionais. Dessa forma, pessoas separadas vivem como inimigas, sem querer abrir seus corações.

Se refletirmos sobre a história humana, as guerras mais cruéis e terríveis não são guerras entre nações, mas sim entre raças diferentes. Quando a religião é colocada no meio, as guerras entre raças se tornam ainda mais cruéis. Na Guerra Civil da Bósnia, considerada o pior conflito racial do século XX, foi cometido o crime de limpeza étnica, com a execução de sete mil muçulmanos, incluindo crianças. Todos devem se lembrar do ato terrorista de 11 de setembro, no qual os aviões derrubaram os 110 andares do *World Trade Center*, em Nova Iorque. Todos esses foram resultados terríveis dos conflitos raciais e religiosos. E ainda na Faixa de Gaza, na Palestina, muitas pessoas perderam suas vidas nos ataques de mísseis israelenses e centenas de pessoas vivem enfrentando o frio, a fome e o terror da morte.

Qual a razão de existir tanto ódio e matança? Mesmo que haja várias razões superficiais, na verdade no fundo sempre existe um problema religioso. O motivo da Guerra do Golfo foi o petróleo, porém também houve um conflito entre islâmicos e israelitas para tomar Jerusalém. Assim, quando o racismo leva a religião nas costas, o problema fica mais complicado. Pensamos que o pesadelo das guerras religiosas tinha terminado na Idade Média, mas ele continua a nos assombrar no século XXI.

A razão da guerra religiosa continuar existindo é que muitos políticos se aproveitam desse ódio entre diferentes religiões em

prol de suas ambições egoístas. Diante dos objetivos políticos, a religião está zozna, perdendo seu rumo. Ela está perdendo seu objetivo original. A religião existe para a paz. Todas as religiões do mundo têm responsabilidades para com a paz mundial. Em vez disso, a religião infelizmente se tornou a causa dos conflitos. Por trás deste horror, está escondida uma política suja, mantida com poder e capital. O papel original dos líderes é somente assegurar a paz, mas em vez disso, eles estão guiando o mundo para o conflito e o terrorismo.

Se o coração da liderança não estiver corretamente alinhado, a nação e o povo vagarão sem rumo. Eles se aproveitam da religião e do orgulho racial para satisfazer seus maus desejos. Na verdade, a religião e o orgulho racial não são maus, mas somente terão valor quando contribuírem para um mundo comum. Insistir que somente meu próprio povo e minha religião estão certos e desmerecer outros povos e religiões com críticas, é perder seu próprio valor. Quando apenas insisto em minha própria religião, pisando sobre os outros, e desprezo as demais religiões, então isso não pode mais ser considerado do bem por causar ódio e conflito, da mesma maneira quando insistimos somente em nosso próprio povo e nossa própria nação.

Viver reconhecendo uns aos outros como iguais e ajudar os outros é uma verdade universal, até os mais simples animais sabem disso. Normalmente, cão e gato são considerados inimigos, mas quando são criados juntos na mesma família, até eles vivem em harmonia, protegendo os filhotes um do outro. Isso pode ser visto até no reino vegetal. Trepadeiras que sobem

nos troncos das árvores crescem junto com seus galhos, e nem por isso a árvore reclama da trepadeira: “Por que você sobe se enrolando em mim?” Viver juntos, servindo uns aos outros, é o princípio do universo. Se nos desviarmos deste princípio, certamente seremos destruídos. Se povos e religiões diferentes permanecerem brigando entre si como agora, não existirá futuro para a humanidade. Devido às guerras e ao contínuo terrorismo, um dia a humanidade desaparecerá. Entretanto, ainda resta uma esperança. Realmente, existe uma esperança.

Segurando esse fio de esperança, eu vivi todos os meus dias sonhando com a paz. Meu desejo é demolir todas as barreiras e muros que cercam esse mundo e construir um mundo unido. Demolir o muro da religião, transcender a barreira racial e eliminar as diferenças entre ricos e pobres, para então restaurar o mundo de paz originalmente criado por Deus. Nesse mundo não existirão pessoas passando fome, nem pessoas derramando lágrimas. Para consertar este mundo onde não existe esperança e falta amor, nós precisamos voltar ao estágio de coração puro das crianças. Para eliminar a ambição de querer ter mais que os outros e recuperar a bela sensibilidade original do ser humano, é preciso restaurar o princípio da paz e a respiração do amor que aprendi na infância, nas costas do meu pai.

A Alegria de Alimentar as Pessoas



Tenho um olho bem pequenininho. Quando nasci, minha mãe abriu meus olhos à força, se perguntando “Deixe-me ver se nosso nenê tem olhos”. Então pisquei e ela exultou: “Nossa, nosso bebê tem olhos!”, e disse que ficou muito contente. Como meus olhos eram tão pequeninos, desde bebê me chamavam de “miniolho da família de O-San”.

Apesar dos olhos menores, ninguém me achava feio. Até um senhor, que sabia prever o futuro da pessoa pelos seus traços, disse que dentro dos meus pequenos olhos podia ver um grande potencial para um líder religioso. Pode ser que funcione como um foco de câmera, que quanto mais fechado mais longe pode gravar. Assim como o líder religioso tem que ter a capacidade de ver mais longe que os outros. Meu nariz também é diferente. À primeira vista, pode-se perceber que sou muito teimoso e não ouço ninguém. Esse vidente não falou isso sem fundamento, porque olhando para o meu passado, posso sentir que “talvez eu tenha sido feito para levar este estilo de vida”.

Nasci na província de Pyong An, distrito de Jong Ju Gun, Dog On Myun, Sang Sa Lee, número 2221, como segundo filho da família do patriarca Gyong Yu Moon, da tribo de Nam Pyong Moon e de Gyong Gye Kim, da tribo de Yeon An Kim.

Meu aniversário é no dia 6 de janeiro de 1920 do calendário lunar, um ano depois do movimento da independência¹.

Minha família mudou-se para Sang Sa Lee no tempo do meu bisavô. Ele trabalhava numa lavoura de milhares de sacas e, pessoalmente, ergueu sua família com árduo trabalho, sem nunca beber nem fumar, pois com o dinheiro economizado podia servir mais pessoas que precisavam de comida. Meu bisavô se sentia bem com esse estilo de vida. Quando ele morreu, deixou-nos um legado: “se alimentares toda a nação, receberás as bênçãos de toda a nação”, e assim nossa casa estava sempre cheia. Até na vila vizinha sabiam que “se você chegar na casa Moon daquela vila, pode comer de graça”. Era a minha mãe quem servia muito bem aquelas pessoas, fazendo esse trabalho sem nunca reclamar.

Meu bisavô sempre foi diligente, não descansava sequer por um momento, e até nos intervalos de trabalho ele fazia sapatos de palha para vender na feira. Com a idade avançada, ele comprou vários patos e os soltou, orando: “Por favor, abençoem nossos futuros descendentes”. E também convidou um professor para ensinar caligrafia para os jovens da vila no quarto de visitas, sem cobrar nada, de maneira que os habitantes da vila o homenagearam com o título de “Són Ok”, e chamavam a nossa casa de “casa que atrai a fortuna”.

1. O Movimento de Independência SAM IL, também conhecido como a marcha de Independência SAM IL, foi um dos eventos mais marcantes ocorridos na península, clamando pela Independência da Coreia em tempos difíceis de dominação japonesa, foi um dos mais significativos atos na história da humanidade, que levou a conhecimento do mundo, todo o grandioso patriotismo, coragem e altivez do povo coreano.

O nome refere-se justamente a data inicial do evento 1º de Março de 1919.

Porém, depois da sua morte, quando eu ainda era criança, toda aquela fortuna acabou e nossa situação financeira passou a ser de sobrevivência. Ainda assim, a tradição da família de alimentar primeiro os outros continuou, mesmo que nossa própria família não tivesse o que comer. Por causa dessa tradição, logo que dei meus primeiros passos, aprendi a dar comida aos outros.

No tempo da ocupação japonesa, os refugiados que iam em direção à Manchúria, depois de terem perdido tudo para os japoneses, suas casas e suas propriedades, precisavam passar pela cidade de Són Chón, no estado de Pyong An Buk Do. Como nossa casa ficava na beira da estrada que levava para Són Chón, todos que iam para a Manchúria passavam na nossa frente. Minha mãe sempre dava de comer às pessoas de toda a Coreia que passavam pela nossa porta. Se um mendigo pedia comida e minha mãe se demorava, meu avô levava sua própria bandeja de comida antes. Por crescer neste ambiente familiar, também vivi toda a minha vida alimentando os outros. Para mim não há nada mais precioso nem mais importante que alimentar as pessoas. Na hora de comer, se eu via alguém passando fome, meu coração doía e a garganta engasgava com as lágrimas. No mesmo instante, abaixava a colher e parava de comer.

Quando eu tinha 11 anos de idade, a vila inteira estava ocupada fazendo bolos porque era véspera de Ano Novo, mas alguns vizinhos estavam passando por dificuldades e não tinham o que comer. Os rostos daquelas pessoas não saíam da minha cabeça, e num dilema sobre o que fazer, fiquei rodeando a casa

o dia inteiro. Por fim, saí de casa levando um saco de arroz nas costas. Como levava esse arroz escondido da minha família, nem tive tempo de ajeitar as cordas, e apesar de carregá-lo nos ombros, nem sentia seu peso e até corri pela rústica trilha de 8 quilômetros de distância. Só de pensar que poderia dar comida àqueles famintos, meu coração palpitava forte de tanta alegria.

Havia um moinho em frente à minha casa. Dentro dele, a temperatura era quente mesmo no inverno, porque fechávamos bem a entrada para que o calor não saísse. Se levássemos carvão aceso de casa para lá, ficava ainda mais quente. Por isso alguns andarilhos que vagavam pelo país inteiro passavam o inverno no moinho da nossa casa. Eu sempre ia lá para ouvi-los contar histórias interessantes de fora, e minha mãe levava uma bandeja não só com a minha comida, mas também para os andarilhos que haviam se tornado amigos de seu filho. Não havia diferença entre nossas colheres, comíamos juntos no mesmo prato e passava as noites do inverno com eles dividindo a mesma coberta. Quando o inverno terminava, eles iam e eu esperava o próximo inverno com muitas saudades até que voltassem. Não é porque o corpo não tem roupas suficientes que o coração está despi-do; tenho certeza que eles possuíam um caloroso amor. Eu os alimentei e eles me deram amor. E foi esse caloroso amor e a profunda amizade que me ensinaram, que me sustentou com grande força até agora.

Nas minhas viagens pelo mundo, sempre que via crianças miseráveis sofrendo de fome, me lembrava do meu avô, que nunca economizou para servir comida aos outros.

Tornar-se Amigo de Todos



Sempre tenho que fazer na hora o que determino, é meu caráter. Se não o faço logo, não consigo dormir. Quando não tinha jeito e tinha que esperar até o amanhecer, arranhava as paredes, angustiando sem dormir. Muitas vezes eu arranhava tanto que um monte de terra se juntava durante a noite aos pés da parede. Se fosse injustiçado por alguém, acordava no meio da noite e saía para chamar aquela criança para briga. Então, imaginem quanto os meus pais sofreram para criar um filho como eu.

Especialmente quando via uma atitude errada, não conseguia deixar passar. Era como se eu fosse o xerife da vila, entrava no meio das brigas das crianças e julgava quem estava certo e quem estava errado, e chegava até a dar bronca naquela criança que estivesse errada. Certa vez, havia um valentão que fazia maldade para todo mundo. Então visitei seu avô e disse: “Vovô, seu neto fez isso e aquilo de errado; por favor, tome conta dele”, eu o aconselhei.

Pode ser que o meu comportamento parecesse grosseiro, mas na verdade eu era uma criança de muito bom coração. Mesmo já crescido, tocava o seio sem leite da minha avó e gostava de dormir segurando seu seio seco, e ela não rejeitava essa minha atitude dengosa. Quando ia passear na casa da minha irmã

casada, pedia para o seu sogro: “Por favor, faça um bolo para mim e mate um frango para cozinhar”. Mesmo assim, as pessoas não me odiavam. Isso prova que elas sabiam que dentro do meu coração havia um caloroso carinho por todos.

Destacava-me, especialmente, no lidar com os animais. Cavava buracos para que os passarinhos que construíssem seus ninhos na árvore, em frente à minha casa, pudessem beber água, e pegava sementes do depósito para jogar para eles no jardim. Esses passarinhos, que antes fugiam quando as pessoas se aproximavam, passaram a não fugir mais ao me ver, porque com certeza, eles perceberam que aquele que lhes dava comida estava dando amor.

Numa ocasião, quis criar peixes. Para isso, pesquei alguns e os coloquei dentro de um buraco com água. Apesar de ter dado ração, no outro dia, quando acordei, encontrei todos os peixes mortos. Como a minha vontade era cuidar bem deles, quando vi aqueles peixes boiando na superfície, fiquei tão chocado, que passei o dia inteiro chorando.

Meu pai criava centenas de caixas de abelhas. Quando os favos, que são a base da colmeia, eram colocados dentro das grandes caixas, as abelhas construía a colmeia e guardavam mel. Muito curioso, um dia eu quis descobrir como as abelhas faziam suas casas, então enfiei a cara na caixa das abelhas e elas me picaram o rosto inteiro, ele ficou todo inchado.

Certa vez apanhei muito por retirar os favos das caixas de abelhas. Quando as abelhas terminavam de construir suas casas, meu pai guardava os favos e em vez de óleo, usava a cera

como combustível. Amassei esses favos tão caros e distribuí para as pessoas que não tinham óleo para acender seus lampiões. Por expressar assim meu bom coração, apanhei para valer do meu pai.

Quando tinha 12 anos, não havia nenhuma brincadeira interessante, somente havia o *yut*, o *jang ki*² ou os jogos de cartas. Sempre queria ficar em grupo, então jogava *yut* ou empinava pipa durante o dia, e à noite eu frequentava o lugar onde jogavam cartas. Em cada jogo apostávamos 120 *won* e geralmente eu ganhava com três rodadas. A alta temporada do jogo de cartas era durante a festa da lua cheia de janeiro, e nesses dias, mesmo que o guarda visse, ele não prendia ninguém. Chegava até a dormir no lugar onde se jogavam cartas, e entrava no jogo na madrugada, participando das últimas três rodadas e ganhando tudo. Com o dinheiro ganho no jogo, comprava um balde de doces e distribuía para todas as crianças da vila. Eu definitivamente não usava aquele dinheiro ganho só para mim nem para fazer coisas erradas. Sempre que meus cunhados visitavam a minha casa, pegava dinheiro à vontade da carteira deles, porque já tinha autorização para isso, e com o dinheiro dos meus cunhados, comprava balas e doces para dar às crianças carentes.

Em todo lugar existem ricos e pobres. Ao ver que meus amigos pobres traziam pãozinho cozido em suas marmitas, eu não conseguia comer a minha marmita de arroz, então trocava com eles e comia a sua comida. Eu era mais íntimo das crian-

2. Jogos tradicionais coreanos.

ças mais pobres, que não conseguiam se alimentar bem, do que das crianças fortes de famílias ricas, e procurava alguma forma para acabar com a fome delas. Essa tarefa era minha brincadeira preferida, e sempre queria ser amigo de todo mundo, ou seja, mesmo sendo jovem queria me tornar uma pessoa com quem se pudesse compartilhar um profundo coração, ser mais que um simples amigo.

Um dos meus tios era muito egoísta. Sua plantação de melão ficava no meio da vila, e por causa do cheiro tão gostoso que ela exalava no verão, as crianças que passavam na frente ficavam morrendo de vontade de comê-los. Apesar disso, meu tio não dava nenhum melão sequer, e vigiava na guarita à beira da estrada o tempo inteiro. Um dia lhe perguntei: “Tio, algum dia, pelo menos por uma única vez, posso comer o seu melão à vontade?” “Mas é claro!”, ele me respondeu.

Então chamei todas as crianças da vila e disse que aqueles que quisessem comer melão poderiam se reunir na frente da minha casa à meia-noite, e que cada um trouxesse uma sacola grande. E os levei para a lavoura de melão do meu tio e mandei: “Fiquem à vontade, não se preocupem, cada um fica com uma fileira da plantação”. Toda a molecada entrou na plantação gritando de alegria e colheu várias fileiras completas de melão. Naquela, noite as crianças da vila que estavam passando fome, comeram melão até suas barrigas explodirem.

No dia seguinte, houve uma grande confusão na casa do meu tio. Fui até a casa dele, onde o burburinho era tão grande que parecia um enxame de abelhas agitado, e meu tio logo me

chamou espumando de raiva: “Moleque, foi você que fez aquilo? Foi você que fez toda a minha lavoura de melão crescer em vão?”. Vendo o meu tio tão bravo, não me intimidei: “Tio, foi o senhor que me deixou comer à vontade um dia. O meu coração era o mesmo coração das crianças da vila, que queriam tanto comer o melão. Então deveria dar um melão para cada uma delas, ou será que não poderia compartilhar?”, rebati. Então o meu tio, que estava pulando de raiva, se rendeu dizendo: “Está certo, você estava certo”.

Uma Bússola Norteando a Minha Vida



Minha tribo se originou na cidade de Nam Pyong, vizinha à cidade de Na Ju, na província de Jóllo. Jung Hul Moon, meu bisavô, nasceu como caçula dos três filhos do meu tataravô Sóng Hak Moon, e por sua vez gerou três filhos, meu avô Tchi Guk, Shin Guk e Yun Guk.

Meu avô era analfabeto, mas apesar de nunca ter frequentado a escola, ele tinha uma grande capacidade de absoluta concentração, tanto que memorizou de ouvido até mesmo o livro “Três Reinos”. Não somente esse livro, mas quando alguém contava uma história interessante, ele se lembrava de tudo e repetia toda a história com facilidade. Ele decorava qualquer coisa que ouvisse uma única vez, e passou essa habilidade para meu pai, que foi capaz de memorizar todo o livro de canções evangélicas e cantava de cor os mais de 400 cânticos.

Meu avô se manteve fiel ao legado deixado pelo meu bisavô: “viver servindo os outros”, mas não conseguiu manter o capital que ele deixou. Meu tio-avô, o terceiro filho Yun Guk, penhorou todo o patrimônio da família e o perdeu. Por causa disso, todos passaram por muitas dificuldades. Contudo, meu avô nunca reclamou de seu irmão, porque meu tio-avô Yun Guk não tinha perdido o dinheiro jogando cartas, mas tinha penhorado toda a propriedade da família como garantia para empres-

tar dinheiro para mandar ao governo separatista coreano em Shangai. Naquele tempo, 70 mil *won* era muito dinheiro, e meu tio-avô Yun Guk deu toda essa quantia para o movimento da independência.

Meu tio Yun Guk era um pastor formado pela faculdade de teologia de Pyongyang e fazia parte da elite da época. Ele falava inglês e tinha um profundo conhecimento sobre os ensinamentos da tradição chinesa. Ele tinha sido pastor principal de três igrejas, incluindo a igreja Dók Heung, de Dók On Myon e, formulou, junto com o mestre Nam Són Choi, a “Proclamação de Independência Ki-mi”. Entretanto, como havia três representantes da igreja Dók Heung entre os 16 cristãos que participavam do comitê, ele saiu voluntariamente da lista de representantes do povo. Quando o fez, o honorável professor Nam Gang Seung Hun Lee, fundador da escola de O-San, segurou as duas mãos de meu tio-avô Yun Guk em lágrimas e pediu que ele desse continuidade ao trabalho, caso o movimento fracassasse.

De volta à sua terra natal, meu tio Yun Guk imprimiu milhares de bandeiras coreanas e distribuiu para aqueles que estavam na rua, para gritarem *mansey*. E no dia 8 de março daquele ano, ele reuniu milhares de pessoas, entre as quais quatro mil cidadãos comuns, dois mil estudantes, três mil membros de várias religiões e professores da escola O-San de Jong Ju Gun, incluindo o diretor, e comandou a passeata de independência com gritos de *mansey* no monte atrás do escritório do distrito de Ai Po. Ele foi preso e recebeu pena de dois anos. No ano seguinte, enquanto cumpria sua pena na prisão de Ui Ju, ele foi libertado

pela anistia.

Porém, devido à enorme perseguição da polícia japonesa, ele não podia permanecer no mesmo lugar, e por isso vivia como fugitivo, sempre se mudando. O corpo do meu tio-avô tinha uma profunda cicatriz de torturas sofridas dos militares japoneses, um buraco resultante do corte de uma lança de bambu. Ele nunca se curvou, apesar de ter sido apunhalado nas duas pernas e na cintura com a lança de bambu bem afiada. Como ele não se rendia nem às terríveis torturas, tentaram suborná-lo com a posição de representante regional do governo japonês, com a condição de não participar mais do movimento da independência. Quando o fizeram, meu tio deu uma bronca neles: “Vocês acham que eu iria assumir um cargo público em um governo de ladrões como vocês?”.

Quando tinha 7 ou 8 anos de idade, ocorreu um episódio. Meu tio-avô estava a algum tempo na minha casa, e os revolucionários do movimento da independência o visitaram para pedir auxílio econômico, depois de terem caminhado à noite através da espessa neve. Meu pai, preocupado com meus irmãos que já tinham adormecido, cobriu nossos rostos com o cobertor. Como tinha perdido o sono, deitado de olhos bem abertos sob o cobertor, tentei ouvir o que os adultos conversavam. Naquela noite, minha mãe matou frangos e fez macarrão para os visitantes.

Prendendo a respiração debaixo da coberta que meu pai tinha posto sobre nós, ouvi as palavras de meu tio-avô Yun Guk, palavras que ainda permanecem vivas nos meus ouvidos. Ele

dizia: “Morrer para a nação é uma bênção”. E também: “Agora nós estamos vendo apenas escuridão, mas com certeza em breve chegará a alvorada”. Mesmo que ele se sentisse incomodado pela tortura recebida, sua voz sempre era firme.

Lembro-me o quanto fiquei angustiado naquela hora, questionando: “Por que meu tio-avô teve que ir para a prisão sendo tão admirável? Se nós fôssemos mais fortes que o Japão, isso não aconteceria...”

Meu tio vivia longe de casa, sem poder se comunicar conosco por estar fugindo da perseguição da polícia japonesa. Foi somente em 1965, em Seul, que eu tive notícias dele. Ele apareceu em sonho para o meu primo mais novo e falou: “Eu fui enterrado na terra de Jung Sun, na província Kang Won”. Procuramos o local de acordo com o endereço recebido no sonho e o descobrimos. Já havia passado nove anos desde a sua morte, e naquele lugar restava apenas um túmulo coberto de mato. Retirei os restos mortais de meu tio-avô Yun Guk e o enterrei em Pa-ju, na província Gyong Ki.

O que aconteceu foi que, após a independência, os comunistas mataram pastores e revolucionários ligados ao movimento, sem nenhuma distinção. Para não dar problemas para a família, meu tio-avô Yun Guk atravessou o paralelo 38 e foi para Jung Sun, fugindo dos comunistas, mas nenhum de nós sabia disso. A cidade Jong Són é cercada de montanhas, e lá ele vendeu pincéis orientais para sobreviver e depois estabeleceu uma escolinha para ensinar caligrafia chinesa. Segundo os alunos, ele gostava muito de fazer poemas espontâneos com caracteres

chineses, dos quais os discípulos conseguiram guardar cerca de 130 poemas.

Paz de Norte e Sul

*Há dez anos ao sul cheguei vindo do norte, minha terra natal.
O tempo correu como as águas e apressa meus cabelos brancos.
Apesar de querer voltar para o norte, como poderei ir para lá?
Só um pouco nessa terra estranha eu quis ficar,
mas muito tempo já se passou.*

*Quando visto as roupas leves de minha terra natal,
percebo a chegada do verão.
Balançando o leque de seda,
me preocupo com o outono, que já vem.
Não está longe o dia em que a paz de norte e sul chegará.
Por isso crianças, que esperam debaixo do telhado,
não se preocupem muito.*

Embora longe da família, vivendo numa terra estranha, o coração do meu tio sempre esteve preocupado com o futuro da nação. Ele deixou um verso dizendo: “Se a vontade for estabelecida no início, sempre espere pelas grandes coisas, e nunca se permita nem um pouquinho de ambição particular”. Os esforços que meu tio-avô Yun Guk fez pelo movimento da independência, mais tarde foram reconhecidos pelo governo, e

nos anos de 1977 e de 1990, ele recebeu uma homenagem do Presidente e o título de Fundador da nação. Sempre recito suas poesias, nas quais ele colocou seu coração de patriotismo, mesmo em meio a tanta perseguição e sofrimento.

Quanto mais idade tenho, mais penso no meu tio-avô Yun Guk. O seu coração de se preocupar com a nação continua a penetrar no fundo do meu peito. Eu ensinei a todos os membros da Igreja a canção *Dae Han Ji Ri Ga*³, que ele mesmo compôs.

Quando entoo essa canção inteira, me alivia provar o sabor do monte Bek Du ao monte Hal La. Por isso sempre a canto com os membros da nossa Família.

Canção da Geografia da Coreia

*A península coreana, emergida do hemisfério oriental
Ocupa um ponto estratégico nas três nações do Extremo Oriente*

*Os vastos campos da Manchúria estão ao Norte
Ao Leste, o Mar azul profundo*

*Ao Sul, o arquipélago do Mar da Coreia
A Oeste, o Mar amarelo-escuro e profundo*

*As águas dos três mares guardam muitas espécies
A diversidade de milhares de peixes e conchas é o nosso tesouro*

3. Canção da Geografia da Coreia.

*A principal montanha Bek Du, está situada no extremo Norte
Dois rios, Am Nok e Du Man, são fontes de água*

*Eles se separam para desembocar
nos dois mares do Leste e do Oeste,
E marcam a fronteira nítida com a China e a Rússia.*

*No centro, na província Gang Won,
está a montanha brilhante Taegum Gang,
Parque mundial que é o orgulho da nação*

*O destino que os barcos de pesca se orientam
É a montanha Hal La, de Jeju, que desponta alta no Mar do Sul*

*De Dong, Han Gang, Kum Gang, Jón Ju, as quatro planícies
São o celeiro de 30 milhões de pessoas*

*Un San, Sun An, Gae Tchon, Jae Ryong, quatro minas,
São o precioso e brilhante tesouro da nossa Coreia*

*Gyong Sóng, Pyongyang, Dae Gu, Gae Sóng, as quatro cidades,
São as cidades preciosas que brilham em nossa pátria*

*Pusan, Won San, Mok Po, Incheon, os quatro portos
Onde os navios nacionais e estrangeiros se concentram*

*A linha de ferro que passa no centro da grande Gyong Song,
Liga as duas linhas Gyong Ih e Gyong Bu*

*As linhas Gyong Won e Ho Nam ligam de norte a sul
Levando a fatura a toda a terra da Coreia*

*O museu Pyongyang que fala da mudança de gerações
Há dois mil anos na história do povo de Dan Gun*

*Song Do Gae Song, a capital da dinastia Go Ryo
fundada por Wang Gón
Gyong Sóng, por 500 anos a capital da dinastia Lee Jo*

*Shilla, dois milênios de uma cultura fulgurante
A famosa capital Gyong Ju é a origem de Bak Ryok Gó Se*

*A província Chung Chong, extraordinária beleza natural
Bu Yóh, o berço de On Jo, o primeiro rei da dinastia Bek Je*

*Jovens coreanos, que se tornarão os pioneiros do futuro!
Os três mares se agitam com a onda da cultura*

*Limparemos a mente de todo o povo de nossa Coreia
E marcharemos para o mundo do futuro.*

Se o Teimoso que Chora o Dia Inteiro se Determina, Ele Faz



Meu pai sabia emprestar dinheiro, mas chegava a perdê-lo por não saber cobrar. Contudo, se ele fazia uma dívida, nunca falhava em pagar, mesmo que tivesse que perder a principal propriedade da família para manter a promessa. Meu pai sempre dizia: “Ninguém moverá a verdade pela esperteza. A verdade não pode ser dominada pela esperteza. Aquilo que é conseguido com má-fé não dura muitos anos”. Meu pai era bonito e tinha um corpo robusto, era capaz de subir escadas com a maior facilidade carregando um grande feixe de arroz. Sem dúvida, herdei essa boa condição física do meu pai, para continuar, nos meus 90 anos, viajando pelo mundo e realizando várias atividades.

Entre as canções evangélicas, a canção “O Alvo Supremo” era a favorita da minha mãe. Ela era uma mulher muito corajosa. Além de ter uma testa e uma cabeça bem formadas, sua natureza era correta e destemida, e foi justo dela que herdei a teimosia: tal mãe, tal filho.

Na infância meu apelido era “*Há-ru Uri*”, o menino que chora o dia inteiro. Ganhei o apelido porque quando eu começava a chorar, só parava no fim do dia. Se abrisse o berro uma vez,

era como se tivesse acontecido uma grande catástrofe. Chorava tão alto, que até as pessoas que estavam dormindo acordavam e saíam de suas casas para ver o que se passava. Eu não chorava só sentado, fazia escândalo pulando alto dentro do quarto, me debatendo até cortar todo o meu corpo e manchar as paredes de sangue. Desde a infância, minha natureza era assim terrível.

Se decidisse uma vez, nunca mudava de opinião. Mesmo que meus ossos fossem quebrados, nunca cedia. É claro que isso tudo aconteceu antes de ter noção da vida. Mesmo que estivesse errado, quando a minha mãe me repreendia eu retrucava: “Não, não é assim não!” Podia resolver tudo com um único pedido de desculpas, mas não soltava essa palavra nem morto. A natureza da minha mãe também era muito forte, então ela me batia muito, dizendo: “Onde já se viu os pais pedirem para falar e não fazer?”. Uma vez apanhei tanto, que até caí desmaiado. Ainda assim, não cedi. Então minha mãe começou a chorar alto na minha frente, e mesmo vendo ela assim, não pedi desculpas.

Como minha índole era forte e teimosa, a minha vontade de vencer também era muito forte. Por isso não aceitava perder em nada. Todo mundo da vila já sabia disso, e diziam: “Aquele miniolho da casa de O-San, se aquele moleque decidiu fazer, certamente ele vai conseguir”. Não sei quantos anos tinha, mas um menino fugiu depois de me machucar e fazer meu nariz sangrar. Eu permaneci na frente da casa dele por um mês, até seus pais virem me pedir desculpa, oferecendo uma bacia cheia de bolo coreano, e deixando todos os adultos abismados. Mas não queria vencer somente pela teimosia sem fundamento. Ti-

nha muita força, meu corpo era superior ao das crianças da minha idade, e não havia ninguém na vila que ganhasse de mim na queda-de-braço. Certa vez, perdi para um menino três anos mais velho e não consegui aceitar a derrota. Então, para me fortalecer, por seis meses treinei todas as noites, subindo as montanhas e esmurrando o tronco das acácias até descascá-las, e enfim consegui vencer aquele menino.

A minha família tem um histórico de ter muitos filhos. Quando nasci, já tinha um irmão e seis irmãs mais velhas. Ficava muito feliz por ter muitos irmãos, e além de irmãos tinha primos e primas de segundo grau. Se juntássemos todos, poderíamos fazer qualquer coisa. Mas agora, com o passar do tempo, parece que só eu sobrei neste mundo.

Passei rapidamente pela Coreia do Norte em 1991. Já havia se passado 48 anos desde minha saída de lá, e todos os meus irmãos e minha mãe estavam mortos, restando vivas apenas uma irmã mais velha e uma mais nova. Minha irmã mais velha, que cuidara de mim como minha mãe quando era pequeno, se transformara numa avó de mais de 70 anos. E o rosto daquela minha irmã mais nova, que era tão bonitinho, estava cheio de rugas, com mais de 60 anos de idade.

Quando era criança, eu a provocava: “Hyo Són, seu marido vai ser um homem com um olho defeituoso!” Então eu fugia, e minha irmã vinha correndo atrás de mim e com sua pequena mão batia nas minhas costas: “O quê? Como você pode saber disso?!” Quando tinha 18 anos, Hyo Són foi ver a possibilidade de um casamento e tinha como mediadora uma tia da parte

da minha mãe. Naquela manhã ela acordou cedo, se penteou bem, se maquiou bem bonita e limpou a casa inteira à espera da pessoa que poderia ser seu noivo. Então brinquei com ela de novo, dizendo: “Hyo Són, você quer tanto assim se casar?”, e sob a maquiagem seu rosto enrubesceu e eu percebi como ela era bonita. Já se passaram mais de 10 anos desde a minha visita à Coreia do Norte, e agora soube que minha irmã mais velha, que tanto chorou quando me viu, já morreu. Minha irmã mais nova ficou sozinha, e só de pensar nelas, sinto tanta dor que é como se o meu coração fosse sumir.

Tinha a habilidade manual de fazer meias e roupas de tricô. No inverno, fazia gorros de tricô. Fazia-os tão bem, melhor que as mulheres, que até ensinava tricô para as minhas irmãs mais velhas; cheguei a fazer um lenço de lã para Hyo Són. Eu gostava de costurar com a minha mão, grossa igual à pata de um urso, e fazia roupas íntimas para mim mesmo. Pegava a peça de algodão, dobrava pela metade e riscava o desenho, cortava e costurava, e servia certinho em mim. Um dia fiz uma sapatilha para minha mãe e ela ficou tão contente que exclamou: “Oh, pensava que meu segundo filho estava brincando, mas serviu tão bem no meu pé!”

Depois da Hyo Són havia mais quatro irmãos mais novos. Minha mãe teve treze filhos, mas cinco morreram antes dela. Imagine quanto o coração da minha mãe deve ter queimado de dor. Nossa família não tinha dinheiro suficiente, por isso minha mãe teve que trabalhar muito para sustentar tantos filhos. Naquela época, para realizar o casamento dos filhos era preciso

tecer algodão. O algodão tirado do pé era colocado na roca. No dialeto da região de Pyeong-an-Do, isso era chamado de *to-kem-ih*. Com uma medida de vinte fios unidos ela fazia doze ou treze peças de tecidos... Para cada casamento, as grossas e calejadas mãos de minha mãe confeccionavam macios e belos tecidos de algodão. Suas mãos eram tão rápidas que, enquanto outras confeccionavam três ou quatro *to-kem-ih* por dia, ela fazia de 10 a 20. Para os casamentos das minhas irmãs, ela precisava tecer tão rápido que em um dia fazia um rolo inteiro de tecido. Ela terminava prontamente qualquer coisa que decidisse fazer. Por ter herdado essa natureza apressada da minha mãe, também faço tudo com uma velocidade muito rápida.

Desde pequeno eu como bem qualquer coisa. Gostava de milho, comia bem pepinos e batata crua, até soja crua gostava de comer. A casa de minha avó materna ficava a uns 8 quilômetros da nossa, e quando perguntei o que era uma trepadeira que crescia no campo, ela me disse que era *ji-gua*. Naquela vila as pessoas chamavam a batata-doce de *ji-gua*, e eles arrancaram e me deram bastante dessa batata cozida. Era tão gostosa! Comi uma bacia inteira de batata-doce! Nos anos seguintes, na época da colheita da batata-doce, ia à casa da minha avó a cada três dias. Dizia para minha mãe: “Mamãe, vou sair, mas volto logo”, e corria essa distância de oito quilômetros. Chegava lá, comia batata-doce cozida e voltava para casa.

Na minha terra natal, o fim da safra da batata era no mês de maio. Durante todo o inverno só comíamos batata, e com a primavera chegava o tempo da colheita da cevada. Chamávamos

esse tempo de *kam-já-kô-gae*⁴. Naquele tempo a cevada não era a cevada de hoje em dia, fininha e fácil de comer, mas era a cevada natural, redonda e grossa. Mesmo assim, eu gostava. Quando deixada no molho por dois dias e cozida, essa cevada natural se solta como areia quando pegamos na colher. Temperávamos a cevada cozida com molho de pimenta e, na boca, ela escapava entre os dentes na hora de mastigar. Lembro que para comê-la tinha que mastigar com a boca bem fechada.

Também caçava e comia muitas rãs verdes. No passado, no interior, quando uma criança pegava catapora ou emagrecia muito com alguma doença, dava-se carne de rã. A rã tem uma carne muito grossa nas coxas. Se caçar três ou quatro rãs grandes de coxas bem gordinhas e assá-las enroladas na folha de abóbora, a carne fica muito gostosa, macia como se tivesse sido cozida no vapor de *shi-ru*⁵. Seu sabor não perde em nada para a carne do pardal ou do faisão. Caçava o pássaro *tum-buk-se*⁶ que voava pelos campos cantando “tum buk, tum buk”, e também catava os ovinhos coloridos dos pássaros da montanha e os assava. Foi andando pelas montanhas e pelos campos que percebi a abundância de alimentos que Deus nos deu na natureza.

4. Morro da batata, comparando o período em que só comiam batata a um morro que deveriam ultrapassar.

5. Um tipo de forno coreano.

6. Pássaro nativo da Coreia.

Se Amas o Boi, Enxergarás o Boi



É da minha natureza saber sobre todas as coisas que vejo, não deixo nada passar. Se me despertava a curiosidade sobre “Qual o nome daquela montanha? O que deve existir dentro dela?”, não podia deixar de ir até lá. Apesar da pouca idade, subia nos topos de todas as montanhas num raio de 8 quilômetros da minha casa. Não há lugar onde não tenha ido, inclusive atrás do alto daquelas montanhas. Só sossegava quando conseguia visualizar na minha mente todas as coisas do ponto onde bate o sol da manhã. Se não conheço o que está além daquilo que minhas vistas alcançam, não fico satisfeito.

Por causa disso, quando subia as montanhas, não havia flor ou árvore que não tocasse. Não era suficiente olhar, então tocava as flores, as árvores, cheirava e até as colocava na boca. O cheiro, o sabor, aquela sensação era tão boa que não me cansava passar o dia cheirando todas as coisas da floresta. Por gostar tanto assim da natureza, se ficasse fora de casa até me esquecia de voltar, andando para lá e para cá nas montanhas e nos campos. Mesmo que o sol se pusesse e o dia escurecesse, nada temia.

Quando minhas irmãs mais novas iam catar ervas comestíveis, subia na frente e pegava as plantas antes. Por causa disso, experimentei todo o tipo de ervas bem nutritivas. Entre elas

gostava muito de *seumbagwi*⁷, que fica muito gostosa com tempero de molho de pimenta. Na hora de pôr *seumbagwi* na boca, é preciso parar de respirar. Esse segundo prendendo a respiração ajuda a tirar o sabor amargo, e então se pode sentir sua doçura, por isso esse instante deve ser bem preciso para saborear a deliciosa *seumbagwi*.

Como adorava subir nas árvores, sempre escalava a grande castanheira portuguesa de 200 anos de idade que havia no nosso quintal. Podia ver ao longe um espaço aberto, e não queria descer quando alcançava o topo. Muitas vezes, ficava lá em cima até tarde da noite e minha irmã, com idade logo acima de mim, ficava acordada e fazia um escândalo dizendo que era perigoso: “Yong Myung! Desça, por favor, já está muito tarde! Vamos entrar e dormir!” “Se sentir sono, posso dormir aqui”, e permanecia sentado no galho da castanheira, sem ligar para o chamado dela. Então, minha irmã mais velha, já brava por me esperar, gritava: “Moleque, seu macaco! Desce logo daí!” O meu signo é o macaco, deve ser por isso mesmo que gostava tanto de subir nas árvores. Na época das castanhas amadurecerem, pulava no meio dos galhos quebrados chacoalhando as cascas para o cacho de castanhas cair na terra, e me divertia muito com essa brincadeira. É uma pena que as crianças modernas que não cresceram no interior não conheçam essa brincadeira divertida!

Até os pássaros que voavam livres no céu eram objeto do meu interesse. Quando de repente, encontrava um pássaro bonitinho, olhava por todos os ângulos, curioso para saber como

7. Uma erva amarga.

era o macho e a fêmea. Naquele tempo, não havia livros que informassem as variedades das espécies de árvores, plantas e ervas silvestres, por isso, o único jeito de conhecê-los era observando detalhadamente. Costumava correr atrás dos pássaros migratórios nas montanhas para lá e para cá e muitas vezes, passava o dia sem comer nada. Certa vez, fiquei muito curioso para descobrir como a pega botava seus ovos, e então, subi na árvore diversas vezes ao longo do dia para ver o ninho da pega. Assim, subindo e descendo o dia inteiro, pude ver como botavam o ovo e me tornei amigo dos passarinhos: “piu, piu, piu”. No começo, quando a pega me via ela gritava de medo: “kákáká”, mas depois de um tempo, ela se acalmava.

Até os insetos do mato eram meus amigos. Todo ano, perto do fim do verão, eu podia ouvir os *sururami*⁸ cantando no alto do pé de caqui bem em frente ao meu quarto. Quando acabava o choro das cigarras, que passavam o verão inteiro cantando “mem mem mem” até doer os ouvidos, os *sururami* começavam a cantar e me sentia muito grato porque isso era um sinal de que logo o calor insuportável iria passar e viria um fresco outono: “sru sruru srururu...”.

Quando o *sururami* cantava, fitava o pé de caqui e pensava: “É, sim. Quando se quer cantar, tem que cantar assim, alto, para que todos na vila possam ouvir e gostar. Se você cantasse dentro de um buraco, quem ficaria sabendo?” Mas quando conheci melhor a cigarra e o *sururami*, aprendi que todos cantavam para amar, “mem mem mem... sru sru sru...” esses sons eram sinais

8. Um tipo de cigarra.

para chamar seu parceiro. Sabendo disso, sempre que ouvia o barulho dos insetos, sorria. “Tudo bem, ah, está com saudades do amor? Então pode cantar bastante e procure um bom parceiro!” Tornando-me amigo de toda a criação, pouco a pouco aprendi a entender mais o coração dos outros.

Minha casa estava quatro quilômetros distante do Mar Amarelo. Era tão perto, que se eu subisse num ponto um pouquinho mais alto já podia ver o mar. No caminho que levava ao mar havia um conjunto de poças, no meio das quais corria um riacho, e mexia naquelas poças fedidas para pegar enguias e caranguejos. Em todos os lugares onde ia pescar, eu sabia onde encontrar cada tipo de peixe. A enguia, por exemplo, normalmente não gosta de ficar deitada de barriga para baixo, por isso ela se esconde num buraco. Ela enfia sua cabeça no buraco e não consegue colocar todo o corpo a tempo. Então, muitas vezes o rabinho fica de fora. Se você puxar aquele rabinho, pode estar certo da captura. A enguia normalmente se esconde na toca do caranguejo. Quando chegava visita na minha casa e tinham vontade de comer enguia cozida, corria os seis quilômetros de distância e as apanhava facilmente. Nas férias de verão, conseguia pegar mais de 40 enguias por dia.

A única coisa da qual não gostava era justamente levar o boi ao pasto. Quando meu pai me pedia para tomar conta do boi, amarrava o animal no campo da vila vizinha e fugia. Algum tempo depois, ficava preocupado e me virava para olhá-lo, e ele permanecia amarrado no mesmo lugar. Passando do meio-dia e não aparecendo quem deveria dar comida para ele, o boi chora-

va: “muu...muu...muu”. Ao ouvir de longe o choro do boi, meu coração apertava: “ah, aquele boi, ai aquele...” e eu ficava assim, com o coração na mão. Imaginem o meu estado, tentando não dar ouvidos ao choro faminto que me procurava? Mesmo assim, quando à tardezinha eu chegava perto do boi, ele não me chifrava com raiva, mas ficava muito feliz em me ver. Cada vez que eu via o boi assim, refletia que o ser humano tem que tomar uma atitude igual a do boi, diante de uma grande vontade. Se souber esperar o tempo certo, sem pressa, encontrará boas coisas.

Na minha casa tinha um cachorro que eu realmente amava. Ele era tão inteligente que quando chegava a hora de voltar da escola, ele se afastava de casa e me esperava no caminho. Quando me via, ele ficava muito contente, e sempre o acariciava com a minha mão direita. Então mesmo que chegasse do meu lado esquerdo, ele dava a volta para ficar do outro lado, roçando seu focinho em mim. E então, fazia carinho no focinho dele com a minha mão direita e alisava suas costas. Se não fizesse isso, ele reclamava e continuava me rodeando. “Oh, você também sabe o que é amor! Você gosta tanto assim do amor?”

Até os animais entendem bem o que é amor. Já viu uma galinha abraçando os ovos para chocar? Ela fica o dia inteiro sentada batendo as pernas, muito atenta para que ninguém chegue perto. Mesmo sabendo que a galinha não gostava, eu sempre entrava no galinheiro. Quando me enfiava no galinheiro, a galinha ficava brava, me olhava muito séria e erguia o pescoço bem reto. Então, eu também olhava sério para ela e não cedia.

Contudo, por frequentar tanto o galinheiro, por fim a galinha começou a me ignorar. Ainda assim, para proteger o ovo, ela ficava tensa, com as garras do pé arreganhadas.

Quem sabe ela quisesse voar para me atacar, mas por causa do ovo a galinha não saía do lugar e apenas permanecia angustiada. Então, para perturbar a galinha, me aproximava e meixia nas penas dela, mas ela não se movia nem um centímetro. Mesmo perdendo todas as penas da sua barriga, a galinha ficava sentada até chocar os pintinhos. Como eles estão unidos solidamente pelo amor, diante da autoridade da galinha, nem o galo ousa encostar. “Ninguém toca, não importa quem seja, se alguém quiser tocar eu não vou permitir!”, é assim que ela possui o poder de imperatriz do mundo.

Da mesma maneira que quando a galinha abraça os ovos para protegê-los há amor, quando a porca pare também há amor. Observei bem de pertinho quando a porca dá à luz. A mamãe porca faz força e sai um porquinho escorregando, novamente empurra e outro porquinho aparece escorregando. O mesmo acontece com o gato e o cachorro. Quando olho para aqueles filhotinhos que nasceram no mundo e nem sequer abriram os olhos, meu sorriso sai automaticamente e fico tão feliz! Por outro lado, assistir à morte de animais é muito triste, me deixa muito angustiado. Um pouco distante da nossa vila havia um matadouro. Quando um boi entra no matadouro, o algoz bate nele com um martelo grosso. Aquele boi enorme cai no chão, em seguida seu couro é retirado e suas pernas são cortadas. A vida é tão insistente, que mesmo com as pernas cortadas ele

ainda se mexe naquele lugar. Quando via tal cena, chorava até meus olhos secarem.

Sempre fui muito diferente dos outros. Percebia as coisas que os outros não percebiam, como se tivesse um superpoder. Desde a infância, quando falava que iria chover, era certeza que acontecia. Se dissesse, sentado em casa: “aquele avô da vila de cima vai ficar doente”, aquilo realmente ocorria. Por isso, aos oito anos já era o melhor para formar casais nas vilas. Quando me entregavam a foto dos noivos já percebia tudo: “esse casamento não é bom”. Se as pessoas realizassem o casamento apesar do que eu dizia, não demorava muito e eles se separavam. É assim que combino casamentos até hoje, com 90 anos. Agora, já percebo toda a personalidade da pessoa só de olhar a maneira de sentar e sorrir.

Quando me concentrava no que minha irmã mais velha estava fazendo longe de mim, conseguia adivinhar. Concentrando totalmente o meu pensamento, conseguia visualizar. Por isso, minhas irmãs mais velhas gostavam de mim, mas por outro lado tinham medo, já que sabia todos os seus segredos. Essa capacidade pode parecer um superpoder, mas na verdade não é nada extraordinário. As mais simples formigas, que nós consideramos insignificantes, já sabem quando a chuva vem e se escondem, não é? O ser humano também, originalmente, deveria saber por onde deve caminhar. De fato não é tão difícil aprender isso.

Se olharmos bem para o ninho da pega, podemos perceber em qual direção o vento está vindo. O pássaro, percebendo a

direção do vento, coloca a entrada do ninho na direção contrária. Depois de juntar os gravetos que traz, para não juntar chuva, ele coloca barro em cima e embaixo e aponta esses gravetos todos para uma direção, como calhas para escorrer a água. Se até a pega possui tal sabedoria para se proteger, como poderia o ser humano não tê-la?

Quando ia à feira de bois com meu pai eu dizia: “Pai, não é bom comprar aquele boi. Um bom boi tem que ter um pescoço bem formado e precisa ter as pernas dianteiras fortes, e a cintura e a traseira também têm que ser fortes, mas aquele boi não tem”. Se dissesse isso, ninguém comprava o boi. Meu pai me perguntava: “Como você sabe disso?” e respondia: “Já nasci sabendo. Aprendi na barriga da minha mãe”. É claro que estava brincando.

Quem ama o boi, enxerga bem o boi. No mundo, a maior força é o amor, e a coisa mais assustadora é uma mente e corpo unidos. Se você se acalma e concentra sua mente, há um lugar profundo onde a mente é capaz de estabilizar-se. Você precisa deixar sua mente ir àquele lugar. Quando você coloca sua mente naquele lugar e vai dormir, então quando se levantar, estará extremamente sensível. Aquele é o exato momento, quando você espanta todos os pensamentos estranhos e concentra a sua percepção. Então, você será capaz de se comunicar com todas as coisas. Se você não acredita em mim, pode experimentar agora mesmo! Todas as formas de vida neste mundo procuram se conectar com aqueles que lhes dão mais amor. Portanto, se você tem algo que não ama realmente, então sua posse ou domínio é falso, e você será forçado a deixá-lo.

Conversar com os Insetos da Floresta sobre a História do Universo



Quando estou na floresta, meu coração se purifica. O som das folhas, *creck*, o ruído do vento balançando o bambu, o coaxar do sapo de dentro da poça etc. Não há nada além do som da natureza e não surge nenhum pensamento fútil. Aqui, esvazie o seu coração e abrace a natureza com todo o seu corpo, e então não há separação entre a natureza e o “eu”. A natureza se une a mim e nos tornamos um só ser. Nesse instante, desaparece a divisão entre a natureza e “eu”, e me sinto misteriosamente alegre. A natureza se torna meu “eu” e me torno a natureza.

Vivi toda a minha vida guardando as memórias dessas minhas experiências. Ainda agora, se fecho os olhos, me torno um com a natureza. Alguém chamou este estágio de “esquecer de si mesmo”, mas se me encontro no ponto do completo vazio e aí somente entra a natureza, então esse é o estágio de transcender a “não existência”. Nesse estágio ouço o som que a natureza emite, a voz do pinheiro, a voz dos insetos da mata..., e assim nos tornamos amigos. Posso saber quais tipos de corações habitam aquela vila, mesmo sem encontrá-los. Se passar a noite no campo de uma vila, os feixes de cereais que crescem nas planta-

ções me contam histórias. Se der atenção a eles, naturalmente descubro as coisas. Dependendo se a lavoura sente alegria ou se ela se lamenta, posso avaliar o caráter das pessoas de lá.

Ainda que tenha passado pela prisão diversas vezes, na Coreia, nos EUA e até na Coreia do Norte, não me senti solitário nem passei por tantas dificuldades como os outros, porque dentro da prisão podia ouvir o sussurro do vento e podia conversar com os insetos que moravam comigo.

“Que tipo de conversa se pode ter com insetos?!” alguém pode pensar, mas mesmo dentro de um pequeno grão de areia habita a lei do mundo e até uma pequena poeira que voa pelo ar, contém toda a harmonia da imensidão do universo. Todas as coisas que existem ao nosso redor surgiram através da junção de forças integradas que superam a nossa imaginação, forças que estão ligadas umas às outras em uma íntima relação. Nenhuma das criaturas desse grande universo surgiu fora do coração de Deus. Até o balanço da folha de uma árvore contém a respiração do universo. Esta preciosa capacidade de me comunicar com a voz da natureza, me foi dada como um presente quando ainda era criança e corria pelos campos e montanhas.

Na natureza, todos juntos em harmonia fazem um grandioso e lindo som. Aí ninguém é melhor que o outro, e ninguém é desprezado, há o auge da harmonia. A natureza me consola quando passo por dificuldades e me reergue se caio em desespero. As crianças modernas que vivem na cidade grande não têm a chance de se aproximar da natureza, mas despertar a sensibilidade natural é mais importante que passar conhecimento. Sem

ter o coração que pode sentir a natureza, e com a sensibilidade ressecada, como podem mudar as crianças somente com o ensino superior? Se apenas recolhem o conhecimento espalhado aqui e acolá, só podem formar individualistas e produzir adoradores da matéria.

Devemos sentir a diferença da chuva da primavera, que cai sussurrando, e da sonoridade da chuva do outono. Somente aquele que consegue sentir felicidade no diálogo com a natureza poderá se tornar um homem de bom caráter. O dente-de-leão da beira da estrada é mais precioso que todo o ouro do mundo. É preciso adquirir o coração de amor à natureza e à humanidade, pois aquele que não ama nem a natureza nem o ser humano, não será capaz de amar a Deus. A criação de Deus é a Sua manifestação simbólica e o ser humano é a Sua semelhança substancial. Assim, somente aquele que sabe amar a criação pode amar a Deus.

“Japoneses, Voltem Logo para Sua Terra”



A pesar de viver andando pelos campos e montanhas, nem tudo era só brincadeira. Ajudava meu irmão mais velho na lavoura com muito zelo. No interior, cada estação exige muitas tarefas. É preciso arar as terras e semear, os cuidados com a terra para cultivo do painço são muito difíceis. Depois de semear pelo menos três vezes, é preciso manter a terra bem cuidada. Era extremamente difícil, cada dia de trabalho me deixava com muita dor nas costas. Quando plantamos a batata-doce no barro, ela fica sem sabor. Então para colher a batata bem doce, um terço da terra deve ser misturada com areia. Quando cultivamos o milho, o melhor adubo são fezes humanas secas. Por isso esfarelávamos as fezes com as mãos. Ajudando na lavoura, aprendi como fazer um bom plantio da soja, do milho, em qual tipo de terra a soja e o feijão devem ser plantados. Nesse sentido, sou o maior dos lavradores.

A província Pyong-An foi um dos primeiros lugares a receber a tradição cristã, por isso nas décadas de 30 e 40 as terras para cultivo já tinham sido bem alinhadas. Quando plantávamos as mudas de arroz, dividíamos uma fileira em doze divisões e então duas pessoas assumiam 6 partes cada uma na semeadura. Depois, quando vim para a Coreia do Sul, vi uma maneira bem diferente de se plantar arroz. Dezenas de pessoas amarravam

uma corda e se alinhavam semeando todos juntos para lá e para cá. Eu achei aquilo tão desorganizado! Abria dois palmos de distância entre as pernas e plantava a muda de arroz rapidamente. Trabalhando apenas no tempo do plantio, me ajudava a pagar as mensalidades da escola.

Quando tinha 10 anos, meu pai me levou ao *Geul Bam*, o lugar de estudo da vila. Uma das tarefas lá era ler uma folha do livro. Concentrando por meia hora, decorava e recitava todo o conteúdo para o professor, então acabava o meu estudo daquele dia. Na hora do almoço, enquanto o velho mestre tirava um cochilo, eu saía do *Geul Bam* e ia para a montanha e para o campo. Quanto mais eu frequentava a montanha, mais eu sabia onde encontrar ervas comestíveis, e assim conseguia mais coisas para comer, substituindo uma refeição. Então por que almoçar e jantar? A partir daquele tempo, passei a não almoçar mais em casa.

Frequentando o *Geul Bam*, aprendi o *Han-ja*, a caligrafia chinesa, através da leitura de *Non-ó* e *Maeng-já*⁹. É por isso que tenho uma boa caligrafia. Graças a ela, desde os meus 12 anos, no *Geul Bam*, substituía o professor na hora de escrever as letras para as outras crianças copiarem. Entretanto, preferia frequentar a escola moderna que o *Geul Bam*, porque sentia que estávamos atrasados. Enquanto a gente apenas estudava o ensinamento do passado de Confúcio e *Maeng-já*, os outros estavam até criando aviões, e eu pensava: assim não dá!

No mês de abril, meu pai já tinha pagado adiantado a men-

9. Non-Ó é um livro sobre Confúcio; Maeng-já é um livro chinês sobre ensinamentos.

salidade do ano inteiro, e mesmo sabendo disso, decidi parar de ir ao *Geul Bam* e tentei convencer meu pai. Também convenci meu avô e até um tio. Naquela época, para eu entrar no ensino fundamental em uma escola moderna, eu precisava passar por uma prova de transferência, e tinha que estudar em um curso preparatório. Cheguei a convencer meu primo mais novo, entrei no preparatório *Won Bong* e comecei a estudar para a prova que me permitiria entrar numa escola moderna de ensino fundamental.

No ano seguinte, com 14 anos, fiz a prova de transferência e consegui entrar na 3ª série da escola de O-san. Embora eu estivesse atrasado em comparação com as outras crianças, como tinha boas notas, pude pular para a 5ª série. A escola ficava a oito quilômetros da minha casa, mas não faltei sequer um dia, e conseguia chegar a pé antes da aula começar. Por cada morro que eu passava, outras crianças estavam me esperando, e enquanto eu caminhava com passos rápidos, meus colegas me seguiam correndo. Nosso caminho era uma perigosa trilha, onde de vez em quando aparecia o tigre de Pyong-an-Do.

A escola O-san foi fundada pelo mestre Seung Hun Lee, que era membro do movimento da independência. Por isso não havia aula de japonês e era proibido falar a língua dentro da escola. Mas discordava disso. Achava que somente conhecendo bem o inimigo, poderíamos vencê-lo. Então fiz outra prova e me transferi para a 4ª série da Escola Pública de Jong Ju. Nas escolas públicas só se ensinava em japonês, e na noite antes do primeiro dia de aula eu só tinha decorado o alfabeto japonês

Katakana e o *Hiragana*. Como eu não entendia nada de japonês, decorei em quinze dias todos os livros da primeira a quarta séries, até começar a entender.

Agindo assim, no fim do curso eu já falava japonês fluentemente. Na formatura, fui voluntário para ser o orador, diante de todas as autoridades do município Jong Ju. Não o fiz para discursar em agradecimento e congratulações, mas eu fiz um discurso crítico, falando sobre os comportamentos de cada professor, sobre o sistema problemático da escola e qual tipo de atitude o líder daquele tempo deveria ter, etc. Todo esse discurso crítico foi dito em japonês fluente.

“Japoneses, voltem logo para o Japão! Esta terra é uma herança que nossos antepassados nos deixaram para sempre!”, esse foi o tipo de palavras ditas por mim diante de todas as autoridades, como o delegado de polícia, o líder regional e o líder da vila, entre outros. Proferi as palavras que ninguém tinha coragem de dizer, herdando o espírito do meu tio-avô Yun Guk.

Imagine o espanto das pessoas. Quando eu olhava para seus rostos de cima, todos estavam pálidos. Contudo, o problema apareceu depois. A partir daquele dia, a polícia japonesa passou a me vigiar como um elemento perigoso, e me perturbava muito. Depois, quando quis estudar no Japão, o delegado não quis carimbar minha autorização e complicou as coisas para mim. Diziam que eu era um jovem perigoso que não podia ser mandado para o Japão e negavam minha entrada. Finalmente, após muitas discussões com o delegado e de tê-lo colocado contra a parede, consegui chegar ao Japão.

CAPÍTULO 2

O CORAÇÃO
É UM RIO CUJAS ÁGUAS
SÃO LÁGRIMAS

Uma Encruzilhada entre o Temor e a Euforia



Quando comecei a entender sobre a vida, fiquei muito pensativo sobre “o que vou ser quando crescer?” Como adorava estudar profundamente a natureza, cogitei sobre me tornar um cientista, mas vendo a situação miserável das pessoas que passavam fome por terem sido saqueadas pelo governo japonês, mudei de ideia. Sentia que, ainda que me tornasse um grande cientista e recebesse o prêmio Nobel, não seria suficiente para secar as lágrimas daquelas pessoas famintas.

Por isso quis ser aquele que pudesse enxugar as lágrimas das pessoas e tirar toda a tristeza de seus corações. Deitado na floresta, ouvindo a canção dos passarinhos, eu pensava: “Vou fazer este mundo se tornar tão maravilhoso quanto essa melodia. E vou ser aquele que vai espalhar o aroma de uma linda flor”. Embora não soubesse bem em qual profissão poderia fazer isso, em meu coração, me determinei que traria a felicidade aos outros.

Como meu tio-avô Yun Guk era pastor, quando eu estava com cerca de 10 anos de idade, nossa família se batizou no cristianismo e começou a praticar uma fervorosa vida de fé. A partir de então, passei a frequentar a igreja sem falta. Se me atra-

sasse, ainda que pouco, não conseguia erguer o rosto de tanta vergonha. Por ser tão jovem, não entendia muita coisa, mas a presença de Deus já ocupava um grande espaço dentro do meu coração. E refletir seriamente sobre a vida e a morte, e sobre o sofrimento e a tristeza da vida humana, tomava cada vez mais o meu pensamento.

Com 12 anos de idade, presenciei a transferência dos restos mortais de meu bisavô para outro túmulo. Na verdade, apenas os adultos da família podiam participar desse rito, mas como eu queria saber como a pessoa fica depois de morta, insisti para poder participar. Enquanto acompanhava todo o processo de retirada do corpo do túmulo, do nada, levei um susto e fiquei com medo. Quando os adultos, com toda a cerimônia, abriram a cova, o que vi foi somente ossos secos, e não a figura do meu bisavô que conheci a vida inteira através dos meus pais. O que vi não era nada mais do que um punhado de ossos brancos, com uma aparência horrível.

Depois de ver os ossos do meu bisavô, fiquei em choque por muito tempo. Não saíam da minha cabeça pensamentos como: “Quando meu bisavô era vivo ele certamente era igual à gente... então se os meus pais morrerem, também restarão somente ossos brancos como os do meu bisavô, e quando eu morrer também vou ficar assim? Todo o ser humano tem que morrer? Depois de morrer não vou poder pensar em mais nada, só vou ficar deitado? E então para onde vai o pensamento?”. Tais perguntas não me deixavam em paz.

Nessa época estava acontecendo coisas estranhas na famí-

lia. Há uma coisa da qual eu ainda me lembro claramente. Um novelo retirado da roca tinha sido guardado em um barril para fazer um *ye jang*, mas numa noite, o novelo branco apareceu em cima da velha castanheira portuguesa da vila de cima. Esse novelo seria utilizado para confeccionar um tecido de casamento (na minha terra natal isso é chamado *ye jang*). Porém lá estava ele, espalhado no meio da noite pela castanheira portuguesa tão distante da minha casa, sem ninguém saber quem foi. Como não era humanamente possível fazer aquilo, todos na vila ficaram com medo.

Quando tinha aproximadamente 16 anos, minha família passou por uma tragédia, na qual cinco dos mais novos dos meus 12 irmãos morreram no mesmo ano. O coração dos meus pais, diante da perda de cinco filhos, ficou em uma tristeza inexprimível. Mas tal tragédia não se limitou à minha casa. Ela atravessou nossos muros e atingiu meus parentes. Um boi que estava saudável de repente morreu e, em seguida, um cavalo também, e não bastasse isso, sete porcos morreram numa única noite.

O sofrimento da família se expandiu para o povo e tornou-se o sofrimento do mundo. Olhando as atrocidades dos japoneses piorarem cada vez mais, e ao mesmo tempo a miséria do nosso povo aumentar, meu conflito também crescia. As pessoas, por não terem o que comer, cozinhavam até mato e cascas de árvores para se alimentarem. A guerra no mundo inteiro não tinha fim. Nessa época, um dia li uma notícia no jornal de que um estudante de ginásio da minha idade havia se suicidado. “Por que aquele menino morreu? Sendo tão jovem, o que aconteceu

para ele se sentir tão sofrido?” Meu coração desmoronou como se aquela tristeza fosse minha. Então deixei o jornal aberto e comecei a chorar desesperadamente, soluçando por três dias e três noites. Eu não podia controlar as lágrimas que caíam sem parar.

Eu não podia entender o porquê de tais coisas estranhas acontecerem uma após a outra no mundo. Por que estão acontecendo coisas tão tristes com boas pessoas? Depois que vi aqueles ossos na mudança de túmulo do meu bisavô e as coisas inexplicáveis que aconteceram na minha casa, passei a questionar sobre a vida e a morte e me dedicar mais à religião. Entretanto, somente ouvir os sermões da igreja não era suficiente para responder as minhas perguntas sobre a vida e a morte. Como o meu coração se angustiava muito com isso, naturalmente me dedicava intensamente à oração.

“Quem sou eu? De onde vim? Qual o propósito da vida? O que acontece depois da morte? Será que realmente existe o mundo do espírito? Deus realmente existe? Deus é mesmo Todo-Poderoso? Se Ele é Onipotente, então por que Ele está quieto assistindo passivamente a essa tristeza do mundo? Se Deus criou este mundo, o sofrimento dos homens também foi criado por Ele? Quando vai acabar a miséria do nosso povo, que perdeu a nação para os japoneses? Que significado há no sofrimento, que a nossa gente está passando? Por que os seres humanos odeiam uns aos outros, lutam e fazem guerra?” Todas essas e outras sérias questões fundamentais enchiam o meu coração. Como não havia ninguém que respondesse essas

questões, não tinha alternativa senão orar. Durante a oração, contava para Deus todas as dúvidas que me afligiam. Então o sofrimento e a tristeza desapareciam e meu coração ficava em paz. Minhas orações eram cada vez mais longas, e aumentavam as noites sem dormir, orando. Assim, um dia tive uma preciosa experiência, na qual Deus respondeu as minhas orações. Aquele dia é a lembrança mais preciosa da minha vida, um dia que nem posso sonhar em esquecer.

Tinha 16 anos¹, era véspera de Páscoa. Subi a montanha Myodu e tinha passado a noite inteira conversando com Deus e chorando. Eu o questionei por que Ele tinha criado um mundo cheio de tristeza e desespero. “Deus Todo-Poderoso, por que deixa esse mundo em tanta dor? O que devo fazer por essa nação tão miserável?”, perguntava repetidamente, com os olhos cheios de lágrimas. Passei a noite inteira acordado em oração, e no alvorecer de Páscoa, Jesus apareceu para mim. Jesus apareceu de repente, como uma rajada de vento e me disse: “Deus está muito triste por causa da humanidade sofrida. Então receba na Terra a missão especial da obra do Céu”.

Naquele dia, vi nitidamente o triste rosto de Jesus e claramente ouvi sua voz. No momento da aparição de Jesus, meu corpo começou a tremer como álamo. Naquela hora, parecia que ia morrer, dominado pelo medo e ao mesmo tempo por uma explosiva euforia. Jesus me explicou claramente o que eu devia fazer daí para a frente. Era uma grandiosa mensagem de

1. 16 anos contados à maneira coreana, que corresponde a 15 anos na idade ocidental, ou seja, esses acontecimentos são de 1935.

que, para alegrar Deus, era preciso salvar a humanidade sofrida. “Não posso. Como posso fazer isso? Por que está me dando uma tarefa tão grande como essa?” Realmente estava muito receoso. Queria fugir de qualquer jeito e chorava sem parar, segurando as barras das vestes de Jesus.

Não Importa a Dor no Coração, Ame Completamente



Eu fiquei extremamente confuso. Não sabia o que fazer com esse grande segredo. Não podia contar para os meus pais, mas também não podia deixá-lo trancado no fundo do meu coração, e estava angustiado. A única coisa clara era o fato de que eu havia recebido do Céu uma missão especial. Era uma responsabilidade tão imensa e importante para assumir sozinho, que me senti inseguro e temi não ser capaz de cumpri-la. Para acalmar meu coração confuso, me dediquei ainda mais à oração, mas foi em vão. Por mais que tentasse, era impossível esquecer por um segundo a lembrança do momento em que me encontrei com Jesus. Incapaz de controlar as lágrimas que meu coração derramava, expressei esse receio no poema:

Coroa de Glória

*Quando duvido das pessoas, sinto dor.
Quando as julgo, é insuportável.
Quando odeio as pessoas, na minha existência não encontro valor.*

*Mas se acredito, sou enganado.
Mesmo quando amo, sou traído.
Esta noite, sofrendo e aflito
com as mãos na cabeça: estou equivocado?*

*Sim, estou equivocado.
Ainda que sejamos enganados, continua acreditando.
Quando formos traídos, devemos perdoar.
Ama completamente, até aqueles que te odeiam.*

*Limpa tuas lágrimas e aceita sorrindo
Aqueles que não conhecem nada além de enganos
E esses que traem sem se lamentar.*

*Oh, Senhor, a dor de amar.
Veja meu sofrimento!
Meu peito fervente cobre com sua mão!
Com tal agonia bate meu coração.*

*Quando amei, porém, aqueles que me traíram,
Consegui a vitória.
Se fizeres o mesmo,
Dar-te-ei a “Coroa de Glória”.*

Depois desse encontro com Jesus, minha vida mudou completamente. Como o rosto triste de Jesus ficou gravado no fundo do meu peito, não podia ter qualquer outro pensamento ou outro coração. A partir daquele dia, fui atado às palavras de Deus. Às vezes, eu ficava tão sofrido que até perdia o fôlego por causa da infinita escuridão que me envolvia, e outras vezes meu coração se enchia de tanta alegria que era como se olhasse diretamente o sol nascer. Com os dias assim se alternando, eu entrava cada vez mais profundamente no mundo da oração. Abraçando em meu coração a nova verdade que Jesus me explicara pessoalmente, me prendendo completamente a Deus, comecei a viver uma vida totalmente diferente daquela que levava até então. Tinha tantas coisas para pensar, que me transformava cada vez mais em um menino calado.

Aquele que percorre o caminho de Deus sempre deve mirar o destino final, com toda sua devoção e alma. Tal caminho exige muita persistência. Como eu nasci com tanta teimosia, sou uma pessoa totalmente persistente por natureza. Com esse tipo de índole, persistindo e superando todas as adversidades, segui a direção que me foi dada. Cada vez que meu coração queria vacilar, o que me segurou fortemente foi o fato de ter “recebido a mensagem diretamente de Deus”. Entretanto, não foi fácil escolher essa trilha, dedicando a minha juventude, uma época que só passa uma vez na vida. Às vezes, tinha vontade de me desviar desse caminho.

Enquanto uma pessoa sábia, mesmo que encontre muitas dificuldades, trilha em silêncio segurando-se à esperança no fu-

turo, o tolo abandona o futuro atendo-se à felicidade momentânea. Embora até tivesse pensamentos tolos quando jovem, optei pelo caminho dos sábios. Para realizar a Vontade de Deus, ofertei, de todo meu coração, a minha vida insubstituível. Mesmo que quisesse fugir, eu não tinha outra opção. Havia um único caminho a escolher.

Então, por que Deus me chamou? Com a aproximação dos meus 90 anos, todos os dias ainda penso sobre o motivo de Deus ter me chamado. Entre tantas pessoas no mundo, por que Ele escolheu justo a mim? Com certeza não foi porque era bonito, ou só porque tinha um bom caráter, ou simplesmente pela minha determinação. Eu era muito teimoso, um menino insensato. Mas o que podia ser destacado de bom em mim, era a busca sincera do meu coração e meu amor sincero por Deus. Em qualquer hora e lugar, a coisa mais importante é o amor. Deus estava procurando alguém que vivesse com um coração de muito amor e que, apesar de qualquer sofrimento, pudesse romper essa dor com a espada do amor, e então me chamou. Eu era um menino caipira, que não tinha nada para exhibir, e ainda hoje sou considerado um insensato, que tolamente entregou sua vida ao amor de Deus.

Como sozinho não podia entender nada, perguntava todas as coisas para Deus: “Deus, o senhor realmente existe?”, e perguntando assim percebi que Ele realmente existia. “Deus, o senhor também tem desejos?”, com essa pergunta eu compreendi que Ele também tinha desejos. “Deus, o senhor precisa mesmo de mim?” e foi perguntando assim que compreendi que Ele re-

almente precisava de mim.

No dia em que a minha oração e devoção chegavam até o Céu, Jesus sempre aparecia e transmitia uma mensagem especial. Quando eu realmente desejava saber, Jesus sempre dava a resposta da verdade com um semblante suave. Suas palavras penetraram no fundo do meu coração como uma flecha afiada no alvo. Aquela não era uma simples palavra, mas uma revelação que abria um novo horizonte, uma palavra que me ensinou a verdade sobre a criação do universo. Mesmo que Jesus falasse como o sopro do vento, segurava aquela palavra no meu coração, com uma sincera oração e um ardente coração que parecia arrancar as raízes das árvores. Pouco a pouco percebia a origem do universo e o princípio do mundo.

Durante as férias de verão daquele ano, parti pela nação pelo caminho dos peregrinos, sem nenhum centavo, pedindo até comida e, caso tivesse sorte, pegando carona com os caminhoneiros que passavam. Assim, consegui rodar por todas as terras da Coreia. Todo lugar da minha pátria estava cheio de lágrimas. Os suspiros do povo faminto eram intermináveis e a sua terrível angústia transformou-se em lágrimas e correu como um rio.

“Preciso acabar o mais rápido possível com essa história de miséria. Não posso mais deixar meu povo ficar nessa tristeza e nesse desespero. Tenho que ir ao Japão e até aos EUA de qualquer jeito, para encontrar uma maneira de mostrar ao mundo a grandeza do povo coreano.”

Foi através da peregrinação pelo país, que descobri que tinha mais essa tarefa para realizar, e me determinei firmemente a

cumpri-la no futuro.

“Com certeza vou salvar o meu povo e vou construir a paz de Deus nesta Terra.” Assim, apertando o coração com as duas mãos até ele ficar mais forte, consegui enxergar claramente o caminho que deveria seguir na minha vida.

Se a Espada Não for Afiada, Ela Fica Cega



Depois de terminar a escola pública, me mudei para Seul e me matriculei na escola técnica Gyong Sóng. Passei a morar no bairro Huk Sók Tong, vivendo por conta própria. O inverno de Seul era muito rigoroso, era comum a temperatura cair para 20 graus negativos. Então geralmente o rio Han congelava. A casa que aluguei ficava no caminho do monte. Havia um poço muito fundo, tanto que a corda para amarrar o balde precisava 10 *bal*². Com frequência a corda se rompia, então eu remendava com arame de ferro. Quando tirava a água do poço, a mão grudava na corda por causa do frio e bafejava nas mãos para aquecê-las, para então, poder tirar a água.

Com a queda de temperatura, utilizei muito a minha habilidade manual de fazer tricô. Tricotava suéteres, meias grossas, gorros e até luvas, tudo com as minhas próprias mãos. Fiz um gorro tão bonitinho que quando saí na rua com ele, as pessoas até me confundiram com uma mulher.

Mesmo no auge do inverno, nunca aqueci meu quarto. Além de não ter condições financeiras para aquecê-lo, achava que estava numa situação muito boa comparada a dos sem-teto que

2. Medida coreana.

não tinham onde dormir. Um dia, como passava muito frio, usei a lâmpada como aquecedor segurando-a debaixo do cobertor. Dormi e me queimei com o seu calor a ponto de arrancar a minha pele. Ainda hoje, se alguém diz “Seul”, a primeira coisa que vem à minha cabeça é aquele frio.

Nas refeições, nunca comia mais de um acompanhamento. Sempre ficava satisfeito com apenas uma guarnição em cada refeição. Como estava acostumado a me virar bem sozinho, não precisava de muita variedade. Por causa desse hábito adquirido quando vivia por conta própria, posso comer uma tigela de arroz somente com um acompanhamento bem salgado, sem a necessidade de outros. Ainda agora, não me sinto bem quando vejo na mesa pratos demais. No tempo que frequentava a escola em Seul, também não almoçava. Por causa do meu costume da infância, quando passava muito tempo nas montanhas, podia viver bem somente com duas refeições por dia, sem sentir fome. Mantive esse estilo de vida até os meus 30 anos de idade. Assim, viver em Seul me fez sentir na pele as dificuldades de sobrevivência.

No ano de 1980, visitei o bairro Huk Sók Tong e fiquei surpreso em ver que aquela pensão ainda existia do mesmo jeito. Aquele quartinho onde eu ficava e o quintal da casa, com as roupas penduradas no varal, continuavam os mesmos há tantas décadas. Só desapareceu o poço de onde tirava água fria, soprando as minhas mãos, e senti muitas saudades.

Naquele tempo, meu lema de vida era “antes de querer dominar o universo, aperfeiçoe a si mesmo”. Somente discipli-

nando o meu corpo, teria força para salvar a nação e o mundo. Além de controlar meu apetite, nenhuma sensação ou desejo me abalavam, de forma que eu podia controlar meu corpo e meu coração de acordo com a minha vontade. Eu me disciplinei com muita oração, meditação e exercício físico. Sendo assim, mesmo fazendo apenas uma refeição, comia dizendo: “Oi comida, por favor, seja como um adubo para o meu trabalho”. E com esse mesmo coração eu praticava boxe, jogava futebol e praticava artes marciais para autodefesa. Graças àquela época, ainda tenho muita flexibilidade, apesar de o meu corpo estar bem mais gordo que na minha juventude.

Quando frequentava a escola Gyong Sóng, assumia sozinho toda a limpeza da minha sala de aula. Não era como um castigo, mas sim como voluntário. Queria amar a escola mais que qualquer outra pessoa. Esforçava-me para terminar sozinho e não ficava contente quando alguém queria me ajudar. Às vezes, quando outros tinham limpado, fazia de novo com as minhas próprias mãos. Então os meus amigos me deixavam assumir sozinho a limpeza da escola: “Faz sozinho então”.

Eu era um aluno sempre calado. Não ficava batendo papo como os meus amigos, e as vezes, passava o dia inteiro sem dizer uma palavra. Embora não batesse em ninguém, meus colegas me temiam e me respeitavam. Se chegasse quando eles estavam na fila para usar o banheiro, eles me colocavam na frente, e quando eles tinham algum conflito, primeiro me procuravam para pedir conselhos. Esse tipo de coisa era frequente.

Alguns dos professores tinham deixado a escola porque não

podiam responder às minhas perguntas. Quando aprendia uma fórmula nova na aula de matemática ou de física, perguntava insistentemente: “Quem criou essa fórmula? Por favor, explique claramente desde o início para que possa entender melhor”. Assim, levantava as questões e perguntava insistindo tanto, que os professores erguiam os braços e as pernas e se rendiam. Não podia aceitar qualquer teoria no mundo sem checar detalhadamente e provar. “Aquela fórmula maravilhosa! Por que não pensei nela primeiro?”, pensava assim e ficava chateado. Aquela teimosia de chorar a noite inteira na infância se revelou também nos estudos. Até a hora de estudar era para mim como orar, me dedicava completamente, com total concentração.

Todas as coisas exigem *jóng sóng*³, não apenas por alguns dias, mas continuamente, investindo sempre com muita dedicação. A espada que foi usada uma vez, se não for afiada, certamente ficará cega. *Jóng sóng* é a mesma coisa, há que praticar constantemente, com um coração de todo dia amolar uma espada bem afiada. Se você investe sua dedicação em qualquer coisa, sem perceber você entrará em um novo estágio misterioso. Se você colocar *jóng sóng* quando segurar um pincel, e se concentrar: “Nessa minha mão um famoso pintor chegou e está me ajudando”. Então nascerá uma pintura maravilhosa que surpreenderá o mundo.

Dediquei-me inteiramente à técnica de poder falar mais rápido e claro que os outros. Fechado num quatinho, treinei-me para falar rápido, em voz alta, “ka-kya-kó-kyó-kal-nal-dal...”

3. Sincera devoção.

(alfabeto coreano). E como uma rajada de vento, treinei para colocar num segundo todas as palavras que queria dizer. Desse jeito consegui falar tão rápido que, enquanto os outros diziam uma palavra, conseguia dizer dez. Por isso, embora tenha uma idade bem avançada, ainda falo rápido. Alguns diziam que por eu falar rápido demais eles tinham dificuldade em entender, mas simplesmente não consigo falar devagar porque tenho muita pressa. Com um coração cheio de coisas para dizer, como posso falar devagar?

Nesse aspecto, puxei completamente ao meu avô, que gostava de contar histórias. Meu avô, diante de um punhado de pessoas na sala de estar, contava histórias durante horas e horas, sem ver o tempo passar. Eu também sou assim. Se fico com pessoas com quem tenho um diálogo de coração, não percebo a noite correr, a madrugada chegar, não vejo o tempo passar. Não conseguia parar porque as palavras guardadas no meu coração fluíam naturalmente. Nem tinha vontade de comer e adorava falar. As pessoas que ouviam as minhas palavras várias vezes, sentiam tanta dificuldade que suas testas até suavam. Contudo, como continuava falando, chegando a pingar de suor, elas não tinham coragem de se despedir, e passavam a noite inteira acordadas comigo.

A Chave que Abre a Porta para um Grande Segredo



Do mesmo jeito que eu subia todas as montanhas da minha terra natal, em Seul também não havia lugar onde não tivesse ido. Naquela época, o bonde elétrico passava pelo centro da capital. Custava somente 5 *jón*⁴, mas para não gastar caminhava até o centro. Nos dias calorentos do verão, andava pingando de suor. Nos dias frios do inverno, andava rápido, quase correndo e enfrentando o vento cortante. Meus passos eram tão rápidos que, de Huk Sók Tong passando pelo rio Han até o shopping Hwa Shin na rua Jong Lo, levava 45 minutos. Uma pessoa normal levaria uma hora e meia. Percorria a mesma distância na metade do tempo. Então imagine o quão rápido eu andava. O dinheiro que economizava com a passagem de bonde distribuía para as pessoas que precisavam mais do que eu. Era tão pouco que até sentia vergonha de mostrar, mas no meu coração a minha vontade era de doar milhões e dava, desejando que aquela pouca quantia de dinheiro se transformasse em uma pequena semente de fortuna para eles.

Em abril, sem falta, minha família mandava as mensalidades da escola. Mas como não conseguia ignorar as pessoas ao

4. Moeda coreana da época.

meu redor que passavam por dificuldades, todo aquele dinheiro acabava antes de maio começar. Uma vez, no caminho para a escola, encontrei uma pessoa doente que parecia à beira da morte. Senti tanta pena dela que não consegui seguir em frente. Então a coloquei nas costas e a levei até o hospital, que ficava a dois quilômetros de distância. Naquele momento, carregava o dinheiro para pagar a mensalidade da escola. Então tirei tudo o que tinha no bolso e paguei as despesas do hospital. Não sobrou nem um tostão. Como não podia pagar a mensalidade e a escola me cobrava sem parar, meus amigos juntaram o dinheiro e me deram. Em toda a minha vida, nunca esqueci aqueles amigos.

Dar ou receber a ajuda de alguém, também é uma coincidência planejada por Deus. Naquele tempo não podia entender bem, mas quando olho para trás: “Ah, foi por isso que Deus me mandou àquele lugar”, percebo. De repente aparecia alguém pedindo a minha ajuda e procurava servir de todo o meu coração, pensando: “Deus mandou essa pessoa para que eu possa ajudá-la”. Quando Deus manda ajudar com dez, você não pode ajudar somente com cinco. Se Deus manda dar dez, o que é certo, você pode dar até cem. Quando você ajuda alguém, tem que dar tudo, sem sobrar nada.

Chegando a Seul, experimentei pela primeira vez o *baram tók*, o bolinho de vento. A cor e a forma eram tão lindas que coloquei na boca, falando: “Oh, como pode haver um bolinho tão lindo!” Mas dentro dele só tinha vento. Então percebi: “Ah, Seul é igual a esse bolinho de vento”. Entendi porque surgiu a

expressão: *Seul kac chen ih*⁵. Seul parece um mundo de ricos com moradores importantes, mas na realidade, lá há muitas pessoas pobres. Debaixo da ponte do rio Han havia muitos mendigos. Visitava seus barracos sob a ponte, ajudava a cortar seus cabelos e dividia meu coração com eles. As pessoas carentes têm muitas lágrimas, carregam muita angústia dentro do seu coração. Por isso, mesmo que só dissesse uma palavrinha de conforto, eles começavam a chorar em voz alta. Com suas mãos tão sujas, que se esfregadas, delas saíria uma crosta branca, eles me davam a comida que tinham ganhado. E naquele momento, sem sentir nojo daquela comida, comia com eles alegremente.

Em Seul, eu também ia à igreja com todo o fervor. Principalmente na Igreja Presbiteriana Myung Soo De, que ficava em Huk Sók Tong, e na Igreja Só Bing Go, que ficava na outra margem do rio Han. No inverno frio, quando atravessava o rio para chegar a Só Bing Go, dava para ouvir o barulho do gelo rachando, “pom, di di di”. Servia a igreja como professor da escola dominical. Minhas aulas eram tão interessantes que todas as crianças adoravam. Agora que estou ficando velho, perdi a habilidade de contar piadas, mas naquela época contava piadas muito bem. Por isso as crianças se aproximavam de mim e gostavam muito de me ouvir. Quando eu chorava, as crianças gritavam em prantos, e quando eu ria “rá, rá, rá”, as crianças também riam, “rá, rá, rá” e sempre me seguiam. Era muito popular entre elas.

Atrás de Myung Soo De, havia uma montanha chamada Dal

5. Pessoa espertinha de Seul.

Ma. Sempre subia essa montanha e orava a noite inteira nas rochas. Independente do frio ou do calor, me dedicava à oração todos os dias sem falta. Quando começava a orar, derramava tantas lágrimas que o nariz escorria e até soluçava. Por horas a fio e com muita dedicação, orava a respeito da Palavra que tinha recebido de Deus. A Palavra é um código que para ser decifrado exige mais dedicação durante a oração. Na verdade, agora pensando naquele tempo, Deus já havia me concedido amavelmente a chave que podia abrir a porta do Seu segredo. Porém, minhas orações não eram suficientes, e por isso ainda não podia abrir aquela porta. Nesse estado, mesmo que comesse, não distinguia o que estava comendo, e mesmo que fechasse os olhos à noite, não conseguia dormir.

Meus colegas de pensão não sabiam que subia nas montanhas para orar a noite inteira, mas mesmo assim eles sentiam algo diferente em mim, que não havia nas outras pessoas, e por isso tomavam cuidado ao lidar comigo. Mas no dia a dia, contava piadas e me aproximava deles, vivendo em harmonia. Conseguia abrir meu coração para qualquer pessoa. Quando aparecia uma avó, me tornava amigo dela, e quando aparecia uma criança, brincava com ela. Se você trata todas as pessoas com um coração de amor, tudo fica mais fácil.

A dona da pensão onde morava em Huk Sók Tong chamava-se Sra. Ki Wan Lee. Mantive uma amizade com ela por 50 anos, até sua morte, com mais de 80 anos de idade. Ela estava sempre ocupada tomando conta da pensão, mas mesmo assim me tratava com todo o carinho. Ela dizia que se sentia bem me

servindo, por isso procurava me dar mais acompanhamentos nas refeições. Não sei porque ela me tratou tão bem, apesar de eu ser tão calado e não ser tão interessante. Até quando estive preso em So De Moon, ela cuidou de mim, levando coisas para mim na prisão. Ainda agora, quando penso na senhora Ki Wan Lee, meu coração se aquece.

Perto da pensão morava a Sra. Song, que tinha uma pequena mercearia. Ela também era uma das minhas benfeitoras. Ela sempre dizia que quando alguém sai da sua terra natal geralmente passa fome. Então, ela me dava o que sobrava na mercearia. Mesmo que a situação dela mal desse para sobreviver com as vendas, ela sempre cuidava de mim com muito carinho.

Houve um episódio quando eu participava do culto dominical da praia do rio Han. Era a hora do almoço e cada um foi almoçar com sua turma. Como não almoçava, costumava sentar um pouco distante, em cima de um monte de pedras na praia, para não me sentir deslocado. Naquele momento, a Sra. Song me trouxe dois pedaços de pão e dois picolés. No total, o valor seria só quatro *jon*. Mesmo assim, nunca poderei esquecer aquele coração.

Nunca esqueço um favor que recebi de alguém, mesmo que seja pequeno. Por isso, com essa minha idade de 90 anos, ainda me lembro de tudo, quando, o que, quem e como alguém fez algo para mim. Nunca esqueço aquelas pessoas que, com todo o coração, me fizeram um grande favor. Se você recebeu um favor, com certeza tem que retribuir com muito mais. Ainda que você não encontre seu benfeitor pessoalmente, a coisa mais im-

portante é o seu coração se lembrar dele. Por isso, mesmo que nunca mais encontremos aquela pessoa, precisamos viver com um sincero coração de retribuir nossa gratidão para os outros.

Uma Bola de Fogo Ardente



Terminando a escola Gyong Sóng em 1941, fui ao Japão estudar. Fui com o pensamento de que precisava entender bem o Japão. Durante a viagem de trem para Pusan, derramei muitas lágrimas, cobrindo o rosto com o casaco. Meu rosto inchou todo com as lágrimas incontroláveis e meu nariz escorrendo. Sentia-me tão miserável de deixar meu país órfão sob a colonização. Depois de tanto pranto, quando olhei pela janela, havia muito mais choro que o meu. Vi com os olhos bem abertos lágrimas caírem das montanhas e das árvores, de toda a criação. E prometi àquela terra em prantos: “Pátria minha, me espere sem choro. Voltarei abraçando a sua libertação, pode ter certeza”.

Às duas horas da manhã, em primeiro de abril, tomei o navio partindo do porto de Pusan. Mesmo que o vento da noite estivesse forte, não saí do convés e passei a noite inteira acordado, olhando Pusan sumir das minhas vistas. Chegando a Tóquio, entrei no curso de Engenharia da Escola Politécnica da Universidade Waseda. Acreditava que sem conhecer a ciência moderna, não se poderia estabelecer uma teologia inovadora, por isso escolhi o curso de Eletrônica.

O mundo invisível da matemática está muito ligado à religião. Quem quiser realizar grandes obras precisa ter habilidade

com os números. Deve ser por causa da minha cabeça grande que eu entendia muito bem os cálculos. Enquanto os outros achavam muito difícil, eu adorava a Matemática. Minha cabeça era tão grande que ficava difícil achar o tamanho certo de boné, e tive que ir pessoalmente à fabrica encomendar duas vezes. Talvez fosse graças a isso que, se me focasse em alguma coisa, aquilo que uma pessoa normal levaria 10 anos, eu conseguia fazer em menos de três.

Assim como na Coreia, durante meus estudos no Japão, despejava várias perguntas em sequência. Se começasse a perguntar, continuava até o rosto dos professores ficar vermelho. Quando perguntei: “O que o senhor acha disso?”, houve um professor que nem me olhou e até me ignorou. Mas quando eu fico em dúvida, não posso deixar de solucionar até chegar à raiz. Não era para colocar o professor contra a parede, mas achava que, se quisesse estudar, teria que me aprofundar.

Na escrivania da pensão, sempre estavam abertas as Bíblias em inglês, japonês e coreano. Li a Bíblia repetidamente nas três línguas. Cada vez que lia, sublinhava e fazia tantas anotações que as Bíblias ficaram pretas de tanta tinta.

Assim que entrei na faculdade, participei da recepção aos calouros do grupo de estudantes coreanos. Mostrando um ardente patriotismo, cantei com muita força as canções da minha terra. Apesar da presença da polícia japonesa, cantei corajosamente. Naquele ano, um aluno chamado Dók Moon Óm, estudante de Engenharia Civil, se apaixonou por aquelas canções e se tornou meu amigo para a vida inteira.

Em Tóquio havia uma organização clandestina formada por estudantes que apoiavam o movimento da independência. Isso já era de se esperar, tendo em vista que a pátria estava gemendo sob a ocupação japonesa. Quanto pior a guerra De-Dong-A⁶, maior também era a tirania dos japoneses. Enquanto o governo japonês arrastava inocentes estudantes coreanos para o campo de batalha em nome de Hak Do Byong⁷, o movimento clandestino da independência também se fortalecia. Chegamos até a discutir a questão de o que fazer com o imperador japonês Hirohito. Na organização, eu ocupava a posição de *do-gam*, uma função secreta de ajudar o governo temporário do mestre Kim Gu, que se encontrava no exílio. Nesse cargo, tive que arriscar minha vida, mas não tinha medo de morrer para estabelecer a justiça.

À direita da Universidade Waseda ficava a delegacia. A polícia japonesa, percebendo a minha atividade, passou a me vigiar a todo vapor. Durante as férias, quando chegou a hora de partir para minha terra natal, a polícia já sabia, e mandou oficiais à paisana para me vigiar no porto e na estação de trem. Frequentemente a polícia japonesa me pegava, me torturava e me punha na prisão. Mesmo recebendo severa tortura, não dava a informação que eles queriam, pelo contrário, ficava mais persistente. Às vezes até enfrentava os policiais que me seguiam, brigando com as estacas que pegava na beira da ponte Yosukawa. Naquela época, eu era uma bola de fogo ardente.

6. A grande guerra da Ásia Leste.

7. Soldado estudantil.

O Mestre do Sofrimento que se Tornou Amigo dos Trabalhadores



Tal qual em Seul, em Tóquio andei a pé por todo canto. Não há nenhum lugar que não tenha ido. Mesmo quando meus amigos iam a turismo para um lugar bonito como Nikko, percorria todo o centro de Tóquio a pé, sozinho. Embora pareça bom, o centro de Tóquio estava cheio de miseráveis. Eu distribuía todo o dinheiro que a minha família mandava para as pessoas carentes.

Naquele tempo, todos os estrangeiros coreanos passavam fome, tendo que se virar sozinhos sem receber ajuda da família. Quando recebia o vale refeição para um mês, levava tudo e distribuía para esses estudantes: “Comam à vontade”, e gastava tudo. Não me preocupei em ganhar dinheiro. Não importava o lugar onde trabalhasse, pelo menos eu podia ganhar para comer. Tinha prazer em ganhar dinheiro e ajudar a pagar a mensalidade de estudantes pobres. Depois de ajudar os outros e alimentá-los, uma forte energia emanava por todo o meu corpo.

Depois que distribuí todo o dinheiro que ganhei, trabalhei como entregador com uma carroça. Andava pelos 27 bairros de Tóquio com a carroça. Até que um dia, estava levando um poste de energia e, no cruzamento Kin Ja, um bairro muito rico

e bem iluminado, o poste virou e as pessoas saíram correndo amedrontadas. Mas por causa desse trabalho, ainda me lembro de todos os lugares de Tóquio como a palma da minha mão.

Eu era o operário dos operários e era amigo de todos eles. Ia ao local onde eles trabalhavam cobertos de suor e com mau cheiro. Eles eram meus irmãos, por isso eu não sentia nojo daquele terrível cheiro deles e nos cobríamos com o cobertor imundo em que andavam filas de piolhos pretos. Não hesitava em apertar suas mãos cobertas daquela crosta de sujeira, porque por trás do suor escorrendo e de tanta imundície, havia uma forte afeição. Sentia-me bem e apreciava muito esse carinho que tinha um gosto especial.

Trabalhava duro na serralheria Kawasaki e no estaleiro. No estaleiro havia um navio cargueiro chamado Paji, que transportava carvão. Nós éramos um grupo de três pessoas, trabalhando até a uma hora da manhã para colocar 120 toneladas de carvão nele. Enquanto os japoneses costumavam levar três dias nesse trabalho, nós coreanos, conseguíamos fazê-lo numa noite. Nós trabalhávamos incondicionalmente para mostrar o caráter do povo coreano.

No lugar onde trabalhávamos arduamente, havia parasitas sugando o suor e o sangue dos operários, e estes geralmente eram os chamados *Jô jang*, responsáveis diretos pelos trabalhadores. Eles enchiam seus bolsos tirando 30% do dinheiro que os trabalhadores ganhavam com muito sofrimento. Mesmo assim, os operários não tinham nenhuma força para enfrentá-los. Este *Jô jang* era um tipo de pessoa que perseguia os fracos e bajulava os

fortes. Eu já estava tão enfurecido que não podia mais aguentar, então convoquei meus três amigos. Nós fomos encontrá-lo e o enfrentamos: “Se você deu o serviço, então pague conforme o acordo”, o pus contra a parede. Não conseguimos no primeiro, nem no segundo, nem no terceiro dia, mas até conseguirmos, o pressionamos insistentemente. Mesmo assim, como ele não aceitava, o chutei com o pé deste meu grande corpo fazendo-o voar e cair longe. Eu normalmente era quieto e amável, mas se ficasse bravo, aquele temperamento de teimosia da minha infância reaparecia, e eu era bom de briga.

Na serralheria Kawasaki havia um tanque com produto ácido. O cheiro do produto era tão forte que, quando os trabalhadores entravam no tanque para limpá-lo, não podiam ficar lá por mais de quinze minutos. Apesar das condições de trabalho serem tão insalubres, os operários tinham que trabalhar arriscando suas vidas para comprar comida. Para eles a comida era tão importante, para ser trocada por suas vidas.

Eu costumava passar fome, mas ainda que estivesse morrendo de fome, não comia só por mim, porque sempre acreditei que é preciso uma clara razão para se alimentar. Por isso, me perguntava em cada refeição a razão de estar com fome: “Realmente trabalhei derramando suor e sangue? Trabalhei para mim ou para o público?” Assim, me questionava. De maneira que toda a vez que ficava à frente da tigelinha de arroz, dizia: “Eu vou te comer e vou me esforçar mais no trabalho público com mais brilho que ontem”. Então o arroz se contentava e me olhava com um sorriso. Naquele momento, a hora de comer se

tornava uma hora muito alegre e mística. Se não fosse assim, mesmo que sentisse muita fome não comia. Por isso muitos dias não fazia nem duas refeições completas.

Não é porque comia pouco que fazia duas refeições por dia. Se começasse a comer à vontade, não parava. Comia até onze tigelas de sopa de macarrão e conseguia comer sete pratos de frango com ovos fritos de uma vez. Eu tinha esse apetite enorme, mas ainda assim me forcei a criar o hábito de fazer apenas duas refeições por dia, sem almoçar, até depois dos meus 30 anos.

Sentir fome é sentir saudade. Entendia bem o que era sentir falta da comida, mas pensava que tinha que sacrificar no mínimo uma refeição pelo mundo. Eu nunca comprava roupas novas. Apesar do intenso frio, não aquecia o quarto. Quando sentia muito frio, uma folha de jornal me esquentava como um cobertor de seda. Foi assim que aprendi a dar valor a uma simples folha de jornal.

Às vezes, em vez de voltar para casa, já ficava nos barracos dos mendigos em Sinagawa. Dormia me cobrindo com trapos velhos e nos dias de sol, caçando piolhos, comia junto com os mendigos a comida que eles ganhavam. Na rua de Sinagawa, havia muitas mulheres vagando. Quando ouvia a história de cada uma, mesmo sem tomar nem um gole de bebida já me tornava o melhor amigo delas. Por isso, é uma desculpa dizer que somente depois de ingerir álcool a pessoa consegue soltar o que guarda no seu interior. Sem depender da força da bebida, elas reconheciam a compaixão sincera do meu coração. Então

elas abriam todo o seu coração e falavam abertamente sobre suas vidas.

Enquanto estudei no Japão, literalmente experimentei todo tipo de profissão. Trabalhei como *office-boy* de um prédio e também escrevi cartas para outros para ganhar alguns trocados. Fui operário, mestre-de-obras e até vidente. Quando a situação apertava de verdade, escrevia algumas coisas e vendia. Apesar de tudo isso, nunca negligenciei os estudos. Considerava tudo isso um processo para me disciplinar. Trabalhei em todas as ocupações, e também encontrei todo tipo de pessoas, e por meio de todo esse processo, consegui entender mais sobre o ser humano. Devido a isso, quando olho alguém pela primeira vez posso perceber na hora: “Ah, essa pessoa tem tal profissão.” “Ah, essa é uma pessoa muito boa”. Antes que eu possa analisar se é desse ou daquele jeito, meu corpo já presente.

Ainda acho que, se uma pessoa quer ser alguém, antes dos 30 anos ela tem que passar pela experiência de superar dificuldades. Nessa idade, pelo menos uma vez é preciso ter se sentido no fim do desespero da vida. Porque no fundo do poço, poderá achar algo novo e exclamar: “Oh! Sem esse desespero de hoje, não teria tal determinação”. É pensando assim que se fortalece mais o espírito. Somente saindo do desespero com o grito da descoberta, a pessoa pode renascer como alguém que vai escrever uma nova história.

O ser humano não pode olhar somente para uma direção. Ele deve saber olhar para cima, para baixo, para o leste, oeste, norte e sul. Tem que saber olhar para todos os lados. As pessoas

de 70 ou 80 anos não têm vidas iguais. Todo mundo só tem uma vida. Então, durante essa vida a questão de ter sucesso ou não depende de como você vê a vida. Se você quer ter uma boa visão sobre sua história, tem que ter muitas experiências de vida. Mesmo que se encontre em uma situação muito difícil, sempre é preciso ter tolerância e flexibilidade.

Um homem de caráter deve se acostumar até a uma vida de altos e baixos. Normalmente as pessoas quando estão no auge têm medo de cair, então fazem qualquer coisa para manter suas posições, mas a água quando parada apodrece. A pessoa deve entender que, mesmo que tenha conseguido chegar ao topo, precisa saber descer e esperar o tempo certo para alcançar um ponto mais alto que antes. Então se tornará uma grande figura, um grande líder admirado por multidões. Antes de chegar aos 30 anos, é necessário ter todas essas experiências na juventude.

Por isso, ainda hoje aconselho os jovens a experimentar toda espécie de trabalho que há no mundo. É como fazer uma leitura completa de uma enciclopédia, da primeira à última página. Quando você experimenta todas as coisas do mundo direta ou indiretamente, você terá sua própria filosofia de vida. A maneira de pensar é exatamente o caráter claro do próprio sujeito. “Mesmo que procure em todo o lugar, não há ninguém que me derrube e me vença.” Depois de adquirir tal autoconfiança, você tem que se concentrar em uma coisa na qual você realmente seja o melhor. Então você segue em frente com aquilo. Se você levar sua vida inteira dessa forma, certamente terá sucesso.

Não há outra opção senão o sucesso. Foi durante a minha vida como mendigo em Tóquio, que cheguei a essa conclusão.

Em Tóquio, cheguei a comer e dormir ao lado de operários e também compartilhei com os mendigos a dor da fome, tornando-me assim, mestre em sofrimento e doutor da filosofia da dor. Entendi bem a vontade de Deus para salvar toda a humanidade. Nesse sentido, tornar-se o mestre do sofrimento, o doutor da filosofia da dor, é um caminho no qual só você pode receber toda a glória do Céu.

Um Coração Calmo como o Mar



A guerra De-Dong-A estava cada vez mais próxima do fim. Como estava na reta final, para completar o número de soldados que faltavam, o Japão formou antecipadamente os estudantes a fim de mandá-los à guerra. Em meio a isso, também me formei seis meses antes do previsto. Informado da data de formatura no dia 30 de setembro de 1943, mandei um telegrama para minha casa: “Voltarei no navio Gonlon Maru”. Entretanto, no dia que ia tomar o navio para voltar à minha terra natal, um fato estranho aconteceu. Meu pé ficou grudado na terra e eu não conseguia levantá-lo. Estava chegando a hora do navio partir, mas não conseguia mexer o meu pé de jeito nenhum. Então acabei perdendo o Gonlon Maru.

Pensando: “Talvez seja a vontade de Deus que eu não tome esse navio”, decidi ficar mais algum tempo no Japão e subi o Monte Fuji com meus amigos. Quando voltei a Tóquio depois de alguns dias, o mundo estava de pernas para o ar. O navio Gonlon Maru, que iria tomar, tinha sido atingido. Todos os mais de 500 estudantes universitários que estavam voltando para a Coreia morreram. O Gonlon Maru era um navio enorme, do qual o governo japonês se orgulhava, mas tinha sido afundado atingido por torpedos atirados pelos americanos.

Ao receber a notícia de que o navio que seu filho tinha toma-

do havia sido afundado, minha mãe, sem sequer calçar os sapatos, imediatamente saiu correndo e, atravessando uma distância de oito quilômetros para tomar o trem, chegou em Pusan. Na Delegacia Marinha de Pusan, ela não achou o nome do filho na lista de embarque, mas como já tinha recebido a notícia que ele tinha partido de malas prontas da pensão em Tóquio, ela entrou em pânico. Sem perceber que um grande espinho tinha fincado no seu pé, ela chamou o meu nome até quase enlouquecer.

Posso imaginar, como se estivesse lá, a angústia no seu coração só de pensar que talvez alguma coisa ruim tivesse acontecido a seu filho. Entendia bem aquele coração da minha mãe, mas a partir do dia em que decidi trilhar o caminho de Deus, para minha mãe me tornei um filho mau e sem coração. Como não podia me prender a um sentimento particular, embora soubesse o quanto o coração da minha mãe estava angustiado, não podia me preocupar com isso.

Com o fim dos meus estudos no Japão, voltei para minha pátria, mas nada tinha mudado. A tirania dos japoneses piorava a cada dia, e minha terra estava encharcada de lágrimas de sangue. Arrumei de novo um lugar em Huk Sók Tong e continuei indo à igreja de Myung Soo De e à Igreja de Jesus. A cada dia descrevia detalhadamente no diário tudo o que percebia da nova verdade. Certo dia, tinha percebido tantas novidades que gastei um diário inteiro para escrevê-las. Como uma resposta aos anos e anos de orações em busca da verdade, conseguia as respostas que até então não tinha. E aconteceu instantaneamente, como se uma bola de fogo ardesse no meu interior.

No momento em que compreendi que “a relação entre Deus e nós é a de Pai e filhos e que por isso Deus fica tão triste ao ver o sofrimento da humanidade”, todo o segredo do universo se revelou para mim. A humanidade seguindo o caminho da Queda, desobediente ao mandamento de Deus, e todas as coisas que aconteceram passaram na minha frente como a projeção de um filme. Quentes e incontroláveis lágrimas caíam dos meus olhos. Prostrado, não conseguia levantar. Como nos dias da minha infância em que voltava para casa carregado nas costas do meu pai, derramava lágrimas prostrado aos joelhos de Deus. Passados nove anos do meu encontro com Jesus, finalmente meus olhos se abriram para o verdadeiro amor do Pai.

Depois de criar Adão e Eva, Deus os mandou para viver neste mundo, crescer, multiplicar e construir o mundo de paz. Mas Adão e Eva, sem esperar o momento certo e divino, cometeram o adultério e geraram dois filhos, Caim e Abel. Aqueles filhos concebidos pela Queda desconfiaram um do outro e um irmão assassinou o outro, então a paz do mundo se quebrou e o pecado cobriu a face da Terra e toda a tristeza de Deus começou. O ser humano foi além e de novo cometeu um grande pecado ao matar Jesus, o Messias. Assim, o sofrimento que o ser humano atualmente experimenta é o curso inevitável de pagar pelos seus pecados, e a tristeza de Deus perdura até agora.

A razão de Deus ter aparecido para mim quando tinha 16 anos foi para revelar o que foi o pecado original cometido pelo ser humano e para que eu construísse o mundo de paz, onde não existe mais o pecado nem a Queda. A ordem que recebi

de Deus foi limpar os pecados cometidos pelo ser humano e construir o mundo de paz planejado por Ele no início da criação. O mundo de paz que Deus deseja não é um Reino depois da morte. Deus espera que esse mundo onde vivemos agora se torne um mundo repleto de paz e felicidade, como aquele lugar no tempo da Criação. Deus nunca mandou Adão e Eva a essa Terra para sofrer. Eram essas surpreendentes palavras que tinha que anunciar para o mundo.

No momento em que descobri o segredo da criação do universo, meu coração ficou calmo como o mar. Andei cabisbaixo, vestido em trapos. Meu coração parecia explodir, cheio da Palavra de Deus, e no meu rosto a profunda alegria nunca mais desapareceu.

“Por Favor, Mantenha-se Vivo”



Dedicando-me continuamente à oração, percebi que havia chegado a hora de me casar. No momento em que decidi trilhar o caminho de Deus, todo o curso da minha vida passou a pertencer a Deus. Compreendendo isso através da oração, tive que obedecer. Então procurei minha tia materna, uma boa mediadora de casamentos, e me encontrei com a senhorita Són Guil Choi, que vinha de uma famosa família cristã de Jong Ju.

A senhorita com quem me encontrei era uma mulher bem parcimoniosa, nascida em uma família muito correta. Mesmo que só tivesse completado a escola primária, sua natureza não aceitava se submeter aos outros e por isso ela foi presa aos 16 anos por ter rejeitado o *shinsa chambe*⁸. Podia-se ver que era uma moça com caráter forte e profundamente religiosa. Eu era o seu 24° pretendente, então perceba o quão exigente ela era. Entretanto, quando voltei a Seul, esqueci completamente que tinha tido um encontro.

Na verdade, meu plano era ir para a China ou para a Rússia, em uma cidade chamada de Hailar, na fronteira entre a Mongólia e a China, depois de terminar meus estudos no Japão. Tinha

8. Adoração para ídolos japoneses.

essa ideia de que, vivendo mais ou menos três anos empregado na filial da companhia da Manchúria em Na Dong Hyun, iria aprender russo, chinês e mongol. Assim como tinha procurado uma escola que ensinava japonês para vencer o Japão, para me preparar melhor para o futuro próximo, tinha decidido aprender várias línguas em um lugar que fosse fronteira entre três nações. Mas naquele tempo, a situação não foi favorável. Senti que não deveria ir para lá, pedi demissão da companhia onde trabalhava e, passando pela Manchúria, voltei à minha terra natal.

Aquela tia que foi mediadora da proposta de casamento ficou muito brava comigo, porque a senhorita que encontrei disse que, se não fosse comigo, não iria se casar com mais ninguém. Ela me informou disso e me levou direto para a casa da moça.

Expliquei claramente a ela como viveria dali para frente. “Mesmo que nós nos casemos agora, você deve se determinar a viver sozinha pelo menos por sete anos.”

“Por que tem que ser assim?”

“Porque eu tenho uma coisa mais importante para fazer do que a vida de casado. Na verdade, para mim o casamento também é para cumprir a providência de Deus. Nosso casamento deve ir além da família, temos que estender nosso amor para o povo e toda a humanidade. Mesmo que essa seja a minha vontade, você realmente gostaria de se casar comigo?”

Então ela respondeu bem determinada: “Não tem problema. Depois de encontrar você, vi em sonho flores desabrocharem bem abertas, por isso tenho certeza que você é o cônjuge que

Deus me deu. Portanto, posso superar qualquer dificuldade”. Mesmo assim, estava preocupado e várias vezes quis me assegurar da decisão dela. Toda vez ela respondia: “Se puder me casar com você, faço qualquer coisa. Então fique sossegado”, ela falava para me tranquilizar.

Porém, meu futuro sogro morreu de repente, uma semana antes do casamento. A data da cerimônia foi adiada, e nos casamos no dia 4 de maio de 1944. O oficiante do nosso casamento foi o pastor Ho Bin Lee, da Igreja de Jesus. O pastor, depois da independência, saiu da Coreia do Norte para o Sul e era o fundador da Faculdade Ecumênica de Teologia de Jung Ang. A nossa vida de casal começou em Huk Sók Tong, onde vivia por conta própria no meu tempo de estudante. Cuidei da minha esposa e a amei sinceramente, como dizia a dona da pensão, “Oh!! Você gosta tanto de sua esposa, cuida dela como se estivesse carregando um ovo!”

Naquele tempo, estava trabalhando na filial de Gyong Sóng da empresa de construção civil Kashima Gumi em Yong San, e ao mesmo tempo trabalhava para a igreja. Mas no mês de abril daquele ano, a polícia japonesa invadiu meu lar nupcial de surpresa. “Você conhece fulano que estudava no curso de Economia da Universidade Waseda?”, sem esperar resposta, eles me levaram para a delegacia da província Gyong Gi. Foi porque um amigo que tinha sido preso como comunista deixou meu nome escapar.

Assim que fui levado à delegacia, a primeira coisa que fizeram foi me torturar.

“Você também é comunista, não é? Na época que estudou no Japão, você estava trabalhando com ele, não é? Não adianta negar, se perguntarmos no departamento de polícia do Japão, tudo será revelado. Então, para não morrer em vão como um cachorro, confesse e dê os nomes de todos os comunistas”.

Eles insistiram para que revelasse todos os nomes com quem eu havia trabalhado no Japão, e apanhei tanto que chegaram até a quebrar as quatro pernas da escrivaninha em mim. Mesmo assim, não revelei nada até o fim.

Então, a polícia japonesa entrou na minha casa em Huk Sók Tong e vasculhou tudo e conseguiu achar meu diário. Passando folha por folha das minhas anotações, procuraram o nome dos meus amigos. Eu insistia em negar todos, pondo minha vida em risco. Os policiais japoneses, sem dó, esmagavam meu corpo com a sola de ferro dos coturnos dos soldados. E depois, quando desmaiaava como morto, eles me penduravam no teto e balançavam meu corpo. Meu corpo foi balançado para lá e para cá, como uma peça de carne no açougue, conforme eles empurravam uma estaca de madeira. Minha boca jorrava sangue, que molhava de vermelho o chão de cimento.

Desmaiei várias vezes e, quando isso acontecia, eles despejavam uma bacia de água fria em cima de mim e logo que acordava a tortura recomeçava. Tampando meu nariz, eles colocavam o bico de uma chaleira de alumínio na minha boca e jogavam água direto na minha garganta. Depois deitavam meu corpo no chão e pisoteavam com o sapato de soldado a minha barriga, cheia d’água como a de um sapo. Vomitando toda a água pelo

esôfago, minhas vistas escureciam totalmente, e não conseguia ver nada. Em tais dias, a queimação no esôfago doía tanto, que não conseguia engolir nem um gole de caldo e caía no chão sem forças, incapaz de me mexer.

Na reta final da guerra, a tortura da desesperada polícia japonesa era tão terrível que não pode ser descrita. Mesmo assim, permaneci até o fim sem revelar o nome dos meus amigos. Mesmo que meu espírito ficasse cambaleante, pelo menos isso mantive como uma questão de vida e morte. Cansados de me torturar, os policiais japoneses chamaram minha mãe, que estava na minha terra natal. Sem condições de ficar em pé devido a um machucado na perna, fui andando segurado pelos policiais até a sala de visitas. Mesmo antes de me encontrar, minha mãe já estava com os olhos inchados.

“Aguente um pouco mais, a mamãe vai arrumar um advogado de qualquer jeito, até lá pelo menos se mantenha vivo, por favor.”

Minha mãe, que tinha vindo para me visitar, vendo o rosto de seu filho todo ensanguentado, sinceramente me implorou: “Mesmo que você prefira realizar a Vontade, primeiro tem que cuidar da sua vida. Por favor, não morra de jeito nenhum”, ela disse. Olhando minha mãe em prantos, meu coração realmente ficou em pedaços. A minha vontade era chorar em voz alta abraçando e chamando “Mãe!”, mas como eu sabia qual era a intenção da polícia japonesa por trás desse nosso encontro, não podia fazê-lo. A única coisa que podia fazer era piscar meus olhos cortados e inchados diante das palavras da minha mãe:

“Por favor, mantenha-se vivo”.

Durante os quatro meses que fiquei detido na polícia japonesa da província Gyong ki, os irmãos da senhora Ki Wan Lee, da pensão, se revezaram para cuidar de mim. Toda vez que ela me visitava na prisão, ela chorava. Então a consolava, dizendo: “Se a senhora aguentar um pouco, esse tempo logo passará. Não chore, por favor, porque logo o Japão será derrubado”. Essas palavras não eram em vão, mas vinham da fé que Deus me deu.

No ano seguinte, em fevereiro, logo depois que fui solto da delegacia, peguei todos os meus diários guardados na pensão e fui para a praia do rio Han. Para não dar complicações para os meus amigos no futuro, queimei todos aqueles diários. Se os mantivesse, toda vez que fosse preso, poderia causar problemas. Meu corpo torturado não conseguia se recuperar facilmente, e por muito tempo defequei sangue. Foi muito difícil reerguer minha saúde e os irmãos da dona da pensão cuidaram de mim com muito carinho.

Finalmente, em 15 de agosto de 1945 chegou o dia da libertação que tanto esperávamos. Um dia de muita festa, que cobriu a península coreana com a onda de bandeiras coreanas e de gritos de *mansey*⁹. Entretanto, como percebi que um grande desastre se aproximava da península, fiquei muito sério. Por isso, nem pude gritar *mansey* com alegria e me dediquei completamente à oração, ficando sempre sozinho. Seguindo esse mau presenti-

9. Grito que significa dez mil anos de glória e foi o lema das manifestações coreanas pela independência.

mento, apesar de a pátria estar livre da opressão da colonização japonesa, logo a nação foi repartida em duas pela linha divisória do paralelo 38. E o governo do Partido Comunista, que negava a existência de Deus, penetrou nas terras do norte.

Um Comando Impossível de Desobedecer



Depois da independência, nossa nação ficou muito turbulenta. Mesmo tendo dinheiro, era difícil comprar arroz. Um dia acabou o arroz em casa, então fui buscar o arroz que já tinha encomendado na cidade de Bek Chón, na província Hwang He. No caminho, porém, recebi uma revelação: “Atravesse a linha do paralelo 38 e procure as pessoas de Deus que estão na Coreia do Norte”.

Atravessei imediatamente a linha do paralelo 38 e fui para Pyongyang. Naquele tempo, tinha se passado apenas um mês desde o nascimento do meu primeiro filho. Embora estivesse preocupado com a minha esposa, que me esperava ansiosamente, não tinha condições de passar em casa. A palavra de Deus é tão séria que precisa ser obedecida imediatamente. Atravessei o paralelo 38 somente com aquela velha Bíblia que li e sublinhei dezenas de vezes, já preta das minhas minúsculas anotações desde o Gênesis até o Apocalipse.

Naquela época, já havia uma fila de refugiados que passavam do norte para o sul fugindo do Partido Comunista. Especialmente por causa da oposição do Partido à religião, muitos cristãos desciam em direção ao sul em busca de liberdade religiosa. O Partido Comunista condenava a religião como ópio e não permitia que ninguém praticasse sua fé. Fui àquele lugar rece-

bendo o chamado de Deus. No mundo dos comunistas, onde os pastores eram odiados, entrei por vontade própria.

Como aumentavam os refugiados, a vigilância da Coreia do Norte tinha ficado mais rigorosa, e até atravessar o paralelo 38 era difícil. Mesmo assim, nos 48 quilômetros para cruzar o paralelo 38 até chegar a Pyongyang, não duvidei sequer uma vez do porquê eu devia passar por tão difícil curso.

No dia 6 de junho cheguei em Pyongyang. A cidade fora conhecida como a Jerusalém do Oriente, o lugar onde o Cristianismo estava profundamente enraizado. Foi aquele mesmo lugar que enfrentou todo tipo de perseguição no tempo da ocupação japonesa, como *shinsa tchambe*¹⁰, o *Donbang yobe*¹¹ etc. Fiquei na casa do senhor Choi Sob Na, no bairro Gyong Chang, perto do portão oeste de Pyongyang e comecei a testemunhar. Ele era meu conhecido desde a Coreia do Sul e ocupava a função de diácono da igreja.

Comecei o trabalho cuidando das crianças da vila. Quando as crianças chegavam, eu contava histórias de faz-de-conta misturadas com a palavra da Bíblia e brincava com elas. Mesmo que fossem pequenas, eu usava uma linguagem de respeito e me dedicava para cuidar bem delas. Enquanto fazia isso, esperava que alguém chegasse para ouvir as Boas Novas. Às vezes, ansiava por alguém olhando para fora o dia inteiro e sentia falta das pessoas. Esperando com todo o coração, as pessoas de muita fé começaram a me visitar.

10. Adoração para ídolos japoneses.

11. Venerar olhando em direção ao leste, onde estava o imperador japonês.

Ensinava as Novas Palavras acordado a noite inteira. Venerava e servia com o coração aqueles que me visitavam como se fossem Deus, independentemente se fosse uma criança de três anos ou um velho cego e corcunda. Mesmo que aqueles idosos que me visitavam fossem avós e avôs, ficava sem dormir conversando com eles a noite inteira.

“Oh! Não gosto de velhos”, nunca pensei assim. Todo ser humano é muito precioso. Para algo tão precioso não pode existir discriminação de ser homem, mulher, velho ou jovem.

Muitas pessoas preparadas começaram a vir, procurando um jovem de somente 26 anos de idade que explicava sobre Romanos e Apocalipse com um conteúdo de ensino nunca visto antes. Entre eles havia um jovem chamado Won Pil Kim, o meu primeiro discípulo, que diariamente vinha sem falar nada, apenas ouvia com uma postura correta e sem uma palavra. Formado no magistério da escola Pyongyang, ele era professor. Nós dois, nos revezando para pegar água para cozinhar o arroz, compartilhamos o coração de mestre e discípulo.

Quando começava a ensinar a Bíblia, enquanto os membros da igreja não se levantassem para outros compromissos, eu não parava. De tanta emoção, gotas de suor corriam como água pelo meu corpo inteiro. Quando saía para torcer a roupa sem os outros perceberem, a água jorrava. Não acontecia somente no verão, mas também no meio do frio inverno. Assim ensinava, com todo amor.

Quando ofertávamos culto, todos vestiam roupas brancas limpas, cantando os cânticos dezenas de vezes em sequência, e

assim realizávamos o culto com todo o fervor. Envolvidos em tanta emoção a ponto de chorar, as pessoas chamavam a nossa igreja de “igreja que chora”. Quando o culto terminava, cada um testemunhava as graças recebidas, e durante os testemunhos todos eram envolvidos por tanta graça, que sentíamos que nossos corpos estavam sendo elevados ao Céu.

Na nossa igreja muitas pessoas entravam em transe, profetizando, falando em línguas e traduzindo essas línguas. Assim, muitos experimentavam uma conexão com o mundo espiritual. Às vezes, quando uma pessoa aparecia e não era adequada para a nossa igreja, um espiritualista ia de olhos fechados e batia nos ombros dela. Então a pessoa que apanhava nos ombros começava a orar em arrependimento, com tantas lágrimas que até escorriam pelo nariz. Naquele momento, o sopro ardente do Espírito Santo passava. Pelas obras do Espírito Santo, até doenças crônicas foram completamente curadas. Especialmente quando se espalhou a história de uma pessoa que comeu o arroz que sobrou no meu prato e se curou de gastrite, criou-se um rumor de que “o arroz da igreja é como um remédio milagroso” e muitas pessoas passaram a esperar pelo arroz que sobrava do meu prato.

Conforme essas experiências com o Espírito Santo se espalharam, o número de membros aumentou e a igreja ficava tão cheia que as portas mal fechavam. Duas avós chamadas Ji Seung Do e Ok Se Hyun entraram na igreja depois de receberem em sonho a mensagem: “Um jovem mestre chegou da Coreia do Sul e está do outro lado de Man Su De, então vá e o encontre”.

Elas não tinham recebido testemunho de alguém que lhes tinha mostrado o caminho, mas elas andaram pelas ruas com o endereço que o Céu lhes tinha ensinado, e me encontraram com muita alegria dizendo: “O senhor é exatamente o mestre que vi em sonho”. Até pastores formados em Teologia me procuravam e eu sabia exatamente o que eles estavam buscando só de olhar em seus rostos. Dava a resposta antes de perguntarem. Então eles ficavam muito contentes e muito surpresos.

Como ensinava as palavras de Deus através das minhas próprias experiências, muitas pessoas gostavam e afirmavam que encontravam solução para problemas que até então elas não entendiam. Até os membros das igrejas grandes, depois de ouvirem meu sermão, deixavam de frequentar suas congregações e iam somente à nossa igreja. Quando quinze dos principais membros da igreja Jang De Je, a mais famosa da cidade, deixaram a congregação de uma vez, os ministros daquela igreja vieram reclamar comigo.

O sogro da senhora In Ju Kim era um ministro de uma famosa igreja de Pyongyang. A casa dela ficava ao lado da igreja de seu sogro, mas em vez de ir lá, escondida da família do marido, ela subia nos barris de conservas para pular os muros e vinha à nossa igreja. Essa senhora estava grávida de uma menina, mas mesmo assim ela não tinha medo de pular o muro da altura de dois homens adultos. Por causa disso, ela recebia severa perseguição do sogro, que era ministro da igreja.

Eu já sabia disso. Então, quando meu coração doía muito, mandava um membro para a casa dela. Sem falta, naqueles dias

a senhora estava apanhando do sogro. Ele batia com tanta força que ela derramava lágrimas de sangue, mas quando via os membros do lado de fora do seu portão, ela não sentia nenhuma dor, e dizia: “Mestre, como o senhor sabia que estava apanhando? Quando o nosso irmão apareceu, não sentia mais dor, mas enquanto não sentia nada, meu sogro sentia muita dificuldade e não sabia o que fazer. Por que foi assim?”, ela me perguntava.

Como sua nora continuava frequentando nossa igreja apesar de a surrarem e a amarrarem na coluna da casa, a família dela chegava à igreja e me batia sem mais nem menos. Rasgavam as minhas roupas e meu rosto ficava inchado pelas pancadas, mas mesmo assim nunca revidei, porque sabia que se o fizesse, a situação dela ficaria ainda mais complicada.

Muitos membros das grandes igrejas estavam deixando de frequentá-las. Então os pastores das igrejas convencionais, invejosos de mim, me denunciaram à delegacia. Como o governo comunista tinha a intenção de eliminar a religião como um cisco nos seus olhos, aproveitou a oportunidade e me prendeu. No dia 22 de fevereiro de 1947, condenado como espião da Coreia do Sul, fui levado à delegacia de Pyongyang. Eles me condenaram como espião enviado pelo presidente sul-coreano Seung Man Lee, com a intenção de dominar a Coreia do Norte. Três dias após me levarem algemado, cortaram meu cabelo e me colocaram em uma cela na prisão. Ainda me lembro da figura que cortava o meu cabelo, que tinham crescido enquanto eu cuidava da igreja, e dos fios caindo no chão.

Na prisão, me espancavam insistindo que confessasse meus

crimes. Entretanto, mesmo que vomitasse sangue e caísse quase morto, naquele momento me concentrava segurando a minha consciência por um fio. A dor era tanta a ponto de dobrar minha cintura, e tinha vontade de orar: “Pai, por favor, me salve”. Mas acordava de novo e insistia: “Pai, não se preocupe comigo. Sun Myung Moon ainda não morreu. Ele não morre assim tão fácil”. Não, ainda não tinha chegado a minha hora. Na minha frente ainda havia uma montanha de coisas que devia cumprir e tinha a missão de assumir todas essas responsabilidades. Eu não era o tipo de pessoa fraca, pedindo piedade diante de uma simples tortura.

Ainda há no meu corpo várias cicatrizes marcadas naquele tempo. Apesar de ter recuperado a carne que foi arrancada e o sangue derramado, todo o terrível sofrimento daqueles dias ainda está gravado na cicatriz. Toda a vez que olho as cicatrizes causadas pelo sofrimento daquela época, reafirmo minha determinação:

“Você tem essa marca, então tem que ser vencedor”.

Até o investigador da URSS veio para me julgar, mas o que ele poderia fazer se não cometi nenhum crime? Finalmente, depois de três meses fui libertado como inocente. Por causa da tortura, tinha perdido muito sangue, e cheguei a ter minha vida em risco, mas os membros da nossa igreja cuidaram de mim. Sem esperar nenhuma recompensa, eles me deram a vida.

Graças a eles, me reergui e recomecei o trabalho religioso. Em um ano, a igreja tinha crescido bastante. Diante disso, as igrejas convencionais não nos deixaram em paz. Nós crescía-

mos cada vez mais com a vinda de mais membros que frequentavam as igrejas convencionais, então aqueles que se opunham a mim de novo me denunciaram às autoridades. Em fevereiro de 1948, fui levado de novo aos comunistas.

Logo que me prenderam, as terríveis torturas recomeçaram. Cada vez que eu caía pela tortura, eu persistia pensando: “Eu estou apanhando pelo meu povo, as lágrimas que eu derramo são para me colocar no lugar do meu povo e sentir a sua dor.” Quando eu estava a ponto de perder a consciência por tanto sofrimento, eu sempre ouvia a voz de Deus. Deus sempre aparece no momento em que estamos para dar nosso último suspiro.

No dia 7 de abril, quarenta dias completos desde meu encarceramento, houve uma audiência pública. Na audiência apareceram famosos e destacados pastores da Coreia do Norte, que me insultaram com vários xingamentos. Até os comunistas gozavam de mim alegando que a religião era ópio. Mas no canto da audiência, nossos membros estavam em prantos. Eles choraram tão tristes, como se seu filho ou seu marido tivesse morrido. Apesar de estar nessa situação, eu não derramei uma lágrima. Trilhando o caminho de Deus, não me sentia nem um pouco só, porque tinha membros que choravam se debatendo por minha causa. Não me considerava uma pessoa infeliz, então não podia chorar. Depois de receber a condenação, saindo da audiência pública, acenei para os membros com as minhas mãos algemadas. O tilintar das algemas parecia o soar de um sino. Naquele dia mesmo fiquei detido na prisão de Pyongyang.

Não temia em nada a vida na prisão porque não era a pri-

meira ou a segunda vez que passava por essa situação. Já tinha o *know-how* de fazer amizade com o líder dos presos. Se trocas-se algumas palavras com qualquer líder de prisioneiros, eles se tornavam meus amigos. Tinha essa capacidade de fazer amizade com todos. Se tiver um coração de amor, todo mundo se abre para você.

Passados alguns dias, esse líder me pôs no melhor lugar dentro da cela. Queria ficar no canto ao lado do vaso sanitário, mas ele insistia que eu ficasse no melhor lugar. Ainda que recusasse, não tinha jeito.

Depois que fiz amizade com o líder da cela, meu próximo passo foi observar um por um todos os que dividiam a cela comigo. O rosto de uma pessoa diz tudo sobre ela: “Ah, seu rosto é assim, então provavelmente você é isso; seu rosto é desse jeito, então certamente você é aquilo”, quando eu contava assim, todos ficavam surpresos. Mesmo que no fundo não gostassem de eu ter descoberto o que se passava dentro deles naquele primeiro encontro, eles eram obrigados a reconhecer.

Podia compartilhar um coração de amor com todo mundo, e mesmo dentro da prisão consegui fazer amizade até com assassinos. Mesmo que a vida na prisão fosse injustiçada, eu via significado nela como um período de disciplina. Não há neste mundo sofrimento sem significado.

Dentro da prisão, até piolhos e pulgas são amigos. O frio dentro da prisão era tão terrível, que quando eu catava os piolhos que andavam nas costuras das roupas dos prisioneiros, eles se seguravam uns aos outros e formavam uma bolinha. Empur-

rávamos essa bolinha como brincadeira, e eles se esforçavam para não se desgrudarem. A natureza do piolho é penetrar, então eles encostavam as cabeças uma na outra e ficavam com o traseiro para fora. Todos achavam muito interessante observar essa cena dos piolhos.

Na verdade, ninguém no mundo realmente gosta de piolhos e pulgas. Entretanto, quando se está na prisão, até os piolhos e as pulgas se tornam um precioso objeto de conversa. Enquanto eu observava os percevejos ou as pulgas, às vezes surgia uma inspiração. Isso não pode ser perdido. Ninguém sabe quando ou através de quem Deus manda sua mensagem. Nesse sentido, é preciso reconhecer que até os piolhos e os percevejos têm um precioso valor.

Um Grão de Arroz É Maior que o Planeta



Depois de um mês e meio preso em Pyongyang, no dia 20 de maio fui levado para a prisão de Heungnam. Se eu ficasse só, poderia até fugir, mas me algemaram a um assassino. Sentado olhando pela janela do camburão, na viagem de 17 horas de carro, senti uma tristeza arrebatadora. Por aquele caminho onde riachos corriam e vários vales de montanhas se seguiam um após o outro, tive que passar como criminoso. Pensando nisso, não podia acreditar que aquilo estava acontecendo comigo.

De fato, a prisão de Heungnam era um campo de concentração pertencente à fábrica de adubo à base de calcário. Lá fiz trabalhos forçados por 2 anos e 8 meses. O trabalho forçado tem origem na Rússia. Foi castigo inventado por causa da opinião pública internacional, que não aceitava matar de qualquer jeito a classe capitalista anticomunista. Aqueles que fossem levados para o trabalho forçado, tinham que trabalhar arduamente até a morte. Copiando esse sistema da Rússia, o Partido Comunista da Coreia do Norte mandou os prisioneiros fazerem tal tipo de trabalho por 3 anos. É fácil falar 3 anos, mas o trabalho era tão sofrido que eles morriam naturalmente muito antes, de exaustão.

Na prisão, o dia começa a partir das quatro e meia da manhã.

Os prisioneiros são acordados, enfileirados no pátio da frente e têm seus corpos revistados, para descobrirem se eles carregam algo ilegal. Como tínhamos que tirar toda a roupa e cada peça era inspecionada detalhadamente, a revista durava mais de 2 horas. Heungnam ficava na beira do mar, então no inverno o vento ardente batia no corpo nu e a dor era tanta, que parecia cortar nossas carnes. Depois da revista dos corpos, tomávamos um café muito pobre e andávamos por 4 quilômetros para chegar à fábrica de adubo. Os prisioneiros, sem erguer direito o rosto, faziam quatro filas juntos e andavam de mãos dadas enquanto os guardas, armados com revólveres e pistolas, davam voltas ao redor dos presos. Se vissem que a fila estava desalinhada e que as mãos não estavam dadas, eles consideravam como intenção de fuga, e batiam sem piedade.

Em Heungnam caía muita neve no inverno, até cobrir a altura de um homem adulto. Nos dias de inverno, quando a neve chegava a essa altura, caminhando na madrugada fria, a cabeça ficava rodando até ficar tonto. O caminho congelado era muito escorregadio e o frio queimava tanto que os cabelos arrepavam. Mesmo depois de tomar café, ainda sentíamos fraqueza, então normalmente andávamos cambaleando; mesmo assim, tínhamos que trabalhar com as pernas sem força. Naquele caminho, quase perdendo a consciência pela fraqueza, me lembrava todo o tempo do fato de que eu era uma pessoa de Deus.

Na fábrica de adubo havia uma grande quantia de amônia, do tamanho de uma montanha, que era a matéria-prima do adubo. Aquela amônia caía de um transportador. Na hora que acabava

de cair era tão quente, que até no meio do inverno saía fumaça, mas conforme o tempo passava, a amônia perdia o calor e endurecia como gelo. Nosso trabalho era pegar o produto e colocar num grande saco. Nós chamávamos aquele monte de amônia que ultrapassava a altura de vinte metros de “a montanha de adubo”. De 800 a 900 pessoas ficavam num grande campo ensacando a amônia, e esse cenário era como dividir uma grande montanha em duas partes.

Cada grupo era formado por 10 pessoas e o grupo tinha que estabelecer a meta de 1.400 sacos por dia, ou seja, a meta diária por pessoa eram 140 sacos. Se não conseguíssemos cumprir a meta, cortavam a quantidade de comida pela metade. Então todo mundo dava a vida no trabalho. Para facilitar carregar os sacos pelo menos um pouco, fazíamos agulhas de arame de ferro, que utilizávamos na hora de amarrá-los. Colocando um grosso arame de ferro nos trilhos por onde passava o caminhão carregador, o fio ficava bem fino e então o utilizávamos para costurar os sacos. Para furar os buracos no saco, quebrávamos a janela de vidro da fábrica. O capataz via os prisioneiros quebrando o vidro, mas não podia fazer nada porque sentia pena dos presos que estavam sofrendo pelo árduo trabalho. Uma vez eu quis cortar aquele grosso arame de ferro com os dentes e parti meu dente em dois. Ainda hoje, quando olho meus dentes da frente, eles estão trincados, essa é uma lembrança inesquecível ganhada na prisão de Heungnam.

O corpo de todo mundo estava afinando pela extrema fadiga do trabalho excessivo, mas conseguia manter o peso de setenta

quilos. Então, todos os outros prisioneiros ficavam admirados comigo. Mesmo conseguindo manter meu peso normalmente, uma única vez peguei malária e passei muito mal. Fiquei doente por quase um mês. Mesmo assim, se não trabalhasse, meus outros companheiros prisioneiros teriam que cumprir a minha cota, e pensando nisso, não podia parar sequer um dia. Vendo toda a minha força, eles me chamavam de “homem de ferro”. Podia aguentar qualquer trabalho duro. Nada era problema para mim, quer fosse na prisão, ou no trabalho forçado. Mesmo que recebesse terríveis chicotadas e a situação fosse horrível, se dentro do meu coração houvesse uma determinação sólida, nada me faria vacilar.

A amônia se chamava amoníaco. Quando trabalhei na serralaria Kawasaki, no Japão, vi várias pessoas morrerem durante a limpeza do tanque que continha amoníaco por causa do cheiro venenoso. Mas em Heungnam era muito pior, nem dá para comparar com aquilo. Quando derramavam ácido no corpo, todos os pelos caíam e era tão perigoso que a pele expelia pus. Então, se trabalhasse por seis meses na fábrica de amônia a maioria vomitava sangue e morria. Para proteger os dedos, colocávamos dedal e mesmo assim, quando amarrávamos os sacos e encostávamos no forte ácido, logo os dedais furavam. Dessa maneira, quando a roupa se derretia pela amônia, a carne se corroía e normalmente saía sangue até os ossos aparecerem. Daquele lugar onde a carne tinha sido cortada caía sangue e saía pus, mas mesmo assim o prisioneiro tinha que trabalhar sem parar nem um dia.

Não obstante, pelo trabalho ganhávamos menos de duas tigelas pequenas de arroz por dia. Não havia nenhum acompanhamento, somente água salgada com grossas folhas de nabo. Aquele caldo era tão salgado que até queimava a garganta, mas mesmo assim ninguém jogava nenhuma gota fora por não poder engolir somente aquele arroz duro como pedra. Quando recebíamos a comida, todo mundo colocava tudo na boca em um instante. Depois de comer toda a sua comida, olhavam com o pescoço erguido os outros que estavam comendo e às vezes, sem perceber, colocavam sua colher na tigela do outro, então as brigas estouravam. Um pastor que conheci em Ham Heung chegou a propor:

“Se você me der um grão de soja, depois que sair daqui te darei dois bois.”

Naquele tempo a fome era tão terrível que para comer tiravam até os grãos de arroz que estavam na boca dos moribundos.

Ninguém entenderá o sofrimento de passar fome sem experimentá-lo pessoalmente. Quando se passa fome, um grão de arroz passa a ter um valor incalculável. Ainda agora, quando penso em Heungnam, meu espírito se arrepia. Talvez não dê para acreditar que um grão de arroz podia estimular tanto assim os nervos, mas quando se passa fome, chegando até ao ponto de chorar de tanta falta da comida, dá mais saudade do que da própria mãe. Quando estamos de barriga cheia, o mundo parece tão grande, mas quando se tem fome, um grão de arroz é maior que o planeta. O valor de um grão de arroz passa a ser

assim tão grande.

Desde o primeiro dia em que entrei na prisão, separava metade da bolinha de arroz que recebia, dava para os meus companheiros e comia apenas metade. Depois de me disciplinar assim por três meses, comecei a comer uma bolinha de arroz inteira. Pensando que tinha comido o dobro das outras pessoas, foi mais fácil suportar a fome.

Para quem nunca experimentou, a vida no campo de concentração é tão miserável que não dá para imaginar. Em menos de um ano, metade dos prisioneiros morria, então todo dia tive que ver caixões saindo pelo portão traseiro da prisão. Só podia sair dali quando tivesse trabalhado até sair toda a gordura do corpo e morrer. Apesar de ser um governo terrivelmente impiedoso e frio, aquilo realmente passava dos limites humanos. Assim, aqueles sacos de amônia cheios das lágrimas de todos os prisioneiros eram enviados à Rússia pelos portos.

Com a Neve Caindo na Prisão de Heungnam



Na prisão, depois de comida, o que eu mais sentia falta era de linha e agulha. Mesmo que quisesse costurar as roupas desgastadas pela dureza do trabalho, por não conseguir linha e agulha, passado um longo tempo, minha aparência era a do mendigo dos mendigos. Queria costurar as roupas esburacadas, principalmente para me proteger pelo menos um pouco, do vento frio do inverno de Heungnam. Portanto, mesmo um pequeno pedaço de tecido caído na rua era extremamente precioso. Mesmo que aquele tecido estivesse sujo de estrume, todo mundo queria pegá-lo e surgia muita confusão. Às vezes conseguia achar um pedaço de tecido, mas não era fácil encontrar uma agulha. Mas certo dia, enquanto carregava um saco de amônia, por acaso consegui pegar uma. É provável que aquele saco tivesse vindo do interior e por acaso a trouxe. Dali para frente, me tornei o costureiro da prisão. De tão feliz que fiquei por ganhá-la, todo dia eu remendava as roupas dos prisioneiros.

O calor na fábrica de adubo era tanto que até no inverno pingávamos de suor, então imagine durante o verão. Apesar disso, não levantei minhas calças nem mostrei minhas canelas para os

outros sequer uma vez. Mesmo durante maio e junho, período de maior calor, sempre trabalhava com as barras das calças amarradas com um nó bem apertado. Enquanto os outros tiravam as calças e trabalhavam somente com roupas íntimas, eu estava sempre arrumado, de calças compridas. Após o trabalho na fábrica, todo o meu corpo ficava sujo de uma mistura de suor e adubo. Por isso, a maioria costumava tirar a roupa logo depois do fim do serviço e a limpava com a água suja que saía da fábrica, mas nunca mostrei o meu corpo para lavar. Em vez disso, guardava metade do copo de água que nos era distribuído e enquanto os outros dormiam, me levantava na madrugada e limpava meu corpo com a toalha embebida na água para orar, concentrando toda a energia da madrugada. Agia assim porque também considerava meu corpo muito precioso para expô-lo de qualquer jeito.

Cada cela da prisão era ocupada por 36 prisioneiros. Num cômodo tão apertado, o meu lugar era no canto, ao lado do vaso sanitário. Todo mundo fugia daquele lugar, pois no verão era úmido e transbordava, e no inverno o chão ficava congelado. Na verdade, o sanitário era uma pequena bacia de barro sem tampa, por isso é impossível descrever o fedor que exalava dele. Como os prisioneiros comiam um pequeno punhado de arroz com trigo mourisco e caldo salgado, a toda hora ficavam com diarreia.

“Ai, minha barriga!”, os prisioneiros corriam até o vaso sanitário apertando o abdome, abaixavam as calças e defecavam. Então eu, ao lado do vaso, normalmente ficava encharcado de

fezes. Mesmo que fosse meia-noite e todos estivessem dormindo, sempre tinha alguém com dor de barriga. Ao ouvir o grito das pessoas que eram pisoteadas no caminho, levantava-me rápido e ficava sentado no canto. Aquele apressado que corria para o vaso sanitário pisando nas pessoas, muitas vezes não conseguia segurar até abaixar as calças totalmente, e a diarreia saía. Imagine a força dos espirros presos até o último segundo e então expelidos. Quando dormia e não conseguia fugir dessa fatalidade, ficava inteiramente coberto de cocô. Ainda assim, mantive-me pensando todo o tempo que aquele canto onde sempre recebia as fezes dos outros era meu.

“Por que você sempre quer ficar justo ali?”, se outro prisioneiro me perguntasse assim, respondia: “Eu me sinto bem lá”.

Não era só da boca para fora. Realmente, ao me sentar naquele lugar, meu coração ficava mais confortável.

Não há nada de extraordinário na literatura ou na arte se o coração não estiver presente naquilo. Se isso acontece, qualquer coisa se torna literatura e arte. Naquela circunstância, quando ouvia aquele barulho, achava o som bonito, me alegrava e até podia considerar aquilo uma melodia. Portanto, dependendo da forma que a encarasse, aquela situação podia se tornar uma maravilhosa obra de arte.

O meu número de identificação era 596, por isso me chamavam de *o gu yuk*¹². Nas noites em que eu perdia o sono, murmurava para mim mesmo deitado olhando o teto: “o gu yuk, o gu yuk, o gu yuk”. Se você fala rápido, soa como o gul, o injustiça-

12. Pronúncia em coreano de 5-9-6.

do. Realmente, eu era um prisioneiro injustiçado.

Dentro do campo de concentração, os guardas vigiavam todos os movimentos e o Partido Comunista criou o *Dok Bo He*, uma espécie de autojulgamento. Diariamente, éramos obrigados a redigir uma impressão de gratidão, mas nunca escrevi sequer uma folha. “Agradeço o pai-general Kim Il Sung, que nos ama e todo dia nos dá arroz branco e sopa de carne para que possamos viver bem”. Tal tipo de impressão eu nunca poderia fazer. Mesmo que a morte chegasse à frente do meu nariz, nunca poderia oferecer uma carta de gratidão para os comunistas ateus. Em vez de escrever, trabalhei muito para sobreviver na prisão, muitas vezes mais do que os outros. A única maneira de continuar vivo sem escrever as cartas de gratidão era ser o melhor dos operários. Por causa disso, me tornei o prisioneiro modelo nº 1 e cheguei a receber um prêmio de um líder do Partido.

No período em que estive na prisão, minha mãe me visitou várias vezes. Não havia condução direta de Jong Ju até Heungnam, por isso ela descia até Seul para pegar o trem da linha Gyong Won e andar mais de vinte horas, um sofrimento que não dá para expressar. Para alimentar seu filho, que tinha sido preso com uma idade tão jovem, ela pedia para cada parente doar uma mão de arroz, preparava farinha e me trazia. Quando olhava o rosto do filho pela janela da sala de visitas, antes de qualquer coisa ela caía em prantos. Aquela senhora de um caráter tão forte, logo que encontrava seu filho na prisão engasgava a garganta e nem conseguia levantar seu rosto, somente

chorava sem parar. Provavelmente, minha aparência era muito miserável, e apesar da sua costumeira natureza bem dura, diante do sofrimento do filho, ela era simplesmente uma mãe frágil.

Minha mãe tinha trazido para mim a calça de seda que tinha usado no meu casamento. O uniforme da prisão que vestia já estava muito desgastado pela absorção de amônia, então minhas carnes estavam expostas, mas mesmo assim eu não vesti aquela calça de seda que ela tinha trazido e a dei para outro prisioneiro. A farinha de arroz preparada com dinheiro emprestado, eu dava e distribuía tudo para os outros comerem na frente dela. Quando a minha mãe me via dar para outras pessoas aquela comida e a roupa, feitas com toda a devoção de um coração materno que queria alimentar e vestir seu filho, ela chorava batendo no peito.

“Mãe, não sou um simples filho da família Moon, antes disso sou filho da Coreia. Antes de ser filho da Coreia sou filho do mundo, filho do Céu e da Terra. Apenas depois de amar tudo isso, poderei ouvir suas palavras e amá-la, sei que isso é o correto. Como não sou filho de qualquer um, então, por favor, a senhora tome a atitude correta que cabe à mãe de tal filho.”

Apesar de minha boca soltar palavras frias como flocos de neve, ao ver as lágrimas da minha mãe, meu peito doía tanto que parecia que ia rasgar. Tinha tanta saudade da minha mãe que muitas vezes eu acordava à noite e ficava sem dormir, mesmo assim, precisava conter meu coração para não enfraquecer. Para quem trabalha para fazer a Vontade de Deus, é mais importante se preocupar em cuidar de mais gente, vesti-los e alimentar

mais pessoas que passam fome, do que se apegar à relação particular de mãe e filho.

Mesmo dentro da prisão, gostava de conversar com as pessoas durante o intervalo. Por isso sempre tinha muita gente ao meu redor para me ouvir. Mesmo que a vida de prisioneiro me fizesse passar frio e fome, meu coração se aquecia de poder compartilhar profundamente com as pessoas. Desse relacionamento em Heungnam consegui doze companheiros que se tornaram membros, que queriam me acompanhar pelo resto da vida. Entre eles havia até um famoso pastor, ex-presidente da Associação Cristã da Coreia do Norte. Eles eram, sob o risco de perderem suas vidas, minha carne e meus ossos, pessoas mais íntimas que minha própria família. Por eles estarem lá, a minha estada na prisão não foi em vão. Todas as madrugadas, na hora da oração, citava o nome de cada um e fazia muitas condições de devoção. Quando eles enchiam a mão de farinha de arroz e escondiam dentro de suas calças para me darem, sempre pensava que precisava recompensá-los milhares de vezes.

As Portas da Prisão São Abertas pelos Soldados das Nações Unidas



Enquanto eu ainda estava na prisão de Heungnam, a Guerra Civil da Coreia começou. Três dias após a declaração de guerra, os soldados da Coreia do Sul deixaram sua capital e tinham sido encurralados no sul. Então dezesseis países-membros da ONU, liderados pelos EUA, interferiram na Guerra da Coreia. Através de Incheon, os soldados americanos ancoraram na Coreia do Sul e avançaram até Heungnam, que era o pólo da indústria norte-coreana.

Naturalmente, o campo de concentração de Heungnam era alvo dos soldados americanos. Quando o bombardeio começou, os capatazes fugiram para o abrigo antibombas, deixando os prisioneiros, cujas vidas pouco importavam. Então um dia vi Jesus passar por mim derramando lágrimas, senti algo e falei para todos: “Não fiquem mais de doze metros longe de mim”. Logo em seguida caiu uma bomba de uma tonelada, e todos aqueles prisioneiros que estavam num raio de doze metros ao meu redor salvaram suas vidas.

O bombardeio caía cada vez mais forte, então os capatazes começaram a executar os detentos. Eles chamavam os prisio-

neiros pelo número e mandavam levar comida para três dias e uma pá. Aqueles que eram convocados e imaginavam que iriam ser transferidos para outra prisão, nunca mais voltaram. Eles eram levados para o alto da montanha e ordenados a cavar suas próprias covas. Aqueles de pena mais pesada foram os primeiros a serem chamados. Então, calculei sem nenhum alarde, que o dia seguinte seria a minha vez.

Contudo, exatamente naquela noite as bombas começaram a cair na prisão de Heungnam como uma forte chuva de verão. No dia 13 de outubro de 1950, os soldados americanos chegaram a Heungnam, depois de entrarem na península coreana através da “Operação de Incheon” e atravessarem Pyongyang. Liderados pelo avião de guerra B-29, os soldados americanos executaram um ataque completo e bombardearam a noite inteira, até toda Heungnam se tornar um mar de fogo. Os altos muros da prisão foram derrubados em um instante, então todos os guardas ficaram amedrontados e fugiram. Por fim, os portões que nos cercavam em várias voltas foram abertos. Perto das duas da madrugada, eu e outros prisioneiros saímos tranquilamente da prisão.

Fora da prisão, onde tinha passado os últimos dois anos e oito meses, minha aparência era deplorável. Das roupas íntimas aos meus sapatos, nada ficou inteiro. Vestido nesses trapos, com a aparência do mendigo dos mendigos e junto daqueles que me seguiam desde a prisão, fui para Pyongyang, em vez de ir à minha terra natal. Todos eles me acompanharam, também deixando suas esposas e filhos. Mesmo que a figura da minha

mãe, chorando incontrolavelmente por mim em casa, não saísse dos meus olhos, primeiro tive que procurar pelos membros que ainda estavam em Pyongyang.

No caminho para Pyongyang, eu pude ver claramente que a Coreia do Norte já estava preparada para a guerra. As grandes cidades já eram ligadas por uma rodovia de mão única para ser utilizada como estrada militar em emergências, e em vários lugares tinham construído pontes reforçadas com cimento grosso para que os tanques de guerra de trinta toneladas não tivessem problemas para passar. O adubo que os prisioneiros de Heungnam carregaram com o risco de suas vidas havia sido trocado por velhas armas russas, que tinham sido colocadas no paralelo 38.

Assim que chegamos em Pyongyang, procurei cada um dos membros que estava comigo antes de ser preso. Não suportava ficar sem saber do paradeiro e da situação deles. Por causa da guerra, todos estavam esparramados, mas precisava arrumar uma maneira de procurá-los e uma saída para que eles pudessem viver. Como não sabia onde eles moravam, o único jeito era procurá-los por todos os cantos da cidade de Pyongyang.

Durante uma semana somente consegui achar três ou quatro pessoas. Eu os alimentei com um ensopado feito da farinha de arroz que economizei na prisão e um pouco de água. Mesmo que, enquanto andava de Heungnam até Pyongyang pudesse ter enchido minha barriga faminta com as duas batatas congeladas que tinha, não toquei nelas e guardei essa comida. Sentia-me satisfeito só de olhá-los comerem com tanto gosto.

Para procurar todos aqueles que tinha na lembrança, independentemente se eram velhos ou jovens, fiquei em Pyongyang por quarenta dias. Consegui achar a maioria deles, mas de alguns não consegui descobrir nada. Entretanto, até hoje eles não desapareceram do meu coração. Na noite do dia 2 de dezembro, comecei a caminhar em direção ao sul. Nossos membros, incluindo Won Pil Kim, seguiam o grupo de refugiados doze quilômetros à nossa frente.

Levei pelo caminho do refúgio até aquele membro que não conseguia andar direito, que me seguia desde a prisão de Heungnam. Ele saiu do campo de concentração antes de mim e, quando o visitei, toda sua família já tinha ido e ele, com as pernas quebradas, estava só na casa vazia. Eu o coloquei na bicicleta porque suas pernas estavam debilitadas. Como a estrada boa feita para a guerra estava ocupada pelos soldados norte-coreanos, andávamos em cima dos campos congelados de arroz e nos apressávamos pelo caminho do refúgio. Os soldados chineses se aproximavam por trás de nós e eu estava levando uma pessoa que não podia andar pelo difícil caminho dos campos de arroz. O sofrimento era inexprimível. A estrada era tão ruim para andar de bicicleta que o carregava metade nas costas e descia com a bicicleta vazia. Sob essas circunstâncias, várias vezes ele quis se suicidar para não ser um fardo para mim. Às vezes o consolava e às vezes o repreendia, e assim ficamos juntos até o fim.

Mesmo no caminho dos refugiados, era preciso comer. Nós entrávamos nas casas que tinham sido deixadas apressadamente

e procurávamos o barril de arroz, “barril de arroz!”. Tudo o que achávamos, fosse arroz, cevada ou batata, cozinhávamos e mal dava para matar a fome. O arroz descia bem, ainda que não tivéssemos tigelas ou talheres e por isso usávamos galhos no lugar do *chotkarak*¹³. Como diz o ditado popular “a fome é o melhor tempero”. Quando a fome chega ao ponto em que a barriga começa a roncar, tudo vira comestível. Até um punhadinho de cevada era tão gostoso que não invejávamos os banquetes dos reis. Sempre abaixava minha colher primeiro, embora ainda sentisse fome, para que os outros pudessem comer sem remorso, ainda que só mais uma colher.

Após andar bastante pelo caminho do refúgio, conseguimos chegar perto do rio Im Jin, mas, sem saber o motivo, meu coração sentia uma pressa de atravessar o mais rápido possível o rio. Tínhamos que passar de qualquer jeito o morro à nossa frente para que se abrisse o caminho para viver. Então, mandava Won Pil Kim andar impiedosamente. Ele era muito jovem e caía no sono enquanto caminhava, mesmo assim não o deixei parar. A noite inteira ele carregou a bicicleta por trinta e dois quilômetros, até chegarmos à beirada do rio Im Jin. Felizmente a água do rio estava congelada e conseguimos atravessá-lo logo atrás dos refugiados que tinham chegado primeiro. Às nossas costas, mais e mais refugiados chegavam sem parar. Entretanto, assim que nós atravessamos o rio, os soldados da ONU fecharam a passagem para que ninguém mais cruzasse o rio Im Jin. Se tivéssemos atrasado só um pouquinho certamente não consegui-

13. Talher oriental, o hashi japonês.

ríamos atravessar.

Depois de atravessar o rio, Won Pil Kim se virou para olhar o caminho pelo qual tinha passado e me perguntou com cautela:

“Mestre, o senhor previu que iriam impedir a passagem pelo rio Im Jin?”

“Sim, eu sabia. Tais coisas passam frequentemente diante daqueles que percorrem o caminho do Céu. As pessoas não sabem que depois do morro encontrarão o caminho da vida. Como sentia que a situação se agravava a cada minuto e a cada segundo, se você se demorasse, até pensara em atravessar pushing-o pela gola.”

Won Pil Kim pareceu muito emocionado pelas minhas palavras, mas meu coração estava muito aflito. Quando chegamos ao paralelo 38, a divisa com a Coreia do Sul, colocando um pé no Norte e outro no Sul, eu orei: “Apesar de agora estar descendo como um fugitivo, voltarei em breve. Com certeza, reunindo toda a força do mundo livre, libertarei a Coreia do Norte e conseguirei a unificação do norte e do sul”.

No meio dos refugiados, passei o tempo inteiro ofertando essa oração.

CAPÍTULO 3

A PESSOA COM A MAIOR
BARRIGA DO MUNDO

“Você É o Grande Mestre da Minha Vida”



Depois de atravessar o rio Im Jin e passar pelas cidades de Seul, Won Ju e Gyong Ju, cheguei a Pusan no dia 27 de janeiro de 1951. A cidade de Pusan estava lotada de refugiados. Parecia que o povo da Coreia inteira estava lá e em qualquer lugar em que alguém pudesse viver, até mesmo a ponta da varanda, estava ocupado, sem sobrar nenhum canto mais para se pôr o traseiro. Como não havia opção, à noite eu dormia dentro da floresta, em cima das árvores, e durante o dia descia para a cidade para pedir comida.

O cabelo que tinham raspado na prisão já estava bem comprido. O traje tradicional coreano remendado e forrado com algodão de cobertor já estava muito desgastado e minha roupa estava tão suja de gordura que, quando chovia as gotas até deslizavam. Do sapato também só sobrara a parte de cima, não tinha quase nada das solas, era como andar praticamente descalço. Vista por cima ou por baixo, minha aparência era a do perdido dos perdidos, do mendigo dos mendigos. Não tinha trabalho nem dinheiro no bolso e me mantinha vivo ganhando comida.

Mesmo comendo comida doada, sempre mantinha minha postura digna. Percebia as coisas rapidamente e sentia na hora quando a pessoa não queria dar comida, então falava: “Oi! Oi! Ajudando as pessoas pobres como nós, você receberá no futuro

a fortuna do Céu”. E dizendo isso em voz alta, sem intimidação, conseguia alimentos. A comida ganhada dessa forma era dividida entre dezenas de pessoas que faziam um círculo, sentadas onde batia sol. Sem nenhuma posse, e apesar de comermos comida doada, entre nós existiam laços de emoções.

“Olá, quanto tempo!” Ao ouvir alguém me chamar alegremente, olhei para trás e lá estava Dók Moon Óm, aquele que havia se tornado meu amigo para a vida inteira, apaixonado pelas minhas canções durante o tempo de estudo no Japão. Agora um famoso arquiteto da Coreia, que projetara o Teatro de Cultura de Se Jong e o hotel Lotte, ele me abraçou com muita satisfação. Sem ligar para minha aparência pobre e sem exigir mais explicações, ele me levou para sua casa.

“Vamos, vamos rápido para minha casa”. Ele morava em apenas um cômodo. Colocando um lençol como cortina, ele dividiu seu quarto em duas partes e mandou a esposa e duas crianças irem para o outro lado.

“Pronto, me conte como você passou durante esse tempo. Sempre quis saber onde e como você estava. Nós ficamos dois amigos muito próximos, mas para mim você sempre foi mais que um amigo. Dentro do meu coração respeitei você, sabe? Você já sabia disso, não é?”

Até então nunca tinha exposto meu coração francamente. No Japão, quando lia a Bíblia, se meus amigos chegassem, prontamente deixava de ler e não me abria muito. Na casa de Dók Moon Óm, pela primeira vez desabafei toda a minha história.

A história não acabou em uma noite. As novas verdades que

percebi depois de encontrar com Deus, a travessia do paralelo 38, minha ida para Pyongyang e o início do trabalho da igreja, como sobrevivi à prisão de Heungnam, etc. Para falar tudo isso levei três dias e três noites inteiras. Depois de ouvir tudo, Dók Moon Óm, de repente, se levantou e fez uma grande inclinação para mim.

“Que é isso?”, pedi para ele não fazer aquilo, mas não teve jeito.

“Daqui para a frente você será o grande mestre da minha vida. Essa veneração é um cumprimento para meu mestre, por favor, aceite-a.”

A partir de então, Dók Moon Óm se tornou meu discípulo, além de meu amigo para toda a vida, e sempre me protegeu.

Depois de sair do quarto de Dók Moon Óm, consegui um trabalho pesado no período noturno no 4º porto de Pusan. Quando recebia meu pagamento, comia sopa de feijão na estação de trem de Cho Ryang. Para não esfriar a sopa de feijão quentinha, a panela vinha embrulhada em um velho cobertor. Assim que comprava, comia imediatamente um prato de sopa de feijão e abraçava aquela panela por mais de uma hora, para aquecer meu corpo congelado por trabalhar a noite inteira no porto.

Naquele tempo, dormia no albergue público de Cho Ryang. O quarto era tão pequeno que tinha que dormir na diagonal e mesmo assim as pernas encostavam na parede. Contudo, foi naquele lugar que escrevi, com um lápis apontado com todo o carinho, os manuscritos originais que seriam a base do Princí-

pio Divino. A pobreza do dia a dia não era problema. Ainda que ficasse no meio do aterro de lixo, nada é impossível quando se estabelece uma vontade.

Won Pil Kim tinha passado dos 20 anos e também fazia todo tipo de trabalho. Ele era garçom em um restaurante e trazia o arroz queimado do fundo da panela, que fervíamos e comíamos juntos. Com sua habilidade de desenhar bem, ele também conseguiu um emprego como pintor na base dos soldados americanos.

Nessa época, subi o morro Bóm Net Kol, que ficava no bairro Bóm Il e construí uma casinha. Bóm Net Kol ficava perto do cemitério público e lá não havia nada além de um vale de pedras. Como eu não tinha meu próprio terreno, preparei um pequeno terreno na subida do morro e fiz a base de um casebre. Como não tinha pá, pegava uma pequena pá do vizinho e devolvia sem o dono perceber. Junto com Won Pil Kim, rachava as pedras, cavava a terra e levava as pedras para fazer os tijolos. Levantei as paredes com uma mistura de terra e palha e, arrancando os quatro lados de uma caixa de papelão ganhada da base dos soldados americanos, cobrimos o telhado. O chão foi revestido com plástico preto.

Aquele era o barraco dos barracos. Por ser encostado em um grande rochedo, no meio do quarto tinha uma grande pedra. Atrás da rocha foram colocados todos os móveis que nós tínhamos, uma escrivaninha baixa e o cavalete de pintura de Won Pil Kim. Quando chovia, jorrava água como uma fonte dentro do quarto. Embaixo do chão, corria um riachinho e eu ouvia o som

da corrente de água. Era um quarto muito poético. Por dormir em um dormitório tão frio como aquele, cheio de goteiras e com água correndo por baixo, o nariz sempre escorria. Apesar disso, mesmo com um pedaço do quarto, ficava muito feliz por ter um lugar onde podia me deitar com o coração tranquilo. Além disso, como estava percorrendo o caminho para fazer a vontade de Deus, no meio daquele ambiente miserável não tinha nada além da esperança me preenchendo.

Quando Won Pil Kim saía de casa para trabalhar na base dos soldados americanos, ia até bem embaixo do morro para me despedir dele, e quando ele voltava do trabalho à noite, também o recebia lá embaixo. No resto do tempo, sem dormir, não fazia outra coisa se não escrever o Princípio Divino original sentado na escrivaninha baixa com o lápis bem apontado. No pote podia faltar arroz, mas o quarto estava cheio de pontas de lápis.

Para que pudesse me concentrar em escrever, Won Pil Kim ficava ao meu lado me ajudando tanto material como espiritualmente. Depois de trabalhar o dia inteiro, provavelmente ele ficava muito cansado, mas ainda assim: “Mestre, mestre!”, ele me chamava e me seguia por todo lugar. Sabendo que muitas vezes estava cochilando no banheiro pela falta de dormir, ele me seguia até quando eu saía para o banheiro. E muito mais que isso: “Gostaria de ajudar em algumas coisas, mesmo que pequenas, no livro que o mestre está escrevendo”, ele dizia. E para ganhar dinheiro extra, a fim de comprar os lápis que eu usava, ele começou a pintar retratos dos soldados americanos. Naquele tempo era moda entre os soldados levar o retrato da

esposa ou da amante, antes de voltar para sua pátria. Os soldados pagavam quatro dólares por cada retrato, do tamanho de uma cartolina, que ele pintava sobre tecido engomado na base de madeira.

Tinha tanta gratidão pelo coração de Won Pil Kim que, enquanto ele pintava, eu o auxiliava em silêncio. Depois que ele saía para trabalhar na base americana, engomava o tecido e cortava a madeira para deixar as molduras prontas. Antes dele voltar do trabalho, deixava todos os pincéis limpos, comprava as tintas necessárias e as preparava. Ele desenhava com lápis 4B sobre o pano engomado. No início, ele pintava um ou dois retratos, mas depois ficou famoso e chegava a passar a noite sem dormir para fazer de vinte a trinta pinturas.

Quando o trabalho aumentou, até eu, que antes só dava conselhos, comecei a pegar nos pincéis. Depois de Won Pil fazer os contornos dos rostos, eu pintava os lábios e até as roupas. Todo o dinheiro que ganhamos juntos, tirando apenas para os gastos com lápis e material para desenhar, gastamos para o trabalho da igreja. Era importante deixar a Palavra de Deus escrita, mas era mais importante avisar a Sua Vontade o mais rápido possível para o maior número de pessoas.

O Belo Homem Louco que Morava ao Lado do Poço



Quando nossa casinha de barro em Bóm Net Kol estava construída e o trabalho da igreja começou, apenas três pessoas me ouviam. Mesmo assim, não pensava que testemunhava somente para elas, e embora não visse com os olhos físicos, pensava que estava na frente de milhares e dezenas de milhares de pessoas, isto é, da humanidade inteira, e por isso falava com a voz forte e alta. Dia e noite, para o mundo inteiro, bradei a Palavra do Princípio Divino que tinha descoberto.

Na frente da casinha havia um poço e entre as pessoas que pegavam água lá, corria um rumor de que no casebre de barro morava um homem louco. Até havia motivo para esses comentários, já que minha aparência era de um homem com roupas miseráveis falando como se estivesse gritando ordens para todo o mundo. Talvez esses rumores chegassem até os moradores do sopé do morro, porque eu contava histórias sobre a reviravolta do Céu e da Terra e dizia que a Coreia unificaria o mundo todo de uma vez. Por causa desses boatos, as pessoas começaram a me visitar, curiosas para ver o homem louco que morava ao lado do poço. Certa vez, um grupo de estudantes de uma faculdade

de teologia veio e até os professores da Universidade Feminina Ewha. Com os rumores sobre “o belo homem louco” aumentando, havia senhoras que subiam o morro para me ver como uma atração.

No dia em que recostei o lápis depois de escrever o “Princípio Divino original”, orei: “Agora chegou a hora de testemunhar. Então, mande por favor os cristãos para quem eu possa dar testemunho”, e fui até o poço. Como era dia 10 de maio, final da primavera, eu suava do calor por vestir calças de traje coreano forradas com algodão e um casaco velho.

Nesse instante, vi uma jovem que subia chegando perto do poço, limpando o suor da sua testa: “Há sete anos, Deus amou muito a missionária”, lhe disse, e ela ficou assustada porque sete anos atrás ela tinha se determinado que iria ofertar sua vida inteira para Deus. “Eu sou Hyun Shil Kang, a missionária da igreja Bóm Cheon da vila debaixo. Ouvi que à beira do poço morava uma pessoa louca e vim para dar testemunho.”

Ela me cumprimentou assim. Depois de se apresentar, ela entrou na casa e olhou feio para o quarto humilde. Observando atentamente por cima da escrivaninha, ela me perguntou: “Por que tantas pontas de lápis?”

“Até hoje de manhã, estava escrevendo um livro que revela o princípio do universo. Para a missionária ouvir essa palavra, Deus a mandou até aqui.”

“Quais palavras? O Céu me mandou subir até o poço porque havia uma pessoa para eu testemunhar.”

Eu ofereci uma almofada, pedindo que ela sentasse, e tam-

bém me sentei. Embaixo de onde nos sentamos, ouvíamos a água da fonte correndo, “chuá, chuá, chuá”.

“Nossa pátria no futuro assumirá um importante papel como o cume da montanha do mundo. E as pessoas do mundo inteiro lamentarão não ter nascido como coreanas.”

Diante dessas minhas palavras, ela ficou com uma expressão incrédula.

“No futuro, Jesus virá à terra da Coreia com corpo físico, assim como Elias apareceu como João Batista.” Quando eu disse isso, ela ficou tão brava que rebateu: “Jesus não tem nenhum lugar para ir, por isso vem para essa terra tão miserável? O senhor já leu direitinho o Apocalipse para falar isso? Eu...”

“É, você é uma pessoa que estudou muito na Faculdade de Teologia Ko Ryo, é isso que queria dizer?”

“Oh, como o senhor sabe disso?”

“Eu iria esperar pela missionária se não soubesse de tal coisa? Como você me falou que iria dar testemunho hoje, pode me ensinar.”

Então, Hyun Shil Kang, como uma entendida de teologia, começou a me atacar citando passagens bíblicas sem nenhum embaraço. Ela era tão convicta em me rebater, que até eu fiquei apertado e respondi em voz alta, como um apito de trem. Como a conversa se alongou e fora da casa escurecia, preparei o jantar. De acompanhamento tínhamos somente *kimchi*¹ velho, mas mesmo assim, sentados no quarto onde o “chuá, chuá” da

1. Prato típico coreano, conserva de acelga apimentada.

água corrente caía, nós dois comemos todo o arroz e recomeçamos a discussão. No dia seguinte e no dia depois daquele, ela subiu e discutiui comigo. Até que, no fim, Hyun Shil Kang saiu da igreja Bom Cheon e se tornou membro de nossa igreja.

Em um dia de muito calor, minha esposa me visitou na humilde casa de Bom Net Kol. Um menino de sete anos de idade se segurava a ela. Aquele menino, nascido no ano em que subi para Pyongyang enquanto caminhava para comprar arroz, já tinha crescido bastante. Não tinha coragem de olhar o rosto do meu filho ou abraçá-lo, encostando no rosto dele para expressar toda a minha saudade. Apenas fiquei em pé como uma pedra, sem dizer nenhuma palavra.

Mesmo que ela não dissesse nada, podia imaginar o sofrimento que mãe e filho passaram durante a guerra. Na verdade, já sabia onde eles moravam e como estavam vivendo. Entretanto, ainda não tinha chegado o tempo de cuidar da minha própria família. Como pedi várias afirmações dela antes do casamento, se ela confiasse em mim e esperasse um pouco mais, poderia buscá-los com toda alegria, mas ainda não tinha chegado a hora. Mesmo que aquela casa humilde fosse apertada e muito simples, já era a nossa igreja. Como eu comia, vivia e estudava a palavra de Deus junto com vários membros, não podia começar minha vida familiar naquele lugar. Vendo aquela casinha, minha esposa demonstrou profundo desgosto e foi embora descendo o morro.

Uma Igreja sem Denominação e que Não É uma Igreja



Na Coreia há um dizer que, quanto mais alguém recebe um xingamento dos outros, mais tempo vive. Se eu viver tanto quanto fui insultado, talvez ultrapasse os 100 anos. Também se a barriga ficasse cheia não de comida, mas de ofensas, a minha seria muitas vezes maior que a dos outros, e me tornaria a pessoa com a maior barriga do mundo. Quando comecei a igreja em Pyongyang, as mesmas igrejas tradicionais que tanto se opuseram a mim e até me apedrejaram, também se opuseram a mim em Pusan. Antes mesmo de ter começado a igreja direito, já fizeram muitas críticas. Herético e blasfemador eram nomes que colocavam na frente do meu. Quase nunca chamavam o meu nome sem precedê-lo dessas palavras.

Por não aguentar mais essas severas perseguições, em 1954 fechei aquele humilde casebre em Pusan e passei por Taegu para chegar a Seul. Aluguei uma casa de madeira em Buk Hak Tong, onde ficava o parque Jang Chung Dan, e coloquei a placa da “Associação do Espírito Santo para a Unificação do Cristianismo Mundial”. A razão de colocar esse nome é porque eu não queria pertencer à ramificação de nenhuma igreja, e tampouco queria criar outra nova ramificação.

“Cristianismo Mundial” significava todas as igrejas cristãs do Oriente e do Ocidente, do passado e do presente e “Unificação” era o objetivo para o futuro. A palavra “Espírito Santo” também expressava que por trás havia a harmonia do mundo espiritual e do mundo físico, centralizada no amor entre Pai e filho. Ou seja, “está ligado ao fundamento do divino mundo espiritual”. Especialmente a palavra Unificação era o meu ideal para construir o mundo concebido por Deus.

Unificação não é coligação. Coligação significa que dois se reuniram, mas a unificação significa que dois se tornaram um. Depois fomos chamados de “Igreja da Unificação”, mas na verdade foram os outros que nos chamaram assim. Naquele tempo, éramos chamados entre os universitários de “Igreja de Seul”.

Entretanto, não gostava muito da palavra “igreja”. Igreja significa “reunião que ensina”. Religião significa “ensinamento central”. Em outras palavras, a igreja é a reunião que ensina as lições principais. Não via motivo para me separar dos outros com a palavra “igreja”, mesmo assim as pessoas usavam o termo “igreja” como se fosse algo especial. Não queria que pertencêssemos a esse tipo de grupo especial. O que queria era a igreja sem divisão. A verdadeira religião é aquela que apesar de sacrificar sua própria denominação, quer salvar a nação e mesmo sacrificando sua própria nação, quer salvar o mundo e, além disso, mesmo que sacrifique o mundo, quer salvar toda a humanidade. Em qualquer situação, jamais a denominação Igreja poderá se tornar prioridade.

Como não tinha escolha, coloquei a placa da igreja, mas no meu coração, estava pronto para retirá-la a qualquer momento. No instante que alguém coloca uma placa que diz “igreja”, ele está fazendo a distinção de igreja e não igreja. Pegar algo que está unido e dividir em duas partes, não está certo. Esse não era meu sonho, nem o caminho que desejei percorrer. Se for preciso retirar a placa para salvar a nação e o mundo, agora mesmo posso fazer isso.

Porém, no mundo atual não existe opção, por isso coloquei a placa da igreja no portão de entrada. Se a colocasse um pouquinho mais alto, até ficaria melhor para olhar, mas como o telhado da casa era baixo, não tinha um lugar adequado para pôr a placa. No final, coloquei na altura de uma criança, então a meninada pegava a placa e brincava, às vezes quebrando-a em duas. Como aquela era a placa histórica da nossa igreja, não podia jogá-la fora. Então, eu a amarrei com arame farpado e a preguei no portão de entrada. Tal qual aquela placa, também fomos muito mal tratados sem nenhum motivo.

O telhado era tão baixo que precisávamos abaixar a cabeça para entrar em casa. Se seis pessoas se reunissem na sala para orar, tínhamos até que encostar a testa uns nos outros. Os moradores do bairro zombavam ao verem nossa placa, e tiravam sarro questionando como poderíamos falar do mundo e sonhar com a unificação dentro de uma casa tão baixa, onde precisávamos entrar agachados. Sem querer saber o porquê de colocarmos aquele nome, simplesmente nos tratavam como loucos. Mesmo assim, isso não era problema para nós, que já tínhamos

vivido até pedindo comida em Pusan. Ali pelo menos possuíamos uma casa onde realizar os cultos. Então, não tínhamos nada a temer. Mesmo que me vestisse com roupas de trabalho que tinham pertencido aos soldados americanos tingidas de preto e calçasse sapatilhas pretas de borracha, o meu coração era muito mais digno que qualquer outro.

As pessoas que frequentam a nossa igreja chamam umas às outras de membros da família, Sik-ku. Naquele tempo o amor contagiou todos os membros. Com a igreja dentro dos seus corações, se eles pensassem “quero ir”, independente do lugar onde estivessem, podiam ver e ouvir tudo o que eu fazia naquele momento. Todos estavam ligados como um só, pelo fio elétrico do amor interno com o qual podíamos nos comunicar diretamente com Deus. Uma pessoa colocava arroz na panela para cozinhar, e de repente esquecia aquilo e ia para a igreja, uma outra pensava em colocar uma saia nova para ir à igreja, mas ia com a mesma saia velha e furada. Para impedir uma mulher de frequentar a igreja, a família raspava seus cabelos, mas ela ia mesmo careca.

Quando o número de membros cresceu, nós começamos a testemunhar nos campus das universidades. Na década de 50, os universitários eram as pessoas mais intelectuais. Primeiro começamos a dar testemunho em frente à Universidade Feminina Ewha e da Universidade Yeonse. Em pouco tempo, muitos estudantes quiseram se juntar a nós.

A professora Yun Yong Yang, do curso de música da Universidade Feminina Ewha e o professor Chung Hwa Han, ins-

petor dos dormitórios dos estudantes, também frequentavam a nossa igreja. Além dos professores, o número de estudantes universitários crescia cada vez mais, não apenas em um ou dois, de uma vez vinham dezenas de pessoas, numa progressão geométrica. Não somente as igrejas tradicionais, mas nós mesmos ficamos surpresos.

Depois de dois meses do início do testemunho nos campus das universidades, centralizados nos estudantes da Ewha e da Yeonse, a quantidade de membros aumentou explosivamente. A velocidade era muito rápida. Assim como uma veloz rajada de vento da primavera, o coração dos estudantes se transformava em um segundo. Num mesmo dia, dezenas de alunas da Universidade Feminina Ewha entraram na igreja de malas prontas. Quando alguém tentava impedi-las de sair do dormitório da universidade, elas diziam: “Por quê? Por que está me impedindo? Se quer me proibir pode me matar. Por favor, me mate!” Era comum elas pularem os muros dos dormitórios. Mesmo que eu pedisse para elas não fazerem isso, nada as segurava. Elas afirmavam que gostavam mais da nossa igreja cheirando a chulé do que da sua limpa escola e não obedeciam ninguém.

Por fim, a reitora da Universidade Feminina Ewha, Hwar Lan Kim, rapidamente mandou para visitar a nossa igreja a professora Yong Oon Kim, do curso de Serviço Social da Religião. A professora Kim tinha estudado no Canadá e era, na Universidade Ewha, uma destacada conhecedora de Teologia. Enviaram justamente a professora Kim, especializada em Teologia, para descobrir o ponto fraco da doutrina da Igreja da Unificação a

fim de impedir a entrada das estudantes na nossa igreja. A professora Kim chegou como enviada especial, mas uma semana depois de me encontrar, ela se tornou membro fervoroso da nossa igreja. Quando até a professora Kim reconheceu a nossa igreja, então outros professores e alunos da Universidade Feminina Ewha passaram a confiar mais em nós. Então, como era de se esperar, o número de adeptos aumentou como uma bola de neve.

Como as coisas estavam fora de controle, as igrejas tradicionais começaram a me atacar de novo, alegando que eu estava roubando seus membros. Sentia que aquilo era injusto. Nunca insisti que escutassem somente meu sermão e frequentassem apenas nossa igreja. Se os mandasse embora pela porta da frente, eles entravam pela porta de trás. Se eu fechasse os portões, eles pulavam os muros. Com minha própria força, era impossível impedi-los. Então, as Universidades Ewha e Yeonse ficaram assustadas. Por serem escolas fundadas pelas entidades cristãs, jamais poderiam se calar diante da entrada de seus estudantes e professores em outra igreja.

O Escândalo da Expulsão e Demissão das Universidades Yeonse e Ewha



As duas universidades se sentiram ameaçadas e optaram por uma decisão radical, nunca vista na história de ambas as escolas. Na Universidade Ewha, cinco professores foram demitidos, incluindo a professora Young Oon Kim, e expulsaram quatorze alunas, entre as quais cinco estavam no último ano de curso. Na Universidade Yeonse um professor foi demitido e dois alunos expulsos.

Na época, a pastora orientadora da Universidade Yeonse aconselhou os alunos: “Para não dar problemas para a escola, vocês poderiam frequentar aquela igreja depois de formados?”

Mas eles não aceitaram. Os estudantes ainda contestaram: “A Universidade está cheia de ateus, até filhos de feiticeiros, então por que nós devemos ser expulsos?” Mas a orientadora repetiu: “Nossa escola é particular e também cristã, por isso podemos expulsá-los sem nenhum problema”, e mandaram os alunos embora.

Quando os jornais foram informados disso, as manchetes saíram assim: “Numa nação de liberdade religiosa, expulsar alunos é inconcebível”, e houve uma grande repercussão na sociedade.

A Universidade Feminina Ewha recebia fundos da Fundação Cristã do Canadá, por isso se muitas alunas frequentassem uma igreja de hereges, a instituição poderia ter problemas em receber apoio econômico. Naquele tempo a Universidade Ewha checava rigorosamente a presença das alunas na aula de ensino religioso, três vezes por semana, e relatava à sede mundial.

Depois que expulsaram os alunos e demitiram os professores, a simpatia da opinião pública por nós aumentou. Então, para reverter esse cenário, começaram a espalhar boatos tão horríveis que é difícil dizê-los para não sujar minha boca. Quanto mais rumores sem fundamento surgiam, maior a curiosidade das pessoas. Os rumores aumentaram e o escândalo das Universidades Yeonse e Ewha tornou-se um episódio absurdo que fez nossa igreja sofrer por mais de um ano.

Não queria que tal história tivesse uma repercussão tão grande porque não queria causar problemas. Eles poderiam seguir com a vida de fé sem alarde, e tentava convencer os professores e alunos disso, que não havia necessidade de tanto barulho no mundo a ponto de fugirem do dormitório da universidade. Mas o efeito era contrário: “Por que não posso? Eu queria receber mais graças”, eles tentavam me convencer. No final, todos foram expulsos de suas faculdades, e meu coração também não ficou confortável com isso.

Para consolar seus corações, os alunos expulsos subiram nos oratórios dentro da montanha Sam Gak. Eles não tinham outro lugar para ir, pois por terem sido expulsos, também recebiam críticas de suas famílias e nem seus amigos queriam encontrá-

los. Eles subiram a montanha Sam Gak e se concentraram em jejum e em orações com tantas lágrimas que até escorriam pelo nariz. Então, muitos começaram a falar “línguas”. Normalmente Deus aparece no momento em que estamos no cúmulo do desespero. Depois de serem expulsos das faculdades e abandonados por suas próprias famílias e pela sociedade, os alunos encontraram Deus no oratório de Sam Gak.

Fui encontrá-los na montanha e os consolei alimentando os estudantes que estavam exaustos das orações e do jejum.

“Já é muito triste e injusta a expulsão de vocês, não precisam piorar as coisas jejuando. Apesar de recebermos tais terríveis insultos, se vocês não têm motivo para ficar com a consciência pesada, vocês não foram desonrados e não se tornaram pecadores, então não se desesperem e vamos esperar o tempo certo.”

Posteriormente, aquelas cinco alunas que estavam no último ano da faculdade se transferiram para a Universidade Feminina Suk Myung e ao menos se formaram. Mas, por causa desse escândalo meu nome ficou desmoralizado, se tornou o pior de todos. Como manchetes a respeito do escândalo das Universidades Yeonse e Ewha foram publicadas nos jornais, quaisquer maus rumores sobre novas religiões que surgissem na época, eram recebidos como se fôssemos nós. Começou com um “talvez seja verdade”, e logo aqueles rumores sem fundamento se tornaram “É realmente verdade”, e eles passaram a nos atacar.

Realmente sentia dor, apanhando injustamente. Apesar de querer contestar, gritar com o sentimento de injustiça e raiva, eu me mantive em silêncio e não briguei revidando com eles.

Nosso caminho era muito longo e exigia muita pressa, então não tínhamos tempo para parar e discutir. Aquele mal-entendido do mundo seria resolvido com o passar do tempo; não preciso me afligir. Pensando assim, não me preocupava. Ignorei tudo em silêncio, a gente que gritava em público: “Que um raio parta Sun Myung Moon” e também os pastores cristãos que convocavam as pessoas para orarem pela minha morte.

Os boatos, porém, em vez de se acalmarem, a cada dia que passava se expandiam mais distorcidos. O mundo inteiro se levantou e apontou para mim. Até sob o calor da fábrica de adubo em Heungnam, eu nunca tinha mostrado minhas canelas, todavia espalharam rumores de que eu dançava nu. A partir de então, quando as pessoas visitavam a nossa igreja elas me fitavam com um olhar de dúvida: “Ah, é ele quem realmente dança nu?” Sabia muito bem que precisaria de tempo para esclarecer esse mal-entendido, por isso nunca dei sequer uma palavra justificando: “Não sou esse tipo de pessoa”. Para saber de alguém, geralmente tem que se conhecer bem aquela pessoa, mas sem nunca terem me encontrado pessoalmente ou mesmo me visto, muitos falavam isso e aquilo de mim, sem medo de usar palavras terríveis. Ponderei que não podia fazer nada com aquelas pessoas que sequer me conheciam, e assim agüentei tudo pacientemente.

Com o sofrimento desse período do escândalo de Yeonse e Ewha, nossa igreja ficou a um passo de ser totalmente derrubada. Além de marcarem firmemente na minha testa a imagem do grupo da religião falsa, as igrejas tradicionais se levantaram

unidas e pediram em gritos que me fizessem desaparecer.

Por fim, no dia 4 de julho de 1955, os policiais invadiram nossa igreja e pegaram todos, Won Pil Kim, Hyo Yong Yoo, Hyo Min Yoo e Hyo Won Yoo. Era uma conspiração dos pastores e ministros cristãos tradicionais para acabar com a nossa igreja, e juntamente com políticos, eles nos denunciaram ao Poder Público. Por causa disso, aqueles quatro membros que me seguiam desde o início passaram pela prisão sem motivo. Mas não parou por aí. A polícia investigou meu passado e alegou que eu havia cometido o crime de deserção militar. Na verdade, depois de ser preso na Coreia do Norte, já tinha passado da idade de servir o Exército. Baseados nisso, eles armaram uma cilada e me acusaram de ter infringido a lei do serviço militar.

No Galho Queimado Também Brotam Novas Folhas



Fui levado à delegacia So De Moon e apesar de ser levado injustamente, não resisti. Então, alguns me chamaram de *mu gol chung*, a pessoa sem caráter. Mas aceitei tudo com o pensamento de que tinha que enfrentar o que me fosse dado no caminho que escolhi, e suportei pacientemente e em silêncio. Não podia fazer nada contra. Se tudo o que me acontecia era algo pelo qual tinha que passar, mesmo que as dificuldades fossem muitas, teria que percorrer aquele caminho. Porque aquela era minha razão de viver, nunca pude desanimar, pelo contrário, eu sempre agi com dignidade diante de qualquer pessoa.

Com essa decisão, os policiais não achavam um jeito de me vencer. Quando eles redigiam os relatórios, eu dizia antes como eles deveriam escrever.

“Por que você não usa tal palavra? Aí tem que escrever assim...”, quando falava assim, todo mundo ficava espantado. Se eles escreviam o relatório de acordo com as minhas orientações, cada frase ficava certa separadamente, mas no final saía o contrário do que eles tinham planejado. Então, os policiais ficavam bravos e rasgavam tudo o que tinham escrito.

No dia 13 de julho de 1955, entrei de novo na prisão So De Moon. Apesar de estar algemado, não tinha vergonha nem estava pesaroso. A vida na prisão não impedia em nada o caminho que deveria percorrer. Nunca se tornou uma armadilha que me fizesse desanimar, ao invés disso, até passou a ser uma motivação segura que estimulava o fervor no meu coração. Era como se tivesse ganhado um bônus em minha vida. “Nunca vou desaparecer na prisão. Não posso morrer. Isso servirá somente como uma base para o grande salto que darei para o mundo da libertação.” Foi pensando assim que suportei a vida de prisioneiro.

É uma regra neste mundo e também uma lei celeste que o mal será destruído e o bem prosperará. Mesmo que tenha que entrar num monte de estrume, nada irá me destruir se mantiver um coração puro e verdadeiro. Quando estava andando algemado, as mulheres que passavam me olhavam com cara de desaprovação. Elas demonstravam a sensação de que eu era grotesco mesmo para olhar, porque acreditavam que era um líder religioso adúltero. Porém, não tinha medo nem sentia vergonha. Mesmo que palavrões foram usados para zombar de mim e da nossa igreja, não fiquei abalado.

Entretanto, como poderia não sentir dor? Aparentemente, fingia que estava tudo bem, mas por diversas vezes me sentia tão angustiado e triste que dava um nó na garganta. Cada vez que o meu coração queria fraquejar, engolia o choro: “Não sou um homem que pode desaparecer na prisão. Com certeza, vou me reerguer. Definitivamente, vou me levantar”. E pensando

assim, me determinava firmemente: “Vou guardar toda essa tristeza no meu interior, vou carregar toda a cruz da igreja”.

Achavam que, se ficasse preso, a igreja acabaria e todos os membros se dispersariam, mas isso não aconteceu. Enquanto estava na prisão, os membros da nossa igreja me visitavam todo dia. Até brigavam para ver quem iria me visitar primeiro. O horário de visitas começava a partir das oito horas da manhã, mas nossos membros esperavam desde a madrugada em fila no muro da prisão e quanto mais eu era insultado e deixado na solidão, apareciam mais pessoas que me consolavam e choravam por minha causa.

Não recebia muito bem os membros da igreja que me visitavam com tanto carinho, até os repreendia: “Por que se deram ao trabalho de vir?” Mesmo assim, eles me seguiam derramando muitas lágrimas. Isso é fé e amor. Eles gostavam de mim não porque falava muito bem. Eles gostavam de mim porque sabiam que no fundo do meu coração havia amor. Meus membros percebiam a sinceridade do meu coração. Ainda que eu morra, eu nunca poderei esquecer aqueles membros todos juntos me procurando para lá e para cá quando eu estava indo para a audiência algemado. Aqueles rostos cobertos de lágrimas ao me verem sentado no lugar do réu sempre ficarão na minha memória.

“Como ele pode fazer as pessoas enlouquecerem assim?”, os guardas da prisão falavam, olhando nossos membros chegarem. “Aquele homem não é o marido dela, nem a esposa dele, nem é seu filho, como é que pode ter tanta devoção?”, ficavam

boquiabertos. “Oh, diziam que o mestre Moon era um ditador e explorador, mas então tudo isso era mentira”. A opinião anterior deles mudava e eles até se tornavam membros da nossa igreja.

Finalmente, depois de ficar três meses na prisão, fui libertado como inocente. No dia em que fui solto, o chefe da prisão e os diretores se despediram de mim com todo o respeito. Todos eles, nesses três meses, haviam se tornado membros da nossa família. A razão de seus corações se voltarem para mim era simples. De perto, eles perceberam que eu era completamente diferente do que diziam os boatos. Aqueles barulhentos e infundados rumores até ajudaram para dar testemunho.

Quando fui levado pela polícia, toda a mídia e a sociedade fizeram muito alarde. Mas quando fui declarado inocente e solto, o mundo se manteve em silêncio. Só saiu uma pequena nota no jornal, escrita: “O Reverendo Moon foi solto como inocente”, de apenas três linhas. Aqueles terríveis falsos rumores sobre mim ficaram conhecidos com destaque por toda a Coreia, mas o fato de que aqueles boatos eram uma completa mentira foi enterrado silenciosamente. Os nossos membros me olhavam, choravam e diziam: “Mestre, não aguentamos ficar assim com tanta raiva!”, mas eu só os consolava e ficava calado.

Nunca esqueci a dor que senti quando me apontaram e zombaram de mim por causa daquelas falsas acusações. Mesmo quando tantas pessoas se puseram contra mim, que sentia como se não houvesse nenhum lugar para ficar em toda a Coreia, suportei tudo. A angústia que senti naquele tempo permanece

comigo num canto do meu coração até hoje. Contudo, mesmo que sofresse com a chuva e o vento, e mesmo que me ateassem fogo, jamais poderia me tornar uma árvore morta. Até nos galhos queimados, quando a primavera chega, brotam folhas novas. Essa é a lei. Segurando-me à forte determinação no fundo do meu peito, e caminhando firmemente com toda a dignidade, tenho certeza de que um dia o mundo me reconhecerá.

Oh Dor, nos Discipline!



Embara as pessoas chamassem de herege a nova verdade que eu estava transmitindo, embora jogassem pedras, Jesus, que nasceu na terra do Judaísmo, também foi acusado de heresia e foi crucificado. Comparado a isso, a perseguição que recebi não era tão dolorosa nem tão lamentável. Podia aguentar qualquer dor no meu corpo, porém me machucava muito que tratassem nossa igreja como herege. Desde o início, a maioria dos teólogos que estudavam a nossa igreja, a aceitava alegremente, dizendo que era uma nova teologia lógica e original. Contudo, a balbúrdia de que éramos hereges ficou ainda mais barulhenta e não era por uma questão teológica, mas por causa do envolvimento com circunstâncias práticas.

A maioria dos membros eram pessoas que aderiram a nosso movimento depois de saírem das igrejas tradicionais que frequentavam. Essa era a principal causa das igrejas tradicionais nos terem como inimigos. Enquanto a professora Yoon Yong Yang da Universidade Feminina Ewha era levada presa e investigada, oitenta pastores cristãos, incluindo a reitora Hwar Lan Kim, mandaram para a polícia cartas de denúncia com conteúdos de severa crítica à nossa igreja. Não era porque nós tínhamos feito alguma coisa errada, mas sim uma clara perseguição das autoridades da época, que pelo seu extremo elitismo, esta-

vam se sentindo ameaçadas.

Na nossa igreja se reuniam pessoas de várias ramificações para aprender sobre a Nova Verdade. Mesmo que eu falasse: “Por que vocês vieram de novo? Voltem imediatamente para suas igrejas, por favor”, com uma voz ameaçadora e os mandasse embora, logo eles voltavam.

Aqueles que me procuravam não ouviam mais ninguém. Não ouviam seus professores, nem seus próprios pais. Porém, a mim eles davam ouvidos. Eu não lhes dava dinheiro nem comida, mesmo assim eles me seguiam, e simplesmente acreditavam nas minhas palavras porque eu conseguia abrir um caminho no coração apertado deles.

Antes de conhecer a verdade, também olhava o céu angustiado e até ao observar as pessoas ao lado, podia entender bem o coração delas. Todas as questões da vida me angustiavam e eu não encontrava as respostas, mas depois de entender bem as palavras de Deus, as dúvidas sumiram completamente. Aqueles jovens me seguiam porque dentro das palavras que transmitia, finalmente tinham recebido as respostas para as questões que sempre estiveram guardadas nos seus corações. Assim, mesmo que o caminho percorrido comigo fosse sofrido e difícil, eles vinham para nossa igreja.

Sou uma pessoa que abre o caminho e o mostra. Um guia para recuperar a família destruída e recuperar a tribo, a nação e o mundo, e no final mostrar o caminho de volta para Deus. Todas as pessoas que me procuraram sabiam desse fato. Comigo, eles queriam encontrar Deus. Eu não podia entender realmente

o que tinha de errado naquilo. Apenas porque quis encontrar Deus, tive que receber toda a perseguição e toda a crítica do mundo.

No meio de tantos problemas relacionados à discussão da heresia, o mais difícil para mim era a minha esposa. Depois que me reencontrou em Pusan, ela e sua família pediram a separação. Ela queria que escolhesse entre me divorciar e deixar imediatamente o trabalho da igreja, apenas para nós três vivermos juntos e felizes. Até durante as visitas quando eu estava na prisão de So De Moon, eles esfregavam na minha cara os papéis do divórcio e me ameaçavam para que assinasse. Porém, como estava bem ciente da importância do casamento para a construção do mundo de paz de Deus, silenciosamente suportei com paciência, sem me importar com os insultos que despejavam em mim.

Ela cometeu atrocidades inexprimíveis para a nossa igreja e para os membros. Eu podia aguentar tudo quando ela me xingava e me maltratava, mas eu não suportava quando ela atormentava a igreja e os nossos membros. Ela frequentemente invadia nossa igreja, ofendia os membros, destruía os móveis, pegava as coisas da igreja à vontade e até jogava fezes sobre a casa. Quando ela aparecia, não havia condições de realizar o culto. Finalmente, logo que saí da prisão de So De Moon, não tive escolha senão assinar os papéis do divórcio que eles me estendiam. Contrariando os meus princípios, me divorciei.

Quando penso na minha ex-esposa, até agora me sinto angustiado. O ponto a que ela chegou foi devido à influência das

igrejas tradicionais e de sua família, que era de cristãos. Aquela mulher tão firme antes de se casar comigo, se transformara. Quando penso nisso, mais uma vez fica claro como o preconceito e o fundamentalismo são terríveis.

Mesmo experimentando a dor do divórcio e a tristeza de ser apontado como herege, eu não cedi nem um pouco. Eu precisava suportar tudo isso, para limpar o pecado original cometido por Adão e Eva e ir em direção à nação de Deus. Dizem que o tempo mais escuro é justo antes de amanhecer. Superei essa escuridão orando fervorosamente a Deus. Separando apenas um instante para cochilar, dediquei todo o tempo do dia à oração.

O Mais Importante É o Coração Sincero



Depois de três meses, fui libertado como inocente e percebi mais uma vez que estava em dívida com Deus pelo amor e pela vida que Ele havia me dado. Para quitar a dívida, saí procurando um lugar onde pudesse recomeçar a igreja do zero. Entretanto, não pedia nas orações “Por favor, Deus! Construa nossa igreja.” Mesmo que só tivesse uma pequena e humilde igreja, nunca me senti desconfortável ou envergonhado. Eu somente agradecia por ao menos ter um lugar para orar e nem desejava um local maior ou mais confortável.

Como precisávamos de uma casa para reunir os membros no culto, fiz um empréstimo de dois milhões de *won* e comprei uma velha casa que caía aos pedaços no morro de Chong Pa Dong. Era uma casa pequena, nem chegava a vinte *pyong*² e para entrar precisávamos passar por um caminho que parecia um túnel escuro. No fim da trilha ficava a casa. Além disso, não sabíamos o porquê, as colunas e as paredes estavam todas cobertas por uma sujeira preta. Depois de três dias em que eu e os jovens da igreja esfregamos com um produto de limpeza, aquele pretume saiu um pouco.

Depois que mudamos a igreja para Chong Pa Dong, quase

2. Um *pyong* corresponde a aproximadamente 3,3 metros quadrados.

não dormi. Ajoelhado no quarto principal, orava até as três, quatro horas da manhã, depois cochilava um pouco para me levantar de novo às cinco. Levei essa rotina por sete anos seguidos. Dormia uma ou duas horas por dia, mas nunca sentia sono nem cansaço e meus olhos brilhavam como a estrela Dalva.

Estava muito concentrado em tudo que precisava fazer, então eu sentia que precisava economizar tempo até nas refeições. Não fazia as refeições em uma mesa separada, mas ajoelhava no chão com a tigelinha de arroz. “Derrame devoção, derrame até quando estiver cochilando! Derrame até cansar! Derrame mesmo que sinta fome”, repetia. Em meio a toda a perseguição e aos falsos rumores, orei com um coração de semear, com a confiança de algum dia colher aquela semente. Se não fosse na Coreia, tinha certeza que em algum lugar do mundo ela seria colhida.

Passado um ano, o número de membros também ultrapassou os 400. Quando orava, chamava um por um o nome dos 400 membros e antes de chamar pelos seus nomes, cada rosto passava rapidamente pela minha cabeça. Alguns choravam, outros riam, e na oração eu percebia como aquele membro estava, e se tinha alguma doença ou não.

Enquanto citava o nome de cada um, “Hoje ele virá à igreja”, aí então sem falta a pessoa chegava à igreja. Eu procurava o membro cujo rosto aparecia doente para mim e perguntava: “Você está doente assim, assim e assim, não é?” Então ele respondia: “Sim”. “Mestre, como o senhor sabia que estava doente? Isso é realmente interessante.” Os membros ficavam sur-

presos e eu somente sorria.

Era tempo de realizar a Bênção do Casamento. Antes de dar a bênção do matrimônio, sempre averiguava se os noivos e as noivas eram puros ou não. Um dia, quando perguntei para um noivo: “Puro?”, ele respondeu em voz alta: “Sim, senhor!” Então perguntei de novo “Você é puro?” e novamente ele respondeu “Sim, Senhor!” Na terceira vez ele me deu a mesma resposta. Então, olhei bem nos olhos dele e disse com uma voz ameaçadora: “Você serviu o Exército na cidade de Hwacheon, na província Kangwon, não é?” Aí então o noivo respondeu “Sim”, com a voz cheia de medo.

“Naquele tempo, quando você estava voltando para Seul de férias, você passou por um hotelzinho no caminho, não é? Naquele dia você caiu com uma mulher de saia vermelha, não foi? Já sei de tudo, como você pode mentir assim?”, de tão bravo, o mandei embora. Se abro os olhos da mente, dá para saber tudo, até o que a pessoa esconde.

Entre aqueles que frequentavam nossa igreja, havia os que se interessavam mais por essa força paranormal do que pela própria Palavra de Deus. Muitas vezes as pessoas ficam muito seguras achando que as coisas sobrenaturais são as mais importantes, mas normalmente aquilo que as pessoas chamam de milagre causa um deslumbramento. Focalizar a vida religiosa em querer ver fenômenos paranormais e milagres não é levar uma vida de fé correta. Todos os pecados precisam passar pelo processo de arrependimento para serem eliminados, não podemos nos basear somente no poder espiritual. Conforme a igreja foi

se estabelecendo, não falei mais para os membros sobre tudo o que via com os olhos espirituais.

Mesmo que o número de membros aumentasse cada vez mais, sempre os tratei individualmente, independentemente se fosse uma avó ou um jovem, eu ouvia a história de cada um, com toda devoção. Todos os membros diziam que, “em toda Coreia, o melhor ouvinte da minha história foi o mestre Moon”. As avós falavam tudo, desde como elas se casaram às doenças de seus maridos, elas me contavam todo tipo de histórias.

Realmente gosto de ouvir a história dos outros. Por isso, ouvia a história de qualquer pessoa sem perceber o tempo passar. Não rejeitava ouvir, quer passasse dez ou vinte horas. Quando a pessoa quer falar, é porque o coração dela está muito apertado. E todo mundo quer procurar uma corda que possa se salvar. Assim, é preciso ouvir o outro com toda a dedicação. Então, eu podia amar a vida daquela pessoa e pagar a dívida da vida que tinha recebido. O mais importante é tratar a vida como a coisa mais preciosa. Ouvia as histórias dos outros com todo o meu coração, e com a mesma medida, falava e transmitia fervorosamente o meu verdadeiro coração e também orava derramando lágrimas.

Como orava em lágrimas a noite inteira, o chão de madeira nunca secava. As tábuas ficaram encharcadas do meu sangue e suor. Depois, quando eu estava na América, chegou a mim a notícia de que os membros iriam derrubar a igreja Chong Pa Dong para reformá-la. Então, enviei um telegrama mandando parar a reforma imediatamente. A igreja Chong Pa Dong não é

só um lugar histórico da minha vida particular, mas aquele lugar testemunhou toda a história de nosso movimento. Mesmo que a reformassem para tornar o lugar muito bonito, se deixassem a história sumir, que adiantaria? O importante não é a aparência bonita, mas o valor do significado daquilo. Em um lugar humilde, também existe tradição, brilho e valor. O povo que não valoriza as suas tradições será destruído.

A coluna da igreja Chong Pa Dong tem gravada na íntegra a história do “por que ele segurou aquela coluna e derramou lágrimas”. Quando olho aquela coluna que segurava em prantos, até hoje não posso conter as lágrimas e só de olhar aquela portinha torta, me lembro do passado. Entretanto, agora todo aquele velho chão de madeira sumiu, e as manchas de lágrimas desapareceram junto com o chão de madeira onde eu orava noites inteiras ajoelhado e derramando lágrimas de sangue. O que mais precisava eram aquelas lembranças sofridas. Não tem problema que a figura externa e a aparência sejam velhas. Depois de muito tempo, agora nós também possuímos muitas igrejas bem construídas, mas em vez desses lugares, me sinto mais confortável quando visito e oro naquela casa velha e apertada no morro de Chong Pa Dong.

Mesmo que tenha vivido toda a minha vida em oração e sermões, falar em público ainda me dá medo, porque é uma questão de salvar as vidas de muitos ou matá-los todos. Guiar as pessoas que ouvem as minhas palavras para o caminho da vida é um assunto realmente importante. É como riscar uma linha decisiva na fronteira entre a vida e a morte.

Ainda hoje não decido antecipadamente o conteúdo do sermão. Se eu preparar antes, talvez meu objetivo particular possa entrar no sermão. Eu poderia mostrar com orgulho o conhecimento contido na minha cabeça, mas jamais conseguiria derramar meu sincero coração. Antes de aparecer em público, realmente oferto *jóng sóng*, em oração por mais de dez horas. É assim que se pode fincar a raiz bem profunda. Mesmo que as folhas sejam mordidas pelos insetos, não há danos quando a raiz está profunda. Apesar de não ser eloquente, se o coração for sincero, não tem problema.

Na época do início da igreja, subia no púlpito vestido no uniforme de operário tingido de preto, que anteriormente tinha sido o casaco usado pelos soldados americanos e dava sermões coberto de uma mistura de suor e lágrimas. Não havia sequer um dia que não derramasse muitas lágrimas. As lágrimas enchiam o meu coração e ele transbordava; meu espírito ficava longe e eram dias em que até parecia que eu tinha chegado ao meu último suspiro. Minhas roupas ficavam encharcadas de suor, e minha cabeça pingava.

No tempo da igreja em Chong Pa Dong, todo mundo trabalhou arduamente, mas particularmente Hyo Won Yoo sofreu mais. Mesmo que ele estivesse com muita dor no pulmão, ele deu dezoito horas seguidas de conferência por dia, durante três anos e oito meses sem parar. Como não tínhamos comida suficiente, somente fazíamos duas refeições de um prato de cevada por dia. A única guarnição era a conserva de *kimchi* que preparávamos no dia anterior.

Hyo Won Yoo gostava de comer conserva de *gon jen ih*³ salgado. Todos os dias ele deixava um pote de conserva de *gon jen ih* no canto do quarto e, de vez em quando, pegava um punhado com o *chotkarak* para suportar aqueles dias tão duros. Ao ver Hyo Won Yoo deitado sem forças no chão de madeira, exausto e faminto, meu coração doía muito. No meu coração a vontade era dar uma conserva de sora⁴. Meu coração ainda dói lembrando dele, com o corpo doente, transcrevendo de maneira adequada as palavras que despejava como uma cachoeira.

Graças ao sacrifício de muitos membros, nossa igreja cresceu rapidamente. Os estudantes do grupo Sóng Hwa, formado de estudantes de ginásio e segundo grau, levavam para os missionários pioneiros as marmitas que suas mães preparavam. Os estudantes se revezavam de vontade própria para levar suas marmitas. Os missionários que tinham que comer a comida dos estudantes, pensando em como os alunos estariam passando fome, só podiam derramar lágrimas ao colocarem a comida na boca. A devoção sincera tinha mais valor que a comida, então todo mundo aguentava, com o coração fortemente apertado, “Vamos realizar a vontade de Deus ainda que morramos”.

Mesmo que fosse extremamente difícil, todos saíam pela nação inteira para testemunhar. Por causa de existirem tantos rumores terríveis, não podiam falar abertamente da Igreja da Unificação, por isso nós lamentávamos muito, enquanto fazíamos a limpeza das vilas e o trabalho doméstico na casa em que

3. Espécie de camarão.

4. Molusco.

faltavam mãos, e à noite abríamos a escolinha para alfabetizar e transmitir as palavras. Demorava meses e meses até as pessoas abrirem seus corações, e servindo dessa maneira, nossa igreja cresceu mais e mais. Naquele tempo, apesar deles desejarem muito ir para a faculdade, os membros desistiam para ficar comigo e se dedicavam completamente à igreja. Até hoje não esqueço desses primeiros membros.

CAPÍTULO 4

A RAZÃO PELA QUAL
TRABALHAMOS
GLOBALMENTE

Ainda que Eu Morra, Vou Seguir o Caminho



Depois dos três meses preso em So De Moon, fui solto como inocente. Assim que fui libertado, segui para Gapsa, na província Chung Chong. Era então 1955, logo após o fim da guerra civil, um tempo no qual se manter vivo era muito difícil. Apesar das dificuldades de sobreviver daquele momento, precisava pensar no futuro. Não tinha nenhuma igreja para reunir os membros e realizar culto, mas primeiro, precisava pôr em ação os planos de longo prazo.

Observando a situação do mundo, pensei que não devia rejeitar o Japão, tratando-o simplesmente como inimigo. Assim, acabada a preparação para a atividade missionária no Japão, chamei Bong Chun Choi à montanha atrás de Gapsa. “Você precisa atravessar já o Hyun Hae Tan¹. Você só pode voltar se estiver morto.”

Imagine o quão assustado ele ficou ao ouvir isso de repente? Entretanto, sem hesitar ele respondeu: “Sim!” e desceu a montanha animado, cantando a música: “A voz do meu Senhor chamou, onde quer que eu vá irei...” Ele nem perguntou como iria viver no Japão ou como deveria começar o trabalho missionário. Bong Chun Choi era assim, um homem muito corajoso.

Por não haver relações diplomáticas com o Japão naquela época, era preciso entrar clandestinamente no país. Isso era ilegal, mas quando não há outra escolha senão ir por aquele caminho, há que se superar todas as coisas.

Bong Chun Choi subiu num navio clandestino, colocando sua vida em risco. Até ele mandar notícias dizendo que tinha chegado em segurança, me fechei dentro do quarto e não fiz nada além de ofertar toda a devoção em orações. Não comi nada nem dormi. As despesas de mandá-lo para o Japão foram de 1.500.000 *won*, que paguei com um empréstimo. Apesar dos muitos membros passando fome, essa grande quantia do empréstimo era destinada à urgente necessidade de testemunho no Japão.

Porém, assim que Bong Chun Choi pisou em solo japonês, foi pego e deportado para a Coreia. Então o mandei de novo para o Japão. Desta vez também ele foi pego pela polícia japonesa e deportado. Ao ver seus olhos cheios de lágrimas e até amedrontados, podia imaginar o quanto ele devia ter sofrido durante aquele tempo. Ele ainda tinha hematomas e o lado direito da sua testa estava inchado por causa da tortura. Passei a mão pela sua cabeça em silêncio, e dava para ver a carne onde o couro cabeludo tinha sido arrancado. Seu rosto tremia no esforço para segurar o choro.

“Você passou pelo vale da morte e sobreviveu, por isso não precisa falar muito, coma logo”, eu disse e coloquei na frente dele um prato fumegante de sopa. Durante aquele tempo ele não devia ter comido direito e certamente tinha passado fome,

mas Bong Chun Choi não pôde erguer a colher imediatamente. Então eu peguei a colher, coloquei arroz na sopa e misturei. “Coma logo, é tudo o que posso fazer por você, e isso realmente me aperta o coração.” Enchi a colher de arroz e coloquei em sua boca.

Fiquei sentado à sua frente até ele terminar toda a comida do prato. O meu coração tinha vontade de abraçá-lo e chorar aos berros, mas não podia fazer isso. Enquanto o via engolir a comida com tanta dificuldade, depois de ter voltado com o corpo judiado por ter apanhado da polícia japonesa, meu coração passou pelo inferno. Aquele podia ser o último prato quente de comida que ele experimentaria na vida, porque eu precisava mandá-lo mais uma vez ao Japão.

Depois que ele terminou de comer, o levei de novo atrás de Gapsa. Quando chegamos à floresta de pinheiros, vendo que minha expressão estava muito séria, Bong Chun Choi sentiu medo.

“Não tenho palavras para dizer o quanto sinto por você, mas hoje à noite você vai até Yosue e tomará o navio. Mesmo que os policiais japoneses te peguem dez vezes, não posso fazer nada. Ainda que a morte fique na frente do seu nariz, você deve percorrer o caminho que lhe foi dado. Nenhum dia pode ser desperdiçado, então hoje à noite tome o trem e vá.”

“Mestre, como o senhor pode me mandar assim? Não posso ir. Não posso ir de novo, eu tenho muito medo.”

Na hora, Bong Chun Choi sentou e começou a chorar. Seu pranto cheio de medo se espalhou com o eco e penetrou no

fundo do meu coração.

“Não chore, por favor. O choro apenas o enfraquece. Você era um homem corajoso, que nada temia, não era? Não tenha medo. Você pode até subir no navio clandestino sozinho, mas você nunca estará sozinho. Sempre estarei a seu lado e Deus também sempre estará com você. Nunca se esqueça disso.”

Sentado no chão, ele não conseguia mais se levantar. Quando eu o pus de pé, suas pernas estavam bambas e tremiam ameaçando cair. “Moleque! Por que você está agindo como um tolo? Acorde!”, eu o chacoalhei pelos ombros e então uma pequena luz voltou aos seus olhos. “Vai rápido! Isso é uma ordem do Céu, você não pode fugir.”

“Mestre, de verdade, eu não posso.”

“Você tem que ir. Vá já.”

“Mestre, mesmo que eu morra, dessa vez eu não vou mais. Se a polícia japonesa me pega de novo, eles me matam na hora. Por favor, não me mande de novo.”

Entendia o coração dele. Ele podia morrer, mas não queria ir uma terceira vez. Apesar disso, o empurrei sem dó. Assim como ir sob risco de vida era sua responsabilidade, mandá-lo de qualquer jeito, mesmo tremendo de medo, era responsabilidade minha. Então comecei a esbofeteá-lo sem parar e ele me implorava para não enviá-lo.

“Moleque, uma vez que um homem jura, ele tem que cumprir. Se for para você morrer, então morra no Japão”, eu gritava. Por forçá-lo com tanta severidade, meu coração doía mais do que o dele, mas não tinha outra opção.

Tampouco era minha vontade mandá-lo dessa forma. Na verdade, meu coração estava quase morrendo por ter que mandá-lo atravessar a forte onda de Hyun Hae Tan três vezes, em um navio clandestino pela noite escura. Contudo, aquela era a época em que o trabalho de testemunho no Japão tinha que começar irremediavelmente. Não dá para mudar o tempo de Deus, atrasando ou adiantando de acordo com a vontade humana. Eu estava ciente desse fato tão grave, e ele também o sabia.

Bong Chun Choi tomou o navio clandestino em Yosu e retornou ao Japão. Contudo, a terceira tentativa de entrar ilegalmente também foi um fracasso. Ele ficou na prisão Omura, à espera para ser deportado para a Coreia. De acordo com a lei japonesa da época, os clandestinos deveriam ser devolvidos em uma semana. Para tomar o navio de volta para a Coreia, ele teve que ir a Shimonoseki de trem. No trem que o levava para Shimonoseki para então regressar à Coreia, Bong Chun Choi decidiu que seria melhor morrer a voltar. Com esse coração, ele começou a jejuar. Quando começou o jejum, ele teve febre alta, e por isso a polícia japonesa adiou a data da deportação e o internou num hospital para se tratar. Nesse intervalo, ele fugiu do hospital.

Depois de três anos em sofrimento e arriscando sua vida, finalmente em 1958 Bong Chun Choi se estabeleceu no Japão. Naquele tempo, além da Coreia não ter relações diplomáticas com o Japão, por causa da dolorosa lembrança da política de colonização, todo mundo antipatizava com o Japão. Mandei um missionário ilegalmente para uma nação de inimigos justa-

mente para abrir o futuro da Coreia. Em vez de rejeitar e cortar o relacionamento com os japoneses, precisava tomar a posição de sujeito, abraçá-los e convencê-los. Nosso país, que não tinha nada, devia estabelecer um relacionamento com as autoridades japonesas e suportar o Japão. Também precisava de qualquer maneira estabelecer relações com os Estados Unidos. Previ que o caminho para a sobrevivência da Coreia precisava ser aberto. Graças ao sacrifício de Bong Chun Choi, tivemos sucesso em mandar missionários para o Japão. Posteriormente, com o admirável jovem líder Kuboki Osami e seus jovens seguidores, a igreja do Japão se estabeleceu solidamente.

No ano seguinte, enviei um missionário para os EUA. Dessa vez não foi ilegalmente, o mandei com passaporte e visto. Depois que saí da prisão de So De Moon, fiz contatos com os ministros do partido do governo que tinham contribuído para me prender e consegui o passaporte. Reverti a situação e aproveitei os meus opositores do partido do governo.

Naquele tempo, os Estados Unidos era um país extremamente distante. Quando falei que iria mandar um missionário para os tão longínquos EUA, todos se opuseram a mim, alegando que ainda haveria muito tempo depois de fortalecer o fundamento na Coreia. Porém, convenci os membros, dizendo que se não acabássemos com a crise da América, uma nação tão grande, a Coreia seria destruída. Então, em janeiro de 1959, mandei como primeira missionária da América a mesma professora Young Oon Kim que tinha sido expulsa da Universidade Feminina Ewha, e logo em setembro daquele ano, o missioná-

rio Sang Chól Kim chegou aos Estados Unidos e demos o histórico primeiro passo do testemunho, tendo o mundo inteiro como objetivo.

Dinheiro Ganho Preciosamente Deve Ser Gasto da Mesma Maneira



O dinheiro ganho nos negócios é um dinheiro sagrado. Porém, para que o dinheiro se torne sagrado, não se pode mentir nem ter lucro exagerado. Para ter sucesso nos empreendimentos, é preciso ser honesto e o lucro não pode nunca passar dos 30%. Como o dinheiro foi ganho com sacrifício, é natural que ele seja gasto em um trabalho que valha a pena, ou seja, esse dinheiro deve ser gasto em uma atividade que tenha um objetivo claro e que seja para fazer a vontade de Deus. Foi com esse tipo de coração que eu negocieei a vida inteira. O objetivo dos meus empreendimentos não é simplesmente ganhar dinheiro, mas dar suporte para a atividade de testemunho, que é a vontade de Deus.

Uma das razões pela qual eu queria ganhar dinheiro através do comércio é que não queria tirar dinheiro do bolso dos membros para manter a atividade de testemunho em outros países. Apesar de haver um grande entusiasmo em mandar missionários internacionais para o exterior, não bastava ter apenas vontade. Era preciso cobrir os gastos do testemunho. Além disso, não há dúvidas que as despesas do testemunho internacional têm que ser cobertas com o dinheiro ganho em nome da igreja.

Para cobrir os gastos dos missionários, há que se usar o dinheiro proveniente de negócios feitos com dignidade, pois somente assim se pode fazer qualquer atividade com a cabeça erguida.

Pensando em alguma coisa que pudesse dar dinheiro, me surgiu a idéia do negócio de selos. Naquele tempo eu mandava os membros escreverem uns para os outros pelo menos três vezes por mês. Para mandar uma carta, eles tinham que colar selos no valor de 40 *won*. Então disse-lhes que não colocassem um selo de 40 *won*, mas 40 selos no valor de 1 *won*. Assim, os membros trocavam cartas entre si e vendíamos os selos, e em um ano ganhamos um milhão de *won* com selos usados. Os membros experimentaram como uma coisa insignificante podia dar bastante dinheiro, e seguiram com esse trabalho por sete anos. Além disso, venderam fotos de pontos turísticos e fotos em preto e branco de artistas de cinema coloridas com tinta. Isso também ajudou bastante na manutenção da igreja.

Porém, conforme a igreja crescia, a coleção de selos e as vendas das fotos não eram mais suficientes para cobrir as despesas da igreja e do testemunho internacional. Para mandar missionários para o mundo inteiro, era preciso criar um negócio maior. Então, em 1962, comprei por 720 mil *won* um torno mecânico usado pelos japoneses e que havia sido deixado quando eles foram embora. Depois da correção da moeda, esse valor passaria a 72 mil *won*. Coloquei a máquina no canto do depósito de carvão mineral da casa que tinha sido nossa antiga igreja e preguei a placa “Indústrias Tong Il”.

“Diante dos olhos de vocês, essa máquina pode não parecer

nada. Talvez vocês estejam questionando como posso colocar uma máquina velha e falar em um empreendimento grande. Contudo, essa máquina que está diante de vocês logo se transformará em sete mil, depois em setenta mil máquinas e fará um papel importante no desenvolvimento da indústria de armas de porte na Coreia e até da indústria automobilística. Essa máquina que compramos hoje se tornará a pedra fundamental que guiará a indústria de automóveis do nosso país. Então tenham confiança. Tenham convicção de que isso acontecerá, sem dúvida.”

Falei aquilo orgulhosamente perante os membros reunidos em frente ao depósito de carvão mineral. Mesmo que o começo fosse simples, a meta era alta e grande. Os membros, seguindo a minha vontade, ajudaram trabalhando com muita dedicação. Graças a isso, em 1963 pudemos começar o negócio com um porte um pouco maior. Fabricamos um navio de nome “Chón Seung Ho”, “Vitória do Céu”, e fizemos sua inauguração no porto de Man Sók Dong, na cidade de Incheon. Com a presença de todos os nossos 200 membros, colocamos o navio no mar.

A água é algo muito especial para nós, algo que dá vida. Todos nós fomos gerados na barriga de nossas mães. O que há dentro da barriga da mãe é justamente água, ou seja, todos nós nascemos da água. Como ganhamos nossa vida da água, depois de vencer todo sofrimento no meio aquático podemos sobreviver bem na terra, e foi com esse desejo que colocamos o navio no mar.

O navio que fizemos, o Chón Seung Ho, era muito bom. Navegando por todo o Mar Amarelo da Coreia, ele nos trouxe muitos peixes. Mesmo assim, nossos membros ainda não tinham uma reação totalmente positiva, questionando por que precisávamos ir até o mar para pescar quando havia tantas coisas para se fazer na terra. Eu, porém, tinha percebido que logo a Era Oceânica chegaria. Colocar Chón Seung Ho no mar significou um primeiro passo precioso, ainda que pequeno, para essa Era Oceânica. Naquele tempo já tinha imaginado em minha mente o maior oceano e o maior e mais rápido navio.

A Força e a Graça da Dança que Impressionou o Mundo



Nossa igreja não era uma igreja rica. Éramos uma igreja pobre que começou como uma reunião de pessoas que estavam passando fome. Não tínhamos uma igreja grande e bonita como as outras, e ainda assim economizávamos dinheiro juntando centavo por centavo, comendo pratos de cevada enquanto os outros comiam pratos de arroz. O dinheiro economizado compartilhávamos com os vizinhos mais pobres que nós. Nossos missionários viviam em um quarto rebocado só com cimento, sem qualquer aquecimento que não fossem seus próprios cobertores. No horário das refeições, eles comiam apenas algumas batatas assadas e passavam o dia com essa única refeição, apesar da fome. Sob qualquer circunstância, não queríamos gastar o dinheiro para nós mesmos.

Com o montante de dinheiro economizado, em 1963, selecionamos dezessete crianças e inauguramos a companhia de dança infantil Sun Hwa, chamada “Little Angels”. Na época, a Coreia não tinha terreno fértil para um ambiente cultural. Não havia nada para se assistir e entreter, e muito menos para mostrar para os outros. Nossa dança, nossa cultura existente há cinco mil anos, tudo havia sido esquecido e as pessoas somente

procuravam sobreviver um dia depois do outro.

Meu projeto era ensinar nossa dança para aquelas dezessete crianças e enviá-las para o mundo. Meu desejo era mostrar através da bela dança coreana, àqueles estrangeiros que só se lembravam de guerra e pobreza quando pensavam na Coreia, que nosso povo era um povo culto. Mesmo que nós falássemos que somos um povo de uma cultura de cinco mil anos, sem nada para mostrar, eles não poderiam acreditar em nós.

Rodopiando graciosamente, cobertos de belos trajes coreanos, nossa dança é uma maravilhosa herança cultural que poderia dar novo ânimo para os ocidentais, acostumados com danças em que pulam alto expondo as pernas nuas. Em nossa dança está concentrada toda a triste história do povo coreano. Com a cabeça suavemente abaixada, expressando o sentimento de opressão, e com movimentos silenciosos que passam quase despercebidos pelos outros, a dança coreana é composta de gestos que somente o nosso povo, que passou por cinco mil anos de tanto sofrimento, pode demonstrar.

Com um passo, a *bó-sun*¹ é erguida, o rosto virado um pouco para o lado oposto, acompanhado pela alva mão sendo levantada. Ao olhar esses gestos, o coração se derrete. Não é através de muitas palavras ditas em voz alta que se impressiona o outro, mas o coração das pessoas é comovido pelos gestos daquela dança, que parecem ir e vir. É exatamente essa a força da arte. Na arte se encontra a força que consegue se comunicar sem falar, e que mesmo sem conhecer bem toda a história de vida da

1. Sapatilha coreana tradicional.

pessoa, permite naturalmente entender seu coração.

Em especial, a expressão pura e o sorriso brilhante das crianças limpavam de uma vez a imagem sombria de uma nação que passou pela guerra. Criei a companhia de dança pensando em mostrar nossa dança de cinco mil anos de história até para os EUA, a nação mais desenvolvida do século XX. Apesar disso, o mundo novamente despejou inúmeras críticas sobre nós. Antes mesmo de ver que tipo de dança os Little Angels executavam, já começaram a nos insultar:

“Ah, por dançarem dia e noite, as mulheres da Igreja da Unificação finalmente geraram filhos dançarinos”, absurdos e xingamentos foram lançados sobre nós. Contudo, não me abati diante de quaisquer rumores, porque eu tinha a convicção de mostrar a nossa dança através dos Little Angels. Para aquelas pessoas do mundo que nos criticavam dizendo que dançávamos nus, eu queria mostrar a linda coreografia nos passos delicados da sapatilha coreana. Não era a suposta dança que rebola todo o corpo, mas a verdadeira dança, suave e delicada, com o corpo todo coberto com vestido tradicional.

Anjos da Paz que Abriram uma Pequena Trilha Através da Mata Fechada



Antes de morrer, é certeza que duas coisas devemos deixar: uma é a tradição e a outra é a educação. Um povo sem tradição será destruído. A tradição é a alma que mantém o povo e sem alma tal povo não pode sobreviver. Outro aspecto importante é a educação. Se não educar corretamente seus descendentes, aquele povo também será destruído. A educação é obter dos novos conhecimentos, a força com a qual podemos viver no mundo. As pessoas aprendem através da educação a sabedoria de viver. Enquanto analfabeto, qualquer um pode se tornar um tolo, mas quando recebe educação, a pessoa aprende a utilizar a sabedoria do mundo.

A educação dá a capacidade de entender as leis do mundo. Fazer com que nossos descendentes herdem de nós a tradição acumulada em milhares de anos e também educá-los com novos conhecimentos é justamente construir o futuro do nosso povo. A tradição herdada e os novos conhecimentos se misturam adequadamente na vida diária e recriam uma cultura específica. Entre a tradição e a educação não se pode dizer que uma é mais importante que a outra. A sabedoria de misturar proporcionalmente as duas coisas também surge através da educação.

Junto com a companhia de dança, fundei a escola de artes Little Angels, que posteriormente mudou o nome para Escola de Artes Sun Hwa. A razão de ter fundado a escola foi precisamente para expandir nosso ideal para o mundo por meio da arte. Pensar se tínhamos ou não capacidade para administrar uma escola era uma questão secundária, primeiro agi. Se a vontade é clara e é por uma boa causa, então não deveria realizá-la sem pestanejar? Meu desejo era educar através do conteúdo de amar a Deus, amar a nação e amar a humanidade.

Quando fundei a Escola de Artes Sun Hwa, escrevi bem grande o lema: “Amar a Deus, amar a humanidade, amar a nação”. Então alguém me perguntou: “Como o senhor pode alegar que irá propagar a cultura original da Coreia para o mundo e escrever que amar a nação está em último?” “Se alguém amou Deus e já amou toda a humanidade, então essa pessoa já amou sua nação. O amor à nação se concretizou automaticamente”, respondi.

A pessoa que é elogiada por todos já divulgou a Coreia para o mundo inteiro. Os Little Angels foram a várias nações do mundo e mostraram a excelência da nossa cultura, mas nunca gritaram “Coreia” em palavras. Entretanto, certamente os que viram a dança dos Little Angels e a aplaudiram, guardam no fundo de seus corações a clara imagem de “uma nação de cultura e tradição, a Coreia”. Neste contexto, os Little Angels, mais que quaisquer outros, propagaram a Coreia para o mundo e amaram a nação. Olhando Su Mi Cho e Young Ok Shin, formados na Escola de Artes Sun Hwa e que se tornaram cantores de

ópera mundialmente famosos, e Hun Suk Moon e Su Jin Kang, que se tornaram as melhores bailarinas do mundo, meu coração fica muito satisfeito.

Desde a apresentação nos Estados Unidos, em 1965, até agora, os Little Angels têm demonstrado a bonita tradição da Coreia em viagens pelo mundo inteiro. Eles foram convidados a se apresentar no palácio inglês diante da rainha Elizabeth, e também na comemoração dos 200 anos da Independência Americana. Nessa ocasião, eles se apresentaram no Kennedy Center, em Washington, e fizeram um espetáculo especial diante do presidente americano Nixon, e também participaram do Festival de Cultura e Arte das Olimpíadas de Seul. Os Little Angels já adquiriram o papel de famosos embaixadores mundiais da cultura da paz.

Em 1990, ocorreu um episódio durante minha visita à Rússia. Depois do encontro com o presidente Gorbachev, os Little Angels se apresentaram na noite antes de partirmos. Aquelas jovens coreanas entraram em plena Moscou, a linha de fronteira do comunismo. Depois de terminada a apresentação da nossa dança, os anjos vestidos de traje coreano, com sua linda voz cantaram músicas populares da Rússia. Na plateia surgiram muitos “bis”, e elas não puderam descer do palco. Por fim, tiveram que cantar de novo todas as músicas preparadas e então puderam descer.

Na plateia estava sentada a esposa do presidente Gorbachev, a senhora Raisa. Naquele tempo, a Coreia e a Rússia ainda não tinham relações diplomáticas oficiais, então a presença

da primeira-dama numa apresentação de cultura coreana era algo inesperado. Não bastasse isso, a senhora Raisa, sentada na primeira fila, aplaudiu muito durante toda a apresentação. Quando o espetáculo terminou, ela visitou os camarins e pessoalmente entregou flores para o grupo dos Little Angels e não se cansou de elogiar a excelência da cultura coreana: “Os Little Angels realmente são anjos da paz. Eu não sabia que na Coreia havia uma cultura tradicional tão linda assim. Durante a apresentação, parecia que eu estava em um sonho, voltando à minha infância”. Ela abraçou um por um os membros do grupo, e beijou cada rosto dizendo: “Meus pequenos anjos!”

Em 1998, pela primeira vez um grupo de arte totalmente particular visitou Pyongyang e fez três apresentações. Dançaram a delicada coreografia de *shilang gaksbi*, a dança do noivinho e da noivinha, e também a magnífica *butchechum*, a dança dos leques. Durante a apresentação, os olhos dos norte-coreanos se encheram de lágrimas, e um repórter de jornal chegou a capturar com sua câmera uma mulher que não conseguia conter as lágrimas que corriam sem parar. Após assistir a apresentação dos Little Angels, o presidente do comitê de Paz da Ásia e do Oceano Pacífico na Coreia do Norte, Yong Soon Kim, elogiou dizendo que eles “abriram uma pequena trilha na mata fechada”.

O trabalho dos Little Angels era exatamente esse. Pela primeira vez foi provado o fato de que a Coreia do Sul e a Coreia do Norte, que até então estavam de costas uma para a outra, podiam assistir lado a lado uma apresentação do vizinho. Normalmente as pessoas acham que a política muda o mundo, mas

isso não é verdade. O que muda o mundo é a cultura e a arte. O que toca mais fundo no coração da pessoa não é a razão, mas sim a emoção. Quando o coração se transforma e passa a aceitar, então a ideologia muda e também muda o sistema. Os Little Angels, além de assumirem a responsabilidade de divulgar nossa cultura tradicional para o mundo, tiveram um papel importantíssimo em construir uma ponte entre mundos diferentes.

Cada vez que encontro os Little Angels, digo: “Se o coração é bonito, a dança fica bonita. Quem tem o coração bonito canta bonito. Quando o interior é bonito, o rosto se torna bonito”. A verdadeira beleza surge do nosso interior. A razão de os Little Angels poderem passar tanta emoção para o coração de pessoas do mundo inteiro é porque a cultura espiritual coreana por trás da nossa dança é bonita. Por isso, os aplausos que os Little Angels recebem são, na verdade, um aplauso para nossa cultura tradicional.

O Futuro Está no Mar



Desde a infância, meu coração esteve voltado ao horizonte. Na minha terra natal, eu subia a montanha para admirar o mar, e em Seul meu desejo sempre era atravessar para o Japão. A vida inteira sonhei com um mundo maior do que onde me encontrava.

Em 1965, parti pela primeira vez em turnê mundial, com a mala cheia de terra e pedras da nossa nação. Eu queria enterrar em cada lugar do mundo, durante a turnê, o solo e as pedras da Coreia. Por dez meses viajei pelo Japão, pelos Estados Unidos e por mais 40 países da Europa. No dia de minha partida de Seul, dezenas de nossos membros chegaram de ônibus e encheram o aeroporto Kimpo. Naquele tempo, viajar para o exterior era uma coisa grandiosa. Sob o vento frio de janeiro vindo do noroeste, o aeroporto mais parecia um formigueiro de gente. Como os membros quiseram ir de boa vontade, embora ninguém os tivesse mandado lá, aceitei com muita gratidão o coração deles.

Apesar de termos, até então, pouco mais de dez missões no exterior, meu plano era expandi-las para 40 nações em dois anos. A visita a esses 40 países era com o propósito de preparar o fundamento. No primeiro destino, o mesmo Japão onde nossa missão tinha começado com uma entrada clandestina, eu tive

uma grande recepção. Embora o início tivesse sido perigoso, arriscando uma vida e até infringindo a lei, naquele momento reconheci que nossa escolha tinha sido muito acertada.

Eu perguntei aos membros japoneses: “Vocês são japoneses ou foram além de ser japoneses?” E continuei: “O que Deus quer não é apenas o estilo de vida japonês. Deus não precisa do estilo de vida japonês. Deus necessita das coisas que transcendem o estilo japonês, das pessoas que vão além do estilo do Japão. Deus poderá utilizá-los quando superarem o limite de serem japoneses, e se tornarem japoneses voltados para o mundo”. O discurso podia parecer frio, e eles se lamentavam, mas falei com muita convicção.

O segundo lugar onde desembarquei foi nos EUA, no aeroporto de San Francisco. Com o missionário americano, passei dois meses rodando o país inteiro. Durante a visita, eu senti na pele que “os EUA são o quartel general que controla o mundo. E para construirmos a nova cultura do futuro, temos que sobrepujar a cultura norte-americana”. Então, projetei a construção de um seminário com capacidade para 500 pessoas. Minha motivação não era restringi-lo ao nosso povo, mas construir um seminário internacional que pudesse receber pessoas vindas de mais de 100 nações.

Felizmente, não demorou muito para esse desejo se concretizar. E em todos os anos que se seguiram, quatro pessoas de cada uma daquelas 100 nações se reuniram no seminário para estudar e discutir sobre Paz Mundial por seis meses. O seminário continua até hoje, transcendendo raça, nacionalidade e

religião. Acredito que a reunião de pessoas de diferentes pensamentos, independente de raça, nacionalidade ou religião, com o fim de discutir livremente a questão da paz mundial, fará a humanidade crescer e o mundo se tornar uma sociedade mais desenvolvida.

Ao longo da minha visita aos Estados Unidos, passei por todos os outros 48 estados da América, com exceção do Havaí e do Alasca. Rodamos dia e noite em uma perua alugada, que comportava toda a nossa bagagem no porta-malas. Às vezes o motorista cochilava, então o acordava dizendo: “Ei, entendo que você está muito cansado, mas não estou fazendo turismo pelos Estados Unidos, estou cumprindo uma grande missão, por isso ande rápido, por favor”.

Em nenhum lugar eu comi confortavelmente sentado. Duas fatias de sanduíche com recheio de linguiça e pickles servidas dentro do carro era uma refeição maravilhosa. Café da manhã, almoço e jantar era a mesma coisa. Dormia dentro do carro. Ele era nosso dormitório, nossa cama e nosso refeitório. Dentro daquele carro apertado eu comia, dormia e orava. Nada é impossível. Eu tinha uma meta clara para cumprir naquele período, por isso podia suportar tranquilamente os incômodos.

Passando pelos EUA e pelo Canadá, visitei a América do Sul e América Central, e em seguida fui para a Europa. A Europa que meus olhos viram estava completamente sob o domínio cultural do Vaticano. Parecia que sem sobrepujar o Vaticano não poderia superar a Europa. Diante da autoridade do Vaticano, os altos montes dos Alpes não significam nada.

No Vaticano onde os europeus se reuniam para orar, também orei pingando suor. Orei para que todas as religiões divididas e com ramificações definitivamente se unificassem o mais rápido possível. Porque o mundo criado por Deus tinha sido dividido por pessoas com interesse próprio, minha decisão de realmente querer uni-las ficou mais firme. Depois de passar pelo Egito e pelo Oriente Médio, visitei várias nações da Ásia e assim terminei a turnê mundial de dez meses.

Minha mala voltou para Seul cheia de terra e pedras recolhidas de 120 lugares dos 40 países diferentes. A terra e as pedras levadas da nossa pátria eu enterrei em terra nova, e a terra e pedras daqueles lugares eu trouxe para a Coreia. Ligar a Coreia a esses 40 países do mundo através da terra e das pedras era uma preparação para a concretização de um futuro de paz centralizado na península coreana. Então comecei a preparação para enviar missionários internacionais para todas essas 40 nações.

Observando todo o grande planeta, sem que ninguém soubesse, comecei a planejar o trabalho em que o mundo seria nosso palco. Quanto mais a igreja crescia e aumentavam os locais de missões internacionais, maiores também eram as despesas das missões no exterior, por isso precisávamos de um negócio maior para ganhar dinheiro. Enquanto eu viajava pelos 48 estados da América, fiquei pensando qual tipo de empreendimento seria realmente bom para dar suporte financeiro à nossa igreja.

Assim, descobri que os americanos comem carne todo dia. Então pesquisei quanto custaria uma cabeça de gado. Uma cabeça que custava 25 dólares em Miami custava 450 dólares em

Nova Iorque. Também pesquisei o preço do atum e surpreendentemente um atum valia mais de quatro mil dólares. Além disso, o atum bota de uma vez mais de 150 ovos, enquanto uma vaca gera um bezerrinho de cada vez. Então temos que criar gado ou pescar atum? A resposta é clara.

A questão era que os americanos não comem peixes de água salgada, mas em compensação os japoneses se derretem quando se fala em atum. Muitos japoneses moravam na América, e os restaurantes chiques administrados pelos japoneses estavam vendendo *sashimi* de atum por um preço muito caro. Até os americanos, uma vez acostumados com o sabor do *sashimi*, comiam atum com gosto.

No nosso planeta, a parte marinha é maior que a parte de terra. Os Estados Unidos, rodeados pelo mar por todos os lados, tinham bastantes peixes. E como depois de 200 milhas marítimas não existe mais fronteira sobre o mar, qualquer um pode pescar à vontade. Para cultivar uma lavoura e criar gado é preciso comprar terras. No mar isso não é necessário. Quem tiver um navio pode pescar até onde puder chegar. No fundo do mar há diversos alimentos. O empreendimento de ligar o mundo inteiro pelos oceanos já está bem desenvolvido na superfície. Todas as coisas fabricadas no planeta são transportadas por navios de carga pelo mar. O mar é o depósito de tesouros infinitos que pode garantir nosso futuro.

Comprei vários navios nos EUA. Não eram aqueles grandes navios que encontramos só nos álbuns de fotografias, mas barcos de 34 e 38 pés. Navios pesqueiros que podiam procu-

rar atum com o motor desligado e que também não causariam muitos acidentes por serem do tamanho de iates. Deslanchamos nossos barcos em Washington, San Francisco, Tempa e no Alasca, e até construímos um estaleiro.

Também estudei bastante e montei um banco de dados colocando um barco em cada ponto do mar para medir a temperatura da água e calculando diariamente a quantidade de atum pescado. Nós não usávamos o banco de dados já existente, montado por profissionais, mas o banco que nossos próprios membros mergulharam no mar para fazer. O resultado da pesquisa de famosos professores universitários daquela região, usávamos apenas como referência, mas vivi naquele lugar e pude confirmar pessoalmente todas as coisas, de forma que não havia banco de dados mais exato que o nosso.

Dedicamo-nos bastante para obter esses dados, mas não os guardamos apenas para nós. Ao invés disso, publicamos todos os dados que coletamos para toda a indústria de pesca, e partimos para outros mares como pioneiros. Quando há muita pesca em um único lugar do mar, ocorre a extinção, por isso é preciso mudar rapidamente para outro ponto do oceano. Pouco tempo depois de termos entrado no negócio da pesca, fizemos uma revolução na indústria pesqueira dos Estados Unidos da América.

Depois disso, de novo partimos para outros empreendimentos, e começamos justamente a indústria de grandes barcos pesqueiros que pudessem ir mais distante da costa. O barco fica no mar durante pelo menos seis meses, apenas pescando, e

então, quando o barco fica cheio, outro navio carregado de comida e combustível vai para trocar sua carga e trazer os peixes. Cada barco tinha um grande *freezer* para preservar o pescado por bastante tempo.

Nosso barco, cujo nome era “New Hope”, ficou famoso por pescar muitos atuns. Eu mesmo pesquei alguns, pilotando o New Hope. As pessoas costumam ter medo de andar de barco. Quando mandei os jovens entrarem na embarcação, no início todos fugiram. “Mestre, tenho náuseas, por isso não posso. Toda vez que entro em um barco parece que eu vou morrer de enjoo.” Eles imploravam para não entrar. Então embarquei primeiro. A partir daí, sem faltar nenhum dia andei de navio por sete anos e mesmo agora, sempre que tenho tempo eu embarco. Agora apareceram muitos jovens dizendo: “Mestre, também quero ser um capitão como o senhor, me deixe entrar no barco, por favor”. Surgiram até muitas mulheres querendo subir no barco. Qualquer coisa que o líder faz primeiro os outros seguem naturalmente. Graças a isso, me tornei um famoso pescador de atum.

Porém, fazer o que com um monte de atuns pescados? Aquele sofrimento seria em vão se o peixe não fosse vendido no tempo certo e por um preço justo. Então criei uma fábrica de derivados de atum e também trabalhei pessoalmente no comércio. Os atuns eram colocados em um grande caminhão com *freezer* e fui vendedor ambulante. Quando o mercado não era mais suficiente, abri até um restaurante de frutos do mar para consumir diretamente o atum. Com essas atitudes, ninguém

mais nos desprezava.

Os EUA é uma nação que tem três das quatro grandes bacias de peixes existentes no mundo. Isso quer dizer que, três quartos de todo o peixe do mundo estão nos mares ao redor do país. Mesmo assim, os Estados Unidos não tinham pescadores. Então a indústria pesqueira estava muito atrasada. O governo fazia de tudo para desenvolver a pesca industrial, mas não obtinha bom resultado. Qualquer um podia comprar um barco por apenas 10% do valor desde que se comprometesse a andar nele por dois anos e meio. Porém, nem assim havia candidatos. Como tal absurdo podia acontecer? Depois que começamos desenvolver a indústria de pesca, todas as cidades portuárias ferviam, porque toda cidade onde nós entrávamos prosperava. Tudo o que fizemos, no fim, foi um trabalho pioneiro para abrir um mundo novo. Não era uma simples pescaria, mas sim andar por um caminho que ninguém ainda havia trilhado. Não é extremamente interessante ser pioneiro no caminho que ninguém nunca percorreu?

O mar sempre muda. Dizem que o coração da pessoa muda da manhã para a tarde, mas o mar muda toda hora. Por isso, o mar é mais misterioso e mais bonito. O mar vive abraçando o mundo. Quando se torna nuvem, para em um lugar no ar e se transforma em chuva, caindo de novo. Eu gosto da natureza porque a criação não tem falsidade. Quando está em cima, sabe descer, e quando está embaixo sabe subir. Em qualquer circunstância, ela ajusta a altura para se nivelar.

Quando seguro a vara de pescar, me sinto tão tranquilo. So-

bre o mar, o que pode nos impedir? Alguém pode nos forçar a fazer alguma coisa? Assim, há naturalmente muito tempo tranquilo. Podemos conversar com o mar só de olhar para ele. Então, quanto maior o tempo ao mar, maior a capacidade de ver o mundo espiritual. Contudo, o mar também muda rapidamente; de uma face tranquila passa a todas aquelas ondas terríveis. As ondas altas como vários homens adultos, batem na beirada do barco como se fossem engoli-lo na hora. O vento bravo rasga a vela e chora com um som amedrontador.

Entretanto, é interessante. No meio daquela forte onda e do vento amedrontador, os peixes dormem tranquilos no fundo da água; deixam seus corpos serem levados pelas ondas e dormem. Assim eu também aprendi com os peixes. Decidi que não iria temer nada, mesmo que aquela onda forte viesse em cima de mim, deixaria a onda do mar me levar, tornando-me um só ser com o barco que anda sobre a corrente. O mar foi um excelente mestre na minha vida.

O Último Avião para a América



No final de 1971, parti para os Estados Unidos. Como eu tinha um trabalho a cumprir na América, o caminho para chegar lá não foi fácil. Apesar de não ser a primeira vez que tentava o visto para os EUA, a liberação demorava. Alguns dos membros sugeriram que adiasse a data da partida, mas não podia fazê-lo. Era difícil explicar para os membros, mas tinha que viajar na data marcada. Então, decidi ir primeiro para o Japão e resolver o problema do visto americano lá, e me preparei para partir.

O dia da minha partida era um dia muito frio. Mesmo assim, os membros queriam se despedir de mim e até se reuniram fora do aeroporto. Contudo, na hora de embarcar, descobriram que faltava no meu passaporte a assinatura do responsável pelo departamento de passaportes do Ministério de Relações Exteriores, autorizando a minha saída. Por fim, não pude tomar o avião que tinha reservado.

“Desculpe-me, mestre, se o senhor voltar para casa e esperar, pego a assinatura”, disse o membro encarregado da preparação da viagem para o exterior, que estava atordoado.

“Não, vou esperar aqui no aeroporto. Vá e traga rapidamente a assinatura.”

Meu coração tinha muita pressa. Era domingo, com certeza o responsável pelo departamento de passaportes não iria trabalhar, mas não podia considerar essa possibilidade. Nossos membros chegaram até a casa dele e pegaram sua assinatura. Graças a isso, pude embarcar no último avião e sair da Coreia. Exatamente naquela noite foi promulgada a nova constituição, que proibia a ida para o exterior a partir do dia seguinte. Eu consegui pegar justo o último avião para a América.

Mas quando cheguei ao Japão e pedi novamente o visto americano, ele me foi negado. Depois soube que, na verdade, era por causa de um registro, antes da independência da Coreia, de que fui levado pela polícia japonesa acusado de ser comunista. Naquele tempo o comunismo estava muito forte. Nós enviamos missionários internacionais para 127 nações, e quatro países comunistas expulsaram nossos pastores. Naquele tempo, testemunhar no regime comunista era arriscar a vida, mesmo assim eu não desisti até o fim e continuei enviando missionários para as nações comunistas, incluindo a ex-URSS.

Chamamos a atividade missionária que estávamos realizando nos países comunistas do Leste Europeu de “Operação Borboleta”. Colocamos esse nome porque a atividade missionária clandestina, que enfrentava todas as dificuldades sob o regime comunista, se parecia com a situação da lagarta que espera por tanto tempo em sofrimento para se tornar uma borboleta. Apesar do processo de sair do casulo ser solitário e difícil, quando a borboleta ganha asas ela pode voar livremente por qualquer lugar. Assim, quando o comunismo fosse derrubado, a missão

de testemunho escondido poderia abrir as asas e voar longe.

No início de 1959, a missionária Young Oon Kim foi para os EUA e visitou todas as faculdades americanas para transmitir a palavra de Deus. Nessa época, um estudante alemão da universidade de Berkeley, Peter Koch, ficou comovido pela Nova Verdade e parou de estudar para começar o testemunho na Europa, em Roterdã, na Holanda.

O Japão também começou a mandar missionários internacionais para as nações comunistas da Ásia, incluindo a China. Eles mandaram os missionários para a terra da morte sem nem conseguirem se despedir direito com um culto, o que fez o meu coração ficar no mesmo estado de quando tive que insistir para Bong Chum Choi tomar o navio clandestino para o Japão, na floresta de pinheiros atrás de Gapsa. É mais doloroso olhar um filho espancado por alguém do que eu mesmo apanhar. Seria melhor eu mesmo sair como missionário, mas fui obrigado a mandar os membros para a terra onde havia vigilância e execução. Por causa disso, meu coração chorava dia e noite. Após enviar os missionários internacionais, dediquei quase o tempo todo à oração. Só podia orar sinceramente para proteger a vida deles. A missão dos missionários no regime comunista era muito perigosa e a qualquer momento, eles podiam ser pegos.

Os missionários que iam para o regime comunista partiam sem avisar os próprios pais do seu destino, porque os pais sabiam bem como o comunismo era temível e nunca permitiriam que seus filhos entrassem na terra da morte. O missionário Gunter Bortch, enviado para a ex-União Soviética, foi desco-

berto pela KGB e expulso. Na Romênia, que se encontrava no auge da ditadura de Cheaucesco, nosso missionário era vigiado pela polícia secreta e até teve seu telefone grampeado.

Em resumo, aquela vida era como entrar na cova dos leões, e apesar disso, cada vez aumentava o número de missões nos países comunistas. Nesse período, ocorreu uma trágica fatalidade em 1973, na Tchecoslováquia. Trinta membros nossos, incluindo a missionária internacional, foram capturados de uma só vez. A senhorita Mari Jibna, de 24 anos, foi assassinada dentro da fria prisão. Tão jovem, ela se tornou a primeira mártir que pregava em uma nação comunista.

No ano seguinte, novamente outro membro foi assassinado na prisão. Todo o meu corpo paralisou ao ouvir a notícia de que os membros da igreja estavam morrendo na prisão. Eu não conseguia falar, comer e nem mesmo orar; só fiquei sentado como uma pedra. Se eles não tivessem me encontrado, se eles não conhecessem as palavras que eu tinha transmitido, eles jamais teriam ido para aquelas geladas e solitárias prisões e não teriam morrido lá... Eles sofreram e morreram no meu lugar.

“Será que a minha vida vale tanto assim para eles trocarem por suas próprias vidas? Como posso compensar a cruz que eles levaram no meu lugar ao testemunharem no regime comunista?” Por pensar assim, ficava cada vez mais sem palavras. Como se estivesse no fim da linha, caí numa tristeza incalculável. Nesse momento, a senhorita Mari Jibna apareceu na minha frente como uma borboleta amarela. Fora da fria prisão da Tchecoslováquia, a borboleta amarela chegou para mim, senta-

do sem forças, e batendo suas asas me disse para ser forte e me levantar. Ela arriscou sua vida no testemunho, e através disso realmente tinha se tornado uma borboleta fora do casulo.

Aqueles que estavam testemunhando em tal situação miserável recebiam muitas revelações em sonhos e visões. Por estarem fechados por todos os lados, sem poder se comunicar com ninguém, o próprio Deus orientava o caminho que deviam seguir através de revelações. Era comum cochilarem e de repente: “Levante-se, saia daí”; com esse sonho, imediatamente escondiam seu corpo e salvavam suas vidas, no instante em que a polícia secreta invadia. Uma vez, um membro que nunca tinha me visto, também me encontrou em sonho, para guiá-lo sobre a maneira certa de dar testemunho. Então, quando me encontrou pessoalmente, ele ficou muito contente: “Ah, foi o senhor que eu vi em sonho naquela época”.

Dessa forma, lutei arriscando a minha vida para derrubar o comunismo e construir a nação de Deus, mas negaram meu visto para a América por desconfiarem que eu fosse comunista. Então apresentei o trabalho anticomunista que estávamos fazendo no Canadá naquela época, e só depois disso, finalmente, recebi o visto.

Passando por esse curso tão complicado, por que fui para os EUA? Justamente para combater esse sombrio poder e levá-lo à ruína. Fui para lá, pondo minha vida em perigo, para guerrear contra o poder do mal. Na época, os Estados Unidos estavam caóticos com todos os problemas que havia no mundo, como o comunismo, as drogas, a corrupção e a imoralidade sexual etc.

Eu gritava: “Eu cheguei aqui na América como bombeiro e ao mesmo tempo como médico”. Quando uma casa pega fogo, os bombeiros vêm correndo, e quando alguém adocece, chamam um médico. Assim, fui o bombeiro que precisava apagar o fogo da “Queda” que envolvia a América, e fui o médico que precisava curar a doença dos EUA, que se afundava na lama da corrupção, perdendo Deus.

No início dos anos 70, a sociedade americana estava seriamente dividida por causa dos conflitos relacionados à Guerra do Vietnã e pela desilusão com a cultura materialista. Os jovens, cuja vida não tinha significado, vagavam pelas ruas desperdiçando suas vidas no álcool, nas drogas e no sexo livre, e deixavam de lado seu precioso espírito. A religião, que devia guiá-los para pararem de perambular e voltarem a uma vida direita, tinha perdido sua própria função. Nas ruas, revistas pornográficas eram vendidas abertamente e as pessoas estavam caindo na fantasia do uso de drogas. Crianças de famílias divorciadas estavam vagando nas ruas com seus corações perdidos. Nesse tempo, Deus me enviou para sacudir e alertar a sociedade americana, onde todo tipo de crimes estavam sendo cometidos.

Logo que cheguei à América, fiz uma turnê dando as conferências “O novo futuro do Cristianismo” e “A vontade de Deus e a América”. Em público, toquei no ponto fraco da América, fazendo-os sentir dor no que até então ninguém tinha apontado.

“Os Estados Unidos da América foram estabelecidos sobre o espírito puritano. O país se desenvolveu brilhantemente em

apenas duzentos anos, até se tornar a nação mais poderosa do mundo, porque recebeu a bênção do infinito amor de Deus. A liberdade da América se originou em Deus, entretanto, nesse tempo o país virou as costas para Ele. Hoje, os americanos perderam totalmente o amor que tinham recebido de Deus. Se não recuperarem de qualquer maneira esse espírito sagrado, não haverá futuro para a América. Vim aqui exatamente para salvar os Estados Unidos, que estão sendo destruídos, despertando o espírito sagrado de vocês. Por favor, arrependam-se! Vocês devem se voltar para Deus em profundo arrependimento.”

Reverendo Moon, a Semente da Revolução Espiritual na América



No início, a reação dos americanos a mim foi muito fria. Como poderia eu, um líder religioso vindo da miséria da guerra, ousar dizer para os americanos se arrependem? Eles falavam isso para zombar de mim.

Não só os americanos ficaram contra mim. A oposição dos esquerdistas japoneses ligados à Internacional Comunista foi ainda mais ferrenha. Eles chegaram a invadir o seminário onde eu geralmente ficava, em Boston, e foram pegos em flagrante pelo FBI. Tantas foram as tentativas de me matar, que chegou num ponto tão difícil que nem mesmo meus filhos podiam ir para a escola sem segurança. Sob contínuo risco de vida, por um tempo eu até tive que discursar em público protegido por um vidro blindado.

Apesar deles me perturbarem tanto, os discursos da turnê do homem de olhos pequeninos vindo do Oriente chamavam cada vez mais a atenção do público. As pessoas queriam ouvir sobre os novos ensinamentos, completamente diferentes de tudo o que já tinham visto. Além dos princípios essenciais sobre o universo e a vida do ser humano, o conteúdo das conferências que

despertavam o espírito dos fundadores dos EUA levantou uma brisa fresca para os americanos, que se afundavam na corrupção e na lama da ociosidade.

Com as minhas conferências, os americanos realizaram a revolução da consciência. Os jovens que me seguiam cortaram os cabelos crescidos até os ombros, rasparam as barbas cheias e me chamaram de “Pai Moon” e “Reverendo Moon”. Se a aparência mudou, é porque o interior também mudou. Então, dentro do coração daqueles jovens que estavam viciados em bebidas alcoólicas e drogas, o amor de Deus começou a penetrar.

Todos os tipos de jovens, de diferentes religiões, se reuniam nas conferências. Durante os sermões, se eu perguntasse “Há presbiterianos aqui?”, muitos jovens levantavam as mãos “Aqui, senhor!” Também, se perguntasse: “Aqui há católicos?”, muitos erguiam as mãos. “E os batistas?”, então muitos diziam: “Eu! Eu sou!” Quando eu falava: “Por que vocês deixaram suas próprias religiões e vieram assistir meu sermão? Por favor, voltem para suas igrejas! Vão assistir o sermão nas suas igrejas!”, todo mundo exclamava: “Uooh, uooh!” Assim, mais e mais pessoas entravam, e além dos jovens, os próprios líderes da Igreja Presbiteriana e da Igreja Batista passaram a trazer seus jovens. Depois de algum tempo, a palavra “Reverendo Moon” se tornou um ícone da revolução espiritual da sociedade americana.

Ensinei os jovens americanos a ter paciência e perseverança. Com toda a sinceridade proclamei a verdade que somente quem cuida de si mesmo pode cuidar do universo.

“Vocês gostariam de carregar a cruz do sofrimento? Nin-

guém gostaria de percorrer o caminho da cruz. Mesmo que tenham vontade de carregá-la, o corpo vai e diz: “Não!” Nem sempre o que agrada os olhos agrada o coração. Às vezes aquilo que tem boa aparência, tem muitas coisas feias e más quando visto por dentro. Ainda assim, o olho só quer agradar a si mesmo, então se o seu corpo quer seguir aquele olho, vocês têm que falar rapidamente: ‘Ô, moleque, não!’ Do mesmo jeito, quando a boca só quiser comer coisas gostosas, repreendam: ‘Ô meu, não!’ Os jovens sempre se apaixonam pelo sexo oposto, não é? Nessa hora também tem que se conter e dizer: ‘Ô moleque, não!’ Se não controlo a mim mesmo, não posso fazer nada pelo mundo. Se eu for destruído, o universo será destruído.”

Proclamei para eles o lema da minha juventude: “Antes de querer dominar o universo, primeiro trate de aperfeiçoar o domínio sobre si mesmo”. A sociedade americana é uma sociedade materialista. No meio dessa cultura materialista, tratei de falar sobre o espírito. Os olhos não podem ver a mente, nem a mão pode segurá-la, mas não há dúvidas que nós somos governados pela mente. Sem o coração, você não é nada. Falava sobre o coração acrescentando o amor, o amor verdadeiro. Disse-lhes, com a clara consciência baseada no amor verdadeiro, que eles deveriam ter autocontrole para encontrar a verdadeira liberdade.

Também os alertei para a preciosidade do trabalho. O trabalho não é sofrimento, mas sim criação. Porque o trabalho está ligado ao mundo de Deus, ainda que você trabalhe a vida inteira, você se sente feliz. Na verdade, o trabalho do homem não

passa de fazer aqui, modificar ali... as coisas que Deus criou. Na verdade, o trabalho não é um peso se você pensar nele como um *hobby* com o qual está criando uma lembrança para Deus. Ensinei os jovens americanos, que tinham perdido a satisfação de trabalhar por estarem tão acostumados à vida de abundância trazida pela cultura materialista, a “trabalhar com alegria”.

Além disso, despertei-os para mais uma coisa: a alegria em amar a natureza. Ensinei os jovens que viviam cercados pela cultura corrupta da urbanização, e que haviam se tornado escravos da vida egoísta, o quanto a natureza é valiosa. Foi Deus quem nos deu a natureza. Deus fala conosco através da natureza. É um pecado destruir o ambiente para ganhar alguns trocados e prazer momentâneo. A natureza que nós destruimos, no final, se tornará um veneno contra nós e fará nossos filhos sofrer. Devemos nos voltar para a natureza e ouvir o que ela nos diz, abrir as portas do coração e, quando escutarmos o som da natureza, poderemos ouvir as palavras de Deus transmitidas por ela. Era isso que eu dizia aos jovens americanos.

O Encontro no Monumento Washington em 1976, Nem em Sonho Poderei Esquecer



Em dezembro de 1975, inauguramos a Faculdade de Teologia da Unificação, em Barrytown, ao norte de Manhattan, Nova Iorque, e convidamos judeus, evangélicos, católicos e budistas para lecionarem, transcendendo as religiões.

Quando eles ensinavam suas próprias religiões dentro da sala de aula, nossos alunos faziam perguntas pertinentes. A sala de aula sempre se tornava palco de exaltadas discussões. Quando todas as religiões, como uma só, discutem umas às outras, começam a se entender e quebram preconceitos errados. Os jovens inteligentes, depois de terminar o mestrado na nossa faculdade, conseguiam entrar no curso de doutorado nas Universidades de Harvard ou Yale. Atualmente, eles são gênios que lideram as religiões do mundo.

Fui convidado a ir ao Congresso Americano em 1974 e 1975. Discurssei, diante dos deputados federais, sobre o tema: “Uma nação sob Deus”.

“A América surgiu com a Bênção de Deus, mas essa bênção não é somente para os americanos. Essa é a bênção que desceu para o mundo através da América. Portanto, os EUA devem

entender bem os preceitos da “Bênção” e devem se sacrificar para salvar toda a humanidade. Para isso, os Estados Unidos têm que começar um movimento de alerta radical, para voltar ao espírito de quando foram fundados. A América deve unir todos os cristãos que se dividiram em dezenas, reunir todas as outras religiões e deve escrever a nova história da cultura mundial”, bradei diante dos congressistas americanos exatamente aquilo que tinha falado para os jovens na rua. Até então, eu era o único líder religioso estrangeiro a receber um convite para discursar no Congresso. Como esse convite me foi feito duas vezes seguidas, muita gente queria saber quem realmente era esse Reverendo Moon que tinha vindo da Coreia.

No ano seguinte, no dia primeiro de junho, nós comemoramos os duzentos anos de independência dos Estados Unidos no Estádio Yankee, em Nova Iorque. Naquele tempo o país não estava bem para comemorar por si mesmo. Ele sofria com a ameaça comunista, e a juventude americana estava vivendo longe do desejo de Deus, com o uso de drogas e o aborto. Percebi que os EUA, e principalmente Nova Iorque, estavam doentes. Por isso entrei na festa e, diante da comemoração, me posicionei com o espírito de operar o coração da América com um bisturi.

No dia da comemoração caiu muita chuva, mas ninguém queria fugir do meio do temporal. Quando a banda começou a tocar “You are my sunshine”, todos no Estádio Yankee começaram a cantar em uníssono. Cantando a canção do sol debaixo daquela chuva, embora a boca cantasse, dos olhos caíam lágrima-

mas. Por um momento, chuva e lágrimas se misturaram.

Pratiquei boxe na época de estudante. No boxe, ainda que receba muito *jab*, o bom atleta não se move nem um centímetro. Contudo, se leva um *upper*, mesmo o mais forte atleta cambaleia. Era exatamente esse baque que eu iria dar na nação americana. Para isso, senti a necessidade de ter um encontro de maior dimensão que o sucesso colhido até ali, para gravar firmemente meu nome, Sun Myung Moon, na sociedade americana.

Washington é a capital dos Estados Unidos, onde há um monumento, uma torre que traça uma linha reta com o Congresso Nacional. Ela parece um lápis bem apontado de pé. Abaixo do monumento, há um gramado bem extenso, ligado ao Memorial Lincoln. Haviam me dito que aquele lugar era o coração da América, então planejei um evento gigantesco ali.

Para realizar esse evento no Monumento Washington, precisávamos da autorização do governo e também da autorização da Polícia dos Parques da América. O governo americano não gostava muito de mim. Não poderia esperar o contrário, sendo eu a pessoa que tinha ido aos jornais falar que o presidente Nixon, que estava em risco por causa do escândalo de *Watergate*, deveria ser perdoado, e que também se opôs fortemente à política liberal do presidente Carter. Devido às várias negativas do governo norte-americano, conseguimos a autorização apenas 40 dias antes da data marcada.

Todos os nossos membros pediram para não fazermos o evento, porque a aventura era muito maior. O Monumento Washington estava localizado no centro da cidade, em um par-

que aberto nas quatro direções. Além disso, não havia árvores cercando, só um vasto e verde gramado. Caso poucas pessoas se reunissem, ficaria muito feio. Para encher aquele gramado enorme, precisaríamos que centenas de milhares de pessoas viessem, e isso seria quase impossível. Até então, apenas duas pessoas tinham feito grandes encontros no Monumento Washington. Martin Luther King, com a passeata pelos direitos humanos, e o Reverendo Billy Graham. Assim, era um lugar simbólico. E lá lancei um desafio.

Faltando uma semana para o dia marcado, meu coração ainda estava muito conflitado, sem saber o que iria falar. Finalmente, três dias antes do evento terminei de escrever o discurso. Revisei o discurso quatro vezes e orei sem parar por esse encontro. Normalmente, não escrevo os sermões antes, mas eu estava muito preocupado com esse encontro. Mesmo sem saber exatamente o que seria, uma coisa era certa: seria um evento muito importante.

Finalmente, no dia 18 de setembro de 1976, aconteceu uma coisa que nem em sonho poderei esquecer. Desde cedo pela manhã, as pessoas não paravam de chegar ao Monumento Washington. Havia tanta gente, que no total vieram trezentos mil pessoas. Ninguém sabia de onde havia surgido tanta gente. Havia muita diversidade de cabelos e de cor de pele. Parecia que todas as raças que Deus criou na terra estavam ali. Não preciso dizer mais, realmente foi um encontro mundial.

Diante de trezentos mil pessoas, proclamei bravamente: “Vim para a América salvar do perigo os corrompidos jovens

americanos, para que sejam jovens de esperança”. A cada palavra que dizia surgiam aclamações. Os ensinamentos do Reverendo Moon, que veio do Oriente, era um choque para os jovens americanos da época, que viviam numa era de caos. Eles aplaudiram a mensagem de pureza sexual e família verdadeira que eu estava transmitindo, e por causa da reação eufórica das pessoas, por dentro também comecei a pingar de suor.

No fim daquele ano, a revista *Newsweek* me elegeu a figura do ano de 1976. Por outro lado, também aumentou o número de pessoas que queria distância de mim e que me temiam. Para eles eu era simplesmente um estranho mágico do Oriente, não um branco confiável para se seguir. Eles também se sentiam muito inseguros porque minhas palavras eram um pouco diferentes dos ensinamentos que ouviam nas igrejas tradicionais. E acima de tudo, eles jamais aceitariam que os jovens brancos seguissem e respeitassem um “asiático de olhos puxados como os olhos de um peixe”. Eles espalharam maus boatos de que eu estava fazendo lavagem cerebral nos inocentes jovens brancos. E pelas costas dos grupos que me aplaudiam, organizaram um grupo contra mim. Então, senti outro perigo se aproximar. Apesar disso, não temi, porque tinha certeza que estava fazendo a coisa certa.

A questão do racismo e do preconceito religioso é muito forte nos EUA. As pessoas pensam que a América é uma nação de igualdade e liberdade, na qual todas as raças do mundo chegam em busca do sonho americano. Na verdade, existe muito conflito devido ao forte racismo e ao preconceito religioso.

Eles estavam gravados na história americana mais que uma doença crônica, e mais que os problemas sociais surgidos na abundância material dos anos 70 como a corrupção, a imoralidade sexual e o materialismo.

Naquele período, frequentava a igreja de negros para conduzir as diferentes religiões à reconciliação. Havia muitos líderes negros, como o reverendo Martin Luther King, tentando eliminar o racismo para construir o mundo de paz de Deus.

No subsolo da igreja eles montavam exposições de fotos dos mercados de escravos negros, que aconteceram por centenas de anos até a criminalização do racismo. A imagem de um negro sendo queimado vivo, pendurado em uma árvore, a cena de negros de boca aberta para serem vendidos como galinhas, fotos da seleção de escravos, onde homens e mulheres negros nus eram postos juntos, a imagem de um filho sendo tirado dos braços da mãe em prantos, etc. Todas essas cenas eram crimes que o ser humano jamais poderia ter cometido.

“Podem aguardar. Daqui a menos de 30 anos uma criança nascida em uma família inter-racial de negros e brancos se tornará o presidente dos Estados Unidos.”

Disse isso no dia 24 de outubro de 1975, no encontro em Chicago, e a profecia daquele dia agora se tornou realidade na América. Obama, natural de Chicago, se tornou o presidente. Contudo, aquela minha profecia não se cumpriu automaticamente. Para eliminar os conflitos entre religiões e ramificações diferentes, muitas pessoas derramaram suor e sangue. Finalmente, o sangue e o suor derramados na terra agora se transformaram em uma flor aberta.

Não Chore por Mim, Chore pelo Mundo



Surpreendentemente, muitos pastores das igrejas americanas tradicionais participaram do encontro no Monumento Washington, levando um grande número de seguidores. Certamente eles perceberam que a minha mensagem estava comovendo os jovens de todas as religiões e ramificações. Aquele foi um momento em que o trabalho inter-religioso e interdenominacional que eu tanto tinha proclamado, até minha garganta estourar, se concretizou. O encontro do Monumento Washington foi um milagre. Até hoje, ninguém quebrou o recorde de reunir trezentos mil pessoas lá.

Porém, sempre que algo bom acontece, vem acompanhado de coisas ruins. Os judeus americanos pintaram um bigode no meu rosto e fizeram cartazes me comparando a Hitler. Eles me chamaram de antissemita, que significa contra o judaísmo, e me condenaram como um indivíduo que perseguia os judeus. E não apenas os judeus, mas quando o número de jovens que me seguia cresceu rapidamente e cada vez mais pastores das igrejas tradicionais queriam aprender o Princípio Divino, outras igrejas convencionais dos EUA começaram a me perseguir. As principais igrejas tradicionais da América se opuseram fortemente a mim, e também os políticos liberais esquerdistas, que eram contra a minha tese de que impedir a expansão do comunismo era responsabilidade dos EUA.

Quanto mais famoso ficava, várias suspeitas foram colocadas à minha volta. Aquilo que nunca tinha considerado problema, de repente se tornou um sério empecilho que começou a me pressionar. A sociedade tradicional me achou muito liberal, e alegou que a doutrina que ensinava estava destruindo os valores tradicionais. Uma das coisas que eles não gostavam em mim era a nova interpretação sobre a cruz.

Não era a vontade predestinada de Deus que Jesus, vindo como o Messias, fosse morto na cruz. Porém, devido à crucificação de Jesus, o plano de Deus para a humanidade viver em um mundo de Paz sofreu um desvio. Se os israelitas daquele tempo tivessem recebido Jesus como o Messias, o mundo da paz seria construído, no qual a cultura e a religião do Oriente e do Ocidente se tornariam uma. Entretanto, Jesus morreu na cruz e a providência da salvação de Deus foi adiada para a Segunda Vinda.

Essa minha nova interpretação sobre a cruz chamou muita oposição. Além das igrejas tradicionais, todos os judeus me consideraram inimigo, e fizeram de tudo para me expulsar da América.

Por fim, tive que ir novamente para a prisão. A única coisa que fiz foi recuperar a nação para que fizesse a vontade de Deus, estabelecendo a ética e a moral numa América que já estava afundada. Apesar disso, eles me condenaram injustamente por sonegação fiscal. Isso aconteceu quando eu já estava com mais de 60 anos de idade.

No meu primeiro ano nos Estados Unidos, eu depusitei no

Banco de Nova Iorque, o dinheiro de contribuições vindas do mundo inteiro. Nos EUA, era costume os fundos para atividades religiosas serem depositados no banco em nome do líder religioso. Isso era um costume tradicional. Esse dinheiro rendeu juros por três anos. Como não declarei a renda dos juros nos impostos, me condenaram como sonegador fiscal, acusado pela promotoria de Nova Iorque. Por fim, no dia 20 de julho de 1984, fui detido na Penitenciária Federal de Danbury, estado de Connecticut.

Antes de ir para a prisão de Danbury, eu tive um último encontro com os membros em Belvedere. Todos os membros encheram Belvedere e oraram por mim com lágrimas. Milhares dos meus discípulos se reuniram em Belvedere. E para eles eu bradei: “Sou inocente. Mesmo sem ter cometido nenhum crime, eu vou com os olhos postos na brilhante luz da esperança que está se levantando atrás de Danbury. Então, por favor, não chorem por mim, mas chorem pela América. Por favor, amem a América e orem por ela”. Para os jovens comovidos pela tristeza, levantei os punhos fechados da esperança.

A declaração que deixei antes de entrar na prisão levantou um grande movimento entre os religiosos. O “Innocent Movement” começou e, como uma onda, as orações por mim começaram a subir.

Não tinha medo de ir para a prisão. Já estava acostumado com a vida de prisioneiro. O coração das pessoas ao meu redor, porém, não estava assim. Sabendo que os judeus poderiam fazer qualquer coisa para me eliminar, eles ficaram com medo. Eu, porém, fui para a prisão de cabeça erguida.

“Por que Meu Pai Tem que Ir para a Prisão?”



Até na prisão de Danbury mantive o meu princípio de viver pelo bem dos outros. Levantava cedo pela manhã e limpava bem onde estivesse sujo. Até no refeitório, enquanto os outros cochilavam com o nariz enfiado na mesa ou batiam papo, eu esperava minha vez na fila, com postura reta. Fazia mais que os outros do trabalho que me davam, e ainda ajudava as pessoas ao meu redor. Quando sobrava tempo, lia a Bíblia. Eu lia a Bíblia dia e noite, e uma vez um prisioneiro me disse: “Ei, essa é a sua Bíblia? Essa é a minha, quer ver?”, ele me jogou uma revista. Era uma revista pornográfica *Hustler*.

Em Danbury, as pessoas me chamavam de “aquele que trabalha calado”, “aquele que lê”, “aquele que medita”. Assim, em três meses consegui fazer amizade com os prisioneiros e até com os carcereiros. Fiz amizade com usuários de drogas e com o prisioneiro que me disse que a revista pornográfica era sua Bíblia. Passando mais dois meses, os prisioneiros que estavam em Danbury começaram a dividir comigo as coisas que recebiam. Quando comecei a compartilhar carinho com as pessoas, parecia que a primavera tinha chegado à prisão.

Na verdade, a América não queria realmente me mandar para a prisão. Eles decidiram me intimar enquanto estava na Alemanha. Então, se não quisesse entrar nos EUA, nada acon-

teceria, porque a intenção deles não era me prender, mas sim me expulsar. Porque estava famoso como “Reverendo Moon” e meus seguidores aumentavam sem controle, eles impediriam o meu caminho. Como na Coreia, era o cisco no olho das igrejas tradicionais. Contudo, como já sabia da intenção deles, voltei para a América e fui para a prisão por vontade própria, porque ainda tinha trabalho por fazer na América.

Não acho tão ruim ir para a prisão. Para fazer as pessoas que passam pelo vale de lágrimas se arrependem, primeiro tenho que derramar lágrimas. Se meu coração não for tão miserável, não posso subjugar o outro. Mas a providência de Deus é realmente misteriosa. Surpreendentemente, quando fui preso, sete mil líderes religiosos ficaram indignados pela infração do governo americano contra a liberdade religiosa, e promoveram um movimento para me libertar. Entre eles destacam-se o Reverendo Jerry Falwell, da Igreja Batista, que representava o grupo de cristãos tradicionais da América, e o pastor Joseph E. Lowery, que fez a oração da bênção na posse do presidente Obama. Eles ficaram na linha de frente da passeata pela minha libertação. Minha filha In Jin também participou da passeata de braços dados com eles. Ela até leu uma carta escrita com lágrimas diante dos sete mil líderes religiosos.

“Saudações, senhoras e senhores. Sou In Jin Moon, segunda filha do Reverendo Sun Myung Moon. O dia 20 de julho de 1984 pareceu o fim do mundo para a nossa família. Foi justamente nesse dia que meu pai entrou na prisão. Nem em sonho imaginei que tal coisa poderia acontecer para o meu pai. Ain-

da por cima aqui na América, a terra da liberdade abençoada por Deus e que meu pai tem amado tanto e que realmente tem servido. Meu pai trabalhou muito depois de chegar aos EUA. Quase não o via dormir. Ele sempre levantava na madrugada, orava e ia trabalhar. Jamais vi alguém como o meu pai, com tanta dedicação para o futuro da América e para Deus.

Entretanto, os EUA levaram meu pai para a prisão de Danbury. Por que meu pai tem que ir para Danbury? Ele é uma pessoa que não se importa com o próprio sofrimento. A vida do meu pai, durante a qual ele praticou a vontade de Deus, está gravada a lágrimas e sofrimento. Agora ele tem 64 anos de idade. O único crime que meu pai cometeu foi amar os EUA. Porém, nesse momento, no refeitório da prisão, ele deve estar lavando pratos ou limpando o chão.

Na semana passada, eu o vi pela primeira vez, vestindo o uniforme de prisioneiro. Eu chorei sem parar. Meu pai me disse: “Não chore por mim, mas ore pela América”. Meu pai transmitiu para mim a mesma mensagem que ele deixou para todos os milhões de membros do nosso movimento no mundo inteiro. “Redirecionem sua raiva e sua tristeza, e as transformem em forte vigor para fazer dessa nação uma nação de liberdade”. Meu pai me disse que fará qualquer trabalho duro na prisão, aguentará qualquer injustiça, carregará tranquilamente qualquer cruz. A liberdade religiosa é a pedra fundamental para todas as liberdades. Sinceramente agradeço a todos que apoiaram esse movimento pela liberdade religiosa.”

Reconhecido como prisioneiro exemplar, tive minha pena

diminuída em seis meses por boa conduta e então fui libertado após treze meses preso. Na noite do dia em que saí da prisão, houve um banquete de comemoração da minha libertação em Washington. Juntos, rabinos judeus e pastores cristãos me esperavam entre os 1.700 líderes. Naquele momento, mais uma vez insisti e bradei para o mundo a “inter-religiosidade e a interdenominação”, sem me preocupar com ninguém.

“Deus não pertence a uma religião ou a uma denominação. Deus não é um ser amarrado a uma doutrina em especial. Dentro do coração de Deus, como um coração de pai e de amor, não existe divisão de povo e raça. Não existem muros entre as nações e entre as tradições e culturas diferentes. Ainda hoje, Deus está tentando abraçar toda a humanidade por igual, como seus filhos. Agora os Estados Unidos estão seriamente doentes com o problema racial, a confusão de valores, a corrupção social, ética e moral, a falta de espiritualidade e com o problema da decadência da vida de fé cristã, o problema do comunismo baseado no ateísmo, etc. A razão pela qual cheguei a essa nação chamado por Deus foi exatamente essa. Todos os cristãos têm que acordar e se unir como um só, e até os sacerdotes têm que reanalisar o papel que assumiram até agora para se arrependem. A cena do tempo em que Jesus veio e conclamou a todos que se arrependessem, depois de dois mil anos, está se repetindo na terra. Nós devemos cumprir a missão importante que foi dada por Deus para a América. Se continuar como está, não haverá saída. É preciso uma nova Reforma Religiosa.”

Depois de cumprir pena na prisão, não havia mais nada que

pudesse me segurar. Com a voz mais forte que antes, transmiti a mensagem alertando a América decadente. Avisei fortemente e insisti no alerta de que apenas a restauração do amor a Deus e da moralidade poderia ser a força para reerguer a América.

Embora tivesse cumprido a pena na prisão inocentemente, a vontade de Deus também estava lá. Depois que saí da prisão, aqueles que estavam no movimento pela minha libertação se revezaram para visitar Pusan e Seul. A razão deles virem era para saber porque o espírito do Reverendo Moon tinha comovido os jovens americanos daquela maneira. Dentro do pouco tempo de sua visita, eles de vontade própria arrumaram um intervalo para aprender nossa doutrina e então voltaram. Centralizado neles, organizei a Conferência de Liderança dos Clérigos Americanos – ACLC², que trabalha até hoje organizando o movimento da paz e o movimento da vida de fé em nível inter-religioso e entre as diferentes denominações.

2. American Clergy Leadership Conference.

CAPÍTULO 5

A FAMÍLIA VERDADEIRA
APERFEIÇO
O HOMEM VERDADEIRO

Minha Esposa Hak Ja Han



A primeira vez que eu encontrei minha esposa, ela era uma menina de 14 anos e tinha acabado de se formar no Ensino Fundamental. Quando ia à igreja, ela andava sempre pela mesma rua e nunca levantava a voz, era uma menina que passava despercebida. Um dia, nosso membro, a senhora Soon Ae Hong, me apresentou sua filha.

“Qual o seu nome?”, perguntei.

“Meu nome é Hak Ja Han, senhor”, ela respondeu sem embaraço. Naquele momento, sem eu mesmo perceber, repeti três vezes “Oh, Hak Ja Han nasceu na Coreia!” e orei, dizendo “Oh, Deus, muito obrigado porque o senhor mandou uma mulher tão admirável como Hak Ja Han para a Coreia”. Então lhe disse: “Hak Ja Han, daqui para a frente você precisará se sacrificar muito”.

No instante que a vi, todas essas palavras automaticamente saíram da minha boca. Algum tempo depois, a senhora Soon Ae Hong me disse que tinha achado muito estranho eu ter dito três vezes a mesma palavra enquanto olhava sua filha. E minha esposa também se lembrou bem daquele breve encontro. Ela guardou aquele dia e até as palavras que murmurei para mim mesmo no fundo de seu coração. Ela me disse que não pôde esquecer porque sentiu que estava recebendo uma grande reve-

lação sobre seu futuro.

A mãe de minha esposa, a senhora Soon Ae Hong, nasceu em uma fervorosa família presbiteriana e cresceu em um ambiente de fé cristã. Ela veio da mesma terra natal que eu, Jong Ju, mas viveu mais tempo na cidade de Anju e desceu para o sul durante a Guerra da Coreia. Quando entrou na nossa igreja, na cidade de Chun Chón, ela já tinha uma vida de fé muito rigorosa e sua filha foi educada de maneira bem rígida.

Minha esposa estudou na Escola Técnica de Enfermagem mantida pela Igreja Católica, e como o regulamento da escola era muito severo, diziam que parecia uma vida no convento. A personalidade da minha esposa era calma; ela só saía de casa para a escola, sob as ordens da mãe, que dedicava sincera devoção na vida de fé. Além de ir para escola e frequentar nossa igreja, era a única forma dela sair de casa.

Eu tinha quase 40 anos na época e senti que tinha chegado a hora de me casar. Quando Deus falou: “Chegou a hora. Case-se”, tive que obedecer. Em outubro de 1959, a preparação para o meu noivado começou sem uma noiva definida, conduzida por uma anciã, a avó Seung Do Ji. Um membro que por sete anos tinha orado pela minha futura esposa, sem saber quem seria, me falou assim: “Mestre, em um sonho, vi que a senhorita Hak Ja Han havia se tornado noiva do senhor”. A avó Seung Do Ji também me contou um sonho que teve: “Oh, que sonho foi aquele? Vi dezenas de garças que vinham voando. Tentei espantá-las com as mãos, mas elas voltaram e cobriram nosso Mestre. O que isso significa?”

No mesmo período, também apareci em sonho para minha esposa, dizendo: “O dia está se aproximando. Se prepare”. No sonho, minha esposa respondeu: “Até agora tenho vivido de acordo com a vontade do Céu. Daqui para a frente não será diferente. Seguirei como serva de Deus e farei qualquer coisa que seja a vontade Dele”.

Alguns dias depois do sonho que minha esposa teve comigo, falei para a senhora Soon Ae Hong trazer sua filha até mim. Aquele era oficialmente nosso primeiro encontro desde o dia em que havia me cumprimentado, com 14 anos de idade.

Pedi que ela fizesse um desenho. Então, sem hesitar ela traçou com o lápis e me entregou. Achei que ela desenhava bem, e quando olhei seu rosto, percebi o quanto aquele rosto corado era bonito; e pelo que ela havia desenhado, vi também como seu coração era admirável. Naquele dia fiz muitas perguntas para ela, e a todas, ela respondeu claramente, sem demonstrar qualquer embaraço.

Passados alguns dias, a chamei de novo. Sem saber o porquê do chamado, ela ficou na minha frente e eu lhe disse: “Amanhã de manhã vai acontecer a cerimônia de casamento”. Quando lhe falei isso, ela respondeu: “Ah, é?”, e não perguntou mais nada, nem se mostrou contra. Parecia que ela era uma pessoa que não sabia dizer não. Embora ela fosse tão obediente e calma, para fazer a vontade de Deus ela era uma pessoa bem determinada.

Nós ficamos noivos em 27 de março de 1960 e, em 11 de abril, menos de quinze dias depois, realizamos a cerimônia

de matrimônio. Usei o *samo-guande*¹, e minha esposa usou o *jokturi*². A jovem noiva, 23 anos mais nova que eu, tinha uma postura bem ajeitada com a boca bem fechada e o semblante calmo.

“Com certeza você deve saber que se casar comigo é diferente de um casamento comum. Nossa união como casal é para cumprir a missão que recebemos de Deus de nos tornarmos Verdadeiros Pais, não só para buscar a felicidade entre homem e mulher como os outros. Através da Família Verdadeira, Deus deseja estender o Reino dos Céus para esse mundo. Por isso, de agora em diante, nós devemos trilhar o duro caminho para nos tornarmos Verdadeiros Pais, os quais abrirão o portão do Reino dos Céus. Como até hoje ninguém na história humana passou por esse curso, nem sei como será o caminho a nossa frente. Então, nos próximos sete anos acontecerão muitas coisas difíceis para você suportar. Não se esqueça nem por um segundo de que nossa vida é completamente diferente da vida dos outros, e só aja depois de conversar comigo, até nas pequenas coisas. Você deve obedecer e seguir tudo que eu disser.”

“Já me determinei, então, por favor, não se preocupe comigo.”

Podia ver a grande convicção no rosto de minha esposa. A partir do dia seguinte, ela teve que passar por dias difíceis de suportar. A primeira dificuldade que ela enfrentou foi não poder ver sua mãe. A família de minha esposa era composta de três gerações de filhas únicas, então o relacionamento entre mãe e

1. Chapéu tradicional que o noivo usa no casamento.

2. Coroa que a noiva usa na cerimônia de casamento tradicional.

filha era muito próximo, mas ainda assim implorei para minha sogra: “Por favor, não veja sua filha com muita frequência e não apareça na minha frente nos próximos três anos”. Disse à minha esposa que ela tinha que cortar o relacionamento não só com a mãe, mas até com os parentes, por achar que se uma pessoa que ocupa a posição de mãe da igreja fizesse muita fofoca com os membros de sua família, ou mergulhasse em sentimentos particulares, nunca poderia cumprir sua responsabilidade. Dentro do coração da esposa só deve existir o esposo.

Por três anos, mandei minha esposa morar em um quartinho na casa de um membro e, além disso, ela podia vir à igreja apenas uma vez por dia. Nessa única vez, ela só podia vir à noite. Ela poderia entrar pelo portão da frente, mas para ir embora teria que usar o portão de trás e sair sem fazer barulho. Eu estava constantemente envolvido no culto ou em oração à noite, e estava raramente em casa, mas a separação não era por razões práticas. A separação era para estabelecer uma condição espiritual de devoção incondicional para sua missão. Como os ultrajantes rumores sobre mim continuavam a circular, a separação dos seus parentes e de mim tornou-se ainda mais difícil para minha jovem esposa suportar.

Quando nos casamos, a Igreja da Unificação já atuava em cento e vinte lugares por toda a Coreia e já estava bastante famosa. Por isso, mesmo dentro da igreja havia muitos comentários sobre o meu casamento. Muitas invejavam e odiavam minha esposa, e começaram a espalhar todo o tipo de boatos.

Porém, por causa do jeito como eu a tratava, além de ela morar na casa dos outros, e por eu ficar mais com as senhoras idosas, as fofocas sobre minha esposa começaram a sumir. Ainda mais quando ela ganhou nossa primeira filha. Por estar em um quarto frio, sem nenhum aquecimento, ela ficou doente pela falta dos devidos cuidados pós parto, e mesmo assim, o marido nem deu as caras. Aí então começaram a aparecer pessoas preocupadas com a minha esposa, que ficaram ao lado dela questionando como seu marido podia fazer aquilo.

“Nosso Mestre é terrível. Se ele se casou, tem que viver com a esposa. Como uma mulher pode ficar assim, sem ao menos ver o esposo?”

As pessoas que antes falavam mal de minha esposa começaram a simpatizar com ela e, uma por uma, passaram para o lado dela. Minha esposa, apesar da pouca idade, realmente passou por muitos testes. Durante toda nossa vida juntos, em nenhum momento ela pôde ficar livre, esteve todo o tempo muito tensa, como se estivesse andando sobre uma fina camada de gelo. “Será que hoje terei tranquilidade? Ou amanhã?” Ela teve que viver assim, com o coração apertado. Se ela falasse errado mesmo que uma palavrinha, a repreendia. Se ela expressasse apreciação, a repreendia, e às vezes ela me seguia e eu a repreendia. Talvez ela tenha suportado esse caminho de se tornar uma mãe, mas sem dúvida a tristeza no coração dela era muito grande. Mesmo que dissesse algo sem dar muita importância, ela teve que viver acompanhando cada uma das minhas palavras. Assim,

o sofrimento que ela passou deve ter sido inexprimível. Foram necessários sete anos para nos adaptarmos um ao outro. Naquele tempo, comprovei de novo o fato de que na vida do casal o mais importante é haver união pela fé.

Uma Incomparável Beleza Interior



Depois que nos casamos, fiz um compromisso com minha esposa: “Ainda que algo seja muito angustiante ou revoltante, não vamos deixar os membros da igreja pensarem: ‘Oh, nosso Mestre está tendo brigas conjugais’. Vamos gerar muitos filhos, mas não poderemos demonstrar que o papai e a mamãe brigaram, porque as crianças são nosso Deus. Os filhos são o amor de Deus compactado. Então, quando os filhos chamarem ‘Mamãe’, não importam as circunstâncias, você terá que responder ‘Sim’, com um sorriso”.

Após sete anos em tão rigoroso treinamento, minha esposa finalmente adquiriu a postura madura de mãe. Dentro da igreja, as fofocas sobre ela também já não existiam mais, e o lar se encheu do aconchego da felicidade. Minha esposa gerou quatorze filhos, e quando precisava sair de casa para me acompanhar nas turnês de discurso pelo mundo inteiro, ela escrevia cartas e cartões para os nossos filhos, sem faltar um dia. Dessa forma, ela abraçou nossos filhos com muito amor.

Para criar os nossos quatorze filhos durante vinte anos, minha esposa deve ter passado por muitas dificuldades, mas nunca demonstrou isso. Não foi uma ou duas vezes que a deixei perto do parto para viajar para o exterior. Os membros da igreja me escreviam, dizendo que a vida dela era extremamente difícil e

que estavam preocupados com sua alimentação. Embora eu lesse as cartas, não podia fazer nada. Apesar disso, minha esposa nunca reclamou ou expressou que as coisas estavam difíceis demais. Ainda me dói muito ela ter que passar a vida inteira dormindo duas ou três horas por dia para se adaptar ao marido.

Minha esposa tem um tão tremendo coração de amor e cuidados, a ponto dela dar sua aliança de casamento para alguém em necessidade. Quando ela vê alguém maltrapilho, compra roupas para aquela pessoa. Quando ela vê alguém passando fome, ela compra comida. Muitas vezes ela recebia presentes, e antes mesmo de abri-los dava-os para outra pessoa. Isso era frequente. Certa vez, durante uma viagem à Holanda, tivemos a oportunidade de passar por uma fábrica de lapidação de diamantes. Querendo expressar meu coração de gratidão à minha esposa, por todos os seus sacrifícios, comprei-lhe um anel de diamantes. Não tinha muito dinheiro, então não pude comprar um grande. Comprei um que gostei e o presenteei a ela. Mais tarde, ela o deu para outra pessoa.

Quando eu vi que o anel não estava no seu dedo lhe perguntei: “Para onde foi o seu anel?” Ela respondeu: “Você não sabe?”

Um dia a vi tirando um embrulho grande de pano, e ela estava trabalhando silenciosamente para pegar algumas roupas. Então lhe perguntei: “O que você vai fazer com isso?” “Ah, eu tenho utilidades para elas”.

Sem me contar o que pretendia fazer, ela fez várias trouxas de roupas. Depois que terminou, disse-me que estava pronto

para enviar para nossas missionárias que trabalhavam no exterior. “Essa aqui é para a Mongólia. Essa para a África. Essa para o Paraguai”, ela dizia. Ela tinha um leve sorriso autoconfiante que fez seu olhar tão doce quando me disse aquilo. Ainda hoje ela se responsabiliza por cuidar dos missionários que estão no exterior.

Minha esposa fundou o *International Relief and Friendship Foundation* (IRFF)³, em 1979, que até hoje se dedica ao serviço social em várias nações da África como o Zaire, Senegal e Costa do Marfim, distribuindo comida para crianças pobres, entregando remédios para os doentes e levando roupas doadas para os maltrapilhos. Na Coreia, em 1994 ela criou o Fundo Social *Ae Won*, cujas atividades são ajudar os adolescentes que se tornam prematuramente responsáveis por suas famílias, administrar o restaurante popular gratuito e ajudar nossos irmãos da Coreia do Norte. Além disso, há muito tempo minha esposa trabalha em entidades femininas. A Federação das Mulheres para a Paz Mundial, cuja responsável principal é minha esposa, já está presente em aproximadamente oitenta países do mundo e é uma ONG registrada até na ONU.

Na história humana, as mulheres sempre ocuparam uma posição submissa aos homens. Contudo, de agora em diante, o mundo que se aproxima é um mundo de reconciliação e paz baseado no coração materno, no amor e na força conciliadora das mulheres. Chegou o tempo da força das mulheres salvar o mundo.

3. No Brasil conhecida como AMASA – Associação Mundial de Assistência e Amizade.

Porém, atualmente as entidades feministas se opõem aos homens como se estivessem medindo forças, sempre querendo enfrentá-los. As entidades femininas que minha esposa administra são baseadas na religião e no amor para expandir o movimento pela construção de um mundo de paz. Não se trata da revolução feminista que saiu destruindo os lares, mas sim de um movimento feminino que cuida de sua família verdadeira através da prática do amor. O sonho de minha esposa é guiar as mulheres para crescerem como verdadeiras filhas de piedade filial, tornarem-se esposas que auxiliem os maridos com fidelidade e devoção e para se tornarem líderes que sirvam a sociedade educando seus filhos corretamente. Afinal, o movimento feminino no qual minha esposa trabalha existe para construir a família verdadeira.

Minha agenda sempre foi muito ocupada por causa do serviço público, e por isso nossos filhos viveram metade do ano sem os pais por perto. Nossos filhos ficavam com os membros da igreja, na casa onde seus pais não estavam. A casa se encontrava sempre cheia de membros. Em nossa casa, os visitantes sempre tinham prioridade para sentar-se à mesa conosco, não nossos filhos. Nesse ambiente, meus filhos conviviam com uma solidão que as crianças de outras famílias normalmente não sentiam.

Contudo, por causa de seu pai, tiveram que passar por uma dificuldade maior que essa. Em qualquer lugar que fossem, eles eram apontados como os filhos do Sun Myung Moon, o fundador da seita. Por isso, cada um teve sua fase de crise de identidade. Mesmo assim, todos eles voltaram e tomaram o caminho

certo. Não posso fazer nada além de agradecê-los, pois apesar dos pais não poderem cuidar bem deles, cinco dos meus filhos se formaram em Harvard. Meus filhos já estão crescidos e até ajudam no meu trabalho. Ainda assim, continuo um pai muito rígido. Ainda hoje, educo-os para se tornarem pessoas que amem a Deus e que sirvam a humanidade mais do que eu.

Minha esposa tem um caráter muito forte, não vacila diante de nada, mas a morte de nosso segundo filho Heung Jin foi muito difícil para ela. Foi no mês de dezembro de 1983. Eu e minha esposa estávamos participando do *rally* de manifestações para vencer o comunismo, na cidade de Kwang Ju, província Jón Nam. Recebemos a ligação internacional com a notícia de que Heung Jin tinha sofrido um acidente de carro e que tinha sido levado ao hospital. No dia seguinte, fomos direto para Nova Iorque, mas ele já estava em estado de coma.

Um caminhão descia a ladeira na maior velocidade e, de repente, freou e entrou na outra pista, causando o acidente. Dois amigos íntimos de Heung Jin estavam no carro com ele. Diante daquela situação urgente e arriscada para sua própria vida, Heung Jin virou o volante para a direita, para que o lado do motorista onde ele estava, se chocasse com o caminhão. Assim ele conseguiu salvar os dois amigos que estavam com ele. Quando fui olhar a ladeira onde ocorreu o acidente, que ficava perto de casa, a mancha preta da virada brusca do pneu para a direita ainda estava na estrada.

Por fim, Heung Jin foi para o Céu na madrugada do dia 2 de janeiro. Exatamente um mês antes ele tinha completado 17

anos. A tristeza de minha esposa era inexprimível, por perder um filho já crescido, mas ela não podia derramar as lágrimas. Nós somos pessoas que entendemos o mundo espiritual. Mesmo que a pessoa perca sua vida física, o espírito não desaparece como pó, mas vai para o mundo espiritual. Porém, é um sofrimento insuportável para os pais não poderem ver nem tocar seus amados filhos nessa terra. Minha esposa nem podia chorar como queria, enquanto acariciava sem parar o carro fúnebre que levava Heung Jin.

Antes do acidente acontecer, Heung Jin já havia se comprometido com Hoon Sook, que estava estudando balé. Eu a chamei e disse: “Não é fácil para uma mulher viver sozinha a vida inteira. Tampouco posso exigir isso dos seus pais. Então, vamos desfazer esse compromisso”. Mas a decisão de Hoon Sook estava inabalável: “Como já sei da existência do mundo espiritual, me deixe passar toda a minha vida com Heung Jin, por favor”.

Assim, cinquenta dias depois da partida de Heung Jin, Hoon Sook se tornou minha nora. Nós nunca esqueceremos o semblante dela durante a cerimônia com o espírito, com o sorriso brilhante de ponta a ponta e carregando a foto de seu noivo.

O coração de minha esposa podia desanimar cada vez que as dificuldades apareciam, mas ela nunca vacilou. Mesmo que a situação fosse muito complicada, minha esposa passou bem por cada degrau de sua vida, sem perder o sorriso sereno. Quando os membros da igreja pediam conselhos em relação a seus filhos, ela dizia sorrindo:

“Por favor, espere. Esse desvio das crianças é uma fase. Tudo vai passar no final. Por isso, qualquer coisa que os seus filhos façam, continue dando amor com um coração de infinito apoio, e espere. Os filhos com certeza voltarão para dentro do amor dos pais.”

Nunca, em toda a minha vida, gritei com minha esposa. Não que minha natureza seja assim, mas porque ela nunca me deu motivos. Minha esposa cuidou do meu cabelo a vida inteira. Sua habilidade de cortar cabelo é a melhor do mundo. Agora, como estou com a idade avançada demais, os pedidos que faço para ela também aumentaram. “Por favor, corte as unhas do meu pé”, aí ela imediatamente vem para cortar minhas unhas. É interessante, pois embora a unha do pé seja minha, os olhos dela enxergam melhor que os meus. Quanto mais velho fico, sinto que o jeito da minha esposa é cada vez mais precioso para mim.

Um Compromisso que o Casal Não Pode Deixar de Cumprir



Sempre exijo que os noivos jurem as coisas que não podem deixar de cumprir depois do casamento. Primeiro, entre o casal deve existir confiança mútua, e um deve amar o outro. Segundo, não machuque o coração do outro. Terceiro, eduquem seus filhos de segunda ou terceira gerações para manterem a pureza sexual. Quarto, para formar a família ideal verdadeira, todos os membros da família devem estimular e apoiar um ao outro. Manter a pureza sexual antes do casamento e a fidelidade depois é uma coisa muito importante. Ensino-lhes tais coisas para que vivam corretamente como seres humanos e para que mantenham uma família sadia.

O casamento não é simplesmente um encontro entre um homem e uma mulher, mas uma cerimônia preciosa que continua a obra da criação de Deus. O casamento é o caminho de gerar vida e de buscar o amor verdadeiro, com o homem e a mulher unidos como um só ser. Uma nova história surge através do casamento. No casamento surge a família, centrada na qual a sociedade se forma, a nação é construída e o mundo de paz de Deus é realizado. A família é exatamente o lugar no qual o Reino de Deus se realiza neste mundo.

Por isso, o casal tem que se tornar o centro da harmonia e da paz. Além do relacionamento do casal ter que ser cheio de amor, até os sogros e os parentes têm que alcançar harmonia e paz através daquele casal. Não basta ter amor somente entre duas pessoas e viver bem, mas todos os membros da família devem viver amando uns aos outros.

Exijo, sem discussão, que os recém-casados gerem muitos filhos. Gerar e cuidar de muitos filhos é uma bênção de Deus. As vidas que Deus deu não podem ser abortadas ao bel-prazer pelo padrão do ser humano. Deus tem um plano para todas as vidas que nascem nesse mundo. Todas as vidas são muito preciosas, portanto devem ser protegidas e bem cuidadas.

Espera-se que o casal mantenha a confiança e construa o amor juntos. O mais importante entre o que peço para todos os casais é que jurem o terceiro compromisso: “Ensinar para seus filhos manterem a pureza sexual antes do casamento”.

Na realidade, em tempos atuais, esse compromisso tão óbvio de fato se tornou algo muito difícil. Entretanto, quanto pior o mundo fica, mais a pureza sexual antes do casamento deve ser mantida.

A perfeição do homem e a paz mundial, no final, também são alcançadas através da família. A finalidade da religião é construir um mundo ideal de paz no qual todas as pessoas sejam boas. A paz não vem através de políticos batendo de frente uns com os outros. Tampouco virá pela imponente força militar. O ponto inicial para a paz no mundo é justamente a família.

Contudo, o mais difícil na vida familiar é educar correta-

mente os filhos. Mesmo que sejam gerados com amor e que sejam bem cuidados, nem sempre os filhos crescem de acordo com a vontade dos pais. Além do mais, a cultura materialista do mundo moderno está destruindo o espírito inocente da juventude. Os jovens que deveriam crescer com toda beleza, estão vivendo no meio da alucinação causada pelo vício das drogas. Ficar alucinado é perder sua própria consciência. As crianças que perdem sua consciência no final mergulham no crime e na imoralidade sexual.

Em 1971, a sociedade americana estava numa confusão inimaginável por causa da onda do sexo livre. *Hippies* drogados de cabelo comprido lotavam as ruas. Aqueles jovens comuns, mesmo que tivessem recebido boa educação, estavam sendo destruídos um a um. A corrupção sexual era tanta, que em um único ano, oito milhões de pessoas foram contaminadas por doenças sexualmente transmissíveis.

Na verdade, a questão mais séria era que todos, políticos e acadêmicos, até os pastores, apesar de saberem desse fato, tentavam escondê-lo e ignorá-lo. Eles ignoraram a realidade justamente porque eles próprios não eram puros. Quem não é puro não consegue insistir na pureza sexual de seus filhos.

O adultério e a imoralidade sexual dos adultos destroem a família e o futuro dos filhos. O modo de vida adúltero e imoral é precisamente o que acaba com a vida dos filhos. A razão da sociedade moderna não obter felicidade na mesma medida que a riqueza material, é porque todas as famílias estão destruídas. Para salvá-las, primeiramente é preciso que os adultos tenham

uma vida correta. Educar os filhos sobre pureza sexual vem depois.

A mãe é a coluna que sustenta a família. Apesar de tantas mudanças no mundo, enquanto houver o sacrifício e o serviço da mãe, podemos estabelecer a família sadia, a família da paz. E dentro de tal família crescem filhos lindos. O caranguejo que anda de lado se mandar seus filhos andarem reto é um absurdo. A coisa mais importante na educação dos filhos é que eles aprendam observando a família. Os pais têm que mostrar o exemplo correto. Dentro da família verdadeira surgem filhos verdadeiros. A verdade é sempre a mais simples.

Durante a criação dos filhos, a fase mais difícil é a adolescência. Na puberdade, os filhos acham que são todos príncipes e princesas. A adolescência é a época em que tudo o que pensam é centralizado em si mesmos. Então, normalmente eles contestam gratuitamente as palavras dos pais. Nesse período, se os pais não procuram entendê-los, facilmente eles caem no mau caminho. Por outro lado, mesmo que seja uma coisa simples, se eles se identificam com aquilo, ficam extremamente entusiasmados. No outono, eles acham engraçado até olhar um caqui cair do pé sem folhas, e riem muito. Mesmo sem saber o porquê, se algo toca seus corações, eles se sentem felizes.

Aqui está a característica original da criação de Deus. Por isso, se há um envolvimento com o sentimento de amor na adolescência, eles olham o mundo embaçado, e facilmente poderão perder a capacidade de discernir. Quando um rapaz e uma moça adolescentes se encontram, conversam, e os corações batem

forte, então vem a mudança no sentimento. Durante esse tempo, se esse coração não está alinhado com o padrão de Deus, obviamente será envolvido no mundo do mal, porque perderá um meio de controlar seu corpo com a união dos olhos do coração e dos olhos físicos. Quem tem o nariz do amor começa a gostar até do cheiro que normalmente não suportava. Quem tem a boca do amor passa a gostar do sabor que detestava. Até perdem o sono querendo ouvir histórias de amor e com o desejo de tocar infinitamente a pessoa amada. Quando a adolescência chega e se envolvem no sentimento do amor, os olhos começam a ficar estranhos e a capacidade de distinguir as coisas enfraquece.

Na puberdade, todas as células do espírito e do corpo ficam de portas abertas para receber amor. Quem ama se sente feliz, então se envolve cegamente e os problemas aparecem. Na verdade, a porta do amor se abre no tempo certo, por isso é preciso saber esperar o tempo certo para ela se abrir. Os pais devem ensinar claramente essas coisas para seus filhos na adolescência. O amor não é como o mundo geralmente fala, para ter prazer a qualquer custo, mas é o processo para assemelhar-se a Deus.

Amar é Dar e Esquecer



A família é a única instituição que Deus criou. É também a escola do amor, na qual a humanidade aprende a viver em paz, amando uns aos outros, e um lugar de treinamento para estabelecer o palácio da paz no mundo. Um lugar onde o marido e a esposa aprendem a ter responsabilidade um sobre o outro, servindo-se como um casal que deve eternamente percorrer juntos o caminho do amor. A família é a base para a paz mundial, e para tanto, é preciso conseguir até que os filhos falem: “Nós nunca vimos nossos pais brigarem”.

Na vida, encontra-se todo tipo de coisas. Ainda que um casal tenha muito amor entre si, na vida diária há cobranças sobre o parceiro. Às vezes se zangam e até gritam um com o outro, mas quando as crianças entrarem na sala, devem parar na hora. Mesmo que haja motivos para se enfurecerem, quando encontram os filhos, os pais devem ter um comportamento pacífico e carinhoso. Assim, as crianças crescem pensando: “Na minha casa há muito amor e meus pais têm muito amor um pelo outro”.

Os pais são o segundo Deus para seus filhos. “Você gosta mais de Deus ou de seus pais?” se alguém perguntar assim e as crianças responderem que gostam mais dos pais, significa que também estão gostando de Deus. A melhor educação de todas

está na família. Não existe felicidade e paz separadamente da família, pois ela é o Reino dos Céus. Mesmo que alguém tenha muito dinheiro e renome, de forma que tenha conquistado o mundo, se não tiver uma família correta, se sentirá infeliz. A família é o ponto inicial do Reino dos Céus. O casal é formado com amor verdadeiro e a construção da família ideal está ligada ao universo.

Quando estava preso em Danbury, na América, presenciei uma cena muito interessante. Todos os dias trabalhávamos aterrando a ladeira com a máquina *bulldozer* para fazer uma quadra de tênis. Se chovesse, interrompíamos o trabalho e recomeçávamos quando o sol saía. Assim trabalhamos por vários meses. Por causa da estação de chuvas, não pudemos continuar e só depois de vinte dias recomeçamos o trabalho. Em meio às poças de água, onde o mato estava alto, um pássaro que vivia na água fez seu ninho, poucos metros distante do trajeto onde os prisioneiros faziam caminhada.

A princípio, ninguém notou que os pássaros estavam ali. A camuflagem era tão perfeita que a asa do pássaro parecia uma planta na água. Mas quando os ovos foram botados, ficou visível que eles estavam lá. O pássaro ficava sentado, protegendo seus ovos, pretos como pedrinhas. Depois que os filhotinhos romperam a casca e saíram, a mãe pássaro trazia comida e dava na boca deles. Contudo, quando a mãe pássaro trazia o alimento, ela nunca voava diretamente até o ninho onde estavam seus passarinhos. Ela fechava as asas longe do ninho e andava até chegar aos filhotes. Além disso, toda vez ela vinha

de direções diferentes. A mamãe pássaro agia sabiamente, para que ninguém soubesse o local exato do ninho onde estavam seus filhotinhos.

Os passarinhos cresciam dia após dia com a comida que a mamãe trazia. Quando os prisioneiros caminhavam e se aproximavam do ninho, a mamãe pássaro imediatamente chegava e começava a bicar os presos com seu bico pontiagudo. Ela estava de guarda caso alguém machucasse seus filhotes.

Até o pássaro conhece o verdadeiro amor paternal. O amor verdadeiro é a qualidade de poder dar sua própria vida sem medir. Aquele coração de querer proteger seus filhotes arriscando a própria vida é exatamente o amor verdadeiro. Os pais sempre trilham o caminho do amor, sem se importar com as dificuldades que possam enfrentar. O coração dos pais não é outro senão o que, diante do amor, até ignora sua própria vida e segue o verdadeiro amor.

A característica original do amor é justamente deixar de lado o coração que quer receber, e em vez disso querer dar para o outro e para todos primeiro. Ele chega a se esquecer completamente do que já fez e continua dando. Isso é amor. Aquele amor é se doar com alegria. É justamente esse coração alegre que uma mãe experimenta quando segura seu filho no colo e o amamenta.

Os pais não acham difícil sofrer por seus amados filhos a ponto de seus ossos enfraquecerem. O amor pelos filhos é assim. O amor verdadeiro começa em Deus e é distribuído pelos pais. Portanto, quando os pais dizem para os filhos: “A razão de

“você e seu cônjuge se gostarem é justamente graças aos pais”, esses devem responder: “Minha vida seria um desastre se os senhores não tivessem me criado, nem arranjado meu cônjuge”.

A família é o embrulho do amor. Se esse embrulho for aberto quando chegar ao Reino dos Céus, dali sairão um bom pai e uma boa mãe; saem lindos filhos e também avôs e avós carinhosos. Esse é o pacote do amor. A família é o espaço em que o ideal de Deus se realiza e um lugar onde a obra divina pode ser aperfeiçoada. A vontade de Deus é fazer um mundo que promove o amor. A família é um lugar onde o amor de Deus transborda.

Família é uma palavra que só em pronunciar já faz surgir na boca um sorriso imediato. Porque aí é onde o amor verdadeiro, que realmente me apreende, transborda. O amor verdadeiro é amar e até esquecer que já deu, como o amor dos pais que servem seus filhos e dos avós que servem seus netos. Dar a vida pela nação também é amor verdadeiro.

A Família Pacífica É a Base do Reino Dos Céus



Os ocidentais realmente vivem na solidão. Quando os filhos completam 18 anos, saem de casa e somente aparecem no Natal. A maioria nem visita os pais para saber como eles estão. Quando os filhos se casam, moram separados dos pais, que quando ficam velhos e não podem mais tomar conta de si mesmos, vão para o asilo. Por isso, os idosos ocidentais invejam a cultura oriental. “Os orientais vivem servindo os avós como o centro da família. Isso é realmente muito bom. Os filhos cuidam dos pais idosos... aí sim dá gosto viver. Que sentido há em viver deitado no asilo, sem ver os filhos nem ver o tempo passar, só se mantendo vivo?”, muitos idosos se lamentam.

Mas o valor da família oriental que os idosos ocidentais tanto invejam está sendo destruído pouco a pouco. Devido à influência ocidental, nossa tradição milenar está sendo jogada fora. Estão jogando fora nossas roupas, nossa comida e também nossa família. Nas campanhas solidárias promovidas pela mídia todo fim de ano, é publicado que o número de idosos que vivem sozinhos aumenta anualmente. Quando ouço essas notícias, meu coração fica apertado. A família é um lugar onde os

membros se reúnem. Se cada membro da família vive separado e fica sozinho, então não se pode mais chamar isso de família. A tradição de família grande é uma cultura muito bonita de nossa nação.

Aconselho que três gerações vivam juntas no mesmo lar. Isso não é apenas para manter a tradição coreana. Depois que o casal se une e gera filhos preciosos, os pais dão tudo para as crianças. Contudo, há limite para o que os pais podem dar para seus filhos. Enquanto os pais representam o presente, os filhos simbolizam o futuro e os avós representam toda a história passada. Por isso, quando avós, pais e filhos vivem juntos, os filhos podem herdar toda a fortuna do passado e do presente. Amando e respeitando o avô, eles podem herdar a história passada e aprender sobre o mundo do passado. Os filhos adquirem a preciosa sabedoria de como viver o presente através dos pais, e ao mesmo tempo quando os pais amam seus filhos, eles estão preparando o futuro.

O avô ocupa a posição de representante de Deus. Mesmo que um jovem seja muito inteligente, ele ainda não conhece todos os segredos do mundo. Os jovens desconhecem todos os segredos da vida, que o passar do tempo nos faz perceber naturalmente. É justamente aí que se encontra a razão do avô ser o centro da família. O avô é um precioso mestre que transmite para seus netos a sabedoria que adquiriu por si mesmo ao longo de sua vida.

Na verdade, o avô mais velho do mundo não é outro senão Deus. Por isso, receber o amor do avô e servi-lo é exatamente

descobrir o amor de Deus e servi-Lo. Enquanto essa tradição for mantida, o cofre do tesouro nacional do amor do Reino dos Céus pode ser aberto. Ignorar os idosos é perder a identidade da nação e, ao mesmo tempo, desprezar a raiz do próprio povo.

Quando o outono chega, a castanheira se resseca cada vez mais e as folhas caem. As cascas das castanhas se abrem e até a película interna que cobre a castanha se resseca. Tudo isso é parte do ciclo da vida. Com o ser humano é o mesmo: ele nasce como bebê recebendo o amor dos pais, cresce e depois encontra um bom cônjuge e se casa. Tudo isso é a corrente da vida formada pelo amor. Assim, conforme a idade avança, nossa vida passa a ser igual à casca da castanha seca. O idoso não é uma categoria de pessoas à parte. Todos nós envelhecemos e nos tornamos idosos. Portanto, ainda que o idoso fique senil, jamais pode ser maltratado.

Devemos lembrar do ditado *ka-hwa mansa song*⁴. A paz na família é a base para o Reino dos Céus. A energia que move a família é o amor. Se você amar o universo como ama sua família, tudo se abrirá para você. Deus está no centro do amor na posição de pais de todo o universo, portanto, o amor da família está diretamente ligado a Deus. Quando a família for aperfeiçoada no amor, o universo também o será.

4. Quando a família fica em paz, todas as coisas ficam bem.

Dez Anos de Lágrimas Derreteram o Coração do Sogro



“Japonesa se torna nora exemplar da cidade de Miryang”. Na mesma época, vários periódicos publicaram esse artigo. Na matéria, uma nora, contra a vontade de sua família, chegou à casa de seu sogro na Coreia por meio de uma entidade religiosa. Ela serviu com toda a devoção sua sogra doente e seu sogro bem idoso, e recebeu o prêmio de *hyobu*⁵, por indicação de seus vizinhos. Desde o primeiro dia de casada, ela cuidou de sua sogra paraplégica, carregando-a nas costas nas idas e vindas do hospital. Para servir o sogro e a sogra ela até deixava de visitar sua terra natal tranquilamente. Mesmo assim, quando ela recebeu o prêmio, disse que não era merecedora e que não tinha feito nada mais que sua obrigação.

Essa nora japonesa é Yashima Kasuko, que veio para a Coreia através do casamento intercultural da nossa igreja. O casamento intercultural representa a união do homem e da mulher por meio do matrimônio, transcendendo religião, nacionalidade e raça. No interior, muitos rapazes não conseguem se casar. Através do nosso casamento intercultural, aquelas noivas se casam com os jovens solteirões do interior da Coreia, e sem ne-

5. Nora exemplar.

nhuma exigência, vêm para nosso país para viver bem com seus esposos e formar família. Também ajudam seus sogros doentes, dão ânimo para os esposos, geram filhos e cuidam bem deles. Elas cuidam e salvam o interior que nosso povo deixou por causa das precárias condições de sobrevivência. Quanta gratidão nós devemos ter? Há mais de trinta anos esse trabalho tão digno está sendo feito.

Até hoje, devido ao casamento intercultural, milhares de mulheres estrangeiras estão vivendo em nossa nação. Como os jovens estavam indo embora, os idosos da vila, que não ouviam mais o choro de crianças, agora se alegram dando boas-vindas às crianças recém-nascidas das estrangeiras, como se tivessem ganhado seus próprios netos. Na escola primária da região da província Chung Chong, mais da metade dos oitenta alunos são filhos de casais interculturais da nossa igreja. O diretor da escola confessou que se os alunos diminuíssem, ele teria que fechar a escola, e que por isso ora diariamente para que os membros de nossa igreja não mudem para outro lugar. Atualmente, na Coreia, há cerca de vinte mil crianças, nascidas de casamentos interculturais, cursando o Ensino Fundamental.

Ainda agora, na comemoração do Dia da Independência, a televisão mostra a figura de japonesas especiais, que dizem com suas cabeças abaixadas: “Por favor, perdoem os pecados cometidos pelos japoneses”. Embora elas mesmas não tenham cometido nenhum crime, elas pedem perdão pelos crimes cometidos por seus antepassados. É quase certo que elas são membros nossos, que derrubaram as fronteiras através do casamento

intercultural. Graças a elas, as barreiras no coração de nosso povo, que considerava os japoneses como inimigos, foram derubadas.

Um dos meus seguidores, um jovem muito inteligente, estava à procura de uma noiva para se casar em 1998, e uma mulher japonesa se tornou sua noiva. O pai do jovem reclamou: “Eu tive que receber uma nora japonesa, não havia outra, não?...” e não conseguiu terminar de falar. Na época em que a ocupação japonesa estava no auge, ele foi levado ao Japão e teve que trabalhar forçadamente nas minas de carvão *Iwate*. Como o trabalho era muito penoso, ele fugiu da mina arriscando sua vida e seguiu a pé, por dezenas de dias, até Shimonoseki, para pegar o navio para Pusan e finalmente conseguiu voltar para sua terra. Por isso, seu ódio pelo Japão era tão imenso que alcançava até o céu.

“Ó, filho ingrato! Vou te deserdar. Nossa casa nunca poderá admitir uma mulher da terra inimiga. Então imediatamente leve-a e suma daqui. Essa mulher não serve para você, então escolha: você sai de casa ou morre.”

A decisão do pai era inabalável. Contudo, o rapaz ficou firme em sua vontade. Casou-se com a noiva japonesa e a levou para a casa de seus pais em Nagan. Seu pai nem abriu a porta. Mais tarde, o pai reconheceu o casamento dos dois, mas continuou a tratar mal sua nora. Toda vez que ela sentia muita dificuldade, ele dizia: “Comparado ao que vocês me fizeram, isso não é nada. Você não sabia disso quando entrou na minha casa?”, e continuava maltratando-a.

Não bastasse isso, toda vez que a família inteira se reunia em dias festivos, o sogro repetia seguidamente diante da nora japonesa as histórias do tempo das minas de carvão *Iwate*. Assim, em todas essas ocasiões, ela pedia em lágrimas: “Pai, peço perdão no lugar do Japão, por favor, me perdoe”. Enquanto o sogro repetia a história até cansar, a nora japonesa ouvia tudo seguidas vezes, sempre pedindo perdão.

Assim se passaram dez anos, e finalmente, o sogro parou de maltratá-la. A atitude fria, como se estivesse tratando seu inimigo, amoleceu; ele começou a tratar bem sua nora. O resto da família ficou surpreso e perguntou: “Por que o senhor está tão carinhoso com ela agora? O senhor não odeia mais sua nora japonesa?”

“Agora não odeio mais, porque todo o ressentimento que estava dentro do meu coração já foi libertado. Na verdade, todo esse tempo não era minha nora, propriamente dita, que odiava, mas era sobre ela que despejava todo o ressentimento guardado daquele tempo por ter trabalhado como escravo. Graças a ela, meu ressentimento foi libertado. Então, daqui para frente, vou amá-la, porque ela é minha nora”. Aquela nora expiou o crime cometido por seus antepassados japoneses. Esse é justamente o caminho da redenção para a humanidade chegar ao mundo da paz.

O Verdadeiro Significado do Casamento



Não há caminho mais curto para construir o mundo pacífico ideal que o casamento intercultural. De outras maneiras, não se sabe quanto tempo iria demorar, mas através do casamento intercultural a paz pode ser realizada logo na segunda ou na terceira geração. Assim, para que o mundo de paz chegue o mais rápido possível, é preciso casar pessoas de países inimigos, ultrapassando fronteiras. Antes de se casar com alguém nascido na terra inimiga, a pessoa pensa: “Ah! Não quero nem ver alguém daquele país”, mas quando se torna esposo ou esposa de uma pessoa daquela nação, metade de si passa a pertencer àquele país. Então o ódio some como neve se derretendo. Consequentemente, na segunda ou na terceira geração o ódio será completamente arrancado pela raiz.

O casamento intercultural não é somente um casamento que transcende nações. O casamento inter-religioso também é tão importante quanto derrubar fronteiras nacionais. Na verdade, ele é até mais difícil. Se houver casamentos entre credos que brigam entre si, então a reconciliação que transcende as religiões ocorrerá. Para quem participou do casamento intercultural, é inconcebível fechar as portas para alguém de uma cultura diferente. Houve uniões entre brancos e negros, japoneses e coreanos, e as pessoas não veem problema em se casar

com africanos. Já passam de milhões os casamentos interculturais. Através deles, a nova linhagem de sangue está surgindo, transcendendo as raças branca, amarela e negra, e está nascendo uma raça completamente nova da humanidade.

Ensinar para os jovens o significado e o valor divino do casamento é o mais importante. Agora a Coreia se tornou uma das nações com menor taxa de natalidade no mundo. Não gerar filhos é uma coisa muito perigosa. A nação que corta sua descendência não tem futuro. Ensino os jovens a passar pela juventude com pureza sexual, receber o casamento abençoado e gerar no mínimo três filhos. Os filhos são uma bênção de Deus. Gerar e educar filhos é o mesmo que criar os cidadãos do Reino dos Céus. Portanto, viver uma juventude corrompida e abortar impensadamente é um grande crime.

O casamento não é só para si mesmo, mas para o outro. É errado pensar em escolher como pretendente apenas aquele de aparência bonita ou alguém da elite. O ser humano deve viver pelo próximo, e no casamento, esse princípio também deve ser lembrado. É preciso casar-se com o coração de que mesmo que a pessoa seja externamente feia, será mais amada que a pessoa de aparência bonita. A fortuna mais preciosa de todas é o amor de Deus, e o casamento é justamente receber essa fortuna e utilizá-la. Ciente desse significado precioso, o casal deve levar a vida conjugal dentro do amor verdadeiro, e aí então deve formar uma família verdadeira.

Na verdade, a paz mundial não é uma coisa tão distante. Quando as famílias ficam em paz, a sociedade fica em paz e o

conflito entre as nações desaparece. Em consequência, a paz mundial chegará. Portanto, uma família sadia é extremamente importante e também carrega grande responsabilidade. No meu vocabulário não existe: “Tudo bem se só eu e minha família estivermos vivendo bem”.

O casamento entre duas pessoas, na verdade é um relacionamento entre duas famílias, e ainda mais, é a reconciliação entre duas tribos, duas nações. Quando se aceita a cultura diferente do outro e se superam todos os ressentimentos criados na história humana, a humanidade se torna uma. Um coreano casar-se com uma japonesa é o mesmo que a reconciliação entre a Coreia e o Japão. Da mesma forma, o casamento entre brancos e negros é uma reconciliação entre a raça branca e a raça negra. Não apenas isso, mas as crianças nascidas deles são seres humanos de reconciliação, que herdam ao mesmo tempo a linhagem de sangue dos dois povos, e que serão a origem da nova raça, transcendendo brancos e negros. De maneira que, passadas algumas gerações, o conflito e o ódio entre nações e entre raças desaparecerão e poderemos construir um mundo de paz, fazendo com que toda a humanidade seja uma família.

Recentemente, os casamentos com estrangeiros aumentaram, e na nossa Coreia também cresceu o número de famílias formadas do encontro de diferentes nações e religiões. Então, inventaram um novo termo para dizer que surgiram as *damun bwa gajóng*⁶. Para um homem e uma mulher criados em ambientes distintos, formarem uma família e viverem em harmonia,

6. Família multicultural, família globalizada.

não é tão fácil. Ainda mais quando se trata de nós coreanos, que temos uma cultura única. Para que um casal formado através do casamento internacional e intercultural viva feliz, é preciso muito esforço em compreender e cuidar um do outro. Nossos membros, casados através do casamento internacional, têm relações bem-sucedidas, retribuindo amor ao outro, porque se encontraram centralizados em Deus.

Para promover o bem-estar das famílias *damun hwa gajóng* na organização da sociedade local, estabeleceram o ensino da língua coreana e também programas para apresentar nossa cultura. Entretanto, se a mentalidade sobre o casamento não mudar, todos esses esforços serão em vão. “Por que me casei com esse homem? Se não tivesse me casado com ele, minha vida seria bem melhor...” Tal tipo de pensamento torna a vida conjugal um inferno. É mais importante e prioritário fazê-los entender bem sobre o casamento do que simplesmente ensinar a língua e a cultura coreana.

O casamento não é simplesmente o encontro de um homem e uma mulher que chegaram à idade e juntaram seus bens. O casamento será firme se for baseado no sacrifício. O homem deve viver para a mulher e a mulher deve viver para o homem. Até desaparecer todo o meu egoísmo, tenho que viver pelos outros a cada segundo. Amar é ter tal coração de sacrifício. O amor não é simplesmente o encontro de um homem e uma mulher que se sentem felizes e se atraem, mas o verdadeiro amor é dar a vida. Depois que estabelecer tal determinação, alguém pode se casar.

O Amor Verdadeiro Só Existe na Família Verdadeira



Ainda que um homem e uma mulher se amem, para que uma família feliz seja formada, deve haver pais que sejam a fortaleza da família e filhos que sejam amados. Quando a fortaleza da família é forte, aquele lugar se torna feliz de verdade. Ainda que o indivíduo obtenha grande sucesso social, se a proteção familiar desmorona, ele fica infeliz.

A base do amor é o coração de sacrifício que oferece tudo pelos outros. O amor dos pais é verdadeiro porque é o tipo de amor que quer dar tudo o que tem e continua querendo dar. Os pais que amam seus filhos não se lembram do que deram. Não existem pais no mundo que escrevam numa caderneta: “Tal dia te comprei aquele sapato e aquela roupa. Derramei suor e sangue por você, então a conta é tanto”. Em vez disso, mesmo que os pais deem tudo o que têm, eles dizem: “Desculpe-me por só poder dar isso, por não poder dar mais”.

Quando era criança andava atrás do meu pai quando ele ia cuidar das abelhas. Muitas vezes, as vi brincando, pulando numa flor aqui, noutra lá. Se uma abelha sente o aroma do néctar, gruda suas patas nas flores e deixa seu traseiro para trás, para pôr a boca no miolo e sugar o néctar. Se nessa hora você se aproximar

da abelha e puxar o traseiro dela, ela não se desgrudará do néctar, mas vai segurá-lo arriscando sua vida.

O amor dos pais que protege a família não é diferente da abelha. Mesmo que percam suas vidas, eles não soltarão o coração do amor que os une a seus filhos. Eles dão a vida por seus filhos e ainda esquecem que o fizeram. Esse é o verdadeiro amor dos pais. Mesmo que o caminho seja longo e árduo, os pais o percorrem com alegria. O amor paternal é o maior dos maiores amores do mundo.

Ainda que alguém tenha uma boa casa e coma boa comida, sem os pais o coração da pessoa fica vazio. Dentro do coração daquela pessoa que cresceu sem receber o amor dos pais, sempre terá uma solidão e um vazio em seu coração que nada mais poderá preencher. A família é onde se pode receber o amor verdadeiro dos pais e aprender sobre o amor. A criança que não recebeu amor suficiente durante a infância, passa toda a sua vida em sofrimento emocional, sedenta de amor, e também perde a oportunidade de aprender o alto padrão de dever moral que se espera de uma pessoa em relação a sua família e sociedade. O amor verdadeiro tem um valor que nunca poderá ser aprendido em outro lugar que não seja na família.

A verdadeira família é onde o marido e a esposa se servem e se amam como pai e mãe um do outro ou como irmãos. Mais ainda, um lugar onde a esposa é amada como Deus e o esposo respeitado como Deus. Ainda que alguém passe por todo tipo de adversidades, não abandona seus irmãos nem sua mãe. Por isso, a palavra separação não pode existir entre o casal. O ma-

rido representa o pai e o irmão mais velho para a esposa. Da mesma maneira que ela não pode abandonar seu pai ou irmão, não pode abandonar seu marido. Da mesma maneira, um marido nunca pode abandonar sua esposa. A verdadeira família é um lugar onde cada cônjuge vive com o reconhecimento do valor absoluto do seu parceiro.

Mesmo que um casal tenha heranças culturais e raças diferentes, quando recebem o amor de Deus e formam família, entre seus filhos não existirá conflito cultural. Esses filhos seguramente amarão e cuidarão bem da cultura e da tradição do país de sua mãe e do país de seu pai, com o coração de amor que têm por seus próprios pais. Por isso, a solução dos conflitos das famílias *damun hwa gajóng* não vem do ensinamento de nenhuma teoria, mas depende se os pais criam seus filhos com verdadeiro amor. O amor dos pais penetra na carne e nos ossos das crianças como orvalho, fazendo-as aceitarem da mesma forma o país da mãe e o país do pai, e se torna o adubo para que elas cresçam como admiráveis cidadãs do mundo.

A família é uma escola na qual se aprende e se ensina o amor pela humanidade. A criança que cresce recebendo o caloroso amor dos pais, fora de casa cuidará com amor das pessoas que passam por dificuldades, conforme aprendeu na família. Quem cresce compartilhando o amor carinhoso entre irmãos, quando estiver em sociedade, também dividirá seu carinho com o próximo. Quem foi criado pelo amor, trata qualquer outra pessoa do mundo como membro de sua família. O coração de amor de dividir com o outro aquilo que tem, de tratar os outros como

sua própria família, começa na própria casa.

Outra razão da importância da família é a sua ligação com o mundo. A família verdadeira é o começo da verdadeira sociedade, da verdadeira nação e do verdadeiro mundo, e também o ponto inicial do mundo da paz, o Reino de Deus. Os pais trabalham por seus filhos até seus ossos esfatarem. Entretanto, não devem fazê-lo somente para alimentar seus filhos. A pessoa que consegue transbordar amor também consegue trabalhar pelos outros e para Deus.

A família é o lugar de amar e amar continuamente, até transbordar. A família é a fortaleza que protege os membros da família, mas não um lugar onde se prende o amor. Em vez disso, o amor da família deve transbordar e fluir. Mesmo que transborde, o amor da família nunca seca porque foi recebido de Deus. O amor que Deus deu é aquele que não importa o quanto se tire, ele não tem fim, ou seja, quanto mais se tira mais surge da fonte. Toda pessoa que cresce se alimentando desse amor pode ter uma vida verdadeira.

Deixando para Trás um Legado de Amor



A verdadeira vida é abandonar a ambição egoísta e viver para o bem maior. Isso é uma verdade universal que todos os líderes religiosos do mundo, como Confúcio, Jesus, Buda e Maomé pregaram. Infelizmente, como todo mundo sabe disso, e talvez seja até óbvio, essa verdade não recebe o devido valor. Mas apesar do muito tempo passado e das mudanças do planeta, essa verdade nunca se alterou, porque o princípio básico que o homem deve seguir nunca muda, mesmo que o mundo se transforme na maior velocidade.

O mestre e maior conhecedor de si mesmo é a própria consciência. A consciência é mais preciosa que o amigo mais íntimo e é mais preciosa que os pais. Por isso, por toda a vida é preciso consultar esse mais íntimo mestre: “Será que estou vivendo bem?” Ciente da verdade que a consciência é a dona de cada um, se alguém aperfeiçoa sua consciência e sempre a consulta com a maior franqueza, pode escutá-la. Se alguém ouvir a consciência chorar, imediatamente deve parar o que está fazendo. Quem faz sua própria consciência sofrer não é outro senão o que vai se autodestruir. No final, entristecendo sua consciência, estará entristecendo a si mesmo.

É indiscutível que, para nossa consciência ficar limpa, é necessário um período de distanciamento do mundo e um en-

contro somente entre minha consciência e eu. Essa é uma hora em que realmente nos sentimos sós. No entanto, é em um momento de oração e meditação que eu mesmo me torno dono de minha mente. Afaste-se do barulho ao seu redor e acalme seu pensamento, então no mais profundo do seu interior você se enxergará. Para descer àquele lugar profundo onde está sua consciência, é preciso dedicar um grande esforço por muitas horas. Não se consegue isso de um dia para o outro.

Assim como o amor, a felicidade e a paz também não são para si mesmo. Como não existe amor sem a presença do outro, sem o outro não existe ideal, felicidade e paz. Tudo isso surge somente na relação com os outros. Não existe ninguém que possa amar a si mesmo e não existe ninguém que possa concretizar um ideal maravilhoso sonhando sozinho. Sozinho, é impossível se sentir feliz ou falar sobre a paz. Não há dúvida que deve existir o outro, o que significa que ele é mais importante do que eu.

Certa vez, presenciei uma cena de uma mãe agachada na entrada do metrô onde as pessoas transitavam, vendendo *kimpab*⁷ com uma criança nas costas. Para vender de manhã, na hora que as pessoas saíam para trabalhar, aquela mãe tinha preparado o *kimpab*, trabalhado sem dormir e para estar lá até tinha carregado seu bebê. As pessoas que passavam naquele momento diziam sem pensar: “Oh! Oh! Se não tivesse aquele bebê, ela viveria melhor...” Na verdade, aquela mãe conseguia viver por causa do bebê. A criança que chorava nas costas dela era justa-

7. Arroz embrulhado em folha de alga marinha seca, sushi em japonês.

mente o fio de vida daquela mãe.

Costumam falar em “viver até os 80”. Parece que é um longo tempo 80 anos de vida, de alegrias, raiva, tristeza e todos os sentimentos do ser humano misturados, mas durante esse tempo, se tirássemos os intervalos de dormir, trabalhar, comer, rir e bater papo com os outros, ir para casamentos ou funerais, ou o tempo doente na cama, dizem que só nos sobriariam 7 anos. Depois que nascemos, nós vivemos por 80 anos, mas o tempo que nós mesmos realmente vivemos é de apenas 7.

A vida é igual a um elástico. Os 7 anos que são dados para todo mundo, alguns utilizam como sete dias, outros como 70 anos. Por natureza, o tempo é um vazio que nós preenchemos. Na vida é o mesmo. Não há quem não gostaria de ter na vida um lugar confortável para dormir ou uma mesa cheia de comida, mas comer e dormir na verdade não é nada mais que passar o tempo. Quando a pessoa chega ao final da vida, no momento de enterrar o corpo, a riqueza e a mordomia que levou durante sua vida se transformam em bolhas de água e somem de uma vez. A maneira como os 7 anos que teve para si foram vividos é o que faz com que as futuras gerações se lembrem daquela pessoa. O período de 7 anos vividos em 80 é exatamente o que podemos deixar gravado nesta terra.

O momento de nascer e morrer não depende da vontade da pessoa. O ser humano nada pode escolher em seu destino. Ele nasce não porque decidiu, vive não porque decidiu viver e não morre porque decidiu morrer. Assim, se na vida nós não temos nenhum poder de escolha, será que o indivíduo pode tomar a

atitude arrogante do orgulho exagerado? Não foi porque o ser humano quis nascer que ele pôde vir ao mundo. Nada pode ser mantido só para si, nem se pode fugir do caminho da morte. Assim é a vida. Por isso, ser arrogante é algo triste.

Mesmo que a pessoa esteja em uma posição mais alta que os outros, na verdade tudo não passa de um instante de glória. Também, embora tenha acumulado muito mais fortuna que outros, diante da porta da morte, é preciso deixar tudo para trás. Dinheiro, renome e conhecimento, tudo isso desaparece com o passar do tempo. Mesmo que o indivíduo seja considerado ilustre ou grande, no instante de soltar o fio da vida, tudo acaba. Essa é a nossa vida física. O ser humano reflete muito sobre quem sou eu, por que tenho que viver, e ainda assim não entende. Portanto, ele deve perceber que o motivo e a finalidade de ter nascido não são para si mesmo. Da mesma forma, a finalidade de minha vida tampouco é para mim.

Então, a resposta para como se deve viver a vida é simples. Como a pessoa nasce pelo amor, ela deve viver procurando o caminho do amor. Por ter começado recebendo o infinito amor dos pais, a vida deve ser inteiramente vivida para retribuir aquele amor. Este é o único valor que podemos escolher por nossa própria vontade em nossa vida. O quanto enchemos de amor os 7 anos que nos foram dados é o que define o sucesso ou o fracasso da vida.

Todo mundo, um dia, se despe de suas vestes carnis e morre. Em coreano, o verbo morrer é expresso pela palavra “voltar”. Voltar significa ir novamente para o lugar de onde veio, ou seja,

retornar a sua origem. Todas as coisas do universo circulam. A neve branca acumulada nas montanhas se derrete, escorre pelos vales e forma riachos que se tornam as águas dos rios e vão até o mar. Aquela neve branca que entrou no mar, recebe os quentes raios do sol e se transforma em vapor, de novo sobe aos céus e se prepara para transformar-se em flocos de neve ou gotas de chuva. Da mesma maneira, a morte é voltar para o lugar onde estava. Assim, depois de morrer, para onde o ser humano volta? A vida do homem é formada de corpo e espírito. Então, se o corpo se separa e ocorre a morte, o espírito volta para onde originalmente estava.

Não dá para falar sobre a vida sem falar da morte. Para que cheguemos a entender sobre o significado da vida, precisamos entender claramente sobre o que é a morte. Só se pode sentir realmente o valor da vida, quando a pessoa está implorando ao Céu por mais um dia num beco sem saída, parecendo que vai morrer na hora. Assim, como devemos viver cada dia tão precioso? Antes de passarmos pela fronteira da morte que todos vamos atravessar, o que devemos fazer com certeza?

O mais importante é levar uma vida sem sombra, sem cometer nenhum pecado. Muitas discussões foram levantadas pela religião e pela filosofia sobre a questão do que é pecado, mas é claro o fato de que não podemos fazer nada daquilo que nossa consciência hesita. Se agimos fazendo nossa consciência ficar pesada, com certeza uma sombra aparecerá no espírito.

Em seguida, o mais importante é trabalhar mais do que os outros. A vida dada às pessoas é de 60 ou 70 anos, no final

todos têm um limite. Dependendo de como você utiliza o seu tempo, você poderá viver uma vida abundante tendo duas ou três vezes o tempo das pessoas normais. É preciso dividir bem detalhadamente o tempo conforme a necessidade, não desperdiçar nenhum segundo e trabalhar bem para tornar a vida uma vida preciosa. Assim, por favor, leve sua vida de forma que, enquanto os outros plantam uma árvore, você plante duas ou três árvores com uma atitude diligente e sincera. Não é viver para si próprio. Não é para mim, mas para os outros; não só para a minha família, mas para o próximo; não somente para minha nação, mas para o mundo em que nós devemos viver. Na verdade, todos os pecados do mundo acontecem quando se coloca “o particular” na frente. O egoísmo e a ganância fazem mal para o próximo e destroem a sociedade.

Todas as coisas do mundo são passageiras, até os amados pais, o cônjuge amado, e até os filhos, todo mundo está de passagem na nossa frente. No final, o que resta da nossa vida é somente a morte. Quando a pessoa morre, sobra apenas o túmulo. Por favor, pense no que você deve colocar dentro daquele túmulo para dizer que viveu uma vida de valor. Todas as riquezas acumuladas e a posição social que você ocupou durante sua vida inteira já se foram. Depois de atravessar o rio da morte, todas essas coisas não terão nenhum significado. Vivendo em amor e nascido dentro do amor, o que sobra no túmulo quando a vida termina também não é nada mais do que o amor. Nossa vida é uma vida ganhada no amor, de dividir o amor e voltar para dentro do amor. Portanto, todos nós devemos viver uma vida da qual possamos partir deixando para trás um legado de amor.

CAPÍTULO 6

O AMOR PROMOVE A UNIÃO

A Força da Religião Desperta a Bondade no Ser Humano



No dia 2 de agosto de 1990, Saddam Hussein, do Iraque, invadiu o Kuwait, estourando uma guerra no Golfo Pérsico, local conhecido como o barril de pólvora do planeta. Quando o mundo inteiro mergulhou na turbulência da guerra, pensei: “Tenho que impedir esse conflito encontrando os líderes cristãos e islâmicos”, e mandei um recado para os dois lados. Aquelas terras não tinham nenhuma relação com o meu país, mesmo assim, tinha que impedir com todos os meus esforços a guerra que tiraria a vida de pessoas inocentes.

Imediatamente depois da invasão iraquiana, mandei membros de nossa igreja para o Oriente Médio e sugeri um fórum naquela região que reunisse líderes de todas as religiões. Apesar de não ter muita relação com o Oriente Médio, como um religioso, a missão de estar a serviço da paz mundial está dentro de mim, e por essa razão, fiz essa proposta.

O conflito entre o comunismo e a democracia não se compara em nada à briga entre cristãos e islâmicos; não há nada mais temível que a guerra religiosa. Implorei para o presidente Bush nunca guerrear na região árabe. Talvez ele pensasse que estava lutando contra o Iraque, mas para os árabes a religião

está acima do Estado. Por isso, quando o Iraque foi atacado, toda a região árabe se uniu. Diante disso, imediatamente convoquei uma reunião emergencial com os principais líderes religiosos da Síria e do Iêmen e os aconselhei a nunca entrar numa guerra contra Bush. Quer vencesse os EUA ou o Iraque, qual seria a vantagem se casas, campos e montanhas fossem destruídos em bombardeios, se preciosas vidas acabassem e se sangue fosse derramado?

A cada nova crise no Oriente Médio, nossos membros arriscavam suas vidas e visitavam Israel e a Palestina junto com famosas ONGs internacionais. Ao mandar nossos membros para aqueles lugares onde a qualquer momento poderiam morrer, meu coração ficava apreensivo. Arando a terra sob o sol esturricante do Brasil, e mesmo nas visitas aos campos de refugiados da África, meu coração estava com os membros que tinham ido para o barril de pólvora do Oriente Médio. Neste momento, oro para que a paz seja estabelecida no mundo o mais rápido possível, para que eu não precise mais enviar nossos membros para a terra da morte.

Em 2001, uma catástrofe aconteceu. O *World Trade Center*, em Nova Iorque, foi derrubado. O mundo alegou que era inevitável o conflito cultural entre o Islamismo e o Cristianismo, contudo, essas não são religiões hostis. As duas, na verdade, são religiões interessadas na mesma paz. É preconceituoso dizer que o poder islâmico é muito bruto e pensar que o Islamismo e o Cristianismo são diferentes. Os princípios das duas religiões são os mesmos.

Em 1991, nós publicamos as “Escrituras Mundiais”¹, reunindo quarenta doutores em religiões do mundo inteiro. As “Escrituras Mundiais” são resultado de pesquisas comparativas entre as palavras de todos os livros sagrados das principais religiões do mundo, incluindo Cristianismo, Islamismo e Budismo. Surpreendentemente, quando o projeto se concluiu, 70% dos ensinamentos de tantas religiões diferentes utilizavam as mesmas palavras. Apenas 27% evidenciavam características específicas de cada religião, o que significa que 73% do que todas as religiões do mundo têm ensinado é o mesmo. Embora a aparência seja diferente – alguns cobrem a cabeça com um véu, outros carregam no pescoço o terço budista, e outros levam a cruz na frente – a busca pela origem do universo e pela vontade do Criador é a mesma.

As pessoas se tornam boas amigas só por compartilharem o mesmo *hobby*. Ao saberem que são conterrâneas, conseguem se dar bem como se tivessem um relacionamento de décadas. Entretanto, é realmente angustiante que as religiões, das quais 73% dos ensinamentos são os mesmos, não consigam se relacionar bem. Elas poderiam se dar as mãos e conversarem apenas sobre aquilo que têm em comum, em vez de discutirem focando no que têm de diferente. Todas as religiões do mundo falam de paz e amor, mas é justamente em nome dessa paz e desse amor que elas brigam. Israel fala da paz enquanto despeja bombas nos assentamentos palestinos. Não obstante o derramamento de sangue das crianças palestinas, eles alegam que essa é uma

1. World Scriptures, ainda sem tradução para o português.

guerra pela paz.

O Judaísmo em que os israelitas creem é uma religião da paz, assim como o Islamismo. Com as “Escrituras Mundiais”, nós chegamos à conclusão de que não são as religiões do mundo que estão erradas, mas sim a maneira de ensinar a crença. Uma fé mal-direcionada leva ao preconceito e o preconceito leva ao confronto.

Depois dos acontecimentos de 11 de setembro, os muçulmanos foram condenados como terroristas, mas assim como nós, eles também desejam a paz. Arafat, que foi por muito tempo o presidente da Palestina, também era um líder que buscava a paz. Em 1969, depois de se tornar presidente da Organização para a Libertação da Palestina, ele declarou a Faixa de Gaza e a Cisjordânia como territórios palestinos independentes. Nas eleições de 1996, tornou-se o presidente palestino e trabalhou arduamente no combate aos grupos radicais como o Hamas e para manter a paz no Oriente Médio. Nossos membros se encontraram pessoalmente com ele doze vezes, sempre que a situação na região se agravava.

O caminho para chegar até o escritório de Arafat era muito complicado. Era preciso passar pelos guardas fortemente armados com pistolas automáticas e, para entrar no escritório ainda era obrigatório ser revistado mais de três vezes. Quando Arafat encontrava nossos membros envolto por um turbante, ele os recebia todo sorridente: “Bem-vindos!” Mas tal relacionamento não foi construído de um dia para o outro. A dedicação que nós tivemos por tanto tempo para a paz no Oriente Médio

é incalculável. Para entrar na região de conflito, arriscando a vida, e até nos encontrarmos com os líderes religiosos, tivemos um árduo trabalho, gastamos muito dinheiro e passamos por dificuldades. Por fim, conquistamos a confiança de todos, tanto árabes quanto israelenses, e conseguimos nos manter como mediadores todas as vezes que um conflito surgia no Oriente Médio.

A primeira vez que pisei em Jerusalém foi em 1965. A Guerra dos Seis Dias ainda não tinha ocorrido e Jerusalém pertencia à Jordânia. Subi o Monte das Oliveiras, onde Jesus orou com lágrimas e transpirou sangue antes de ser levado à corte de Pilatos. A Igreja da Oliveira já havia sido construída naquele lugar. Acaricieei aquela árvore de dois mil anos de idade, que devia ter assistido Jesus orar. Naquela árvore preguei três pregos que simbolizavam o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo e orei para que um dia eles se unissem como um. Se a união entre os três não acontecer, jamais haverá um mundo de paz. Os três pregos encravados na oliveira ainda permanecem lá, e o mundo pacífico continua distante.

Ainda que o mundo esteja dividido e que Judaísmo, Cristianismo e Islamismo se oponham uns aos outros, a raiz é uma só. A questão crucial é a interpretação sobre Jesus. No dia 19 de maio de 2003, nós tiramos Jesus da cruz e, na terra que Judas Iscariotes comprou com as trinta moedas do dinheiro da traição, nós enterramos a cruz em que Jesus estava pregado. Em 23 de dezembro daquele mesmo ano, transcendendo religiões e denominações, três mil Embaixadores da Paz vindos do mundo

inteiro, com dezessete mil israelitas e palestinos, se reuniram no Parque da Independência de Jerusalém e nós retiramos a coroa de espinhos da cabeça de Jesus e colocamos a coroa de Rei da Paz. Aproximadamente vinte mil pessoas reunidas naquele lugar foram além de sua religião e denominação e juntos, nós fizemos uma passeata pela paz para a humanidade. Naquele dia, conforme o combinado, às oito horas da noite Arafat mandou que todos os palestinos acendessem as luzes da frente de suas casas para participar da manifestação pela paz. Através da passeata daquele dia, transmitida para o mundo inteiro via internet, Jesus foi restaurado à posição de Rei da Paz e ao mesmo tempo conseguimos um momento de reconciliação entre o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, que até então estavam em lados opostos.

Em Jerusalém está a mesquita de Al-Aqsa, o templo islâmico que é a segunda maior mesquita depois de Medina, a Meca Islâmica, na Arábia Saudita. Dizem que aquele é o lugar onde Maomé ascendeu para o Céu, onde nenhum não muçulmano pode pôr os pés. Apesar disso, aquelas portas foram abertas somente para nós. Eles nos levaram junto com cristãos e líderes judaicos a uma grande passeata pela paz até o final do templo. O islamismo também é uma religião que ama a paz. Nós conseguimos abrir uma porta fortemente trancada pelo preconceito e pela intolerância e conduzimos os muçulmanos a um diálogo com o mundo.

Embora de um lado, o ser humano aprecie a paz, por outro ele também gosta de brigar. Ele promove brigas entre os mais

gentis animais. Ele sente alegria em ver galos brigando com as cristas levantadas e se perfurando com o bico pontiagudo até arrancarem pedaços de carne. Contudo, as pessoas dizem para seus filhos: “Não briguem com seus amigos!” No final, a principal causa da guerra não é nem a religião nem a raça, mas sim o coração das pessoas. Todos os problemas têm relação com o ser humano. Os homens modernos gostam de responsabilizar a ciência ou a economia por todos os conflitos, quando na verdade, o problema fundamental está no próprio ser humano.

A missão da religião não é outra senão despertar a bondade no ser humano, eliminar a natureza má que incita a briga. Olhe todas as religiões do mundo. Todas idealizam sobre o mundo pacífico. Todo mundo deseja o Reino do Céu, todos sonham com uma utopia e oram pelo paraíso. Apesar dos nomes de um e de outro serem diferentes, o mundo que o ser humano sonha e deseja é o mesmo. Embora existam muitas religiões no mundo, e ainda mais denominações, o desejo de todas é um só. O destino final que todas desejam é o Reino do Céu, o mundo de paz. O mundo de caloroso amor será onde os corações despedaçados pelas diferenças de raça e de religião serão completamente curados.

Um Rio Não Rejeita a Água de Seus Afluentes



O egoísmo que cobre o mundo, além de destruir o indivíduo, impede o desenvolvimento do outro e até de seu próprio povo. A ganância dentro do coração do ser humano é o maior obstáculo no caminho para um mundo de paz. A ganância individual cresce e torna-se a ganância do povo e esse coração manchado cria divisão e conflito entre as pessoas e entre os povos. Na história, muito sangue foi derramado nas guerras surgidas pela ganância.

Para eliminar esses conflitos, é preciso haver uma revolução radical que mude o padrão errado de valores e ideologias espalhados pelo mundo. A complicada meada de questões sociais só poderá ser desemaranhada, quando acontecer a revolução do pensamento. Se existir cooperação entre os seres humanos e entre os povos, com amor e consideração pelos outros primeiro, os problemas da sociedade moderna serão completamente resolvidos.

Dediquei toda a minha vida ao trabalho pela paz. Quando penso na palavra “Paz”, minha garganta fica engasgada, os olhos marejam e mal consigo engolir a comida. Só de imaginar

o dia em que o mundo se tornará um e desfrutará da paz, fico exultante. A paz é assim. É uma coisa que une as pessoas de diferentes pensamentos, raças e línguas. É um coração que almeja tal mundo. A paz é uma ação para se pôr em prática, não só um sonho distante.

Não foi fácil, durante todo esse tempo, me dedicar ao movimento pela paz. Houve muito sofrimento e também muitos gastos. Contudo, nada do que fiz foi para obter renome. Tampouco para ganhar dinheiro. Só me dediquei completamente para construir um mundo sólido de verdadeira paz em todo o planeta. Nessa tarefa, não estive sozinho, porque todas as pessoas do mundo, na verdade, desejam a paz. Entretanto, é estranho, que a paz que todo mundo tanto deseja ainda não tenha chegado.

É fácil encher a boca para falar de paz, mas não é fácil construí-la, porque há pessoas que desprezam a verdade mais valiosa para se construir um mundo pacífico. Antes de falar sobre a paz entre as pessoas e entre os povos, devemos primeiramente falar sobre a paz entre o ser humano e Deus.

Nos últimos tempos, as religiões têm considerado sua denominação melhor que as outras, ignorando e até rejeitando as outras religiões. Construir muros entre as religiões ou denominações é errado. A religião é como um vasto rio que busca o mundo ideal de paz. Um rio que até chegar ao imenso mundo de paz, percorre um largo caminho, encontrando no meio vários afluentes. Os pequenos afluentes, quando se unem ao rio principal, deixam de ser afluentes para se tornar parte desse

grande rio. Assim, eles se tornam um só ser.

Um rio não rejeita as águas dos afluentes que desembocam nele, pelo contrário, aceita todos. Abraçando os afluentes e se tornando a mesma corrente de água, juntos seguem para o mar. As pessoas do mundo não entendem um princípio tão simples. Os afluentes que entram no vasto rio são exatamente as diversas religiões e denominações do mundo. Ainda que a nascente seja diferente, o destino final é igual para todos, caminhar em busca do mundo ideal onde a paz transborda.

Enquanto os muros criados entre as diferentes religiões não forem derrubados, esse mundo jamais alcançará a paz. Da mesma forma que uma religião juntou milhares no mundo inteiro e cresceu através dos milênios, o muro cultural também é muito alto e difícil de derrubar. Cada religião continuou por milhares de anos, do seu lado da barreira, insistindo estar certa. Por vezes, até se opôs e confrontou outra religião para aumentar seu poder e usou o nome de Deus naquilo que não é a vontade Dele.

A vontade de Deus é a paz. Este mundo recortado pelas diferenças entre nações, raças e religiões, que critica e luta a ponto de derramar sangue, não é aquilo que Deus deseja ter. Todos aqueles que brigam e derramam sangue em nome de Deus só estão fazendo com que Ele sofra. Um mundo despedaçado é o mundo que as pessoas criaram apenas para o próprio benefício e bem-estar, não a vontade divina. Deus foi claro sobre isso e prático nesse mundo o que Ele me falou.

Foi árduo o caminho para construir um mundo pacífico,

onde todas as religiões e raças estejam juntas em harmonia. Muitas vezes apanhei das pessoas e outras, apanhei por causa da incompetência, mas apesar de tudo não podia abandonar a missão. Quando os membros e colegas que me acompanhavam gritavam por socorro em meio a tanta dificuldade, falava-lhes até invejando-os: “Quando vocês não aguentarem mais, vocês podem voltar para trás, e até podem morrer sem conseguir. Mas, sou uma pessoa tão miserável que nem isso posso fazer”.

Há cerca de duzentos países no planeta. Para que todas essas nações possam desfrutar da paz, sem dúvidas é necessário o verdadeiro poder da religião, que sempre esteve no abundante amor. Por ser um religioso que transmite amor, esperam que eu trabalhe para a paz mundial. Na construção do mundo de paz, não existe diferença entre o Islamismo e o Cristianismo. Instituí o movimento da paz na América reunindo cerca de vinte mil pastores, transcendendo suas denominações. Por meio disso, cristãos, muçulmanos, judeus e até budistas estão reunidos para discutir o melhor caminho para um mundo de paz, transformando o coração endurecido das pessoas. Minha meta final é construir um mundo único centralizando em Deus: ontem, hoje e sempre. Nesse mundo existirá somente a soberania de Deus. O mundo todo se unirá em uma só terra, num só povo e numa só cultura. Nesse mundo, não haverá conflitos e nem lutas. Então, o mundo da paz verdadeira finalmente chegará.

“Por Favor, Permita a Liberdade Religiosa na União Soviética”



A teoria de Darwin não é uma verdade comprovada. Sua ideia de que o espírito nasce da matéria é completamente errada. O homem é um ser criado por Deus e cada ser é uma entidade integrada de dois lados, espírito e matéria. Em resumo, a teoria comunista e sua filosofia estão erradas. Apesar disso, no tempo em que estudei no Japão, trabalhei ao lado de comunistas no movimento da independência. Eles eram bons amigos que também arriscavam suas vidas pela libertação da pátria, mas meu pensamento era completamente diferente do deles. Portanto, depois de nossa nação ser libertada, foi inevitável que cada um seguisse seu caminho.

Sou contra a visão materialista do comunismo. Criei o movimento mundial para vencer o comunismo e falei diretamente para vários presidentes americanos que eles deviam proteger o Mundo Livre da estratégia dos comunistas soviéticos, que ameaçava avermelhar o mundo. Os países comunistas não ficaram contentes com minha campanha e até tentaram atos terroristas para me matar, mas nem por isso os odeio, nem os considero meus inimigos. Apenas me coloquei contra a filosofia e a ideologia comunista, não eram as pessoas que eu odiava. Deus

também quer abraçar os comunistas.

Nesse contexto, em abril de 1990, no fim da Guerra Fria, entrei em Moscou, na União Soviética, para encontrar Gorbachev e, em novembro do ano seguinte, estive em Pyongyang para encontrar Kim Il Sung. Tudo isso não era uma simples aventura com o risco de minha vida. Esse era meu destino que devia cumprir para transmitir a vontade de Deus. “Moscow”, em inglês, soa como a pronúncia “must go”, um lugar para o qual deveria ir.

Eu tinha uma opinião inabalável sobre o comunismo. Previa que os sinais da destruição começariam a aparecer depois dos 60 anos da Revolução Bolchevique e que, ao completar 70 anos, em 1987, ele chegaria à exaustão e cairia. Então, quando o famoso doutor em política Morton Kaplan veio me visitar na prisão de Danbury, em 1985, disse-lhe para proclamar antes do dia 15 de agosto daquele ano, “o fim do comunismo na URSS”.

Naquela ocasião, ele não ficou muito entusiasmado e me disse: “Oh, declarar o fim do comunismo, senhor? Como posso fazer uma coisa tão perigosa?...” Era natural que ele tivesse medo, porque assim como a última faísca é a mais brilhante, naquele tempo a força do comunismo estava no auge e não havia sequer uma previsão de que ele pudesse acabar. Se acaso essa declaração tivesse um mínimo de chance de se tornar um absurdo, sua reputação como doutor seria destruída da noite para o dia.

“Reverendo Moon, acredito na sua história de que o comunismo vai acabar. Porém, acho que ainda não chegou a hora de

dizê-lo. Então, em vez de falar “o fim do comunismo”, não seria melhor “a decadência do comunismo”?

Fiquei queimando de indignação com as palavras dele. Acredito que, mesmo que a pessoa tenha medo, quando há uma convicção é preciso criar coragem e lutar até morrer.

“Doutor Kaplan, como pode falar assim? É muito importante declarar o ‘fim do comunismo’. No dia em que o senhor proclamar o fim do comunismo, a força desta declaração fará o comunismo perder. Então como pode hesitar?”

Enfim, o doutor Kaplan declarou o “fim do comunismo” na Assembleia Geral da Academia de Professores para a Paz Mundial, realizada em Genebra. Ninguém podia imaginar tal ousadia. Naquela época, Genebra, na Suíça, que é um país neutro, era o principal campo da KGB, e milhares de membros da KGB circulavam pelo mundo recolhendo informações e praticando atentados terroristas. Além do mais, o Hotel Intercontinental, onde se realizou a Assembleia, ficava na frente da Embaixada da União Soviética. Imagine quanto medo o doutor Kaplan sentiu. Alguns anos depois, porém, ele ficou muito famoso como o primeiro acadêmico a profetizar o fim do comunismo.

Fui a Moscou em abril de 1990 para participar da Conferência de Mídia Mundial. Surpreendentemente, o governo da União Soviética me tratou como um chefe de Estado desde a chegada ao aeroporto. Entrei no centro de Moscou escoltado pela polícia. O carro em que me colocaram andou por estrada dourada, pela qual normalmente ninguém passava, com exceção dos presidentes e de visitantes muito distintos. Até então

a Guerra Fria ainda continuava, isso foi antes da URSS se desmanchar. Entretanto, eles me recepcionaram com toda atenção e cuidaram de mim, um anticomunista.

Na Conferência de Mídia Mundial, elogiei a *Perestroika* soviética, discurssei sobre como aquela reforma deveria ser uma revolução sem derramamento de sangue e uma reforma do coração e do espírito. Fui a Moscou para participar da Conferência de Mídia Mundial, mas meu coração estava focado em encontrar o presidente Gorbatchev.

Na época, devido ao sucesso da política da *Perestroika*, o índice de popularidade de Gorbatchev era muito alto dentro da União Soviética. Portanto, mesmo que eu tivesse muita facilidade de encontrar o presidente dos EUA, até dez vezes se quisesse, encontrar Gorbatchev seria muito difícil. Contudo, queria vê-lo sem falta, porque tinha algo para lhe dizer. Embora ele tivesse reformado a URSS e conseguido um sopro de liberdade, conforme o tempo passava, a espada da revolução estava apontando para suas próprias costas. Se continuasse assim, logo ele encararia um grande perigo.

“Se ele não me encontrar, não poderá acompanhar a vinda da fortuna celeste e se não o fizer, não durará muito.”

Talvez essas palavras tenham chegado aos ouvidos do presidente Gorbatchev, pois no dia seguinte ele me convidou ao palácio do Kremlin, em Moscou. Entrei no palácio do Kremlin em uma limusine mandada pelo governo da União Soviética. Minha esposa e eu ficamos sentados na sala de audiência com o presidente, e ao nosso redor as ex-autoridades da União So-

viética sentaram-se em círculo. Todo sorridente, o presidente Gorbatchev explicou entusiasmado como sua *Perestroika* estava tendo sucesso. Depois, nós dois tivemos uma audiência particular especial em gabinete fechado. Sem perder a chance, falei para o presidente Gorbatchev:

“O senhor, presidente, já foi bem-sucedido com a *Perestroika*, mas só com ela a reforma não será suficiente. Por isso, permita agora mesmo a liberdade religiosa na União Soviética. Sem Deus, a *Perestroika* certamente será um fracasso se quiser apenas reformar o mundo materialista. O comunismo logo chegará a um fim. Permitir a liberdade religiosa é a única salvação para essa nação. Agora chegou o tempo em que, com a coragem que teve para realizar a abertura da Rússia, o senhor deve se tornar um presidente do mundo, que trabalha para a paz mundial.”

Liberdade religiosa, um termo nunca esperado. O presidente Gorbatchev ficou desconcertado e suas feições enrijeceram. Porém, como a pessoa que permitiu a unificação da Alemanha, ele logo se recompôs e aceitou minhas palavras com toda sinceridade. Em seguida, disse-lhe: “É necessário que sejam estabelecidas relações diplomáticas entre a Coreia do Sul e a União Soviética. Para tanto, por favor, convide o presidente sul-coreano Roh Tae Woo”, e também lhe expliquei detalhadamente qual a vantagem de estabelecer relações com a Coreia do Sul. Depois de ouvir todas as minhas palavras, o presidente Gorbatchev mudou sua atitude e prometeu com toda a convicção:

“Tenho certeza que as relações diplomáticas entre a Coreia do Sul e a URSS se desenvolverão sem nenhum problema. Tam-

bém acredito que, acima de tudo, a estabilidade política e o apaziguamento dos conflitos na península coreana são essenciais. É uma questão de tempo para criarmos laços diplomáticos com a Coreia do Sul. Não haverá nenhum obstáculo. Reverendo Moon, como o senhor sugeriu, encontrarei o presidente Roh Tae Woo o mais rápido possível.”

Naquele dia, na hora de me despedir de Gorbachev, tirei o relógio do meu pulso e coloquei no pulso dele. Diante da minha espontaneidade, como se estivesse tratando um amigo de longa data, Gorbachev ficou sem jeito:

“Toda vez que o senhor presidente, encontrar dificuldades nesse plano de reforma que está fazendo, olhe esse relógio e pense no compromisso que fez comigo, e certamente Deus lhe mostrará o caminho certo”, eu disse com toda a convicção.

Conforme se comprometeu comigo, num encontro oficial entre os chefes de Estado da Coreia do Sul e da URSS, o presidente Gorbachev se reuniu com o presidente Roh Tae Woo em julho daquele ano, em São Francisco. E finalmente, no dia 30 de setembro de 1990, depois de 86 anos, a Coreia do Sul e a URSS estabeleceram relações diplomáticas num evento histórico. Não há dúvidas que os políticos devem fazer política, e que cabe aos diplomatas tratar das relações internacionais; mesmo assim, às vezes é mais efetivo quando um religioso, que não tem nenhum interesse nessas questões, abre um caminho que esteve fechado por muito tempo.

Quatro anos depois, o presidente Gorbachev visitou Seul e me encontrou na minha casa em Han Nam Dong. Naquele

tempo, ele era um civil, pois fora deposto no golpe de Estado. Após o golpe dos antirreformistas, que eram contra a *Perestroika*, em agosto de 1991 ele desestruturou o Partido Comunista, deixando o cargo de chefe do Partido. Ele, um comunista, eliminou o Partido com suas próprias mãos.

O ex-presidente Gorbachev comeu com muito prazer, utilizando o *chotkarak*, o *bulgogui* e o *japche*², pratos típicos da Coreia que nós tínhamos preparado com todo o coração. Quando ele experimentou o *sujong-gua* como sobremesa, elogiou bastante e repetiu diversas vezes: “A comida coreana é muito boa”. Fora do poder, Gorbachev e a senhora Raisa tinham mudado muito. A senhora Raisa, que era uma comunista ferrenha, professora de marxismo e leninismo na Universidade de Moscou, trazia no pescoço um crucifixo brilhante.

“O senhor, presidente, fez uma grande obra. Embora tenha deixado de ser o presidente do Partido Comunista Soviético, agora o senhor se tornou um presidente da paz. Graças à sua sabedoria e à sua coragem, podemos construir a paz mundial sem guerra. Para o mundo, o senhor fez a maior de todas as obras, a mais bonita e eterna. O senhor, que realizou esse trabalho no lugar de Deus, tornou-se o herói da paz. Um nome deverá ficar para sempre na história da Rússia, e não é o de Marx, nem o de Lênin, tampouco o de Stalin, mas somente o de Mikail Gorbachev.”

Elogiei bastante a determinação do ex-presidente Gorbachev, que conseguiu desmanchar a União Soviética, a nação

2. Espécie de churrasco e macarrão coreanos.

matriz do comunismo, sem guerra e sem derramamento de sangue. Então, ele segurou minhas mãos fortemente e disse: “Reverendo Moon, hoje tive um grande consolo. Ouvindo suas palavras, me sinto mais forte. Por isso, pelo resto da minha vida, me dedicarei às obras pela paz mundial”.

A Unificação da Península Coreana É a Unificação do Mundo



Assim que saí do palácio do Kremlin, depois de me encontrar com o presidente Gorbachev, dei uma orientação especial para Bo Hi Pak, que estava me acompanhando: “Antes do fim de 1991, preciso encontrar o presidente Kim Il Sung. Não temos muito tempo! A União Soviética acabará dentro de um ou dois anos. O maior problema está no nosso país. Tenho que encontrar Kim Il Sung de qualquer jeito, para impedir uma possível guerra na península coreana”.

Quando a União Soviética viesse abaixo, todos os países comunistas do mundo cairiam juntos. Por isso eu tinha pressa. Quando isso acontecesse, a Coreia do Norte se sentiria encurralada, e era inimaginável o tipo de invasão que poderia tentar. Além disso, a Coreia do Norte estava se apoiando fortemente nas armas nucleares, o que me preocupava ainda mais. Para impedir a guerra, era preciso um canal de diálogo com a Coreia do Norte, o que não tínhamos na época. Precisava encontrar o presidente Kim Il Sung de qualquer maneira, para obter a promessa de que ele abandonaria a ambição das armas nucleares e que nunca tomaria a iniciativa de atacar a Coreia do Sul.

A península coreana é uma projeção da política mundial. Se

sangue for derramado na península coreana, o mundo derrama sangue. Se houver reconciliação na península coreana, haverá reconciliação no mundo, e se as Coreias se unificarem, o mundo se unificará. Entretanto, no fim da década de 80, a Coreia do Norte estava tentando possuir armas nucleares. Diante disso, as nações ocidentais ameaçaram atacar a Coreia do Norte primeiro, se fosse necessário. Se a situação continuasse extrema, ninguém sabia qual direção a Coreia do Norte iria tomar. Então percebi que um canal de comunicação com a Coreia do Norte precisava ser aberto de qualquer forma.

Contudo, essa não era uma tarefa fácil. Bo Hi Pak entrou em contato com a Coreia do Norte e ouviu do vice-presidente Kim Dal Hyon: “O povo norte-coreano considerou o Reverendo Moon o seu maior inimigo até agora, por promover o movimento internacional para vencer o comunismo. De que maneira poderíamos dar boas-vindas a um obstinado líder anti-comunista? A entrada do Reverendo Moon na Coreia do Norte nunca poderá ser permitida”, ele declarou com firmeza.

Porém, Bo Hi Pak não desistiu. “Nixon, o presidente americano, também é um inflamado anticomunista, e mesmo assim ele visitou a China e se encontrou com o presidente Mao Tse Tung, e as relações diplomáticas entre os Estados Unidos e a China se normalizaram. Dessa maneira, a maior beneficiada foi a China. Antes condenada como invasora, de repente ela está surgindo como centro no cenário mundial. Se a Coreia do Norte quiser credibilidade internacional, terá que fazer amizade com anticomunistas fervorosos como o Reverendo Moon”,

assim ele convenceu a Coreia do Norte.

Finalmente, no dia 30 de novembro de 1991, minha esposa e eu recebemos o convite do presidente Kim Il Sung. Nós estávamos no Havaí, e rapidamente viajamos para Beijing. Ficamos esperando um bom tempo na sala VIP oferecida no aeroporto pelo governo chinês, até que o representante da Coreia do Norte apareceu e entregou a carta oficial de convite. O carimbo com o selo de Pyongyang era nítido:

“A República Democrática Popular da Coreia convida o Reverendo Sun Myung Moon, da igreja da Unificação, sua esposa e sua equipe. A República Democrática Popular da Coreia garantirá sua segurança durante a estada no país. 30 de novembro de 1991, Kim Dal Hyon, vice-presidente da República Democrática Popular da Coreia.”

Nossa equipe foi para Pyongyang usando o avião presidencial JS 215, enviado pelo próprio presidente Kim Il Sung. Até então, ele nunca tinha mandado seu avião particular para nenhum presidente de outro país. Esse era um tratamento inédito e especial. O avião atravessou o Mar Amarelo e subiu para Shin Ui Ju, passando por cima de minha terra natal, a cidade de Jong Ju; e chegamos a Pyongyang. O percurso do avião foi uma gentileza, para que eu pudesse olhar minha terra natal. Vendo-a abaixo, avermelhada pelo cair do sol, meu coração palpitou de emoção e até meu peito doía. Tinha vontade de pular ali mesmo, pensando que aquela realmente podia ser minha terra natal, onde eu gostaria de correr nas montanhas e nos campos.

No aeroporto Soon An, em Pyongyang, lá estava minha fa-

mília, que tinha sido dividida há 48 anos. Aquela minha irmã mais nova, bonita como uma flor, tinha se tornado uma avó no começo da terceira idade, que segurava minha mão chorando aos berros até seu rosto se contorcer. Mas nem mesmo diante de minha irmã mais velha, que estava com mais de 70 anos de idade e derramava muitas lágrimas segurando meus ombros, chorei.

“Não façam isso aqui, por favor. É importante encontrar a família, mas vim para fazer o trabalho de Deus. Então, por favor, não façam isso, sejam fortes.”

Não podia chorar abraçado às minhas irmãs, que não via há mais de 40 anos, mas dentro do meu coração as lágrimas caíam como uma cachoeira. Porém, consegui controlar meu coração e fui para onde estávamos hospedados.

No dia seguinte, como fiz a minha vida inteira, acordei cedo e orei. Se havia equipamento de segurança no quarto, certamente devem ter gravado toda a minha lamentosa oração, em prantos, para que a península coreana fosse unificada. Naquele dia, nós fizemos um *tour* pela cidade de Pyongyang. A capital estava completamente armada com as letras vermelhas do lema da ideologia *ju-tche*³. No terceiro dia, fomos de avião visitar a montanha Kum Gang. As águas da cachoeira Gu Ryong Yon, apesar de estarmos no meio do inverno, caíam com força.

Após visitar toda a parte da montanha Kum Gang, no sexto dia fomos para minha terra natal de helicóptero. Aquela casa da qual tinha tantas saudades e para onde até em sonho queria

3. “A ideologia do sujeito” do Kim Il Sung.

correr, estava bem na minha frente. Não sabia se era sonho ou realidade, e fiquei parado por um bom tempo na frente da minha casa até entrar.

Originalmente, havia vários cômodos quadrangulares, como os cômodos principais, a sala de estar, o quarto de visitas, o depósito e o curral, mas tudo desaparecera, só sobravam vários cômodos principais. Entrei no quarto onde nasci e sentei de pernas cruzadas no chão com as lembranças da infância passando pela minha mente, claras como se fossem do dia anterior. Ao abrir uma pequena portinha que ligava o quarto principal à cozinha, vi o quintal de trás, sem encontrar aquela castanheira portuguesa na qual subia e brincava, que tinha sido cortada. “Oh, nosso miniolho não está com fome?”, podia ouvir minha mãe me chamando carinhosamente. Por um segundo, pareceu que sua saia de algodão passava na minha frente.

Na minha terra natal, visitei os túmulos dos meus pais e lhes ofereci flores. Aquela cena de minha mãe me visitando na prisão de Heungnam e derramando lágrimas de sangue foi nosso último encontro. A superfície do túmulo de minha mãe estava coberta da neve da noite anterior. Retirei com a palma das mãos aquela neve e acariciei por um bom tempo a grama que cobria o túmulo dela. A grama seca do inverno sobre o túmulo era grossa como as mãos da minha mãe.

O Encontro com Kim Il Sung



A razão principal de querer ir para a Coreia do Norte não era visitar minha terra natal ou passear pela montanha Kum Gang. Fui à Coreia do Norte justamente para encontrar o presidente Kim Il Sung e decidir o futuro de nossa pátria. Contudo, passados seis dias, ainda não havia nenhum sinal de que nosso encontro ocorreria. Porém, quando chegávamos de helicóptero ao aeroporto Soon An, depois da visita à minha terra natal, não esperávamos encontrar o vice-presidente Kim Dal Hyon nos aguardando.

“Amanhã o nosso excelentíssimo presidente Kim Il Sung quer receber o senhor, Reverendo Moon. O lugar de encontro será em Majon, a casa do presidente em Heungnam, por isso temos que ir para lá agora mesmo no avião presidencial”, ele disse.

“Dizem que o presidente tem casas em vários lugares, por que justo em Heungnam?”

No caminho, olhando a enorme placa com os dizeres “Fábrica de fertilizante de nitrogênio”, me senti estranho, lembrando do tempo no campo de concentração. Passamos uma noite no *Yong Bin Guan*⁴ e depois fomos encontrar o presidente.

4. Casa para receber visitantes oficiais.

Quando cheguei a Majon, a casa do presidente Kim Il Sung, ele já estava me esperando na entrada. Sem saber quem deu o primeiro passo, nós nos abraçamos. Eu era um inflamado anticomunista e ele, o líder do Partido Comunista, mas o nosso encontro não foi de caráter ideológico ou religioso. Nós nos encontramos como irmãos separados por muito tempo. Não havia outra coisa senão a força da raça, diretamente ligada ao sangue.

Falei para o presidente Kim Il Sung, sem mais delongas: “Graças à calorosa consideração do senhor, presidente, pude encontrar minha família. Entretanto, ainda há dentro de nossa pátria dez milhões de famílias que vivem separadas e morrem sem ter notícias de seus parentes. Por favor, senhor presidente, dê a essas famílias separadas a graça de poderem se encontrar”.

Contando da viagem à minha terra natal, apelei para seu amor pelo povo. Senti-me mais confortável depois de conversar à vontade sobre minha terra. Então, como a neve que se derrete na primavera, o presidente Kim respondeu:

“Concordo. A partir do ano que vem, vamos começar uma campanha de reencontro do nosso povo que está vivendo separadamente no Norte e no Sul.”

Abri a conversa contando sobre minha terra natal, e fui direto à discussão sobre armas nucleares. Sugeri cordialmente que ele concordasse com o Tratado de Não-Proliferação Nuclear e que assinasse o contrato de fiscalização da *International Atomic Energy Agency* – IAEA.

Então o presidente Kim disse: “Reverendo Moon, pense

bem. Eu iria fabricar a bomba nuclear para matar quem? Para matar meu povo? O senhor acha que sou tal tipo de pessoa? Concordo que a energia nuclear deve ser utilizada somente para propósitos de paz. Prestei atenção no que me disse, Reverendo Moon, tudo vai dar certo”, ele respondeu bem naturalmente.

Naquele tempo, devido à questão da fiscalização nuclear, o relacionamento entre o Norte e Sul não estava bem, por isso eu sugeri com todo o cuidado, mas perante a tranquilidade de sua resposta, todas as pessoas que estavam no local ficaram surpresas. Como nossa comunicação estava indo muito bem, nós nos mudamos para o refeitório e almoçamos um pouco mais cedo.

“Reverendo Moon, o senhor conhece o macarrão de batata congelada? No tempo em que estava na Operação *Parti-san*, na montanha Bek Du, comi muito esse prato. Por favor, sirvase.”

“Claro, conheço bem. É a comida preferida da minha terra natal”, eu respondi com muita alegria.

“Rá, rá, rá! Na terra do senhor certamente era um prato especial, mas comi para sobreviver. Como a polícia japonesa perseguia qualquer um até no topo da montanha Bek Du, eu não tinha sossego nem para colocar uma colher de comida na boca. No topo da montanha, o que há para comer além de batata? Quando ia cozinhar, a polícia japonesa chegava e eu tinha que enterrar a batata na terra e fugir. Depois de algum tempo, voltava àquele mesmo lugar, e o frio era tanto que a batata que estava enterrada na terra tinha se congelado. Como não havia outro jeito, eu arrancava a batata, descongelava e fazia farinha,

com a qual preparava macarrão para comer.”

“O senhor, presidente, é *expert* em macarrão de batata congelada.”

“Com certeza. É gostoso com molho de soja, mas no molho de gergelim fica muito melhor. É bom para a digestão, e também porque a batata tem aquela goma, satisfaz rapidamente. Ah, Reverendo Moon, o macarrão de batata congelada fica muito gostoso com o *kat kimchi* da província Ham Gyóng. Experimente, por favor.”

Conforme o presidente Kim tinha sugerido, comi o macarrão de batata congelada com *kat kimchi*. O macarrão saboroso junto com o *kimchi* apimentado era uma ótima combinação e quando comi era como se meu interior se refrescasse.

“No mundo há tantas comidas boas, tanta variedade, mas não preciso de nada disso. Não há nada mais gostoso que a comida da minha terra natal, como bolinho de batata, milho e batata-doce.”

“Até no paladar, o senhor e eu somos parecidos. Realmente, é muito bom encontrar um conterrâneo.”

“Como foi rever sua terra natal?”

“Fiquei muito emocionado. Como a casa onde morei ainda está de pé, sentei no quarto principal pensando no passado por um instante. Parecia que de repente minha mãe chamava meu nome, meu coração se sentiu muito emocionado.”

“E sua mãe...?”

“Disseram que ela morreu ano passado.”

“Oh, sinto muito. É por isso que a unificação tem que acon-

tecer o mais rápido possível. Ouvi comentários de que o senhor, Reverendo Moon, era um menino muito sapeca. De volta à sua casa, o senhor conseguiu brincar um pouco, correndo pela terra natal?”

Com as palavras do presidente Kim, todas as pessoas que estavam na mesa caíram na gargalhada.

“Queria subir a montanha, queria pescar, mas disseram que o senhor estava me esperando, então vim correndo. Por isso o senhor tem que me chamar outra vez.”

“Claro, claro que sim. Mas, venha cá Reverendo Moon, o senhor caça? Gosto muito de caçar. O senhor certamente ficará fã se caçar ursos na montanha Bek Du. O urso é grande, por isso ele pode parecer lento, mas na verdade ele é muito esperto. Uma vez, fiquei cara a cara com um urso. Ele ficou parado sem se mover, me observando. O senhor sabe bem o que acontece se corremos para fugir de um urso, não é? Então imagine o que eu fiz? Também olhei bem para o urso e persisti. Uma, duas, três horas, mesmo depois de tanto tempo, o urso ainda me espreitava. É famoso o frio da montanha Bek Du, não é? Parecia que, antes de ser comido pelo urso, ia morrer congelado.”

“Nossa, o que aconteceu?”

“Rá, rá! Eu, que estou na sua frente, Reverendo Moon, sou o urso ou a pessoa? Essa é a resposta.”

Quando dei uma gargalhada, o presidente Kim falou de repente: “Reverendo Moon, da próxima vez que o senhor vier, vamos juntos caçar na montanha Bek Du”.

Então respondi prontamente: “O senhor presidente gosta

de pescar? Em Kodiak, no Alasca, existe um peixe *halibut* que é tão grande quanto um urso. Vamos juntos pescá-lo?”

“Existe um peixe grande igual a um urso? Claro que preciso ir!”

Caçar e pescar, todos os nossos *hobbies* eram semelhantes. E de repente surgiram tantos assuntos para falarmos que, como amigos de longa data, nós conversamos muito. Nossas gargalhadas enchiam todo o refeitório.

Também falei sobre a montanha Kum Gang.

“Visitar a montanha Kum Gang é realmente um lindo passeio. Precisamos explorar esse orgulho do nosso povo como um ponto turístico.”

“Kum Gang é o patrimônio da nossa pátria unificada. Por isso, não deixei ninguém tocar nela até agora, porque se a linda montanha for explorada erroneamente, poderá ser prejudicada. Mas poderemos confiar a exploração a uma pessoa de visão internacional como o Reverendo Moon.”

Imediatamente, o presidente Kim me pediu para desenvolver o turismo na montanha Kum Gang: “Senhor presidente, o senhor tem mais idade que eu, então o senhor é meu irmão mais velho”, eu disse, e logo o presidente Kim segurou minhas mãos: “Reverendo Moon, vamos fazer o que é certo, vivendo daqui para a frente como irmão mais velho e irmão mais novo”.

De mãos dadas com o presidente, caminhamos pelo corredor, tiramos memoráveis fotos juntos e nos despedimos. Dizem que, depois da despedida, o presidente Kim falou para seu filho Kim Jong Il: “Oh, o Reverendo Moon é uma pessoa mag-

nífica. Durante a minha vida eu encontrei muitas pessoas, mas nenhuma igual ao Reverendo Moon. Ele é muito corajoso, mas também tem muito bom coração. Senti muito bem e tinha vontade de ficar mais tempo com ele. Realmente quero encontrá-lo outra vez, então quando eu morrer, se você precisar discutir algum assunto entre o Norte e o Sul, não hesite em procurar o Reverendo Moon”. Com isso, tenho certeza que nos entendemos bem.

Quando saí de Pyongyang, após uma semana de percurso, o comitê da Coreia do Norte, centralizado no primeiro-ministro Yón Hyóng Mook, chegou a Seul. O primeiro-ministro Yón assinou o Pacto de Não-Proliferação Nuclear na península coreana e, em 30 de janeiro do ano seguinte, a Coreia do Norte assinou pacto com a Agência Internacional de Energia Atômica. Assim, eles cumpriram todos os compromissos feitos comigo. Entrei em Pyongyang colocando minha vida em risco, e pelos resultados conseguidos, realmente valeu a pena.

Podem Dividir a Terra, mas Nunca o Povo



A península coreana é a única nação dividida no mundo. Nós, coreanos, temos a responsabilidade de unificar a península. Não podemos deixar para nossos descendentes uma pátria dividida em duas como está agora. É uma grande tristeza que não deveria existir, um povo dividido em dois, sem poder encontrar seus pais ou irmãos. O paralelo 38, a linha divisória entre o Norte e o Sul da Coreia, foi criado pelos homens. Embora a terra tenha sido dividida desse jeito, não se pode dividir o povo. Apesar de estarmos separados há mais de meio século, nós não nos esquecemos uns dos outros e continuamos a ter saudade porque pertencemos a um mesmo povo.

Nós somos chamados o “povo de vestes brancas”. O branco simboliza a cor da paz. Portanto, somos o povo da paz. No auge da repressão japonesa, nosso povo foi viver na Manchúria e na Sibéria, junto de chineses, japoneses, e de ambos os lados muitas matanças aconteciam. Mesmo nesse tempo, os coreanos não levavam punhais junto ao corpo. Todos, japoneses e chineses, carregavam punhais, enquanto nosso povo carregava o *buship-tol*⁵. Acender uma fogueira nas terras congeladas da Manchúria e da Sibéria também é proteger sua vida. Nosso

5. Pedra para fazer fogo.

povo é esse tipo de gente. Gente que ama a paz, serve Deus e valoriza a ética e a moral.

No auge da força japonesa e da Guerra Civil da Coreia, nosso povo derramou muito sangue. Apesar disso, nossa nação ainda não se unificou nem foi estabelecida a soberania de paz. A terra foi dividida pela cintura em duas partes, e além disso, uma metade se transformou no mundo sombrio do comunismo.

Para restaurar a soberania do nosso povo, é imprescindível que aconteça a unificação. Com Norte e Sul divididos como agora, não pode haver paz enquanto nós não restaurarmos a soberania total. Somente quando nós conseguirmos a unificação total e pacífica, poderemos construir a paz mundial. Como os coreanos se chamam o “povo de Bedal”, somos aqueles que surgiram para entregar a paz ao mundo, como um *bedalbu*⁶. Todas as coisas têm nome e todo nome tem um significado particular. A roupa branca se destaca tanto no dia como na noite. No escuro da noite, a cor que mais se destaca é a branca. Assim, nosso povo nasceu com o destino de entregar a paz mundial noite e dia.

Entre Norte e Sul existe a linha divisória do paralelo 38. Entretanto, esse não é o maior problema. Se eliminarmos essa linha divisória, encontraremos a divisa maior, que se chama Rússia e China. Para que nosso povo tenha paz completa, devemos ultrapassar até a barreira da Rússia e da China. Isso pode ser difícil, mas não é impossível. O mais importante é a determinação em nossos corações.

6. Entregador.

Penso que, quando se aplica suor e sangue, é bom entregar tudo, não sobrar nada. É preciso entregar tudo, até aquilo guardado no fundo do seu coração, tirar tudo sem nenhum apego e limpá-lo completamente. Com o sofrimento não é diferente. É preciso vencer e limpar todo o sofrimento, para que ele tenha um fim. Nada pode ser restaurado onde ainda há resquícios do passado, essa é a lei. Se ainda houver esse sofrimento tão miserável, a soberania completa do nosso povo não será restaurada.

Atualmente, todos falam sobre uma unificação pacífica. Contudo, comecei a proclamar a unificação pacífica em um tempo extremamente amedrontador, quando ninguém podia pronunciar essas duas palavras por medo da lei anticomunista e da lei de segurança nacional. Venho proclamando a unificação pacífica desde aquela época. Ainda hoje, se alguém me pergunta: “O que devemos fazer para a unificação da península coreana?”, minha resposta é sempre a mesma:

“Se os sul-coreanos amassem a Coreia do Norte mais que o Sul, e os norte-coreanos amassem a Coreia do Sul mais que o Norte, hoje mesmo a unificação da península coreana aconteceria.”

Fui capaz de arriscar a minha vida em 1991 e encontrar o presidente Kim Il Sung, porque tenho um fundamento desse tipo de amor. Naquele tempo, estabeleci vários acordos com o presidente Kim Il Sung, como o encontro entre familiares separados do Norte e do Sul, cooperação econômica entre as duas partes, exploração turística da montanha Kum Gang, a não-proliferação nuclear na península coreana e o avanço nos

encontros dos chefes de Estado dos dois países. Ninguém imaginava que a entrada de um anticomunista em um país vermelho iria abrir o caminho para a unificação do Norte e do Sul, mas surpreendi o mundo.

Antes de encontrar pessoalmente o presidente Kim Il Sung, discurssei por duas horas no Congresso Nacional de Man Su De, em Pyongyang, sobre o tema “O sangue é mais forte do que a água”. Naquele dia, falei com firmeza diante das autoridades norte-coreanas sobre o plano de unificação do Norte e do Sul através do amor. Falei com esse meu jeito para as autoridades da Coreia do Norte, que estavam armadas com o Kim-Il-Sungismo:

“O Norte e o Sul certamente têm que se unificar, mas não pelas armas. A unificação do Norte e do Sul não acontecerá pela força militar. A Guerra da Coreia foi um fracasso, por isso é uma ideia estúpida querer repetir a tentativa com o uso das Forças Armadas. A unificação do Norte e do Sul não acontecerá através da ideologia de *ju-tche* que vocês tanto apregoam. Então, com o que poderemos ter unificação?

Este mundo não é movimentado somente pelas forças do ser humano. Deus existe, e por isso o ser humano jamais pode conseguir algo somente por sua própria força. Deus trabalha até em um fato tão ruim como a guerra. A ideologia *ju-tche*, de que o ser humano se tornou o sujeito, jamais conseguirá a unificação de Norte e Sul. A pátria unificada só poderá ser construída com base no Deusismo. Está se aproximando o tempo da unificação de nosso povo, que Deus tem protegido.

A unificação é o nosso destino e, ao mesmo tempo, um dever que não podemos deixar para depois. Se não realizarmos essa obra sagrada de unificação da pátria agora, passaremos a eternidade sem poder erguer a cabeça e encarar nossos descendentes e nossos antepassados.

O que é o Deusismo? É praticar o amor perfeito de Deus. A unificação do Norte e do Sul não acontecerá somente pela esquerda ou pela direita. Para harmonizar essas duas ideologias é preciso a ideologia da cabeça. O caminho do amor será aberto quando vocês pedirem desculpas para o mundo inteiro por terem invadido a Coreia do Sul! Sei que há aproximadamente vinte mil espões que a Coreia do Norte implantou na Coreia do Sul. Por isso, deem a orientação para que eles se entreguem imediatamente. Então os educarei para corrigir seus pensamentos e os transformarei em patriotas, que contribuirão para a unificação pacífica entre o Norte e o Sul”.

Esbravejei, batendo o punho no púlpito do Congresso. Yoon Ki Bok, Presidente do Comitê, e o vice-presidente norte-coreano, Kim Dal Hyon, estavam ouvindo meu discurso e ficaram muito sérios. Mesmo sabendo que aquelas palavras significavam um perigo para minha vida, eu tinha que falar o que era preciso. Não queria simplesmente chocá-los, mas tinha consciência que meu discurso certamente seria transmitido imediatamente para o presidente Kim Il Sung e para Kim Jung Il. Falei daquela forma com a intenção de transmitir nosso desejo.

Quando terminei o discurso, nossa equipe ficou apavorada. Alguns norte-coreanos até se expressaram contestando como

eu poderia ter dito aquelas palavras. Então, nossos membros ficaram preocupados: “O conteúdo do discurso foi muito forte, por isso o clima aqui não está muito bom”. Porém, falei veemente:

“Por que vim aqui? Não vim para passear pela Coreia do Norte. Se chegasse aqui e fosse embora sem dizer o que preciso, seria punido pelo Céu. Mesmo que sejamos expulsos por causa do discurso de hoje e não encontremos Kim Il Sung, tenho que falar o que precisa ser dito.”

Posteriormente, no dia 8 de julho de 1994, o presidente Kim Il Sung subitamente faleceu. Naquele tempo, a relação entre o Norte e o Sul tinha piorado. Uma bateria de missil *patriot* foi implantada na Coreia do Sul e um grupo radical americano começou a pedir que a “ogiva nuclear” de Yong Byon fosse destruída. Parecia que desse impasse logo surgiria uma guerra. A Coreia do Norte declarou que não iria receber nenhuma visita do exterior. Mesmo assim, achei que devia prestar minhas condolências à morte do presidente Kim Il Sung, com quem fiz uma irmandade.

Então, chamei Bo Hi Pak: “Vá agora mesmo para a Coreia do Norte, como meu representante, para prestar homenagens a Kim Il Sung”.

“Mas agora a situação está tão difícil que ninguém pode entrar na Coreia do Norte.”

“Eu sei, é difícil; mesmo assim você tem que achar um jeito de entrar. Pode até atravessar o rio Am Nok a nado, mas você tem que entrar e prestar condolências.”

Bo Hi Pak foi para Beijing e, arriscando sua vida, entrou em contato com a Coreia do Norte. Contudo, o presidente Kim Jung Il deu a seguinte ordem: “Abriremos uma exceção para o representante do Reverendo Moon vir prestar suas condolências, podem trazê-lo para Pyongyang”. Depois de prestar as homenagens em Pyongyang, Bo Hi Pak encontrou-se com Kim Jung Il.

“Meu pai sempre falou que o Reverendo Moon tem trabalhado arduamente para a unificação da pátria, então seja bem-vindo”, ele o cumprimentou cordialmente. Em 1994, a península coreana se encontrava em uma situação de risco e a qualquer momento uma guerra poderia estourar. Justamente naquele momento, graças à relação que estabeleci com o presidente Kim Il Sung, o perigo nuclear pôde passar pela península coreana. Com essa intenção, aqueles pêsames não foram simples cordialidades.

Conto em detalhes esse meu encontro com Kim Il Sung para falar sobre a confiança entre as pessoas. Eu o encontrei pela unificação pacífica de nossa pátria. E graças ao que minha fé no destino do nosso povo alcançou, mesmo depois de sua morte, seu filho Kim Jung Il recebeu um representante nosso para prestar homenagens a seu pai. Não há muro que não possa ser derrubado com um coração sincero de amor e nenhum sonho que não possa ser alcançado.

Visitei a Coreia do Norte como minha terra natal, a casa de meus irmãos. Não fui lá para ganhar nada, mas sim para dar o meu coração de amor. E essa força do amor foi além do presi-

dente Kim Il Sung e chegou até o presidente Kim Jung Il. Desde aquele dia, entre nós e a Coreia do Norte continua a existir uma relação especial e cada vez que a relação entre o Norte e o Sul se complicou, assumimos o papel de abrir um caminho entre eles, com todos os nossos esforços. A raiz que sustenta tudo isso é a confiança de coração sincero que estabelecemos no encontro com o presidente Kim Il Sung. A confiança tem essa grande importância.

Depois do encontro com o presidente Kim Il Sung, estabelecemos na Coreia do Norte o Potongang Hotel, o Centro da Paz Mundial e inclusive a Fábrica Automobilística da Paz. Há oito *outdoors* dos Automóveis da Paz no centro de Pyongyang. Quando o presidente da Coreia do Sul visitou a Coreia do Norte, os norte-coreanos lhe mostraram a Fábrica Automobilística da Paz, e a equipe que o acompanhava se hospedou no nosso Potongang Hotel. Nossos membros que trabalham na Coreia do Norte realizam os cultos todos os domingos, reunidos no Centro da Paz Mundial. Todas essas atividades são para estabelecer a unificação e as relações pacíficas entre Norte e Sul, não para obter lucro. Cada uma das atividades representa o nosso esforço para contribuir com a unificação do Norte e do Sul através do orgulho nacional.

Abaixando as Armas com Amor Verdadeiro



Nosso povo não está dividido somente pelo paralelo 38. Existe uma linha invisível entre Yong Nam e Ho Nam, e também entre os coreanos que moram no Japão, divididos entre *mindan* e *jô-chong-yón*⁷. O motivo dessa separação está nas diferenças da terra natal de seus pais. A segunda e a terceira geração nunca foram para a terra de seus pais e estão vivendo dentro do limite que eles traçaram. As pessoas *mindan* e *jô-chong-yón* não conversam, não frequentam as mesmas escolas e muito menos se casam.

Em 2005, pus em ação o plano para unir Yong Nam e Ho Nam e os coreanos que moravam no Japão. Convoquei para Seul mil *mindan* e mil *jô-chong-yón* para fazerem irmandade com mil pessoas de Yong Nam e mil pessoas de Ho Nam. No Japão, é quase impossível reunir *jô-chong-yón* e *mindan* em um mesmo lugar para discutir a unificação pacífica entre Norte e Sul. O trabalho foi árduo, mas foi uma cena muito emocionante – Yong Nam e Ho Nam, *mindan* e *jô-chong-yón* se reunirem no mesmo lugar e abraçarem uns aos outros. Nessa ocasião, um líder *jô-chong-yón* que estava visitando Seul pela primeira vez, chorou angustiado, dizendo que tinha vivido todo aquele

7. Descendentes de sul e norte-coreanos, respectivamente, que vivem no Japão.

tempo na Guerra Fria, sem saber onde era a terra natal de seu falecido pai, e que também sentia vergonha de ter traçado uma linha divisória tão inútil em seu coração.

Para entender a divisão e o conflito na península coreana, deve-se ter uma visão geral do passado, do presente e do futuro. Todos os acontecimentos sempre têm uma razão. A divisão da península coreana aconteceu por causa da história de conflito entre o bem e o mal. Quando a Guerra da Coreia começou, todos os países comunistas, comandados pela ex-URSS e pela China, se mobilizaram para apoiar a Coreia do Norte. O mesmo aconteceu com a Coreia do Sul. Dezesesseis nações, centralizadas nos EUA, enviaram seus soldados, cinco países mandaram equipes de resgate médico e vinte nações mandaram material bélico. Não há na história humana um registro de tantas nações participando da guerra de um país tão pequeno como a Coreia.

Quase toda a humanidade tomou parte na Guerra da Coreia, porque ela era uma representação do confronto entre o poder do comunismo e da democracia. Pode-se dizer que nossa nação, como representante do mundo, fez uma guerra cruel entre o bem e o mal. Em 1992, o Secretário de Estado dos Estados Unidos, Alexander Haig, participou da comemoração do décimo aniversário de inauguração do *Washington Times*, e durante o discurso de celebração, contou uma história surpreendente:

“Fui soldado e servi na Guerra da Coreia. Como tenente, promovi um forte ataque à região de Heungnam, arriscando minha vida. Quando soube que naquela época o Reverendo

Moon tinha sido preso pelo Partido Comunista na prisão de Heungnam, e que o ataque daquele dia o libertou, fiquei muito emocionado. Talvez tenha ido lá para salvar o Reverendo Moon. Agora, pelo contrário, é o Reverendo Moon que está aqui para salvar a América. Em Washington, onde a opinião pública é influenciada por um jornal esquerdista, o *Washington Times* é um jornal que salva a vida dos americanos, informando a direção do futuro com uma visão equilibrada da História. Essa é mais uma confirmação de que na História também não existem acasos”.

Certa vez, surgiu na nossa sociedade uma declaração que a estátua do general McArthur, comandante-geral dos EUA na Guerra da Coreia, deveria ser eliminada sob a alegação que, se não houvesse a interferência dos Estados Unidos, nossa nação não estaria dividida em Norte e Sul. Fiquei muito assustado com essa história. Essas afirmações somente poderiam ter surgido do Partido Comunista da Coreia do Norte.

Apesar de todo o sacrifício do mundo, a unificação da Coreia ainda não chegou. Embora não saiba quando esse dia chegará, uma coisa é certa: nós já demos os primeiros passos firmes em direção à unificação. Existem muitos obstáculos no corredor que leva à unificação. Devemos continuar marchando, derrubando esta sequência de obstáculos um por um. Mesmo que demore e que seja difícil, dispostos a atravessar nadando no *Yalu River*, com perseverança e paciência, a unificação certamente virá.

A última das nações do Leste Europeu onde o poder comunista resistiu foi a Romênia, que no final de 1989 foi destruída

por uma sangrenta revolução popular. Quando foi destituído do poder, Nicolae Ceausescu, que governou a Romênia por 24 anos, foi executado junto com sua esposa. Ele foi um tirano, executou impiedosamente os opositores de sua política. Em qualquer nação, uma das razões dos ditadores ficarem cada vez mais severos é o medo de que, se perderem o poder, perderão suas vidas. Se tivessem segurança que se manteriam vivos, eles nunca chegariam a tal extremo.

Nossa nação também, em um futuro próximo, de uma maneira ou de outra, terá a unificação. Portanto, seja político, seja economista, cada um deve se preparar para a época da unificação da Coreia. Eu também, como religioso, não estou displicente na preparação para receber a Coreia unificada, onde poderemos compartilhar da paz, abraçando com amor as pessoas da Coreia do Norte.

Venho pesquisando há muito tempo sobre a unificação da Alemanha. Nenhum tiro, nenhuma gota de sangue foi derramada para que ela ocorresse. Sobre isso, estou ouvindo as experiências das pessoas que comandaram a unificação naquele tempo, em busca de uma maneira adequada para nós. Em conclusão, descobri que para a unificação pacífica da Alemanha, eles inculcaram no coração das autoridades da Alemanha Oriental a fé de que mesmo depois da unificação eles não correriam riscos. Se não tivessem segurança de vida, as autoridades da Alemanha Oriental não abririam as portas para a unificação tão facilmente.

Assim sendo, acredito que é preciso passar esse tipo de con-

fiança para as autoridades da Coreia do Norte. Há pouco tempo, foi publicado no Japão um romance baseado na história da Coreia do Norte. No romance, as autoridades norte-coreanas aparecem assistindo a cena da execução de Ceausescu, repetindo desesperadas: “Se nós perdermos o poder, ficaremos assim. Portanto, nunca podemos perder o poder”, dezenas de vezes. É claro que isso foi imaginado pelo escritor do romance japonês, mas a unificação será mais rápida quando ouvirem o conflito atual deles e o resolverem.

É até simples estabelecer o mundo pacífico na península coreana. Quando os sul-coreanos servirem completamente a Coreia do Norte, não haverá guerra, e a península coreana automaticamente terá paz. Não se comove o filho pródigo com os punhos cerrados nem com o poder, mas com a força do amor que surge no coração. Alimentar e dar adubo para a Coreia do Norte é importante, mas o mais importante é dar amor. Não podemos esquecer o fato que os norte-coreanos abrirão seus corações quando, com um coração de amor verdadeiro, a Coreia do Sul pensar na Coreia do Norte e servi-la de todo o coração.

CAPÍTULO 7

FUTURO DA COREIA,
FUTURO DO MUNDO

A Península Coreana Reescreverá a História da Humanidade



Sinto tanta saudade da minha terra natal que até em sonho a busco. Minha terra fica distante de Seul, é a cidade de Jong Ju, Coreia do Norte, de onde se pode ver ao longe as montanhas e o mar. Em qualquer momento e em qualquer situação, meu coração está sempre naquele lugar onde o meu amor e minha vida surgiram.

Todos nós nascemos da linhagem de sangue dos pais e crescemos recebendo amor dos pais. Por isso, não nos esquecemos de nossa terra natal, onde aquele amor ainda permanece. Assim, quanto mais velho fico, mais sinto saudades da minha terra. A vida deve voltar para onde começou. O ser humano não pode se separar de sua origem. Em 2004, depois de 34 anos de atividade nos Estados Unidos, voltei para a península coreana, onde se encontra a fortuna celeste.

Não percebemos o momento exato da passagem da madrugada para a manhã, e tampouco sabemos o tempo preciso de quando a tarde vira noite. O mesmo acontece em nossas vidas, o ser humano não sabe bem o momento em que as obras de Deus estão passando. Os momentos de sucesso e de fracasso, tudo passa pela nossa frente sem percebermos. Tampouco sa-

bemos quando chegarão coisas boas ou ruins para uma nação. Dessa forma, o ser humano não conhece sobre o momento da chegada da fortuna celeste. A fortuna celeste é a força que move o mundo e, ao mesmo tempo, um princípio que rege o universo. Mesmo que não percebamos, a fortuna celeste, com a qual o Criador rege o universo, existe com certeza.

O universo age exatamente dentro de uma ordem própria. Todas as criaturas deste mundo seguem um princípio antes de nascer. O bebê, quando nasce neste mundo, mesmo sem ninguém ensinar, abre os olhos e começa a respirar. Ninguém o força a fazer aquilo, mas é algo que acontece naturalmente. “Naturalmente acontece”, essa é a principal chave para decodificar o segredo do universo.

Há muitas coisas na criação que acontecem naturalmente. Na verdade, “naturalmente” não é a palavra correta. Até nos fenômenos naturais que parecem acontecer espontaneamente existe uma direção inerente do universo, que nós não entendemos. A fortuna do universo, a fortuna celeste, é assim. Apesar de não percebermos, no processo cíclico do universo existe claramente o momento da aproximação de uma grande fortuna. Passando pelo frio inverno, a primavera chega. Passada a primavera, vem o verão. Se entendermos este princípio do universo, poderemos prever o futuro da nossa nação.

Uma pessoa sábia acompanha o princípio e o ritmo do universo. Aqueles que marcaram suas vidas na história da humanidade, todos sabiam acompanhar o ritmo e o princípio do universo.

Quando eu estava nos Estados Unidos, pesquei bastante no rio Hudson, que passava na frente da minha casa. Embora, fosse desde pequeno um bom pescador, havia dias em que eu voltava sem pescar nada. Nós não conhecemos, mas existe o tempo e o caminho certo para os peixes passarem. Não é porque um lugar tem água que os peixes sempre passarão por lá. Quem coloca sua vara de pescar sem saber disso, pode passar um mês lá e não terá nenhum resultado. A fortuna celeste é a mesma coisa. Se não houver visão de futuro, mesmo que a fortuna celeste esteja na nossa frente, não a veremos. Portanto, é preciso ter uma visão sábia para perceber a chegada da fortuna celeste.

A corrente da cultura mundial sempre caminhou progressivamente na direção oeste, ou seja, a cultura continental do Egito passou para a cultura peninsular greco-romana, se desenvolveu na cultura das ilhas britânicas e passou para a cultura continental dos Estados Unidos. A cultura continuou caminhando na direção oeste, e atravessando o Oceano Pacífico chegou ao Japão. Entretanto, a corrente da cultura humana não parou aí. Aquela força que fez o Japão crescer está mudando para a península coreana. A cultura da humanidade está se preparando para colher os frutos na península coreana.

Para a cultura insular centralizada no Japão se conectar com o continente, inevitavelmente ela tem que passar pela península. É claro que na Ásia existem muitas penínsulas, como a Indochina e a Malásia. Entretanto, esses países não têm fundamento para herdar a cultura moderna. Somente a península coreana, o nosso país, poderá assumir esse papel. A península coreana

ocupa uma posição geográfica bem interessante. De um lado ela está ligada ao Japão e à América pelo Oceano Pacífico, e ao mesmo tempo está ligada aos continentes asiático e europeu, divididos pela fronteira entre China e Rússia. Por causa dessa situação, desde o passado distante, ela experimentou muito sofrimento por ser um ponto estratégico na luta pelo poder entre as nações dominantes.

Na Guerra Fria, a península coreana experimentou a guerra arriscando-se contra o comunismo, e continua dividida até hoje, devido aos interesses políticos dos países dominantes do mundo. Por esse motivo, a paz não foi totalmente concretizada. A península coreana é o lugar onde há conflitos entre os interesses dos quatro países mais fortes do mundo. Agora chegou uma importante era em que os conflitos entre esses países poderosos serão eliminados e poderá nascer a cooperação para a paz e a prosperidade do mundo.

A fortuna celeste sempre vem acompanhada de grande responsabilidade. Portanto, nesse tempo, a península coreana, guardiã da fortuna celeste, deve cumprir o papel de rolamento para que esses países colaborem sem conflito e trabalhem juntos pela paz e prosperidade do mundo. Um rolamento tem a função de fixar no lugar certo o eixo central da máquina que roda e, ao mesmo tempo, fazer esse eixo rodar livremente. Agora chegou o tempo da península coreana se tornar um rolamento que manterá uma boa relação com os países poderosos e ao mesmo tempo contribuirá para o desenvolvimento da paz mundial.

Com esse fim, há muito tempo venho me preparando rigo-

rosamente. Apoiei o plano de abertura política do presidente Gorbatchev e apressei o melhoramento das relações diplomáticas com a ex-URSS; e desde o fim dos anos 80, ajudei ativamente no plano chinês de abertura e reforma de Deng Xiaoping. Nossa entrada nas terras chinesas foi por meio do apoio para a inauguração da Faculdade de Engenharia na Universidade Yen Ben, mas enquanto os investidores estrangeiros estavam deixando a China por causa dos “Protestos da Praça Tiananmen”, nós permanecemos e investimos centenas de milhões de dólares em *Huizhou*, Gwang-dung e temos trabalhado bastante para a abertura da China.

Não fiz tudo isso simplesmente por motivos econômicos. Não sou empresário ou um religioso qualquer. O verdadeiro religioso é aquele que prevê o futuro e se prepara. Rússia, China, Japão e até os EUA devem colaborar entre si e se desenvolverem através da península coreana. A Coreia deve se tornar o eixo principal da paz mundial.

Contudo, quando comecei o trabalho para melhorar o relacionamento com a Rússia e com a China, descobri que não havia sequer um dicionário básico para aprender russo nem chinês. Sem entender a palavra do outro, como poderemos trabalhar juntos? Naquele tempo, soube que alguns professores universitários, que tinham visão de futuro, estavam tentando publicar um dicionário chinês-coreano e russo-coreano. O projeto do grande dicionário estava sendo dirigido pelo professor Hong Il Seok, do Instituto de Cultura Popular da Universidade Go Ryó, e a publicação do dicionário russo-coreano estava sendo

preparada pelos professores do curso de língua russa. Apoiei a publicação de ambos os dicionários. Até hoje, esses dicionários ocupam uma importante função nas relações diplomáticas entre a Coreia e a China, e entre a Coreia e a Rússia.

Mesmo uma pedra que está no topo mais alto da montanha, quando cai, atinge o fundo do vale. O fim da cultura ocidental será exatamente assim. Apesar de ter se desenvolvido através da força da ciência, ela já está a caminho do fundo do vale devido à decadência espiritual. Esse vale não é outro senão o oriente, que sedimentou a cultura espiritual durante milhares de anos.

Entre os países orientais, a península coreana é o lugar de encontro da cultura oriental e ocidental, ponto de encontro da cultura continental e oceânica. O historiador e filósofo Oswald Spengler afirmou que, como as quatro estações do ano – primavera, verão, outono e inverno, as culturas também repetem um ciclo de auge e decadência. Ele está correto. Agora é o momento crucial em que o auge da era cultural do Atlântico está passando e a nova era da cultura da orla do Pacífico está se abrindo.

O centro da esfera cultural da orla do Pacífico é a Ásia. Centralizando-se na Coreia, a Ásia se tornará a protagonista da nova história. Dois terços da população mundial vivem no continente asiático. A Ásia também é o berço de todas as religiões mundiais. Ao longo da História, ela foi a fonte espiritual da humanidade.

A cultura ocidental e a cultura oriental, em um futuro próximo, se unirão na península coreana. O mundo continua a mu-

dar rapidamente. Da mesma maneira, a fortuna celeste está se aproximando de nós cada vez mais rápido. No momento de uma mudança radical no mundo, a península coreana deve se preparar completamente para cumprir essa tão importante missão de guiar o mundo. Devemos jogar fora o passado manchado pelos preconceitos e pelo egoísmo e dar boas vindas à era que está chegando, com uma visão pura e um novo coração.

Da Terra do Sofrimento e Lágrimas para a Terra da Paz e do Amor



Há um profundo significado na história miserável que nosso povo enfrentou durante todo o tempo. Como nossa nação tem o destino de ser o quartel general da paz mundial, ela teve que passar por muitas adversidades. A península coreana pode ser o centro do mundo, porque perseverou através de muito tempo de sofrimento e de dificuldades. Mesmo que tenhamos passado por tantas atribulações, não nos tornamos um povo que odeia os outros como inimigos. Muitas nações vizinhas nos fizeram sofrer, mas não as consideramos inimigas mortais.

No peito de nosso povo existe um coração que ama até os inimigos. Para amar o inimigo e aceitá-lo, é preciso constantemente disciplinar a si mesmo. Apenas depois de aguentar e guardar tudo é que se pode amar até um inimigo, esse é o coração que nosso povo teve. A pessoa mais perseguida é aquela que está mais próxima de Deus. É importante ter um coração que derrama lágrimas. Até alguém que não costuma chorar, quando perde sua pátria, derrama lágrimas e se lamenta segurando a mão de Deus. Mesmo sob sofrimento e dificuldades, é bom ter um coração de pelo menos poder chorar. Deus chega ao co-

ração encharcado de lágrimas. Há muitas lágrimas no coração do povo coreano, por isso essa península se tornou a terra que pode receber a fortuna celeste.

Nosso povo louva seus antepassados. Mesmo que estejam em dificuldades econômicas a ponto de passarem fome, eles não vendem o terreno do túmulo de seus antepassados em troca de comida. Há muito tempo vivemos louvando a Deus e somos um povo de cultura, que valoriza mais o coração do que a comida. Com a aceitação do Budismo e do Confucionismo, a brilhante cultura da religião floresceu e, em pouco tempo, depois de aderir ao Cristianismo, estabelecemos uma tradição cristã que é um exemplo para o mundo. Entretanto, o mais importante é o fato de que essas religiões vivem harmoniosamente, sem conflitos entre si. O que nos faz um povo tão diferente?

Nosso coração é religioso por natureza, por isso ele estava pronto para receber a palavra de Deus a qualquer momento. Além disso, nosso povo tinha a inteligência excepcional que poderia cumprir a providência divina. Essa excelência é demonstrada na língua coreana *hangul*, um tesouro dado por Deus.

Na nossa língua há uma abundância de variações de adjetivos e advérbios que podem exprimir o coração das pessoas. Nenhuma outra língua no mundo consegue expressar com tanta sensibilidade o coração das pessoas. A língua é um reflexo da própria pessoa. Uma língua sensível expressa a sensibilidade no coração da pessoa. Como *hangul*, a nossa língua é magnífica, não é? Gosto muito das palavras *hunmin jung-um*, que significam “a sonoridade correta que educa o povo”. Um significado tão bo-

nito assim, só existe na nossa língua. Na era digital, a excelência do *hangul* se destaca ainda mais. Com uma simples combinação de consoantes e vogais, o ser humano pode escrever qualquer tipo de som do mundo, o que é realmente magnífico.

Há trinta anos, pedi para que nossos membros do mundo aprendessem a língua coreana para se prepararem para o mundo futuro que viria. Entretanto, recentemente apareceu uma onda de muita gente querendo aprender a nossa língua. Japão, Mongólia, Vietnã, até na África, em muitos lugares do mundo surgiram diversas pessoas que sabem falar coreano. Isso não acontece por acaso.

A língua contém o espírito. Durante a colonização japonesa, o império japonês queria muito eliminar nosso idioma porque seu desejo era acabar com nosso espírito. O aumento do número de falantes do nosso idioma no mundo, significa que nosso espírito está se expandindo pelo mundo, ou seja, o quanto a influência da nossa cultura está se fortalecendo.

Nossa gente possui um caráter especial de nunca querer ficar em dívidas com ninguém. Na América, realmente podia sentir o orgulho dos coreanos. Os EUA ofereciam um bom serviço de bem-estar social, mas nosso povo não quis depender disso. Não quiseram viver dependendo do apoio do governo, em vez disso queriam uma maneira de ganhar dinheiro com suas próprias mãos, para cuidar de seus filhos e servir seus pais. Essa é a índole independente de nosso povo. Quando os enviei para missões internacionais, pude ver esse tipo de caráter. Ainda que fossem mandados para uma nação estranha, eles nunca tinham

medo. Não somente missionários, mas até um simples dirigente, quando recebe uma missão em qualquer lugar do mundo, deixa tudo para trás. Não hesita nem um segundo.

Não há povo mais diligente que o nosso. O coreano não gosta de ficar parado em um lugar e anda por todo lado. É muito ativo e corajoso, tanto que não existe lugar no mundo onde não haja um coreano. Também não se prende somente em uma coisa, mas demonstra capacidade em várias atividades. Além disso, tem uma excelente habilidade de adaptação que, em frente a um obstáculo, em vez de desanimar, o coreano procura outro desafio que é ainda maior.

Normalmente, quando há uma festa, todo mundo quer sentar no melhor lugar. Nessa ocasião, se um indivíduo procura sentar-se num lugar humilde no canto, esse tipo de pessoa pode ser um líder desse tempo. Aqueles que procuram primeiro satisfazer sua própria boca estão todos reprovados. Para comer até uma colher de comida, deve pensar primeiro no outro. Se nós quisermos receber a fortuna celeste que está chegando à península coreana, nunca poderemos nos esquecer, do fundo de nossos corações, que “existe outro mais precioso do que eu”.

Durante todo esse tempo, perdemos tudo que amávamos. Na colonização japonesa, perdemos nossa preciosa pátria e nossa terra ficou dividida em duas, e depois nos separamos dos nossos amados pais e irmãos. A península coreana se transformou em uma terra de lágrimas. Contudo, agora chegou o tempo em que, daqui para frente, devemos derramar lágrimas pelo mundo mais sincera e desesperadamente do que derramamos

por nós mesmos. Essa é a missão da península coreana, que recebeu a fortuna celeste. Quando nós o fizermos, a fortuna celeste da península coreana se expandirá para o mundo e abrirá uma era histórica centralizada no povo coreano.

O Propósito Final das Religiões no Século XXI



O século XX foi um século turbulento. Aconteceram mais coisas nesses cem anos do que nos dois mil anos anteriores. O século XX teve duas guerras mundiais, a ascensão e o desaparecimento do comunismo. Foi um século em que o ser humano se afundou no materialismo, deixando Deus de lado.

E como será o século XXI? Conforme a ciência se desenvolve, muitas pessoas dizem que a religião não é mais necessária, mas enquanto existir o mundo da mente humana, a função da religião não se extinguirá.

Qual é a finalidade da religião? Construir o mundo ideal de Deus. O motivo das tentativas de conduzir mais pessoas para o mundo da religião é para que mais pessoas passem para o povo de Deus. Se toda a humanidade se tornar o povo de Deus, não haverá mais guerra e o mundo de paz, sem conflitos, chegará. Por fim, o destino da religião é o mundo de paz.

Deus criou este mundo para ser um mundo de paz e de amor. Criar conflitos, insistindo que somente sua própria religião tem a salvação, não é o que Deus deseja. Deus deseja que todas as pessoas do mundo trabalhem bastante para a paz, re-

conciliação e convivência. Se acontecer conflito na família por causa da igreja, nesse caso oriento, sem hesitar, manter a família primeiro. Porque a religião é um meio para entrar no Reino de Deus e não o destino final. A humanidade achará um ponto de união entre as culturas opostas unindo as opiniões divididas. A ideologia do futuro, pela qual a humanidade será dirigida, deve ser uma ideologia que pode abraçar todas as religiões e todas as ideologias existentes. Uma era como a passada, na qual na linha de frente somente uma nação levava toda a humanidade, já acabou. A era de xenofobia também terminou.

Se essa era de agora continuar, em que somente há união entre membros da mesma raça e da mesma religião, a humanidade continuará em guerra após guerra. Se não transcenderem tradições e costumes particulares, a era da paz nunca chegará. Qualquer “ismo” ou ideologia, e mesmo a religião, que controlou o ser humano até agora, não nos farão construir um futuro de paz e unificação. Por isso, deve surgir uma nova ideologia e um novo “ismo” que vão além do Budismo, do Cristianismo e do Islamismo. Foi justamente por essa razão, que bradei por décadas, até minha garganta estourar, que era necessário transcender religiões e nações.

No mundo existem mais de duzentas nações, e cada uma tem suas fronteiras internas. Existem limites para distinguir países diferentes. As fronteiras que dividem as nações não podem permanecer para sempre. Somente por meio da religião é possível superá-las. Entretanto, mesmo a religião, que deveria ser a esperança das pessoas, está dividida em várias denominações

que não param de brigar entre si. A exaltação de suas próprias religiões e denominações os impede de perceber a abertura da nova era e a mudança do mundo.

Não é fácil demolir os muros construídos por milhares de anos entre as religiões. Entretanto, para chegar a um mundo pacífico, é inevitável que esses muros sejam demolidos. É preciso parar com as brigas frívolas entre as religiões e denominações, e ajustar a opinião de cada um, para procurarmos juntos um meio para um mundo unido. Para cumprir o papel da religião na realização de um mundo pacífico, devemos seguir o caminho da prática rigorosa. Um futuro feliz não será alcançado somente por meio da prosperidade material. O mais urgente é superar os conflitos entre ideologias, culturas e raças, através do entendimento inter-religioso e harmonia espiritual.

Tenho três pedidos para os religiosos das diferentes crenças do mundo inteiro. Primeiro, respeitem a tradição das outras religiões e se esforcem para impedir os conflitos e as guerras religiosas. Segundo, as entidades religiosas devem colaborar umas com as outras e devem servir o mundo. Terceiro, para cumprir completamente a missão da paz mundial, deve se estabelecer uma organização na qual os líderes de todas as religiões possam participar.

O olho direito existe para o olho esquerdo. O olho esquerdo existe para o direito e os dois olhos existem para o ser humano inteiro. Todos os órgãos do nosso corpo funcionam assim. Nada existe para si mesmo. A religião não existe para a própria religião, mas existe para o amor e a paz. Quando a paz mun-

dial for realizada, não haverá mais necessidade de religião. O propósito final da religião no mundo de hoje é transformá-lo completamente em um mundo cheio de amor e paz. Essa é a vontade de Deus.

Não é fácil fazer o coração das pessoas se encher do desejo de paz. Para que isso aconteça, é preciso educar e continuar educando. Por isso, tenho me dedicado ao ensino. Antes mesmo da nossa igreja se tornar autossuficiente, construí a Escola de Artes Sun Hwa e construí várias outras instituições de ensino como: a Escola Internacional Cheong Shim, de Ensino Médio e a Sun Moon University, entre outras. Além delas, fora do meu país, estabeleci muitas escolas, incluindo a Universidade de Bridgeport, nos Estados Unidos. Minha teoria da educação é a de quando estabeleci a Escola de Artes Sun Hwa: criar líderes do futuro que amem a Deus, amem o próximo e amem a nação.

A escola é um lugar sagrado onde se ensina a verdade. Qual é a verdade mais importante que a escola deve ensinar? Primeiro, conhecer Deus e praticar a presença Dele na vida real. Segundo, entender a origem da vida do ser humano, assumir sua responsabilidade e liderar o destino do mundo. Terceiro, perceber a finalidade da existência humana, que é construir o mundo ideal. Todos esses ensinamentos somente trarão resultados se ensinados por um longo tempo e com muita dedicação.

A educação moderna está focada na construção de uma sociedade em que aquele que vence a competição sozinho desfruta da felicidade de forma egoísta. Essa não é a educação correta.

A educação deve ser um meio para construir o mundo de paz onde toda a humanidade vive bem. Devemos transformar a teoria e o modo de educar que têm nos dominado até agora, em um objetivo comum da humanidade. Se os Estados Unidos restringem a educação para os americanos e se a Inglaterra educa somente de acordo com seus próprios interesses, o futuro da humanidade será obscuro.

Os educadores não devem ensinar como viver egoisticamente e sim, a sabedoria pela qual pode resolver todos os problemas sociais de nossa época. Os doutores em religião ocupam o papel mais importante. O que eles devem ensinar não é a complicada teologia de sua própria religião ou a sua superioridade, mas sim ensinar a amar a humanidade e a ter a sabedoria de um mundo de paz. Se eles, na linha de frente, não ensinarem para seus descendentes o princípio de paz, de que a humanidade é composta de irmãos e de que o mundo é uma família, eles nunca poderão esperar um futuro feliz para a humanidade.

A maior das sabedorias é conhecer o coração e o ideal de Deus. Por isso o papel da religião continua muito importante até no século XXI, no auge da tecnologia e da ciência. Todas as religiões do mundo devem conhecer claramente o caminho à frente da humanidade e parar imediatamente com as brigas, grandes ou pequenas, por quererem pôr o prestígio na frente de tudo. Todas as sabedorias reunidas, todas as forças juntas, devem trabalhar sem descanso na construção do mundo ideal. É preciso esquecer já o conflito e o ódio e construir a paz. Ainda que já se tenha feito bastante, os esforços pela paz mundial

não podem parar. Os religiosos, que conduzem a humanidade para o mundo ideal, nunca podem se esquecer por um segundo sequer que cada um ocupa a posição de mensageiro da paz.

Fazendo História por meio das Atividades Culturais



Em 1988, pressenti que as Olimpíadas de Seul poderiam se tornar uma consagração da paz que mudaria definitivamente o ciclo da Guerra Fria mundial. Por isso, chamei todos os nossos membros espalhados pelo mundo para Seul e lhes pedi que torcessem e fossem voluntários para servir as delegações de seus próprios países, entregando lembranças da Coreia e servindo comida típica coreana. Como imaginava, os Jogos Olímpicos de Seul, com a participação da China e da ex-URSS, se tornaram o festival da paz com o qual houve a reconciliação entre o bloco democrático e o bloco comunista. Na cerimônia de abertura, me sentei na arquibancada do Estádio Jamsil e assisti a festa da paz e da reconciliação com o coração muito alegre.

Logo que as Olimpíadas terminaram, aproveitando o clima quente, criei o time de futebol profissional Ilhwa Chunma. O Ilhwa Chunma continua ganhando vários títulos e conquistou a reputação de um excelente time profissional. Alguns anos depois, também criei os times de futebol profissional CENE e Atlético Sorocaba, no Brasil, a terra do futebol e do samba, que estão em atividade até hoje.

A razão de ter escolhido especialmente o futebol entre as diversas modalidades esportivas, é porque sou aficionado por esse esporte. Desde a infância gosto muito de esportes. Pratiquei boxe e também a arte marcial tradicional coreana, mas o esporte que mais gosto até hoje, mesmo com uma idade avançada, é justamente o futebol. Quando eu estava na escola, corria pelo campo e chutava a bola, mas agora prefiro assistir. Durante a Copa do Mundo de Seul, assisti a todos os jogos que foram transmitidos, ligando três televisões ao mesmo tempo. Especialmente os jogos da Coreia, não perdi nenhum.

O futebol é a representação da vida. Ainda que eu jogue bem e tenha a posse da bola, se o adversário for mais rápido, tecnicamente melhor e em um instante pegar a minha bola, no final de nada adiantou. Se chutar a bola, mesmo que seja um bom chute, se bater na trave e voltar, também não adianta nada. Conduzir a bola é minha responsabilidade, mas marcar o gol não depende apenas de mim. É preciso ter ajuda, no momento certo, de colegas como o jogador Pak Ji Sun e também é indispensável ter um jogador como Lee Yong Pyo, que marque o adversário.

Mas a pessoa mais importante é o técnico, que tem uma visão geral do time de fora do campo. Ele próprio não corre nem chuta a gol, mas a força do técnico é mais importante que a de todos os jogadores juntos. Assim como Deus olha o mundo que nós não percebemos e nos manda um sinal, o técnico enxerga o que os jogadores não conseguem ver. Se os jogadores obedecerem bem às ordens do técnico, certamente ganharão o jogo. Entretanto, mesmo que o técnico mande um sinal, se o

tolo jogador não entender e for displicente, o jogo estará perdido.

Apesar de ser um jogo competitivo, o futebol tem grande influência no desenvolvimento da cooperação e da paz entre as nações. Dizem que a audiência da transmissão dos jogos da Copa do Mundo é duas vezes maior que a das Olimpíadas, a festa dos esportistas do mundo inteiro. Assim, é visível o quanto o mundo gosta de futebol. O futebol possui uma força que promove a união harmoniosa por meio de uma bola rolando, transcendendo nação, raça, religião e cultura. O futebol e a paz para a humanidade podem ser comparados a um casal harmonioso.

Um dia, o Rei do futebol, Pelé, que foi ministro dos Esportes no Brasil, visitou minha casa em Hannam-dong. Normalmente as pessoas se lembram do Pelé como o maior jogador de futebol do mundo, mas o Pelé que encontrei naquele dia, era um admirável pacificador. Entendi que o que ele queria de coração, através do futebol, não era nada mais que a paz mundial. O Pelé que encontrei naquele dia, me contou com o maior dos sorrisos: “No passado, participei de um jogo no Gabão, na África. Naquela época, o lugar estava em plena guerra. Como eu poderia jogar no meio das bombas que estavam caindo? Felizmente, eles interromperam a guerra durante o jogo. Naquele momento percebi que o futebol não é um simples esporte que se joga com uma bola. O futebol é um meio maravilhoso, pelo qual os seres humanos, como iguais, podem realizar a paz mundial. A partir daquele dia, me determinei a promover um movimento pela paz

mundial através do futebol”.

Naquele momento, senti a beleza e a grandeza do Pelé e imediatamente segurei suas mãos. Vivendo neste mundo cheio de disputa, uma pessoa sente muito estresse. O estresse causa uma tensão no dia a dia e rouba a paz interior, criando brigas fúteis e muito nervosismo. Praticar um *hobby*, um esporte ou uma atividade artística é justamente eliminar essas tensões. O esporte e a arte são instrumentos que podem unir toda a humanidade, além de libertar o ser humano oprimido. A razão de ter criado os times de futebol e a companhia de balé foi porque essas atividades são o melhor meio para se alcançar a paz. Pelé já entendia meu coração.

Naquela ocasião, com ideias semelhantes, lançamos juntos a Copa da Paz, “Peace Cup” e desde 2003 ela é realizada a cada dois anos. Organizamos os jogos, chamando times mundialmente famosos para a Coreia. Contudo, é nosso plano que a sede mude para o exterior a partir da quarta edição, que será realizada em 2009. Em 2009, a sede está prevista para a Andaluzia, na Espanha, que se diz o berço do futebol. Com a participação de famosos times da Inglaterra, incluindo o melhor time da Espanha, o Real Madrid, o Sevilla e o Olympic de Lyon, da França, realizaremos o melhor campeonato de futebol do mundo. A renda da *Peace Cup* está sendo utilizada para apoiar projetos de futebol amador em países com dificuldades econômicas. Especialmente, estamos investindo em programas com crianças com deficiência física, para que através do futebol elas possam viver sem perder seus sonhos.

Com o mesmo fim, realizamos um campeonato de futebol juvenil na Libéria, na África, em parceria com a agência da ONU para refugiados. A Libéria é um país onde as pessoas têm uma vida muito sofrida por causa das intermináveis guerras entre tribos, que já duram mais de quinze anos. Devido à diminuição drástica da população por causa das frequentes guerras, o lugar está sob a proteção especial da ONU. As crianças e os jovens se uniram para jogar futebol e cantaram juntos um hino de paz. Enquanto chuta a bola, o corpo se acostumará automaticamente com a reconciliação entre as tribos.

Recentemente, há mais uma coisa que nós estamos preparando com toda a dedicação: construir um estádio maravilhoso na Faixa de Gaza, entre Israel e a Palestina. Temos planos de abrir uma escolinha de futebol para as crianças dos dois países, convidando um famoso treinador europeu. Com esse projeto, queremos estimular as crianças a jogarem bola juntas, mesmo que seus pais estejam lutando empunhando armas um contra o outro.

Todo mundo diz que isso é impossível concretizar, mas não temos dúvidas que poderemos fazê-lo. O ministro de Israel afirmou que o estádio teria que ser construído do lado israelense e o ministro palestino também insistiu que o estádio fosse construído do seu lado, mas com certeza construirei no meio, onde os dois lados se encontram. Não sou alguém que desiste dos seus sonhos pela pressão ao redor, mas sim, realizo meus sonhos com toda a vontade e obstinação.

Uma das coisas que todo mundo dizia ser impossível, era

criar uma companhia de balé. Atualmente, na Coreia, existem muitas pessoas que gostam de balé e até surgiram estrelas da dança, mas no tempo em que criei a companhia, era uma terra virgem.

Quando assisto a um espetáculo de balé, penso que a arte do Reino dos Céus deve ser assim. A bailarina fica reta na ponta do pé, com a cabeça erguida olhando para cima. Essa postura já é uma posição perfeita para louvar a Deus. É uma postura que expressa a sinceridade do rogo. O balé é uma arte suprema, a expressão do amor a Deus utilizando a beleza do corpo dado por Ele.

Criado em 1984, o Universal Ballet Company cresceu a um nível internacional, começando com os espetáculos “O Lago dos Cisnes” e “O Quebra-nozes” e apresentou ao longo do tempo “Dom Quixote”, “Giselle” e a coreografia puramente criativa do balé “Shim Chong” e “Chun Hyang Jon”. As dançarinas do Universal Ballet recebem convite de famosos palcos do mundo. Às renomadas coreografias do dinâmico balé ocidental, acrescenta-se a especial beleza interna dos coreanos, por isso as apresentações são consideradas a harmoniosa união do oriente e ocidente. O Universal Ballet Company possui uma escola de balé em Washington, nos EUA. Também são fundações minhas o “New Iorque City Simphony Orchestra” e o coral internacional “New Hope Singers”.

A arte se assemelha à obra criativa de Deus. Assim como os artistas se dedicam completamente às suas obras, com certeza Deus deve ter se dedicado totalmente na criação do ser humano

e do mundo. “Haja água! E houve água”, quando lemos a Bíblia temos a impressão que a água surgiu automaticamente, mas não foi assim. Deus colocou toda sua força na criação da água, da terra; assim como cada gesto da bailarina em cima do palco é fruto de uma criação na qual ela investiu seu esforço, disposta até a morrer.

O futebol é a mesma coisa. O jogador, durante noventa minutos, se esforça o máximo. Ele corre sem saber de qual direção a bola virá e concentra toda sua vida em um chute a gol, investindo toda a energia, assim como Deus, quando criou todo o universo. Entregar tudo, 100% do que tenho, me ofertar totalmente para aquele momento, não há atitude mais magnífica que essa.

Aquele que Dominar o Oceano Dominará o Mundo



A história já comprovou que a nação que domina o mar se torna a dirigente do mundo. Pense, por favor, na Inglaterra do século XVI. Logo que a rainha Elizabeth I subiu ao trono, ela tratou de fortalecer o plano estratégico sobre o oceano. Investindo todo o capital e a tecnologia, ela construiu navios fortes e mobilizou as pessoas corajosas para mandá-las ao mar. Essas pessoas, sem saber o que havia no fundo do mar, saíram para o oceano arriscando suas vidas.

Os ingleses nunca foram um povo apto para o mar, inclusive foram um dos povos dominados pelos *vikings* da Noruega e da Suécia. Mesmo assim, percebendo que se perdessem o mar poderiam perder tudo, a rainha Elizabeth I estabeleceu o domínio sobre os oceanos com muito esforço e a Inglaterra se tornou um império marítimo, sobrepondo-se aos *vikings* e à Espanha. Devido a tal esforço, essa pequena Ilha no Atlântico Norte conquistou muitas colônias nos cinco oceanos e nos seis continentes e se tornou o “império onde o sol nunca se põe”.

Centralizada na Inglaterra, a cultura ocidental desenvolveu a tecnologia e a ciência. Indo a todo o canto do mundo carregando a bússola, os ingleses fincaram sua bandeira e implantaram

sua colonização. Quanto mais a tecnologia e o conhecimento melhoravam, mais tomavam posse do mundo inteiro.

Porém, no oriente, incluindo o nosso país, não foi assim. Valorizando a alma, o mundo oriental não abandonou o espírito pela matéria. Quando houve conflito entre a matéria e o espírito, nós preferimos abandonar a matéria. Por causa disso, durante todo esse tempo, o oriente passou por mais dificuldades que o ocidente. Contudo, o espírito não será dominado pela matéria para sempre. A cultura materialista do ocidente está percorrendo o caminho da decadência e a chance do oriente está próxima.

Começando no Egito, a cultura se desenvolveu na Grécia e em Roma e, passando pela Inglaterra e pela América, agora ela está mudando para o Oceano Pacífico, especialmente para a península coreana. Finalmente, a era da cultura da orla do Pacífico está se abrindo. A liderança dessa era da nova cultura caberá à Ásia. O fato da Coreia e o Japão terem se tornado nações de primeiro mundo em pouco tempo é prova de que a era da Ásia está chegando. Isso não está acontecendo por acaso, mas é o destino da história.

Entretanto, a Rússia e os EUA não assistirão quietos a Coreia surgir como líder do mundo. Pode ser que aconteça uma guerra envolvendo EUA, Japão, Rússia e China, por causa da Coreia.

Primeiramente, para nos protegermos é preciso tecer uma grande corda que ligue o Japão aos EUA, e a Rússia à China. Com o que poderemos amarrá-los? Com uma ideologia que os

conecte e, ao mesmo tempo, com um coração que una todos. Apenas uma ideologia que ensine que toda a humanidade é uma só, transcendendo raça e nacionalidade, pode abrir o caminho para o mundo pacífico e impedir a guerra entre as nações. E até para proteger nós mesmos do risco da guerra, devemos plantar no mundo a ideologia da paz que unirá todos.

Além disso, mais uma coisa na qual devemos nos qualificar é a capacidade de viver no oceano. O oceano Pacífico é um mar. Se não soubermos dominar o mar, não poderemos liderar a era da cultura da orla do Pacífico. Mesmo que a fortuna celeste chegue, quem não pôde se preparar não poderá aproveitar essa oportunidade. Ciente do fato de que a Era Oceânica se abrirá com a Coreia no centro, é claro que nossa nação deve se qualificar como líder da Era Oceânica.

No mar, não há somente peixes. O maior tesouro do mar está justamente na fonte de energia. Com a diminuição das reservas de petróleo, a cada dia a ameaça às fontes de energia aumenta. Se o petróleo acabar agora, a escuridão tomará o mundo da cultura humana. Quiseram utilizar o milho para inventar uma energia substituta, mas se faltam alimentos para a humanidade, como podem utilizar comida como fonte de energia? A energia que vai substituir o petróleo está no mar. No hidrogênio marinho está o futuro da humanidade.

Dois terços do planeta são compostos pelos mares. Em outras palavras, dois terços da matéria-prima que pode alimentar a humanidade se encontram no mar. Por isso, se o mar não for bem administrado, não haverá futuro. Os países de Primeiro

Mundo já tiram petróleo e gás natural submarino, e estão vendendo a alto preço a água retirada do fundo do mar. Tirar a matéria-prima do fundo do mar é só o começo. Logo chegará o tempo em que o alimento da humanidade dependerá dos mares.

Contudo, a Era Oceânica não acontecerá automaticamente. Primeiro, cada um deve se determinar querendo ir para o mar. Ir ao mar, tomar um navio e lutar contra as ondas; sem esse tipo de coragem nunca estaremos bem preparados para a Era Oceânica. A nação que dominar o mar dirigirá o mundo. Logo chegará o tempo em que a cultura e a língua dessa nação dominante se tornarão a cultura e a língua do mundo. Portanto, de acordo com a vontade do Criador, devemos proteger e aproveitar bem as matérias-primas do mar.

O oceano se tornará o ponto central que unirá o mundo. Quem quiser se tornar dono dos mares, deve se treinar para viver lá sem problemas. Quando eu treinava as pessoas para a pesca com o barco grande, mandava junto dez barcos pequenos. Na saída do porto, eles seguiam o barco grande, mas assim que chegávamos em alto-mar, os tripulantes dos barcos pequenos deviam ficar responsáveis por si mesmos. Cada um tinha que entender e resolver as situações por si mesmo, aprendendo qual direção o vento vem e vai, como está a situação debaixo do mar, qual é a rota dos peixes.

Uma Grande Oportunidade que a Era Oceânica nos Oferece



Gosto de usar o termo “espírito do Alasca”. O espírito do Alasca é aquele que levanta às cinco horas da manhã e vai para o mar, passa da meia-noite e só volta na madrugada do dia seguinte. Ele só volta quando consegue pescar a meta de peixes do dia. Somente assim, treinando sua perseverança com severidade, ele pode se tornar um pescador do mar.

Pescar não é passeio. Mesmo que dentro do mar haja muitos peixes, ninguém consegue pegá-los automaticamente, é preciso ter conhecimento profissional e muita experiência. É preciso saber costurar a rede e dar o nó na vela. Aquele que recebeu esse tipo de treinamento severo não será apenas um bom pescador, mas se tornará um grande líder que guia os outros, superando circunstâncias inesperadas em qualquer lugar no mundo. O treinamento de pesca é justamente para criar tal tipo de líderes.

Para dominar o mar, necessita-se de equipamentos adequados, como submarinos e navios que possam ir a todo canto do mundo. A Coreia fabrica os melhores barcos do mundo. Como já há condições suficientes para ela se tornar uma grande nação sobre o oceano, agora precisamos de mão de obra que vá para

o mar. Nós somos descendentes do rei do mar Jang Bo Go, já herdamos essa tradição de navegar pelo mar e vencer a batalha contra a onda, por isso nada é impossível.

Normalmente as pessoas temem as ondas do mar. A onda, junto com o vento, faz a maré encher e aí produz oxigênio do fundo do mar. Se não ventar e se o mar não se agitar, ele morre. Quando a pessoa sabe o precioso valor da onda, não sente mais medo dela. Mesmo que vente forte e as ondas fiquem altas, quem entende que por causa disso os peixes do mar sobrevivem, aceita a onda como algo atrativo.

A trinta metros de profundidade, não existem mais ondas. Se você for com um submarino para o fundo do mar, verá que é muito fresco, sem a necessidade de ar-condicionado. No mar calmo, com a temperatura adequada, cardumes de todo o tipo de peixes dançam nadando juntos. Como os Little Angels, vestindo lindas roupas coloridas, os peixes balançam suas caudas graciosamente. Esse tipo de mundo tão calmo e pacífico já está por vir. A vinda da Era Oceânica significa que chegou a oportunidade para a nossa nação mudar o mundo.

O mar, que cria e abraça todo o tipo de vida, simboliza a mulher. Em oposição, a terra simboliza o homem. Os países insulares, que ficam no mar, representam a mulher, enquanto os países da península, no fim do continente, representam o homem. O povo peninsular sempre enfrentou a invasão de inimigos vindos do mar e do continente, por causa disso, é um povo muito corajoso que se destaca bem na bravura e no forte patriotismo. Não foi à toa que o surgimento da cultura humana

aconteceu em países peninsulares como a Grécia e a Itália. Foi por terem um espírito forte e aventureiro que eles se expandiram para o continente e para o mar e que sua brilhante cultura pôde florescer.

Vocês já ouviram sobre *hukcho*¹? Se *hukcho* não existisse, o mar não se movimentaria e todos morreriam. Mesmo um rio longo e grande, no final, se junta ao mar. Assim, até um mar gigantesco e profundo se movimenta através da corrente *hukcho*. Nosso povo deve se tornar a *hukcho* que movimenta o mundo. Deve ser a fonte de energia que pode concentrar em um lugar a vitalidade do mundo.

Para achar o lugar que pudesse ser o centro da orla do Pacífico, visitei o litoral sul e finalmente escolhi as cidades de Yosu e Sun Chón. A costa do mar de Yosu, onde a água é calma e clara como um espelho, foi o lugar em que o general Lee Sun Shin obteve uma grande vitória contra os japoneses e morreu. A cidade de Yosu está acostada em tal mar histórico e é onde Yong Nam e Ho Nam se encontram. Portanto, é a terra que guardou a dor do nosso povo depois que, se encontrando no final da montanha Jiri, no final da Guerra Civil da Coreia, a esquerda e a direita se enfrentaram.

No vale marítimo de Sun Chón, cidade famosa pela plantação de junco, há um belo litoral com a mundialmente famosa costa Ria. Nas águas claras e movimentadas do mar, pode-se pescar todo tipo de peixe, enquanto no calmo vale crescem

1. Corrente marítima que percorre quatro mil milhas por ano pelo Oceano Pacífico, influenciada pela lua. Não há palavras para expressar a grandeza dessa força tão gigantesca que movimenta todo o Pacífico. Através da força dessa corrente, os cinco oceanos se movimentam.

algas marinhas e ostras. No grande mangue há todo tipo de conchas e o polvo de três pernas. Ir para o mar em um barco, subir as montanhas, o lugar é tão bonito que nada faltará para que se torne uma base preparatória para a Era Oceânica que vai chegar.

Agora eu estou explorando a costa sul, centralizado em Yosu. Como preparação, vivi naqueles lugares rodeado por várias ilhas, incluindo a ilha Gumun. Pesquei diligentemente, comendo e dormindo numa pousada simples, e respeitando os nativos como meus mestres, que lá viviam há dezenas de anos, trabalhando na lavoura e pescando. Não pesquisei somente por palavras, mas averigui com meus próprios olhos e dei cada passo com meus próprios pés. Assim, pude entender em detalhes “qual tipo de peixe vive em tal mar, qual rede deve ser utilizada nesse tipo de mar, que tipo de árvore vive em tal lugar”, e até que “naquela casa o velho paralítico vive sozinho”. Consegui conhecer tudo isso.

No dia em que terminei a pesquisa sobre o litoral sul, fui para o Alasca de avião, junto com o líder daquela vila, que tinha me ajudado até então. Como ele tinha me ensinado tudo o que sabia, também queria ensiná-lo tudo o que eu sabia. Pescando junto com ele, informei-lhe sobre que tipo de peixes vivem no Alasca e como pegá-los. Mesmo que fosse um pequeno conhecimento, por poder compartilhá-lo um pouco, meu coração se sentiu tranquilo.

Logo que comecei o projeto Yosu, a cidade foi nomeada para sediar a Expo Oceano em 2012. A Expo, junto com as Olimpíadas e a Copa do Mundo, são os três maiores festivais

do mundo. Na cidade sede da Expo, 154 países associados do mundo inteiro organizam todo o tipo de exposições. Quando isso acontecer, certamente o mundo focará seu olhar em Yosu, e todo tipo de tecnologia e cultura do primeiro mundo se reunirá em Yosu de uma vez. Vocês já viram as nuvens de verão se juntarem com a maior velocidade? Uma vez que as nuvens começam a se juntar com o vento, de repente elas atravessam as montanhas e o mar. Elas não hesitam em nada. Assim como as nuvens se reúnem de repente, o mundo se reunirá em Yosu, na nossa península coreana.

Estou planejando ligar todas as ilhas da costa sul com uma rodovia e construir condomínios que deem infraestrutura para que as pessoas que vierem do mundo inteiro de navio, possam comer e dormir lá. Não será um condomínio somente para comer e brincar, mas um lugar onde, ainda que no mar os americanos, alemães, japoneses e africanos pesquem em barcos diferentes, eles possam ficar na mesma casa para comer e dormir. Dessa forma, gostaria que as pessoas considerassem que toda a humanidade é uma família.

A Era Oceânica é a era espacial, então está próximo o tempo em que a tecnologia aeronáutica será absolutamente necessária. Será tarde se quiserem preparar a indústria espacial lá. Por isso, estou preparando com minhas próprias mãos o desenvolvimento da indústria aeronáutica em Gimpo, em parceria com os internacionalmente famosos helicópteros Sikorsky. Num futuro próximo, nós teremos dias em que o helicóptero com a marca *Taeguk* voará em todos os cantos do mundo, acima dos mares e dos céus.

Um Dente-de-Leão Vale Mais que Ouro



Os três maiores problemas da sociedade moderna são relativos à poluição, ao meio ambiente e à alimentação. Se qualquer um desses três for deixado de lado, a humanidade será devastada. O planeta Terra já está prestes a ser destruído. A ambição desmedida pelo material causou a séria poluição que ameaça a natureza, contaminando a água e o ar, e até destruindo a camada de ozônio que protege o ser humano. Se isso continuar, a humanidade se autodestruirá, caindo na armadilha da cultura do materialismo que ela mesma construiu.

Venho trabalhando por quase vinte anos em atividades para proteger e manter a região do Pantanal, no Brasil. O Pantanal está entre o Brasil, a Bolívia e o Paraguai, e é o maior pântano do mundo, registrado como Patrimônio Natural da Humanidade na UNESCO. Estou trabalhando para manter as espécies de seres vivos do Pantanal do jeito que Deus as criou e protegê-las num movimento ecológico mundial. O Pantanal, onde o mar convive com a terra, onde animais e plantações vivem juntos, é um lugar realmente misterioso. Simples palavras como “bonito” ou “magnífico” não são suficientes para expressar seu valor. Um dos livros mais vendidos no mundo por causa de sua beleza é uma coletânea de fotos aéreas do Pantanal. Essa região é um depósito do tesouro da humanidade, onde animais preciosos

e interessantes habitam, como o macaco de pescoço branco e rabo enrolado, o macaco que late, o papagaio, a onça pintada, a sucuri e o caimão.

Os seres vivos do Pantanal e do rio Amazonas têm se mantido vivos exatamente no estado original do tempo da Criação. O Pantanal é o ponto de origem da criação de todas as coisas. O ser humano tem destruído as coisas que Deus criou, e por causa de sua ganância muitos tipos de animais e plantas estão em extinção. Entretanto, o Pantanal ainda permanece como a criação original de Deus. Tenho trabalhado pela restauração da forma original da criação e das espécies em extinção, criando no Pantanal novas reservas, como por exemplo, uma reserva de insetos.

Além de ser o habitat de muitos animais e plantas, a região do Pantanal tem o papel importante de ser a fonte de oxigênio para todo o planeta. O Pantanal, como “pulmão do planeta”, produz a maior quantidade de oxigênio do mundo, e também é “a esponja da natureza” e a “reserva de gás estufa”. Entretanto, a cada ano esse ecossistema está sendo destruído pela industrialização desenfreada. Se a região da Amazônia, que é a maior fonte de oxigênio do planeta for destruída, a humanidade enfrentará um futuro sombrio.

Os lagos do Pantanal ocupam um território duas vezes maior que o Japão. No Pantanal há 3.600 espécies de peixes, e entre elas há um peixe chamado “dourado”, que tem a cor do brilho do ouro e alguns chegam a pesar até vinte quilos. Quando minha vara pegava um dourado, parecia que meu corpo ia ser

puxado para dentro do rio, e se eu puxasse a vara com toda minha força, o peixe saltava no ar, com suas escamas cor de ouro cintilando. Ele pode pular assim várias vezes e ainda lhe sobra força. Sua força é tão grande que não parece a de um peixe, mas sim a força de um urso ou de um tigre.

Os lagos do Pantanal estão sempre limpos. Mesmo que alguma coisa seja jogada na água, imediatamente ela volta a ficar limpa. A razão do rio sempre estar limpo, ainda que caia alguma coisa suja, é porque ali vive uma variedade de peixes e cada espécie come coisas diferentes. Os diferentes peixes vivem misturados e comem qualquer coisa, até o que poderia sujar a água. O ato de se alimentar tem exatamente a função de limpeza, o que faz com que a água esteja sempre limpa. Nesse ponto, eles são diferentes do nosso ser humano. A finalidade da vida dos peixes não é para si. Eles vivem para os outros, limpando o ambiente e criando melhores condições de vida.

Se você olhar por baixo da folha de aguapé dos lagos do Pantanal, pode ver um punhado de bichinhos grudados. Se só existissem aqueles bichinhos, certamente o aguapé não iria sobreviver, mas porque há peixes que comem esses insetos, os bichinhos, a aguapé e os peixes podem viver juntos. Essa é a Criação. Ninguém vive para si, mas uns vivem para os outros. A natureza ensina essas lições tão magníficas.

Mesmo que no Pantanal haja inúmeros peixes, se não fizermos nada além de pescar, a quantidade de peixes certamente diminuirá. Para proteger as espécies, temos que criá-las. Quanto maior a preciosidade dos peixes do Pantanal, mais criadouros

têm que ser feitos. Não se trata somente de criar peixes, mas também criar insetos, pássaros e até animais. A criação de insetos é para que mais pássaros possam viver neste mundo. Porque o Pantanal é o lugar onde se pode criar todas essas coisas, ele é muito precioso.

Não há só peixes no Pantanal. Na beira do rio há muitos pés de abacaxi, banana e manga. Nas plantações de arroz na terra, e não na água, o grão cresce bem e pode ser colhido três vezes por ano. A terra é assim, fértil, e se jogamos a semente da soja e do milho, elas crescem bem sem precisar de muita mão de obra. As emas andam a passos largos nos vastos campos. A ema tem tanta força que é capaz de carregar até um ser humano nas costas.

Um dia, eu estava descendo o rio Paraguai de barco e entramos em uma casa ribeirinha. O lavrador que morava naquela casa percebeu que tínhamos fome e então arrancou uma grande batata-doce, do tamanho de uma melancia. Dizem que, se for arrancada uma vez e o pé for mantido, a batata-doce continua a produzir por vários anos. Mesmo que você não replante, todo ano pode comer batata-doce, e por isso minha vontade era expandir essa batata-doce para os países onde falta comida.

As pessoas querem explorar o pântano com visão econômica; entretanto, preservando o próprio pântano, o Pantanal já tem suficiente valor econômico. Lá existem matas fechadas de um pinheiro escuro, cujo cerne é tão compacto que mesmo que finquemos um prego nele, ele pode se manter vivo por mais de cem anos. Essa árvore se chama aroeira, uma madeira nobre que

não apodrece facilmente. Dizem que ela é mais duradoura que o ferro. Imagine a cena de uma floresta formada por essas grandes e preciosas árvores. No Pantanal, plantei árvores em um terreno de 400 hectares. Com as árvores plantadas por nossos membros, certamente o lugar ficou mais bonito, e o oxigênio abundante daquelas árvores sem dúvida enriquecerá nossas vidas.

Destruir a natureza é egoísmo do ser humano. Atualmente, o meio ambiente está tão destruído que é até difícil respirar, tudo por causa da ganância do ser humano, querendo ter um sucesso mais rápido e maior que os outros. Daqui para a frente, porém, não podemos mais permitir que o planeta continue a ser destruído. Os religiosos têm que tomar a dianteira para salvar a natureza. A natureza é a criação de Deus e um presente dado para a humanidade. Não podemos mais adiar o despertar das pessoas para que sintam o valor da natureza, e restaurarmos o ambiente a seu estado livre e abundante como no tempo da Criação.

Revelado o fato de que o Pantanal é a reserva do tesouro natural, começaram as brigas com relação à posse daquelas terras. Um lugar que deveria ser protegido e cuidado está começando a dar sinais de que pode virar o campo de batalha dos seres humanos gananciosos. Há dez anos, chamei os líderes do mundo inteiro para o Pantanal para discutir sobre as leis de proteção do meio ambiente e sobre o cuidado com o planeta. Reunindo doutores e especialistas em meio ambiente de todo o mundo, venho pedindo a eles que tenham interesse e amor pelo Pan-

tanal. Tenho me mantido como um vigia para que o Pantanal não seja destruído pela ganância e pelo desejo impiedoso do ser humano.

Com o agravamento da questão ambiental, surgiram muitas entidades defensoras do meio ambiente. Entretanto, o melhor movimento de proteção ao meio ambiente é a proteção espiritual que transmite amor. O ser humano gosta e protege qualquer coisa que pertence a quem ele ama. Entretanto, ele não sabe amar e proteger a natureza que Deus criou. Deus criou a natureza para o ser humano. Através da natureza obtém-se comida e uma vida de bem-estar, tudo isso é a vontade de Deus. A natureza não é descartável, depois que eu a uso não posso jogar fora. A natureza é um suporte do qual nossos descendentes, geração após geração, continuarão a tirar comida e da qual sempre serão dependentes.

O caminho mais curto para cuidar e proteger a natureza é fazer a humanidade ter amor por ela. O ser humano tem que ser sensível a ponto de derramar lágrimas só de olhar uma plantinha na rua. Tem que ter a sensibilidade para chorar abraçado a uma árvore. Em uma pedra, até dentro de uma rajada de vento, existe o amor de Deus. Portanto, amar e cuidar da natureza é o mesmo que amar a Deus. Devemos sentir todas as coisas que Deus criou como nossos objetos de amor. Mesmo uma obra de arte muito magnífica em um museu não tem mais valor que as obras vivas de Deus. Um dente-de-leão pisoteado na terra tem mais valor que a coroa de ouro da Dinastia Shilla.

Uma Sábia Solução para o Problema da Pobreza e da Fome



Quem nunca passou fome não conhece bem Deus. Quando sentir muita fome, essa é uma chance para se aproximar de Deus. Enquanto alguém está passando fome, sente que qualquer pessoa que passa na sua frente pode ser sua mãe ou sua irmã mais velha. E espera que qualquer um possa ajudar. Diante dessa situação, todo mundo tem que ter um coração de piedade.

A fome não é um problema só dos países subdesenvolvidos, como os africanos. Quando cheguei à América, a primeira coisa que fiz foi arrumar um caminhão que pudesse distribuir alimentos para os pobres. Até nos EUA, a nação mais rica do mundo, há pessoas morrendo de fome, então imagine quão miserável é a situação dos que se encontram nas nações pobres. Em minhas viagens pelo mundo inteiro, vi que a maior ameaça é a questão do alimento. O problema da alimentação é um que não pode ser adiado nem mais um segundo. Ainda hoje, no mundo onde nós vivemos, vinte mil pessoas morrem de fome por dia. Não podemos ignorar essa questão simplesmente porque não acontece comigo ou com meus filhos.

Não é a simples distribuição de alimentos que pode resolver

o problema da fome. É preciso se aproximar da questão mais fundamental. Penso que há duas maneiras fundamentais e práticas. Uma é fornecer alimentos o suficiente e a preços baixos. Outra é distribuir a tecnologia que possa superar a pobreza.

No futuro, o problema dos alimentos trará uma séria crise, porque o que é produzido na terra não é suficiente para alimentar toda a humanidade. Por isso, temos que buscar a solução no mar. O mar tem a chave que vai solucionar o problema da alimentação no futuro. Aqui está a razão por que há dezenas de anos venho trabalhando incessantemente no mar. Se não solucionarmos o problema da alimentação, não poderemos construir o mundo pacífico ideal.

No Alasca, todos os pescados com menos de quinze polegadas são utilizados para fazer adubo. É um alimento muito rico, mas como não sabem prepará-lo, simplesmente fazem adubo desses peixes. Até 20 ou 30 anos atrás, quando pedíamos rabo de boi, os ocidentais nos davam de graça. Eles não conheciam o que nosso povo gosta de comer, como osso e fressura do boi. A mesma coisa acontece com os peixes. Mais de 20% dos peixes pescados no mundo são desperdiçados. Toda vez que ouço isso, meu coração dói pensando nas pessoas que estão morrendo de fome na África. O peixe tem boa proteína, mais que a carne bovina. Como seria bom fazer gelatina ou linguiça de peixe para distribuímos na África!

Pensando nisso, comecei ativamente a conservar peixes e produzir derivados. Você pode pescar bastante peixe, mas se não tomar os devidos cuidados depois, tudo será em vão. Ainda

que um bom peixe se mantenha fresco, sua validade não é maior que oito meses. Mesmo que o congele no *freezer*, penetra ar entre o gelo e a umidade da carne é perdida. Recolocar o peixe na água e pôr para gelar, faz ele perder seu sabor original, e na verdade passa a ser uma coisa que não presta. Nós tivemos sucesso em fazer farinha com os peixes que eram desperdiçados. Nós fizemos o que nem os países de primeiro mundo, como a Alemanha e a França, conseguiram.

Nós chamamos isso de farinha de peixe, ou seja, *fish-powder*. Transformando o peixe em farinha, ele pode ser facilmente conservado e transportado até sob o calor da África. *Fish-powder* tem 90% de proteína de alta qualidade. Com isso, poderemos salvar a humanidade que está morrendo de fome.

Com *fish-powder*, até podemos fazer pão. Os peixes que estavam pulando se transformam em farinha dentro de dez minutos. Assim, *fish-powder* fresco está sendo fornecido para Ruanda, Croácia, Albânia, Afeganistão, Sudão, Somália etc. e está matando a fome das pessoas. Com o aumento das encomendas de *fish-powder*, queremos construir mais fábricas de produtos derivados de peixe.

No fundo do mar há muitos alimentos, mas a chave para salvar a humanidade do problema dos alimentos é criar peixe. No futuro haverá prédios de criação de peixes, como os edifícios das grandes cidades. Com a utilização de canos, será possível criar peixes até em prédios altos em cima das montanhas. Com a piscicultura, poderemos produzir para alimentar todas as pessoas do mundo e ainda vai sobrar.

O mar é uma fortuna dada por Deus. Quando vou para o mar, me concentro completamente na pescaria e meu rosto fica todo preto de tão queimado. Pesquei até o tubarão, esturjão e peixe espada. A razão de eu mesmo pescar é exatamente para ensinar minha maneira de pescar para as pessoas que não sabem. Levei os sul-americanos que não sabiam pescar, indo juntos ao rio em um barco durante meses e os ensinei como pegar os peixes. Para mostrar e ensiná-los, eu mesmo desembarcava as linhas, o que me tomava três, quatro horas para arrumar.

Para produzir alimentos suficientes a um baixo preço, é necessário explorar o mar e os grandes campos que ainda estão abandonados como matas fechadas, que são a reserva do último tesouro da humanidade. Entretanto, falar é mais fácil que fazer. Somente poderá fazê-lo quem ficar naquele lugar úmido e tão quente onde é até difícil mexer o corpo, e será imprescindível um dedicado esforço e doação. Explorar os vastos campos da região tropical não é possível sem ter o comprometimento e o entusiasmo dos que amam a humanidade.

Jardim, no Brasil, é um lugar muito incômodo para se viver. O clima é muito quente e inúmeros insetos de nome desconhecido picam seu corpo sem dó. Naquele lugar, me tornei amigo dos pássaros e vivi fazendo amizade com as cobras, e nem calçava os sapatos. Descalço, com os pés na terra vermelha de Jardim, minha aparência era a de um perfeito lavrador. Eu, que pescava os peixes do rio, era exatamente um pescador. Somente depois de ouvir as palavras: “Oh, ele é o verdadeiro lavrador, o verdadeiro pescador!”, aí você poderá explorar as terras vir-

gens. Esse trabalho não será possível para quem quer dormir oito horas por dia em um lugar limpo e confortável, comer três refeições sem falta e descansar deitado na fresca sombra de uma árvore.

Foi na época do começo do trabalho no Paraguai. Nós compramos uma casinha tão pequena que mais parecia uma casca de siri, e lá vários membros viviam juntos conosco. Só havia um banheiro para todos, então de manhã todos tinham que fazer filas.

Nessas situações, também levantava às três horas da madrugada, me exercitava sem falta e ia pescar. Assim, os membros que estavam comigo realmente sofreram demais. Na madrugada, eles preparavam as iscas sem conseguir abrir os olhos direito. Às vezes, para pegarmos o barco, precisávamos passar por várias fazendas de gado de outras pessoas. No escuro, eles tinham que abrir a porteira trancada, e como não conseguiam abrir rápido, eu esbravejava: “O que você está fazendo?”

Até me assustava com um grito tão forte e amedrontador. Realmente, nossos membros devem ter passado por muita dificuldade, mas eu tinha tanta pressa que não podia perder nem um minuto, nem um segundo. Não havia nem um milésimo de segundo que pudesse ser desperdiçado. Até a chegada do mundo pacífico, minha cabeça estava cheia de coisas para fazer; era como os recibos saindo numa caixa registradora, meu coração tinha muita pressa.

Ao pescar no rio na madrugada ainda escura, um monte de pernilongos se aproximavam. O ferrão do pernilongo era tão

forte que atravessava a calça jeans e me picava sem dó. Como era antes do amanhecer, não enxergava a boia e para pescar amarrava a vara com um plástico branco. Apesar disso, meu coração estava tão apressado que eu não podia esperar até o amanhecer.

Ainda tenho muita saudade de Jardim. Quando fecho os olhos, é como se aquele calor de Jardim grudasse no meu rosto. Tenho saudade de todas as coisas de lá. A dificuldade que o corpo experimenta não é nada. O sofrimento que o corpo experimenta pode desaparecer rapidamente, o mais importante é a felicidade no coração. Jardim me fez feliz.

Não dê o Pão, Ensine como Fazê-Lo



Para solucionar o problema da fome no mundo, primeiro temos que ter o coração de semear. A semente enraíza dentro da terra. Ela tem que esperar pacientemente embaixo da terra, sem aparecer, o tempo necessário para brotar. A solução para a fome não é diferente. Para a pessoa que está morrendo de fome, melhor é ensinar como semear o trigo, colher e fazer o pão, do que só dar o pão, mesmo que na hora isso seja difícil. Dessa forma, a fome pode ser solucionada na raiz e de maneira mais duradoura. A partir de agora, nós precisamos pesquisar todos juntos o clima, a terra e o perfil das regiões que sofrem com a fome.

Na África existe o pé de *manchuka*. O povo do Congo engorda os bois para a venda com a nutritiva folha da *manchuka*. Até as pessoas comem essa folha, amassando no pilão com óleo e fritando a massa. Poderíamos plantar muitos pés de *manchuka*, retirando a raiz venenosa e o pé inteiro se transformaria em farinha para fazer pão. Também há o *tucam-já*², que brota muito rápido e pode ser colhido três vezes mais que outros tubérculos. Assim o problema da fome poderá ser resolvido.

2. Forma parecida à da batata-doce.

As terras em Jardim são muito férteis porque são fertilizadas pelo minhocaçu. Esse minhocaçu é bastante criado na região de Campinas, São Paulo, então ele poderia ser bem analisado para pesquisar suas características e ser criado em outros lugares, na lavoura. Existem coreanos vivendo até na região do Mato Grosso, criando o bicho da seda. Da criação do bicho da seda, obtém-se o caro tecido e vitaminas que podem ser vendidas para comprar outros alimentos.

Não existe uma maneira radical para solucionar de uma vez o problema da fome no mundo, porque cada nação tem diferentes hábitos e preferências alimentares, e a fauna e a flora também são diferentes. O mais importante é o interesse pelos outros. Na hora de encher minha barriga, tenho que olhar primeiro se alguém está passando fome. Se a humanidade não solucionar o problema da fome, não haverá a verdadeira paz neste mundo. Falar de paz enquanto o próximo morre de fome não passa de uma vaidade.

Oferecer a técnica para autossuficiência de alimentos é tão importante quanto a distribuição de alimentos em si. Para ensinar a técnica, é preciso construir escolas nos lugares subdesenvolvidos e passar esse ensinamento junto com a alfabetização, e assim imediatamente o trabalho para autossuficiência vai surgir. Os ocidentais que dominaram o continente Africano e a América do Sul não ensinaram a tecnologia para os nativos. Eles levaram a matéria-prima da terra local e os nativos foram utilizados como escravos. Não os ensinaram como plantar, como manufaturar, isso foi errado. Há muito tempo que nós

criamos escolas para ensinar a técnica da lavoura e da indústria em lugares como Zaire, Congo, Guiana, Paraguai e Brasil etc.

Outro problema das pessoas famintas é contrair doenças e, por causa da pobreza, não ter tratamento médico adequado. Do outro lado do planeta, no primeiro mundo, as pessoas ficam doentes por excesso de remédios, enquanto os esfomeados morrem sem ter um simples remédio para diarreia ou gripe. Portanto, ao mesmo tempo que se promovem campanhas pelo fim da fome, deve haver o apoio de atendimento médico. É necessário criar postos de atendimento médico gratuito, para cuidar das pessoas que estão sofrendo com problemas de saúde crônica.

Como modelo de convivência pacífica para toda a humanidade, criei a Fazenda Nova Esperança, na região de Jardim. É uma fazenda de grandes plantações e no alto há pastos para criação de gado. A Fazenda Nova Esperança fica no Brasil, mas não é somente para os brasileiros. Qualquer pessoa que sentir fome pode chegar à Fazenda Nova Esperança para trabalhar e terá alimento. Há acomodação para duas mil pessoas das cinco raças do mundo comerem e dormirem. O Instituto Educacional será estabelecido do ensino fundamental até a faculdade, para ensinar como plantar e criar gado. Ensinares como plantar árvores, como pescar e produzir derivados e até a vender. Não se trata apenas de fazer lavouras, mas também de criar peixes utilizando os lagos próximos e pescá-los.

A região do Chaco, no Paraguai, ocupa 60% do território nacional. Essa região esteve abandonada por muito tempo. O

Chaco é uma terra emersa do mar, por isso, se você cavar ainda sai água salgada. Entrei no Paraguai com mais de 70 anos de idade. Os nativos que há muito tempo moravam naquela terra abandonada levavam vidas muito miseráveis. Olhando a situação deles, meu coração sentia tanta dor que não dá para explicar com palavras. Sinceramente tinha vontade de ajudá-los, mas eles não queriam me aceitar porque minha língua e a cor da minha pele eram diferentes. Porém, não desisti. Durante três meses navegando pelo rio Paraguai, comi e dormi junto com as pessoas da região. O que todo mundo disse que era impossível comecei a fazer com setenta anos.

Nenhum deles sabia usar uma vara de pescar. Ao me verem pegar os peixes com a vara, eles ficaram espantados e se aproximaram de mim. Então lhes ensinei como usar a vara e eles me ensinaram sua língua. Assim, durante três meses no barco, nós ficamos amigos.

Quando eles abriram seus corações, expliquei-lhes repetidamente a razão pela qual o mundo tinha que se tornar um. No início, a reação deles foi de dúvida, entretanto, ano após ano, a situação do povo de Chaco começou a mudar. Agora, passados dez anos, mudou tanto que eles até realizaram o Festival Global da Paz com um caloroso coração.

O rio Paraguai é muito fundo e largo, igual a um mar. Lá, pesquei dentro de um grande barco. O povo de Chaco, que passava fome e não sabia o que fazer, agora sabe pescar e consegue sobreviver. Eu pescava tantos peixes que eles podiam até perder a validade se não fossem bem cuidados, por isso cons-

truí um *freezer* na beira do rio. Também construí uma fábrica de *fish-powder*. Aqueles que têm medo de navegar trabalham no congelamento e ajudam na venda. Eles não precisam mais ficar em desespero ou sofrer pela falta de alimento.

Porém, solucionar apenas o problema do alimento não trará a paz imediatamente. Depois de solucionar a questão da fome, não há dúvidas que é preciso ensinar sobre a paz e o amor. Construí escolas em vários lugares, como em Jardim e em Chaco. No início, o povo local não mandava seus filhos para a nossa escola, em vez disso os mandava cuidar do gado. Agora, porém, o número de alunos aumentou bastante porque continuamente procuramos convencê-los, com a justificativa de que mesmo que fosse bom brincar e se tornar amigo do gado, se as crianças não tivessem nenhuma escolaridade, não poderiam se desenvolver. Quando o resultado na criação de gado foi bom, criamos as fábricas de indústria leve, que produzem com tecnologia mais simples, e então os estudantes se esforçam para frequentar a escola, pois querem trabalhar nessas fábricas.

As pessoas que estão morrendo de fome ao redor do mundo são responsabilidade de todos nós. Devemos ficar na linha de frente para salvar as pessoas que estão morrendo de fome. Com nosso dever bem claro, devemos alimentá-los. As pessoas que vivem bem, precisam olhar para baixo para que as pessoas pobres possam viver melhor, e assim temos que criar um mundo em que todos possam viver bem.

Jovens! Se Estabelecerem uma Meta, Suas Vidas Serão Diferentes



Quando encontramos uma pessoa pela primeira vez, perguntamos: “Quem é você?” Deus também nos pergunta assim. Ele fica muito contente quando ouve uma resposta: “Eu sou um jovem!” Por que será? Porque a época mais bonita e importante na vida é a juventude. A juventude deve se tornar uma base para o estabelecimento seguro do futuro, a pedra fundamental para a nova era.

Entretanto, é cada vez mais difícil achar esse entusiasmo entre os jovens modernos. Cada vez mais aumenta o número de jovens dignos de pena, que vagam sem rumo para lá e para cá, sem descobrir qual a finalidade da vida. Todos os grandes líderes da história definiram claramente, desde pequenos, seu objetivo de vida. Pela vida inteira eles guardaram aquele objetivo estabelecido em seus corações quando eram pequenos, e viveram lutando para conquistá-lo. Dormir, acordar, encontrar os amigos, todas as atividades eram uma preparação para o futuro. É esse tipo de vida que vocês realmente estão vivendo?

Nós todos fomos criados para sermos pessoas magníficas. Nenhum de vocês nasceu neste mundo sem um significado. Deus nos criou colocando todo o Seu amor, então quão magní-

ficos nós somos? Como Deus existe, podemos fazer qualquer coisa.

Amando Deus, me transformei em uma pessoa completamente diferente. Tornei-me uma pessoa que ama mais a humanidade que a si próprio, e que primeiro pensa no sofrimento da humanidade do que no meu sofrimento ou no da minha família. Também procurei amar todas as coisas que Deus criou. Amei as árvores da montanha, e olhei com o coração do amor até os peixes na água. Fiquei bem atento para sentir a mão de Deus em todas as coisas do mundo.

Por um lado, com meu coração focado no amor de Deus, tentei fortalecer meu corpo e me preparar para cumprir completamente minha responsabilidade. Preparei-me para que, a qualquer momento que Deus me chamasse, estivesse pronto para atender na hora. Praticando futebol, boxe, arte marcial coreana e até o *Won Hwa Do* que eu mesmo criei, preparei meu corpo. A arte marcial *Won Hwa Do* movimenta o corpo suavemente e de forma circular, como se estivesse dançando; utilizando esse princípio, o movimento circular gera mais força que o movimento em linha reta.

Ainda começo o dia com um alongamento que relaxa todos os músculos e articulações e com a respiração que eu mesmo inventei. Às vezes, quando estava em turnê mundial e não tinha tempo para me exercitar, fazia os exercícios utilizando até o tempo de ficar no banheiro. Quando eu era jovem, trinta minutos por dia eram suficientes, mas conforme fui ficando mais velho, o tempo de exercício aumentou para uma hora por dia.

No ano passado, sofri um acidente, o helicóptero em que estava caiu. O helicóptero de repente entrou no meio de uma negra tempestade e caiu em cima de uma montanha. A aeronave estava virada de cabeça para baixo, então meu corpo, preso pelo cinto de segurança, também ficou de ponta-cabeça. Naquele momento, segurei bem os dois lados da poltrona. Se eu relaxasse no exercício diário, naquela hora, pendurado de cabeça para baixo, certamente minha coluna teria se quebrado. O corpo é como um recipiente em que o espírito sadio é colocado, por isso você nunca pode deixar de treinar seu corpo.

A maioria dos estudantes vai à escola não é porque gostam de estudar. Eles vão à escola porque os pais mandam, não porque desejam estudar. No início, todas as coisas são assim; entretanto, conforme passam o tempo frequentando a escola, sem perceber eles começam a sentir gosto pelo estudo. A partir daí, começam a estudar por conta própria e a procurar o caminho que devem seguir. Assim, começam a entender sobre a vida.

Porém, os pais não sabem esperar seus filhos amadurecerem e implicam com eles: “Estude! Por favor, estude com mais ânimo!” Por que eles fazem isso? Porque entendem bem que para se preparar para o futuro tem que estudar. Os pais se preocupam que talvez seus filhos percam o tempo de estudo e encarem o futuro despreparados.

Entretanto, para se preparar para o futuro, mais importante que estudar é estabelecer um objetivo de vida. Em vez de ser empurrado de qualquer jeito para os estudos, o jovem tem que primeiro definir o que gostaria de fazer no futuro e perceber

por si mesmo como pode se tornar alguém útil. A maioria dos jovens de hoje está amarrada aos estudos, sem estabelecer um objetivo de vida.

Certo dia, perguntei para um estudante que estava se dedicando bastante ao inglês: “Para que você tanto estuda inglês?” Então ele me respondeu: “Para entrar na faculdade”.

Que resposta imbecil! A faculdade não é o objetivo final. A faculdade é um lugar onde se pode obter estudo para realizar um objetivo de vida; ela mesma não pode ser o objetivo da vida. A sua meta tampouco pode ser quanto dinheiro você quer ganhar. Até agora, eu nunca recebi nenhum centavo de salário, mesmo assim estou bem e nunca me faltou comida. O dinheiro é um meio para fazer alguma coisa, jamais pode ser uma meta. Quando você ganha dinheiro, precisa de alguma coisa com que gastar. Sem um objetivo, apenas com o dinheiro em mãos, rapidamente ele desaparece em vão. A profissão tem que ser definida completamente de acordo com sua habilidade e gosto. Seu coração tem que definir, quer seja ser um bombeiro, um agricultor, um jogador de futebol ou até um político. O que gostaria de pedir para vocês é uma história que vá além da profissão. O que questiono é que tipo de vida você gostaria de levar depois de se tornar jogador de futebol, e como você quer viver se tornando um agricultor.

Estabelecer um objetivo de vida é definir o significado da vida que cada um quer ter. Se você quer ser um agricultor, tem que estabelecer como objetivo de vida, testar novas maneiras de cultivo para obter melhores produtos e resolver o problema da

fome da humanidade. Se quiser se tornar um jogador de futebol, tem que estabelecer como objetivo de vida, elevar o nome da sua nação para o mundo e desejar ajudar as crianças sem condição econômica para serem jogadores, criando uma escolinha de futebol para estimular o sonho delas. Para se tornar um jogador mundialmente famoso, terá que passar por um severo treinamento, até derramar lágrimas de sangue. Entretanto, se dentro de seu coração não estiver estabelecido um claro objetivo de vida, você não aguentará o árduo treinamento para chegar ao topo do mundo. Somente depois de estabelecer um objetivo de vida, surgirá em você a força para se manter e você terá uma vida diferente dos outros.

Um Líder Global É Aquele que Abraça o Mundo



Estabelecer um objetivo de vida é igual plantar uma árvore. Se você plantar uma anáfega no quintal de sua casa, terá um fruto de anáfega. Se plantar uma macieira atrás da sua casa, você terá maçãs. Dependendo de qual objetivo você estabeleceu e onde o plantou, pode ser um pé de anáfega em Seul ou uma macieira na África. É claro que também pode se tornar um coqueiro no sul do Oceano Pacífico. Como a árvore frutífera que você plantou, seu objetivo de vida dará frutos no futuro. Então por favor, sempre estabeleça um objetivo pensando em qual lugar aquele fruto seria melhor colhido.

Quando estabelecer um objetivo de vida, sempre deixe seu coração aberto e não deixe de olhar para o mundo inteiro. Olhar a África, de sofrimento permanente por causa da pobreza e da doença, olhar Israel e a Palestina, que vivem apontando armas um para o outro por questões religiosas, e também olhar o Afeganistão, que sobrevive com dificuldades plantando papoula, matéria-prima de droga. Veja também os EUA, que colocaram a economia do mundo no fundo do poço, com ganância e egoísmo extremos, e também olhe para a Indonésia, que continua sob catástrofes naturais como terremotos e ondas gigantes.

Coloque-se no meio daqueles países e pense, por favor, em qual nação, em qual situação eu poderei ser útil. Talvez na Índia, onde há novos conflitos religiosos. Talvez seja em Ruanda, que sofre com o clima seco e a fome.

Para estabelecer o objetivo de suas vidas, espero que vocês não cometam o erro de reclamar tolamente do pequeno território da Coreia. Dependendo do que vocês fizerem, a Coreia pode expandir seu território para onde quiser, talvez até as fronteiras possam desaparecer. Se nós ajudarmos a África, lá será a nossa nação. Considere o mundo quando for procurar o que você precisa fazer. Talvez vocês possam descobrir muito mais coisas do que sonharam até agora. Por favor, coloque sua única vida em uma função que o mundo precisa. Quem não se aventura não chega à ilha do tesouro. Então, por favor, espero que vocês estabeleçam o objetivo de suas vidas com o pensamento no mundo, transcendendo nossa nação.

Na década de 80, mandei os universitários da Coreia para o Japão e para os EUA. Queria lhes mostrar um mundo maior e diferente, que eles saíssem um pouco da sua pátria, onde bombas de gás lacrimogêneo eram soltas todos os dias. Um sapo dentro do poço não percebe que existe um mundo bem maior fora dali.

Eu sonhava com o mundo globalizado antes mesmo de conhecer a palavra globalização. A finalidade de ter estudado no Japão era exatamente para conhecer um mundo maior. Depois da Independência, eu quis ser empregado na Companhia Elétrica da Manchúria, em Hailar, e estudar a língua mongol, o

mandarim e o russo, justamente para viver como cidadão do mundo. Eu continuo viajando pelo mundo de avião. Mesmo ficando cada dia em um país, seria preciso gastar mais de meio ano para visitar o mundo inteiro.

Há pessoas vivendo em todo lugar do mundo, mas cada pessoa vive uma situação diferente. Há países que não têm água nem para cozinhar, e há outros que têm água demais. Existem lugares que não tem energia elétrica, mas há lugares que não conseguem gastar toda a energia produzida. É comum no mundo sobrar em um lugar e faltar no outro. A questão é que faltam pessoas que ocupem a função de distribuir de maneira justa o que sobra e o que falta.

Até com a matéria-prima é o mesmo. Há países com muitas reservas de carvão e ferro. Nem é preciso cavar a terra para pegar o minério, basta pegar o carvão, que forma morros, com uma pá. Contudo, a Coreia não tem carvão nem ferro. Para que a Coreia obtenha um pouquinho de antracito, é preciso cavar dezenas de metros em minas subterrâneas, colocando vidas em risco.

Não é diferente com a tecnologia. Na África, onde a bananeira nasce naturalmente, as pessoas não passariam fome se pudessem comer banana à vontade, mas mesmo assim, sofrem com a fome por não ter a tecnologia para cultivar a fruta e para colher uma grande quantidade de bananas. Na Coreia, cujo clima não é adequado para a banana, cultivamos essa fruta maravilhosamente. Nossa tecnologia poderá ajudar bastante na solução da falta de alimentos na África. Será o mesmo de quando nós resolvemos o problema da fome na Coreia do Norte, com

a técnica para o cultivo do milho.

Recentemente, o termo “líder global” virou moda. Muitos dizem querer ser líderes globais e aprendem a falar inglês fluentemente. Na verdade, o caminho para se tornar um líder global não depende de saber inglês. O inglês é simplesmente uma ferramenta de comunicação, pois o verdadeiro líder global é aquele que abraça o mundo. Sem nenhum interesse na questão do mundo, apenas com a capacidade de se comunicar em inglês, ninguém se tornará um líder global.

Um líder global tem que possuir o espírito pioneiro, aquele que pensa no problema do planeta como se fosse seu problema e que deseja resolvê-lo. Não será um verdadeiro líder global quem desejar uma vida tranquila, dependendo de salário fixo ou de aposentadoria ou uma vida confortável no lar. Somente se tornará um líder global aquele que, sem saber o que vem no seu futuro, sentir o mundo como seu próprio país, e toda a humanidade como se fossem seus próprios irmãos.

O que são irmãos? Por que Deus nos deu irmãos? Os irmãos simbolizam toda a humanidade. Dentro do nosso lar, através da experiência do amor fraternal, nós aprendemos a amar a humanidade e amar nosso próprio povo. Dessa forma, o coração de amor pelos irmãos e pelas irmãs se expande. A cena de uma família que se ama é a mesma cena de toda a humanidade se unindo em harmonia e amor. O amor fraternal é justamente aquele em que, ainda que eu sinta fome, deixo a comida para meu irmão. Um líder global não é outro, senão quem pratica o amor fraternal por toda a humanidade.

A expressão “aldeia global” já se tornou um termo ultrapassado. O planeta já se tornou uma esfera de vivência única. Alguns estabelecem como meta de vida se formar, depois entrar em uma empresa com um alto salário e viver tranquilamente. Se sua meta de vida é assim, você poderá ter o sucesso do tamanho de um cachorrinho. Entretanto, ao arriscar sua vida na linha de frente para ajudar os refugiados de guerras na África, você terá um sucesso do tamanho de um tigre. A escolha depende de cada coração.

Eu ainda viajo pelo mundo. Nem um dia posso descansar. No mundo, assim como os seres vivos, surgem problemas que mudam a toda hora. Procurei por todos os cantos do mundo, lugares sombrios onde tais problemas existem. O lugar que procuro não é onde há beleza ou conforto, mas me sinto feliz quando fico nos lugares solitários, escuros e difíceis.

Desejo que em nossa nação apareçam muitos líderes globais de verdadeiro significado. Espero pelo surgimento de um líder político que possa conduzir a ONU e também que surja um líder diplomático que impeça os confrontos nas regiões de conflito. Desejo que surja uma líder como Madre Teresa, que salve as pessoas pobres que vagam pelas ruas e morrem. E também que surjam líderes da paz como eu, que desenvolvam um mundo novo e desbravem a terra e o mar que as pessoas abandonaram. Esse trabalho começa justamente em sonhar e estabelecer um objetivo de vida. Então, sinceramente lhes peço que, com o espírito de aventura e pioneirismo, vocês se tornem os líderes globais da humanidade e que estabeleçam um objetivo de vida significativo, com um sonho que os outros não sonharam.

Todas as Coisas do Mundo São Emprestadas do Céu



As pessoas do mundo dizem que sou rico e milionário, mas elas não sabem o que falam. Apesar de ter trabalhado arduamente em toda a minha vida, não tenho nenhuma casa no meu nome. Nem tenho patrimônios no nome da minha esposa ou dos meus filhos. Os adultos normalmente têm um carimbo de assinatura, nem isso eu tenho.

Alguém pode me perguntar qual recompensa tive por ficar sem dormir quando todos dormiam, sem comer enquanto todos estavam comendo e sem descansar enquanto os outros descansavam. Porém, não trabalhei para ficar rico. O dinheiro para mim não significa nada. Aquele dinheiro, se não for utilizado para a humanidade e para o próximo que está morrendo de fome, para mim não passa de um pedaço de papel. O dinheiro ganho no trabalho árduo, obviamente deve ser utilizado para amar a humanidade e para atividades em benefício do mundo.

Mesmo quando enviava missionários para o exterior, não lhes dava muita coisa. Ainda assim, nossos missionários ficavam bem em qualquer lugar do mundo. Para comer e beber só são necessários utensílios básicos. Eles conseguiam viver ainda que só carregassem um saco de dormir. O importante não é

com o que se vive, mas como se vive. A abundância material não é pré-requisito para uma vida feliz. É uma pena que a expressão “viver bem” tenha se transformado em abundância material. Viver bem significa viver a vida.

A não ser nos dias de culto ou em alguma cerimônia especial, não gosto de usar gravata. Não me visto com toda a pompa usando traje social com frequência. Quando fico em casa, normalmente visto um suéter. Às vezes, penso em quanto dinheiro o mundo ocidental gasta com gravatas. Além disso, quão caro é o prendedor de gravata, a camisa e os botões dos punhos? Se todas as pessoas que usam gravatas deixassem de gastar dinheiro com isso e utilizassem esse montante para ajudar o próximo que está passando fome, certamente o mundo seria um lugar melhor para se viver. Não é somente uma questão do preço das coisas. Pense bem, se agora estiver pegando fogo lá fora, quem poderá correr primeiro para ajudar, as pessoas que vestem suéter ou as que usam traje social e gravata? Sempre estou pronto para correr.

Eu também não concordo em tomar banho diariamente. Tomar banho a cada três dias é suficiente. Tampouco troco as meias todos os dias. À noite, tiro as meias e coloco no bolso detrás da calça, para reutilizá-las no dia seguinte. Quando fico em hotéis, entre as toalhas no banheiro, só uso a de rosto.

Só dou descarga depois de fazer xixi três vezes. O papel higiênico, uso uma folha dobrada em três. Não vejo problema se me chamarem troglodita e não civilizado por causa disso. Tenho a mesma atitude até com a comida. Em toda a minha vida,

nunca comi mais de três acompanhamentos diferentes em uma refeição. Mesmo que minha mesa esteja cheia de pratos e muitas sobremesas, não gosto de tocar tudo. Eu também não gosto de comer uma tigela de arroz cheia, para mim três quintos são suficientes.

O sapato que gosto de usar todos os dias, comprei por 49 mil *won*, em uma promoção na Coreia, ele já está com mais de cinco anos. A comida que normalmente como na América é a do McDonalds. Normalmente os ricos não comem isso, dizendo que é *junk food*, porém gosto de comer no McDonalds por duas razões: é barato e também é rápido. Quando como fora de casa junto com as crianças, sempre procuro um McDonalds. Não sei quem avisou que eu frequentava o McDonalds, mas todo fim de ano o presidente da companhia me manda saudações.

“Economize dinheiro e não desperdice”. Essas são as palavras que repito todo ano para os membros da nossa família. Mando que eles tomem água em vez de comprar sorvete ou refrigerante. Não economizo assim por avareza, mas isso significa que devemos economizar para salvar a nação, salvar a humanidade. No final, nada poderemos levar quando partirmos deste mundo. Todos nós conhecemos essa verdade. Mesmo assim, não sei por que as pessoas querem segurar as coisas para si. Quando partir deste mundo, quero deixar todas as coisas que ganhei em vida e ir livremente. Quando chegarmos ao Reino do Céu, encontraremos tantos tesouros, por que querer levar algo daqui? Se pensarmos que estamos indo para um mundo

melhor que este, não haverá razão para nos agarrarmos às coisas terrenas.

Tem uma canção que cantei toda a minha vida. Todo mundo conhece essa música popular do passado, mesmo assim a cada vez que a canto, caem lágrimas, porque me sinto confortável, como se estivesse deitado no campo de minha terra natal:

*Ainda que me deem uma coroa de ouro branco e pedras preciosas
A camisa molhada de suor com o cheiro da terra é melhor
A fonte do amor puro jorra em meu jovem coração
A madeira do salgueiro faz a flauta que sopra com vontade
E o pardal acompanha o ritmo da minha canção*

*Ainda que me deem ouro para comprar o mundo
Um boi malhado para arar a plantação de cevada é melhor
A esperança brota em meu jovem coração
Proseio com os coelhos
E o tempo passa no ritmo da minha canção.*

A felicidade sempre está à nossa espera. Ainda assim, a razão pela qual nós não achamos a felicidade é porque a ganância impede o nosso caminho. Não se pode enxergar bem com os olhos embaçados pela ganância. Querendo tirar uma lasca de ouro que cai no chão em um segundo, os seres humanos não conseguem ver que à sua frente está a montanha de ouro, e

preocupados somente em encher o próprio bolso, não percebem que o bolso está furado. Nunca esqueço da vida que levei no campo de concentração de Heungnam. Qualquer lugar miserável é mais confortável e rico para mim que a prisão de Heungnam. Todas as coisas são públicas e pertencem a Deus, nós somente as administramos.

A Felicidade Está em Servir os Outros



Os filhos nascem recebendo o sangue e a carne de seus pais. Sem os pais, não existiriam os filhos. Mesmo assim, as pessoas proclamam o individualismo como se tivessem nascido neste mundo sozinhos. Somente pode insistir no indivíduo e no individualismo aquele que nunca recebeu ajuda de ninguém. No mundo não há nada que tenha nascido só para si mesmo. Todas as coisas nasceram para as outras. Eu existo para você e você existe para mim.

Não há vida mais fútil que uma vida egoísta que vive só para si. O egoísmo parece trazer benefícios, mas no final essa será uma vida de autodestruição. O indivíduo deve viver para a família, a família para o povo, o povo para o mundo e o mundo para Deus.

Todas as escolas que criei têm três lemas. Primeiro, “Viver uma vida sem sombra, como o sol do meio-dia”. Uma vida sem sombra significa uma vida com a consciência limpa. Quando você entrar no mundo espiritual, depois do fim dessa vida terrena, toda a sua história na terra aparecerá como se estivesse gravada em vídeo. Ir para o Reino do Céu ou para o inferno é definido de acordo com a vida de cada um. Portanto, devemos ter uma vida limpa, sem nenhuma sombra.

Segundo, “Viva com suor pela terra, lágrimas pela humani-

dade e sangue pelo Céu”. No sangue, no suor e nas lágrimas derramadas pelo ser humano não existe falsidade. Tudo é verdadeiro. Entretanto, sangue, suor e lágrimas para si não têm significado, eles devem ser derramados para servir os outros.

O último é “One Family Under God”³. Deus é um só e os seres humanos são irmãos. As diferenças de língua, raça e cultura não passam de 0,1%, os outros 99,9% são iguais entre toda a humanidade.

No sul do Pacífico há quatorze ilhas, entre as quais as Ilhas Marshall. Quando encontrei o presidente do país, lhe perguntei: “Essa terra é tão bonita, mas você deve ter muita dificuldade para dirigir essa nação”.

O presidente falou, suspirando: “A população total não passa de sessenta mil habitantes. O ponto mais alto da ilha está a duzentos metros acima do mar, por isso, mesmo que chegue uma onda de um metro, o país fica coberto pela água. Entretanto, o problema mais sério é a questão da educação. Os filhos de famílias ricas vão estudar nos Estados Unidos ou na Europa, e não voltam para sua terra natal. As crianças das famílias pobres não encontram escolas que possam oferecer uma boa educação, então mesmo que uma delas seja inteligente, não pode se preparar da melhor forma para ser um líder. Enfim, a maior dificuldade dos países insulares como o nosso é não conseguir criar uma liderança competente que possa dirigir o futuro da nação”.

Depois de ouvir o lamento do presidente das Ilhas Marshall, imediatamente construí a High School of Pacific, Escola de En-

3. Uma família sob Deus.

sino Médio do Pacífico, em Kona, Havaí, para as crianças dos países insulares. Além do curso de Ensino Médio para crianças selecionadas de cada país, nós as ajudamos até a entrar nas faculdades, se for necessário. A passagem de avião está incluída, junto com a mensalidade e a estada, damos computadores e também a melhor qualidade de ensino, e para dar essa educação para os alunos dos países insulares, há uma única condição: que ao terminar o estudo, eles devem voltar para seus países de origem e servir sua nação e seu povo.

Viver servindo os outros inclui, muitas vezes, a premissa do sacrifício individual. Alguns anos atrás, um missionário da nossa igreja estava em turnê pela América do Sul, quando encontrou um grande terremoto. Então a esposa do missionário veio a mim com o rosto pálido: “Oh, mestre, estou tão preocupada, não sei o que vou fazer!” ela disse com os olhos cheios de lágrimas. Como você acha que respondi?

Em vez de consolá-la, lhe dei uma bronca: “Agora você está preocupada somente com seu marido? Ou está preocupada com quantas vidas seu marido pode salvar nessa situação difícil?”

Era natural que ela se preocupasse com a segurança do esposo, porém, quem ocupa a posição de esposa de um missionário, tem que se preocupar mais do que com isso. Em vez de orar pedindo pela proteção do marido, ela deveria orar para que seu esposo pudesse salvar ainda mais vidas.

Não existe nada neste mundo que seja só para si. Deus não criou o mundo de tal forma. O homem existe para a mulher e a mulher existe para o homem; a natureza existe para servir o ser

humano e o ser humano existe em benefício da natureza. Todas as criaturas deste mundo existem e funcionam em prol de servir o outro. Por isso, viver pelo bem do próximo é a lei celestial.

A felicidade, sem dúvida, existe somente em uma relação recíproca. Uma pessoa que viveu sua vida inteira como cantora não se sentirá feliz de cantar tão alto, até arrebentar a garganta em uma ilha deserta, sem ninguém para ouvir. Perceber o fato que existo para o benefício de um outro alguém é uma coisa magnífica, que pode mudar a conduta de vida. Se minha vida não é só para mim, mas para o benefício dos outros, então devo mudar a direção da vida que levei até agora.

A felicidade está na vida pelo bem do próximo. Assim como cantar só para si não traz nenhuma felicidade, trabalhar apenas para si não traz alegria. Mesmo que seja uma coisa pequena e simples, quando aquilo é feito para o benefício dos outros, então nos sentimos felizes. A felicidade somente será descoberta na vida de servir os outros.

Sonhando com um Mundo sem Guerra



Há muito tempo, venho insistindo no mundo em que as religiões, as raças e as nações se unirão. O mundo continuou dividido através dos milhões de anos da História. As religiões mudaram, os poderes foram substituídos e fronteiras foram divididas, dando origem a novas nações. Apesar disso, agora chegou o tempo da globalização. Daqui para a frente, o mundo tem que se tornar completamente um através da Rodovia Internacional da Paz.

A Rodovia Internacional da Paz é uma grande obra que unirá todo o planeta como um só, unindo a Coreia ao Japão através de uma ponte sobre o mar e a Rússia ao continente norte-americano pelo estreito de Bering. Assim sendo, será possível dirigir do Cabo da Boa Esperança, na África, até Santiago no Chile e também de Londres, Inglaterra, a Nova Iorque, nos Estados Unidos. Qualquer lugar do mundo inteiro será ligado como uma fina veia.

Quando transformarmos o mundo em um roteiro de um dia, qualquer pessoa poderá atravessar as fronteiras facilmente, indo e voltando. E quando isso acontecer, as fronteiras não terão mais o sentido de divisão. Com a religião ocorrerá o mesmo. Se as diferentes religiões cooperarem, conhecendo melhor umas às outras, não haverá mais conflitos e os muros estabele-

cidos entre elas serão demolidos automaticamente. Da mesma forma, se toda a humanidade viver dentro de um mundo de roteiro de um dia, as barreiras entre as diversas raças também serão demolidas. Haverá comunicação entre as raças, de diferentes línguas e cores, e a revolução cultural poderá ser completada, com a união harmoniosa de todas as culturas do mundo em um mesmo lugar.

A Rota da Seda não era só uma rota de negócios para se vender seda e essências. Era um encontro das raças do oriente e do ocidente, um encontro entre Budismo, Islamismo, Judaísmo e Cristianismo, e também o lugar em que a mistura das diferenças deu origem a uma nova cultura. Agora, no século XXI, a Rodovia Internacional da Paz cumprirá esse papel.

O que fez Roma prosperar foi justamente que todas as estradas do mundo levavam àquela cidade. As estradas têm essa importância. Se houver uma estrada, pessoas passarão por lá, culturas e ideologias passarão por lá, e assim, uma nova estrada mudará a História. Com a Rodovia Internacional da Paz concretizada, o mundo poderá se tornar um, fisicamente. A estrada tornará isso possível. Nunca será demais enfatizar e insistir na importância de unir o mundo em um só. Alguns podem achar que estou pensando longe demais, porém é natural que os religiosos pensem à frente, pois são eles que preveem o futuro e preparam os outros. Por causa dessa missão, ainda que sofram e não sejam compreendidos pelo mundo, os religiosos devem tomar a dianteira da preparação para o futuro.

Entretanto, é preciso a colaboração de muitas nações para

construir a Rodovia Internacional da Paz. A China, que já experimentou a ocupação japonesa, talvez não concorde em ser ligada ao Japão pela rodovia. Mas sem a China, não poderemos ligar o mundo, por isso precisamos convencer o coração dos chineses. Quem deve fazer isso? Nós, coreanos, devemos ser os responsáveis pela Rodovia Internacional da Paz do século XXI, nós temos que estar na linha de frente. Além do mais, como será o trabalho para construirmos a Ponte no Estreito de Bering? Gastaremos muito dinheiro, mas isso também não será problema. Se tivéssemos a quantia de dinheiro que os EUA gastaram na guerra do Iraque, poderíamos construí-la tranquilamente. Daqui para a frente, ninguém poderá cometer nada que cause o sofrimento da humanidade fazendo guerra. É um grande crime desperdiçar bilhões de dólares guerreando. Agora chegou o tempo em que devemos transformar armas em foices e arados.

A Rodovia Internacional da Paz é um projeto global de integração, que liga o mundo em um só. Tornar o mundo um, vai além de simplesmente ligar externamente os continentes separados, através de túneis submarinos e pontes, mas significa nivelar o mundo. Quando se quer a tecnologia e o lucro somente para si, de forma egoísta, o equilíbrio do mundo é quebrado. A Rodovia Internacional da Paz conseguirá o equilíbrio das riquezas, distribuindo a matéria-prima e os recursos humanos do mundo. Nivelar é abaixar um pouco o que está alto e aumentar um pouco o que está baixo, é equilibrar a altura de todos. Para isso, é necessário um pouco mais de sacrifício das pessoas que

possuem mais que os outros. A obra de construção do mundo da paz não será cumprida somente através de demonstrações de bondade ou de uma única doação, mas através do amor sincero, de se sacrificar continuamente e dar tudo o que possui pelo benefício dos outros.

Construir a Rodovia Internacional da Paz, porém, não passa de fazer a comunicação física do mundo. O ser humano é uma criatura de mente e corpo unidos. Assim, no mundo em que vivemos, quando houver comunicação física e sentimental, haverá união perfeita.

A ONU, criada depois do fim da Segunda Guerra Mundial, até agora tem feito muito pela paz mundial. Porém, passados sessenta anos desde sua fundação, ela perdeu seu objetivo inicial e se tornou um lugar que trabalha somente em benefício das nações poderosas. A Organização das Nações Unidas, fundada para solucionar os conflitos do mundo, tem que se tornar uma organização que dá prioridade para o bem do mundo inteiro, em vez de privilegiar apenas um lado. Quando as nações poderosas colocam o benefício próprio na frente e oprimem as outras pela força, um conflito chama outro conflito. Apesar disso, a ONU atual não consegue encontrar uma solução.

Para cobrir esta falha, daqui para a frente, a ONU tem que mudar sua estrutura para duas câmaras. Um grupo que discuta as questões do mundo, composto por representantes políticos e diplomatas de cada país, como tem sido até agora, e outro grupo de representantes inter-religiosos, que discutirão unidos a questão da paz.

Os representantes inter-religiosos indubitavelmente devem ser líderes de mente aberta, que tenham estudado bastante as outras religiões. Diferente dos políticos, eles não têm uma visão estreita e nem pensam somente no interesse de uma nação específica. Com o amor que abraça toda a humanidade, os líderes religiosos que trabalham arduamente para a felicidade de toda a humanidade e pela paz mundial, devem juntar forças com os embaixadores e diplomatas enviados por cada nação, e devem construir um mundo sem mais guerras, um mundo unido pelo amor.

Até poderemos encontrar oposição que dirá: “Por que religiosos interferem nas questões mundiais?” Entretanto, o mundo atual realmente necessita da participação de religiosos que alcançaram um bom nível de espiritualidade através da fé. Os religiosos são justamente as pessoas que se opõem à abundante injustiça e ao pecado do mundo, praticando o amor verdadeiro. Quando o conhecimento e a experiência dos estadistas, que sabem analisar a situação política do mundo, unir-se à sabedoria dos inter-religiosos que têm um ponto de vista espiritual, o mundo finalmente poderá achar um caminho para a verdadeira paz. Hoje, oro e oro novamente para que todas as pessoas do planeta, transcendendo religião, ideologia e a divisão de raças, renasçam como cidadãos do mundo que amam a paz.